

# BRIGADA DE INTERVENÇÃO



REVISTA DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO - JUNHO 2020 ANO XIV Nº.19



# FORÇA BLINDADA DE RODAS

# BRIGADA DE INTERVENÇÃO



## FICHA TÉCNICA

## TÍTULO:

Revista da Brigada de Intervenção

## DIRETOR:

BGen Carlos Manuel de Matos Alves

## COORDENAÇÃO E PROJETO:

Maj Frontoura Cordeiro

SAj Ângelo Pereira

## FOTOGRAFIA:

Brigada de Intervenção

## ARQUIVO FOTOGRÁFICO:

Centro de Audiovisuais do Exército (CAVE)

## EDIÇÃO E IMPRESSÃO GRÁFICA:

Centro de Audiovisuais do Exército/ Unidade de

Apoio do Comando da Logística

(CAVE/UnApCMDLOG)

## TIRAGEM:

250 Exemplares

## DEPÓSITO LEGAL:

441854/20

## ISSN:

2184-2531



"Fama ilustre"....."Temos!"  
 "E para sempre"....."Fique!"



No decorrer da década de 90 do século passado, com as alterações ao Sistema de Forças e à orgânica do Exército, foi criada a Brigada Ligeira de Intervenção, inicialmente instalada no Forte do Alto do Duque, em Lisboa e que, com a extinção da Brigada de Forças Especiais, também sediada em Lisboa, no Forte do Bom Sucesso, e a extinção da Região Militar Centro, localizada em Coimbra, passou a ocupar as atuais instalações no Convento de Sant'Ana.

A Brigada de Intervenção foi criada em 2006, no âmbito da organização do Exército, passando a constituir-se como uma Grande Unidade do Sistema de Forças Nacional do Exército Português, sucedendo à Brigada Ligeira de Intervenção. Na sua dimensão territorial assumiu a responsabilidade de assegurar a administração e direção das unidades colocadas na sua dependência e; na sua dimensão operacional, a sua atividade foi orientada para a necessidade de se preparar para executar operações em todo o espectro da conflitualidade militar, no âmbito nacional ou internacional, que lhe venham a ser cometidas.

A 8 de maio de 2009, a Brigada de Intervenção recebe as primeiras viaturas blindadas de rodas PANDUR II 8x8, tipologia de viatura que passa a equipar as subunidades operacionais da Brigada, nas suas diversas versões e que vêm substituir a viatura blindada Chaimite.

Com a implementação do Sistema de Forças Nacional de 2014, a Brigada de Intervenção manteve, no essencial, a sua missão, tendo-se verificado algumas alterações na organização das suas subunidades territoriais e operacionais.

Ao seu Quartel-General está atribuída a missão de assegurar a administração e direção das unidades e órgãos colocados na sua direta dependência, enquanto ao Comando é atribuída a missão de estar preparado para executar operações em todo o espectro das operações militares, no âmbito nacional e internacional, de acordo com a sua natureza.

QUE FAMMA ILLUSTRÉ FIQUE

# ÍNDICE

## NOTAS INTRODUTÓRIAS

Editorial -----	4
Mensagens -----	8

## QUEM SOMOS

Um Combate Diferente -----	12
----------------------------	----

## O QUE FAZEMOS

Atividade Operacional na Brigada de Intervenção -----	22
---	----

### Atividade Operacional

Conduta da Operação da 9FND no TO do Iraque -----	24
Conduta das Operações da 3FND/QRF/RSM no TO do Afeganistão -----	29
Conduta da Operação do 3NSE/RSM no TO do Afeganistão -----	33
A Última FND <i>Branch School Advisory Team</i> -----	39
O Aprontamento da 5FND/QRF/RSM para o TO do Afeganistão -----	44
O Aprontamento do 5NSE/RSM para o TO do Afeganistão -----	51
O Destacamento de Engenharia do RE3 no TO República Centro-Africana -----	55
Conduta do Módulo Pandur no TO da República Centro-Africana -----	59
<i>NATO Tailored Forward Presence</i> , uma experiência em Missão na Roménia -----	63
Experiência como END no Quartel-General da Coligação Internacional no Iraque -----	68
Missões de Apoio ao Desenvolvimento e Bem-Estar: O PAMEEx -----	75
A Engenharia Militar no PAMEEx -----	78
Patrulhamentos no âmbito do PAMEEx - Testemunhos -----	80
A Brigada de Intervenção na "Operação São Cristovão" -----	82
O Comando e Controlo da Brigada de Intervenção na COVID-19 -----	87
O Centro de Acolhimento do RC6 -----	91
O Centro de Acolhimento Militar do Regimento de Transmissões -----	95
A Prestação de Cuidados de Saúde em Ambiente COVID -----	100
A Formação, a Linha de Descontaminação de Viaturas de Emergência e o Apoio à Abertura das Escolas -----	104
O Exercício SCORPION LEGACY 19 -----	109
O Exercício ORION 19 -----	114
Exercício SLOVAK SHIELD 19 -----	120
Exercício SAGITÁRIO 19 e a CatMecRodas EUBG 19-1 -----	125
O Aprontamento da CatMecRodas eNRF 2020 -----	128
O Exercício do Batalhão de Transmissões RAI0 19 -----	132
O Exercício STRONG IMPACT -----	136
A Prova FORTALEZA -----	140
A Brigada de Intervenção nas Competições Desportivas Militares -----	144

### Formação

A Formação na Brigada de Intervenção -----	149
A Formação de Praças no Regimento de Infantaria 19 -----	152
O Curso de Promoção a Cabo -----	155

### Edificação de Capacidades

A Edificação de Capacidades na Brigada de Intervenção -----	159
A Edificação de Capacidades: Mini-UAV RAVEN -----	160
Capacidade de Proteção e Sobrevivência da Força Terrestre. O IM-SHORAD -----	165
A PDE 5-36-00 Planeamento Contra Sistemas Aéreos Não Tripulados -----	169

### Cultura e História Militar

Dia do Exército 2019 e Dia da Brigada de Intervenção 2019 -----	174
A Prova de Obstáculos Militares <i>ARMY RACE</i> -----	176
10.º Aniversário do Curso em Operações de Paz e Ação Humanitária -----	179
O Gabinete de Atendimento ao Público de Braga -----	183

## DESAFIOS

Transporte de Pessoal na Caixa de Carga de Viaturas Táticas Pesadas/ Médias - Aumentar as Condições de Segurança para Rentabilizar os Meios -----	188
O Recrutamento Local -----	196
Desafios das Unidades Blindadas -----	199
O Apoio de Serviços na Brigada de Intervenção -----	206

# EDITORIAL

A Revista da Brigada de Intervenção constitui-se numa publicação de cariz anual, que tem como objetivo essencial divulgar o ciclo de atividades decorrentes da missão da Brigada, sejam elas do âmbito do treino, da formação, do emprego operacional, ou ainda do âmbito da história e cultura. Constitui ainda, transversalmente, um espaço para algumas breves reflexões sobre temáticas que merecem a atenção de todos nós, cuja consolidação se espera contribuir para uma visão mais abrangente e esclarecida daqueles que também são os desafios do Exército.

Cada ano ou cada ciclo tem as suas especificidades e particularidades, razão pela qual é tão desafiante a elaboração desta nossa Revista. Adicionalmente, reflete as áreas de esforço em cada um dos momentos e a perspetiva dos protagonistas que lhe dão voz. Consubstancia ainda uma das maiores potencialidades desta Grande Unidade, a sua dispersão territorial. De facto, tal circunstância, alicerçada numa sólida e consolidada coesão, tem materializado aquilo que é a essência de um qualquer Exército, a sua proximidade com as populações. Se as tradicionais ações no âmbito das missões de apoio ao desenvolvimento e bem-estar das populações pareciam comprovar esta tese por si só, o 1.º semestre de 2020 revelou o quão vital é esta proximidade. A pandemia associada à COVID-19 e a emergência sanitária nacional que se seguiu reforçou, não só essa tese, como a ideia de que a proximidade às populações assegura dois fatores vitais: (i) a proximidade institucional local, alicerçada em décadas ou séculos de convivência e de boas relações e, por isso,



**CARLOS MANUEL DE MATOS ALVES**

BGEN

CMDT DA BRIGINT

de confiança; (ii) e a oportunidade do apoio da Brigada de Intervenção às populações quando solicitado.

É por isso com esta perspetiva de dispersão territorial, fundada na coesão una da Brigada de Intervenção na execução das suas missões, que deve orientar os leitores ao longo das diversas temáticas que a Revista sugere.

À intenção inicial de alinhamento editorial, juntou-se a oportunidade de incluir testemunhos e reflexões sobre o impacto da pandemia da COVID-19 na missão da Brigada. Assim, considerando a prioritização das tarefas e a rearticulação de recursos vivida a partir de 16 de março e que se prolonga para além do momento em que esta Revista é dada a conhecer, há a consciência coletiva da necessidade de analisar e refletir este particular momento, para daí recolher ensinamentos que nos tornem mais eficazes juntos das populações e mais eficientes na organização interna de resposta a crises.

Esta edição mantém uma organização orientadas para O Que Fazemos, onde se salientam:

- As atividades das Forças Nacionais Destacadas, organizadas pela Brigada de Intervenção ou para as quais a Brigada reforça com pequenas unidades, nomeadamente para as forças regressadas no final de 2019 e a projetar em 2020, como a 9.ª Força Nacional Destacada na Operação *Inherent Resolve*, no Iraque e a 3.ª e 5.ª Força Nacional Destacada para a Missão *Resolute Support* no Afeganistão, composta pela *Quick Reaction Force* e pelo *National Support Element*. Refere-se ainda à participação do Módulo PANDUR e de um Módulo de Construções na missão das Nações Unidas na República Centro-Africana e ainda aos Elementos Nacionais Destacados na Roménia e Iraque no ano de 2019;
- As atividades e forças empenhadas no Apoio Militar de Emergência, que compreende reflexões e apresentação de factos associados ao contributo da Brigada de Intervenção no combate à COVID-19;
- As atividades desportivas e de treino operacional das forças em prontidão e das forças em treino;
- As atividades dos cursos de formação inicial, como o Curso de Formação Geral Comum de Praças do Exército e dos cursos de promoção, nomeadamente o Curso de Promoção a Cabo;
- As atividades associadas à edificação de capacidades e à Cultura e História Militar da Brigada de Intervenção e das unidades na sua dependência.

Tal como no passado, o presente desta Brigada tem sido alicerçado em pessoas capazes, motivadas e orientadas por comandantes esclarecidos que garantem a continuidade e o compromisso com a missão que o Exército confia a esta sua Grande Unidade. Esta publicação é também, neste sentido, uma homenagem aos que serviram na Brigada de Intervenção e aos

que hoje mantêm o legado de servir os portugueses e Portugal, de Chaves a Vendas Novas, de Cabul a Bangui, e que muito nos orgulha.

Como Comandante presto a minha sentida e reconhecida homenagem a todos quantos servem comigo nesta Brigada, que sustentam a confiança para enfrentar um futuro que se crê incerto e ambíguo, mas com a certeza de que continuaremos a trilhar um caminho assente na modernidade e vanguarda que a nossa plataforma PANDUR representa e na liderança e orientação que o Comando das Forças Terrestres e o Comando do Exército sempre nos dedicou.

### **...Que Fama Ilustre Fique**

O Comandante da Brigada de Intervenção

Carlos Manuel de Matos Alves

BGen





# MENSAGENS

## VISITA DE S. EXA. O GEN CEME ITALIANO À BRIGADA DE INTERVENÇÃO, A 09OUT19, EM COIMBRA.



*"[...] Vi militares muito bem preparados, meios modernos e grande motivação. Estou muito feliz por poder construir no futuro uma cooperação entre estes dois gloriosos exércitos. [...]"*

General Salvatore Farina

## VISITA DO EXMO. TGEN CFT ITALIANO À BRIGADA DE INTERVENÇÃO, A 18DEC19, EM COIMBRA.



*"[...] Agradeço a hospitalidade. [...] Estou confiante neste encontro e nas atividades que temos vindo a planear que irão incrementar a cooperação e amizade entre os nossos Exércitos. [...]"*

Tenente-General Federico Bonato

## VISITA DO EXMO. TGEN CFT À BRIGADA DE INTERVENÇÃO, A 05FEV20, EM COIMBRA.



*"[...] A coesão é visível nesta Grande Unidade, pelo que exorto a que continuem neste senda de serviço de grande qualidade, com o envolvimento das pessoas, para o excelente cumprimento de missão, contributo de exceção e fundamental para o Exército. Bem hajam! [...]"*

Tenente-General António Martins Pereira

## MENSAGEM DO EXMO. PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE CHAVES, POR OCA-SIÃO DO ANIVERSÁRIO DO CENTENÁRIO DA ATRIBUIÇÃO DA CONDECORAÇÃO DA ORDEM OFICIAL E COLAR DA ORDEM MILITAR DA TORRE E ESPADA, DO VALOR, LEALDADE E MÉRITO, AO RI19.



*"[...] Os fronteiros de Chaves são hoje reconhecidos pelos seus atos heroicos de glória, que continuam a encher de orgulho e esplendorosa alegria toda a comunidade flaviense. O papel de charneira que todos aqueles que, ao longo de décadas, defenderam a pátria sob o comando do Regimento de Infantaria Nº19, é merecedor de crédito e reconhecimento público por parte do município de Chaves."*

Dr. Nuno Vaz

## VISITA DO EXMO. BGEN COMANDANTE DA TF BESMAYAH, À 9FND/OIR, A 21MAI19, NO IRAQUE.



*"[...] em tão pouco tempo souberam demonstrar em profissionalismo o seu entusiasmo pela missão, integrando-se como mais um entre os seus camaradas espanhóis.*

*Para mim como Chefe da TF Besmayah foi uma honra ter-vos sob o meu comando e com isso poder confirmar o alto conceito que tinha do soldado português, que já me tinam demonstrado os militares do Contingente anterior [...]"*

Brigadeiro-General Carlos Prada Larrea

## VISITA DE S. EXA. O GEN CEME À BRIGADA DE INTERVENÇÃO, A 28MAI19, EM COIMBRA.



*"[...] exprimo a honra e satisfação, enquanto Comandante do Exército, em melhor conhecer, e reconhecer, esta Grande Unidade; [...] reconhecimento e apreço pelo excelente trabalho desenvolvido por todas as componentes da Brigada, inúmeras vezes manifestado pelas mais elevadas entidades, nacionais e estrangeiros; [...]"*

General José Nunes da Fonseca

## VISITA DE S. EXA. O MDN À 9FND/OIR, A 31JUL19, EM BESMAYAH NO IRAQUE.



*"[...] Venho trazer uma mensagem de grande apreço, de agradecimento, e de orgulho pelo excelente trabalho que aqui estão a fazer. Apreciados e admirados por todos, iraquianos e parceiros nesta grande coligação, o 9.º Contingente está a fazer um valioso trabalho de contribuição para a segurança deste país. [...]"*

Dr. João Gomes Cravinho

## VISITA DE S. EXA. O GEN CEME À 3FND/QRF/RSM E 3NSE/RSM, A 15OUT19, EM CABUL



*"Na minha primeira visita ao teatro de operações do Afeganistão, expresso neste Livro a grande satisfação e honra perante o desempenho da QRF e do NSE, que têm vindo a cumprir o seu compromisso de missão [...]"*

General José Nunes da Fonseca

## MENSAGEM DE S. EXA. O GEN CEME, POR OCASIÃO DA CERIMÓNIA DE RECEÇÃO DO ESTANDARTE NACIONAL DA 9FND/OIR, A 13NOV19, EM CHAVES.



*"[...] presto, em meu nome e de todo o Exército, homenagem às mulheres e homens que integraram esta força, e que tão boa conta deram, em nome do Exército Português [...]. As provas de reconhecimento, pelas mais elevadas entidades que contactaram a 9ª FND, respeitantes ao profissionalismo, sentido humano, saber e altruísmo dos militares portugueses constituem motivo de orgulho e exemplo para todos os demais. [...]"*

General José Nunes da Fonseca



QUARTEL

PARQUE DO ESTREMO

# QUEM SOMOS



# UM COMBATE DIFERENTE

## INTRODUÇÃO

A vaga pandémica que, de forma rápida e até certo ponto surpreendente, atingiu Portugal veio alterar drasticamente aquela que era a normalidade conhecida dos portugueses. A Brigada de Intervenção (BrigInt) tinha em curso, no essencial, uma ação de formação inicial de praças, o aprontamento da 5.ª Força Nacional Destacada destinada ao Teatro de Operações do Afeganistão e um Módulo PANDUR para emprego no quadro das missões das Nações Unidas na República Centro-Africana. No âmbito do treino decorriam as atividades do Calendário Anual de Treino Operacional, mantendo os diversos Módulos de Intervenção para emprego no âmbito do Plano de Apoio Militar de Emergência do Exército (PAMEEx), orientado sobretudo para atuação no Sistema de Gestão Integrada de Fogos Rurais.

A conjuntura que atravessamos revela-nos que o instrumento militar assume uma particular importância, não só pelo enquadramento estatutário da disponibilidade dos militares à causa pública, mas pelo facto de ele próprio ser edificado numa lógica sistematizada desde logo no Conceito Estratégico de Defesa Nacional, que importa salientar. A sua abrangência e acuidade dita o desenvolvimento da estratégia estrutural, genética e



**FRONTOURA CORDEIRO**

MAJ CAV

EM/BRIGINT

operacional das Forças Armadas (FAA) que guiaram a edificação e a prontidão do seu Sistema de Forças para a necessidade de, entre outras, maximizar as práticas de duplo-uso, bem como aprofundar a cooperação com outras entidades em resposta a ameaças e riscos, como o são o caso das emergências de saúde pública causadas por pandemias<sup>1</sup>.

As práticas de duplo-uso estão, na sua essência, consubstanciadas no PAMEEx, onde a atuação da BrigInt, decorrente da sua enorme dispersão territorial, de Chaves a Vendas Novas, tem assumido ao longo dos anos este grande compromisso e responsabilidade, não só junto dos demais agentes de proteção civil, como também junto das populações. A este nível recorde-se, como referência, o seu empenhamento durante o ano de 2019, onde foi responsável pela execução de cerca de 42% do PAMEEx<sup>2</sup>.

No entanto o impacto e a aceleração da propagação do Novo Coronavírus SARS-CoV-2, conhecido o seu início em dezembro de 2019, em Wuhan, na China, e a forma rápida como atingiu a Europa e Portugal, em particular, veio desencadear uma reação social e política a que se somaria a apreensão generalizada e a incerteza do

quão capaz seria cada um, individualmente, de estar à altura do momento e exigindo ao Estado a mobilização de capacidades para o combate a esta pandemia.

Importa por isso, em jeito de reflexão inicial do momento, observar o contributo da BrigInt no atual contexto da pandemia da COVID-19 em Portugal e no quadro das missões do Exército Português, perspetivando a sua organização interna orientada para o apoio às populações e na operacionalização e concretização desses apoios, verificando que a dispersão territorial da BrigInt antecipou a prontidão da resposta local às populações, que os seus recursos humanos e materiais têm sido adequados às dinâmicas do apoio solicitado e, finalmente, que o apoio prestado tem sido exequível e aceitável.

### **(RE)ORGANIZAR A BRIGADA DE INTERVENÇÃO PARA UM INIMIGO INVISÍVEL**

Conhecido o documento orientador do Exército<sup>3</sup> a 9 de março, a BrigInt procedeu à avaliação das atividades em curso, bem como aquelas previstas decorrer a curto prazo, até ao final de março, identificando necessidades de cancelamento, adiamento, ou sujeitas a adaptação com medidas mitigadoras de eventuais contágios entre militares, tendo sido adotados, em reforço e em todos os casos e circunstâncias, medidas e procedimentos de higienização, etiqueta respiratória e de distanciamento social. Contudo, a perspetiva da evolução da situação nacional obrigou a BrigInt a proceder à adoção de medidas estruturantes em todas as suas unidades. Assim, a partir de 16 de março foram ativadas diversas Células de Resposta (CR) e diminuídos os efetivos em cada uma das unidades, com a finalidade de reduzir a sua exposição ao risco de contágio nas atividades em curso, preservando assim o potencial humano, enquanto eram mantidos os serviços essenciais e uma efetiva capacidade de Comando e Controlo (C2).

A CR da BrigInt materializou assim uma organização

*ad-hoc*, chefiada por um Tenente-Coronel, passando a operar por turnos de sete dias e composta por uma área dedicada às Operações, uma outra dedicada aos Recursos (Humanos, Materiais e Financeiros) e finalmente uma área responsável pela Gestão de Informação, optando-se por centralizar e agilizar o fluxo de informação interna e externa ao Comando da BrigInt, sobre os assuntos dedicados à conjuntura pandémica.

Para além desta primeira linha de C2, a disseminação do teletrabalho pelos elementos do Estado-Maior da Brigada e pela generalidade das suas subunidades, possibilitou e impulsionou o estabelecimento de uma segunda linha de C2, orientada para os assuntos não-COVID-19, para assuntos de médio e longo prazo e para aqueles que, estando relacionados com a pandemia, careciam de uma análise mais profunda e técnica. Esta Célula passou a relacionar-se com a CR do Comando das Forças Terrestres (CFT), que se constituiu como CR do Exército e com as demais Células das subunidades da Brigada.

Esta (re)organização, motivada pela necessidade de garantir a prioridade de apoio às populações, tem revelado que há uma especificidade nesta Brigada que se constitui numa inegável vantagem na condução de missões de apoio ao desenvolvimento e bem-estar das populações. De facto a área de responsabilidade<sup>4</sup> das nove unidades territoriais da BrigInt corresponde a 36% dos concelhos de Portugal continental, oito das 24 freguesias da cidade de Lisboa, representando aproximadamente 41% da população portuguesa<sup>5</sup>. Por si só, esta responsabilidade, ditada pela dispersão geográfica em todo o território continental, aproxima a BrigInt aos portugueses e os portugueses ao Exército, numa simbiose que, em períodos de fortúnio ou de provação, tem uma convivência forjada em séculos de coexistência.

## AO ENCONTRO DAS EXPECTATIVAS DAS POPULAÇÕES

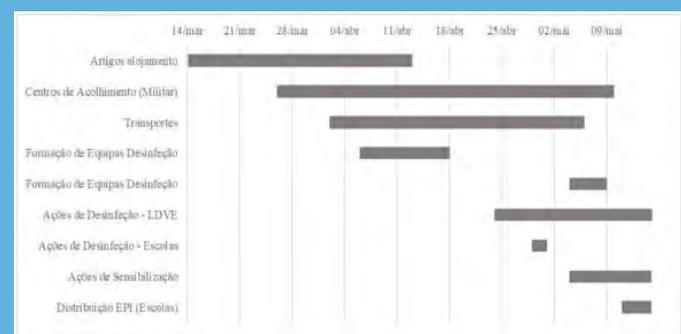
Ficará para memória futura o apoio prestado ao Hospital de Guimarães, a 14 de março, como sendo o primeiro assegurado pela BrigInt e pelo Exército neste contexto da pandemia, a que se seguiram nos dias seguintes os apoios ao Hospital das Forças Armadas (HFAR) – Pólo do Porto, ao HFAR-Pólo de Lisboa e ao Hospital de São Teotónio, em Viseu. Muitos outros se seguiram.

Efetuosos os primeiros apoios e consolidado o C2 e a capacidade de intervenção da Brigada, assistiu-se a um incremento progressivo, logo a partir de 20 de março, de solicitações de vária ordem, sobretudo destinadas à adequação de áreas de triagem de doentes e alojamento temporário, através do recurso a tendas insufláveis, camas de diversas tipologias e artigos acessórios, bem como ainda a disponibilização de infraestruturas para armazenamento de dispositivos médicos e medicamentos. A título de exemplo e considerando os dados recolhidos até 15 de maio, foram cedidas 1664 camas e 41 tendas. Assistiu-se, a partir de 2 de abril e face às restrições da liberdade de movimentos impostas pela declaração do Estado de Emergência, a solicitações para apoio através de transportes gerais, procurando dar resposta às necessidades de armazenamento de diversas doações, particulares e empresariais, de dispositivos médicos com destino ao reforço da capacidade de resposta do Serviço Nacional de Saúde (SNS). Na área do transporte a BrigInt contribuiu ainda para a distribuição de equipamentos de proteção individual e de soluções antissépticas de base alcoólica a cerca de 236 escolas.

Decorrente das carências prementes para assegurar a desinfeção de espaços, assumiu particular atenção da BrigInt a necessidade de dotar as suas unidades e os seus militares de competências e de equipas capazes de atuar em ambientes, cuja criticidade não

justifica a atuação especializada do Elemento de Defesa Biológica, Química e Radiológica. Assim, foram desenvolvidas, em particular na BrigInt e através do Regimento de Engenharia n.º 3, ações de formação no sentido de capacitar as unidades com formação elementar nos domínios da descontaminação e desinfeção, possibilitando em simultâneo, o aumento da proteção da força em contextos não operacionais. Para este desígnio, a BrigInt passou a dispor de 29 equipas, contribuindo significativamente para o esforço do Exército, tão relevante na fase de retoma progressiva da nova normalidade. Para o apoio às populações, a relevância desta capacidade assumiu subsequentemente duas derivações: (i) a montagem da Linha de Descontaminação de Viaturas de Emergência no Hospital Universitário de Coimbra, operada por equipas da BrigInt, na qual foram, até 15 de maio, descontaminadas 266 viaturas e 515 tripulantes; (ii) e a promoção de ações de sensibilização com a finalidade de criar condições à retoma das aulas presenciais nos diversos estabelecimentos de ensino, para as quais a BrigInt contribuiu com 240 ações.

Em paralelo, foi estabelecida uma primeira linha de



**Gráfico 1** – Cronologia Geral de Apoios da BrigInt.

Centros de Acolhimento, com um total de 222 camas, a partir das infraestruturas do Regimento de Infantaria n.º 13, do Regimento de Cavalaria n.º 6 e do Regimento de Artilharia n.º 5, destinados aos utentes do SNS,

bem como um Centro de Acolhimento Militar, no Regimento de Transmissões com 72 camas, destinado aos utentes do HFAR, a operar pelos seus profissionais de saúde. Finalmente há ainda a referir o apoio que teve início a 28 de março, através do Regimento de Artilharia Antiaérea n.º 1, na distribuição de refeições diárias, cujos valores já atingiram as 50.000 refeições destinadas aos sem abrigo da cidade de Lisboa, vindo a colmatar os condicionamentos das atividades das diversas instituições e organizações de solidariedade social.

Depois desta caracterização dos apoios prestados, importa concretizar em que medida o apoio garantido às populações tem sido adequado, indo ao encontro das suas expectativas. Comece-se por materializar o equilíbrio, no período considerado, quanto ao compromisso entre a necessidade da proteção da força e a manutenção da capacidade de atuação.

Na dimensão dos recursos humanos e considerando os valores médios do período entre 31 de março e 13 de abril, a BrigInt<sup>6</sup> possuía nas suas unidades aproximadamente 20% do seu efetivo disponível e cerca de 80% em isolamento social, efetivos que se encontravam num regime de rotatividade de períodos de sete ou 15 dias. De entre o efetivo disponível na unidade é possível verificar que 41% se encontrava alocado aos respetivos serviços críticos, 30% em tarefas de C2 e os restantes 29% disponível para a tarefas de apoio no exterior da unidade, verificando-se ainda a flexibilização de alguns dos efetivos disponíveis no domicílio, por períodos limitados no tempo e como último recurso, em tarefas de apoio. Complementarmente, os dados até agora conhecidos, revelam uma utilização média de cinco efetivos, no período inicial, e mais recentemente de três efetivos por apoio, padrão que tem sido possível assegurar com o universo de militares disponíveis, mesmo nos períodos de menor disponibilidade de

militares nas unidades.

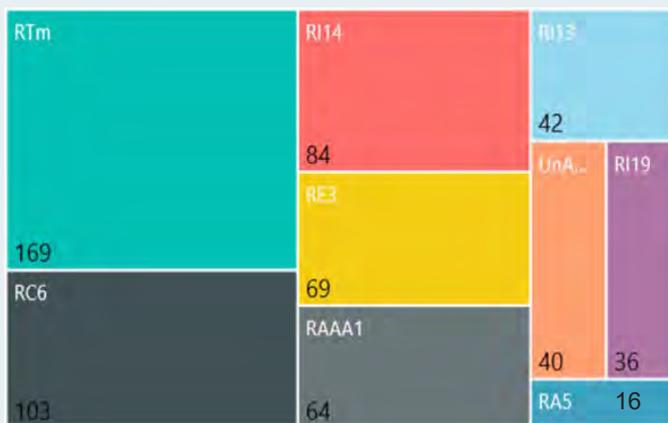
Quanto à expectativa das populações relativa ao que a BrigInt pode disponibilizar, nota-se que a tipologia dos apoios solicitados inicialmente correspondem sobretudo às necessidades de reforço da capacidade da rede hospitalar do SNS, quer no âmbito da triagem, quer no aumento das capacidades de alojamento/isolamento para utentes. Com a retoma progressiva da nova normalidade, o Exército e a BrigInt, em particular, antecipou a sua capacitação para a execução de ações de desinfeção, que veio contribuir para a garantia de condições à reabertura das escolas às aulas presenciais. Não obstante a necessidade imperiosa da adequação dos recursos humanos e a gestão cuidada dos artigos solicitados, a tipologia de apoio até agora assumida pela Brigada parece garantir a capacidade sustentada e contínua de apoio às populações, revelando ainda outra particularidade. De facto as operações em curso pouco têm diferido da sua atividade de campanha em operações estritamente militares. Também os arranjos de C2 em nada são estranhos àqueles que, desempenhando funções em Território Nacional ou fora deste, em contexto de exercício ou em situação real, compreendem as dinâmicas de um qualquer ambiente de crise. Além disso, a atuação da BrigInt, mantendo-se num quadro de atuação da Proteção Civil, parece manter o padrão conhecido de outras ocasiões, recordando ações no âmbito dos incêndios, dos apoios locais às populações, decorrentes da ação da natureza, como foram os episódios associados ao Furacão Leslie, em 2018, às Cheias no Baixo Mondego, em 2019, ou mesmo às tarefas decorrentes da Operação São Cristóvão, por ocasião da greve dos motoristas de matérias perigosas, em agosto de 2019.

#### **UM BALANÇO DA INTERVENÇÃO INICIAL**

Considerando as atividades realizadas pela BrigInt até ao momento, julga-se pertinente confrontar

preliminarmente os seus resultados com os aspetos da exequibilidade e aceitabilidade da forma como tem sido efetuado o apoio.

Neste âmbito faça-se referência, em particular: (i) à ação de apoio ao Lar de Vila Real e de Resende; (ii) à identificação do equilíbrio entre solicitações *versus* pessoal disponível *versus* preservação da força para emprego quando necessário e sem reservas; (iii) e à



**Gráfico 2** – Distribuição das 623 missões da BrigInt, num total de 1194 missões no Exército, até 15Mai207.

tipologia de casos de COVID-19 na BrigInt e respetiva casuística.

Esta análise inicial ao contributo da BrigInt permite também inferir até que ponto as opções e a adequação de recursos comprovam esse traço de continuidade na missão da Brigada, onde agora coexistem e concorrem com outras tarefas, que obrigam a um combate diferente, onde todos são chamados à tarefa de proteger, apoiar e ajudar.

Quanto à exequibilidade, o atrás exposto permite estabelecer termos de referência que concretizam a ideia de que os recursos materiais e humanos têm permitido o cumprimento das tarefas solicitadas pelas diversas entidades civis, verificando-se, na dimensão dos recursos humanos, que o atual modelo de regeneração da força permite, ainda assim, uma discreta capacidade sobrança de apoio no atual padrão

de solicitações, preservando grande parte do efetivo quer para a sua regeneração, quer para fazer face a uma alteração progressiva ou abrupta do número e tipologia de solicitações. Na dimensão dos recursos materiais, os dados do período de referência<sup>8</sup> revelam uma capacidade para manter a tipologia de apoios até agora conhecidos, onde, a título de exemplo, é possível verificar que a maioria dos artigos passíveis de cedência registam ainda níveis de disponibilidade acima dos 50%<sup>9</sup>.

Quanto à aceitabilidade, importa formular os termos de referência dos casos de COVID-19 entre os militares da BrigInt e a sua casuística. Ciente da terminologia em uso para a catalogação dos casos, nomeadamente: por contacto, suspeito sob vigilância, suspeito validado, infirmado, ou não confirmado, e confirmado<sup>10</sup>, a BrigInt registava a 15 de maio um total de 89 casos acumulados, dos quais cinco confirmados. Do universo dos atuais casos, a análise à casuística sugere que tenham resultado de contactos de âmbito familiar ou das suas redes de relações sociais pessoais, sendo que se verificam casos resultantes contactos de baixo risco. No seio do Exército e do CFT, a BrigInt revela uma maior incidência de casos, que parece resultar de dois fatores essenciais: (i) a maior ocorrência de casos nacionais incidir na região norte, cuja área de responsabilidade é sobretudo da BrigInt; (ii) e ser esta Grande Unidade a responsável por cerca de metade dos apoios prestados pelo Exército.

O episódio do Lar de Vila Real de Resende, permite caracterizar com acuidade os aspetos de aceitabilidade, considerando os riscos que estão subjacentes a esta tipologia de apoio. Este, à *priori*, categorizado de elevado risco, veio a exigir a intervenção de pessoal e material especializado, num contexto de enorme sensibilidade social e até mediática. Na ação foram expostos um total de 13 militares da BrigInt que viriam

a efetuar o teste com resultado negativo. Sabendo-se do elevado risco de contágio a que estariam sujeitos durante o apoio prestado, os factos parecem indicar que os níveis de proteção adotados e as técnicas, táticas e procedimentos (TTP) utilizadas, foram o garante para a mitigação dos riscos de exposição em áreas confinadas com elevada carga viral.

De igual modo, a casuística de COVID-19 nos militares da BrigInt parece indiciar que as medidas preventivas para a proteção da força dentro das unidades, bem como as TTP em uso nos apoios prestados no exterior das unidades, têm-se revelado eficazes.

### PRONTOS PARA O COMBATE

Em jeito de conclusão e mesmo considerando o momento em que esta reflexão é feita, permanecem perguntas sem resposta, onde a incerteza e o risco condicionam a nova normalidade. Na dimensão militar e nas FFAA, em particular, tal como no passado, impera a necessidade de dar respostas ao Para Quê? Contra Quem? Com Quê? e finalmente, Como? O atual contexto pandémico nacional veio revelar as mesmas respostas que tradicionalmente são conhecidas, mantendo-se, no entanto a intangibilidade e volatilidade do adversário, mas com o mesmo objetivo, com os mesmos meios e, por estranho que possa parecer, adotando modalidades de ação bem conhecidas noutros contextos. Tão somente tem sido exigida uma atenção e um acompanhamento próximo do Exército, para o qual a BrigInt tem orientado o seu esforço, num quadro de atribuições não muito distinto daquele que habitualmente tão bem conhece. Tem sabido estar próximo das populações, conhecer as suas vulnerabilidades e ansiedades, materializando a ideia fundamental de coesão e solidariedade, naquele que é o compromisso secular com os portugueses.

O apoio tem sido adequado, por responder às expectativas das populações, cuja forma e conteúdo, dá expressão prática ao conceito do duplo-uso, onde

se partilham capacidades em contexto militares e civis, onde elas são solicitadas, seja na República Centro-Africana, no Afeganistão ou no Lar da Nossa Senhora das Dores, em Vila Real. Adicionalmente, o emprego destas capacidades podem não estar limitadas às ações de Proteção Civil ou, em particular as inscritas no PAMEEx, onde é operacionalizado este conceito, podendo ser alargado para outras áreas de atuação, queira o interesse público e o determine o quadro legal. No decurso do contributo da BrigInt para o esforço nacional, o momento tem revelado alguns aspetos de continuidade da sua missão, onde os factos indiciam um percurso adequado, exequível e aceitável, onde a gestão dos recursos humanos e materiais, ou mesmo a gestão do risco parece cimentar o convívio secular que



**Gráfico 3** – Distribuição do número acumulado de casos no CFT, até 15Mai20<sup>21</sup>.

o Exército tem mantido ao longo da sua história com as missões que é chamado a cumprir ou a BrigInt, desde 2006, nos diversos e exigentes Teatros de Operações onde serve Portugal.

A Brigada soube, em tempo, adaptar-se e adequar recursos e atividades tendentes à proteção da força, preservando o potencial humano para a regeneração continuada de forças e, caso se avizinhem cenários de maior complexidade securitária, possuir uma capacidade de intervenção efetiva.

No presente em que vivemos, tal como no passado, a incerteza continua a ser o *habitat* natural do Soldado. Por

isso, todos somos convocados a assumir o compromisso com a disponibilidade, a disciplina, a honra, a lealdade e a coragem, para encarar o futuro com tranquilidade e confiança, pois é isso que os portugueses esperam de nós.

*...Que Fama Ilustre Fique*

#### Notas:

<sup>1</sup>Conceito Estratégico de Defesa Nacional. Resolução do Conselho de Ministros n.º 19/2013.

<sup>2</sup>Fonte: RAME (2019).

<sup>3</sup>Plano de Contingência COVID-19/Ex, de 09Mar20.

<sup>4</sup>Despacho n.º 97/CEME/17, de 21jun.

<sup>5</sup>Fonte: PORDATA. Disponível em: <https://www.pordata.pt/MunicipiosPopula%C3%A7%C3%A3o+residente++estimativas+a+31+de+Dezembro-120>

<sup>6</sup>De SITREP BrigInt n.º 09/2020, de 31Mar a SITREP BrigInt n.º 22/2020, de 13Abr.

<sup>7</sup>Fonte: <https://bi.exercito.pt/reportsbipowerbi/Apoios%20Externos/Planos%20e%20Protocolos?rs:embed=true>

<sup>8</sup>SITREP BrigInt n.º 54/2020, de 15Mai.

<sup>9</sup>Idem.

<sup>10</sup>Terminologia em uso na categorização dos casos no Exército.

<sup>11</sup>Fonte: [https://portal\\_apoio\\_decisao.exercitocal/rportsbipowerbi/COVID-19/Estatisticas%20Covid-19%20-%20Ex%C3%A9rcito](https://portal_apoio_decisao.exercitocal/rportsbipowerbi/COVID-19/Estatisticas%20Covid-19%20-%20Ex%C3%A9rcito)



**Figura 1** – Desinfecção de Viatura PANDUR.





**O QUE FAZEMOS**



# ATIVIDADE OPERACIONAL NA BRIGADA DE INTERVENÇÃO

A Brigada de Intervenção (BrigInt), entre junho de 2019 e junho de 2020, desenvolveu um conjunto muito significativo de operações, nos vários Teatros de Operações (TO) e em Território Nacional (TN) e atividades de treino, em TN e no estrangeiro.

No presente número da Revista da BrigInt, editado por ocasião de mais um aniversário da BrigInt comemorado a 01 de junho de 2020, destacamos o emprego de Forças Nacionais Destacadas (FND) da BrigInt nos TO do Iraque, através do relato do Comandante da 9FND para a *Operation Inherent Resolve* (OIR), do Afeganistão, com a partilha das experiências dos Comandantes da 5FND da *Quick Reaction Force* (QRF), do 5.º *National Support Element* (NSE) e da 4.ª *Branch School Advisory Team* para a missão da *Resolute Support* (RSM), e da República Centro-Africana, com o relato da experiência do Módulo PANDUR da 5FND/QRF/MINUSCA e da projeção do Destacamento de Engenharia do Regimento de Engenharia n.º3 para este TO.

Também as experiências vividas pelos Elementos Nacionais Destacados (END) no Iraque e na Roménia vêm à estampa neste número, através do relato do *Senior National Representative* (SNR) na Roménia, no âmbito dos militares que integraram o Estado-Maior



**PEDRO CAVALEIRO**

TCOR INF

CHEFE DO G7/BRIGINT

da *Multinational Brigade-South East* (MNBde-SE), na cidade de Craiova e o relato do SNR da OIR, no Quartel-General desta força, em Bagdade.

Nesta secção apresentam-se também as tarefas e missões executadas pela BrigInt no âmbito do Plano de Apoio Militar de Emergência do Exército (PAMEEx), com um artigo sobre a Operação São Cristóvão e outro sobre o Emprego da Engenharia no PAMEEx, naquilo que são as tarefas e missão do Exército no âmbito das Missões de Apoio ao Desenvolvimento e Bem-Estar.

Relatam-se também os períodos de aprontamento da 5FND/QRF/RSM e 5NSE/RSM, forças que irão ser projetadas para o TO do Afeganistão no próximo mês de julho, um aprontamento executado de acordo com o novo Sistema de Aprontamento de Forças do Exército e em ambiente COVID-19, situação que provocou um adiamento da projeção da força e a reformulação da fase final do aprontamento, para implementação de medidas mitigadoras do contágio pela doença.

Porque a participação da BrigInt no combate à pandemia da COVID-19 foi um marco importante da atividade operacional em 2020, apresenta-se um conjunto de artigos sobre a estrutura de Comando e Controlo da

BrigInt, sobre o Centro de Acolhimento do Regimento de Cavalaria n.º6 e o Centro de Acolhimento Militar do Regimento de Transmissões, Formação de Equipas de Desinfecção, operação da Linha de Descontaminação de Viaturas de Emergência em Coimbra bem como o apoio aos estabelecimentos de ensino superior e, por último, um artigo sobre a prestação de cuidados de saúde em tempo COVID-19, relato sobre a experiência marcante dos nossos militares no apoio ao Lar de N.ª Sra. das Dores em Vila Real.

Mas os compromissos da BrigInt para a prontidão de forças da Aliança Atlântica não foram esquecidos, contando esta secção com artigos da experiência do 2.º Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas (2BIMecRodas) na afiliação deste batalhão à MNBde-SE no âmbito da *Tailored Force Presence* na Roménia e o Exercício PANDUR STRIKE 19, realizado no período de *Stand By* da Companhia de Atiradores Mecanizada de Rodas da *Very High Readiness Joint Task Force* da *Enhanced NATO Response Force*, mas também a participação da *Task Force VIRIATO* da BrigInt no Exercício ORION 19, unidade de tarefa constituída a partir do 2BIMecRodas.

Apresentam-se também as experiências de treino operacional vividas pelos militares do 1BIMecRodas no Exercício Internacional SLOVAK SHIELD 19, realizado na Eslováquia, que contou com a participação, pela primeira vez, de forças portuguesas da BrigInt. No âmbito do Treino Operacional realizado em Território Nacional relatamos o treino do Grupo de Artilharia de Campanha como Audiência Primária de Treino no Exercício STRONG IMPACT 19 o exercício anual do Batalhão de Transmissões, RAI0 19.

Mas 2019 foi também o ano em que a BrigInt realizou pela primeira vez a prova FORTALEZA, na qual o Regimento de Infantaria n.º13 se sagrou a primeira unidade vencedora, prova que tem como objetivo

fomentar o espírito de corpo da BrigInt, entre todos os militares que servem o Exército nesta Grande Unidade dos Elementos da Componente Operacional do Sistema de Forças. Esta secção fecha com o relato da prestação, mais uma vez brilhante, da BrigInt nas Competições Desportivas Militares do Exército, ano em que, mais uma vez, se sagrou campeã do “Troféu Comando do Exército”, pela 2ª vez consecutiva, após ter ganho entre 2011 e 2016.

Esperamos que tenha uma boa leitura e que ela se constitua como uma experiência de enriquecimento profissional, nas várias vertentes da atividade operacional e de treino.



**Figura 1** - Demonstração durante as comemorações do Dia do Exército.

# CONDUTA DA OPERAÇÃO DA 9FND NO TO DO IRAQUE

## ENQUADRAMENTO DA PARTICIPAÇÃO

Como forma de enquadrar todas as operações militares em curso contra o *Daesh* no território do Iraque e da Síria, foi constituída oficialmente, em outubro de 2014, uma Coligação Internacional liderada pelos Estados Unidos da América (EUA) e designada por *Combined Joint Task Force – Operation Inherent Resolve* (CJTF-OIR). O seu objetivo visava o aumento da capacidade operacional, através do treino, equipamento e apoio às *Iraqi Security Forces* (ISF). Para atingir este desiderato foi necessário dotar as ISF de ativos e capacidades necessárias para alcançar elevados níveis de prontidão e garantir o eficaz combate ao *Daesh*, repondo a estabilidade e segurança na região do Iraque. A missão da Coligação é, em conjunto com as ISF, derrotar a ameaça do *Daesh* no território Iraquiano e criar condições para a continuidade das operações por parte das forças locais para o aumento da estabilidade do país. De acordo com o conceito de operação da CJTF-OIR, a melhor forma de combater o *Daesh* consiste na ação concertada entre as forças da Coligação e as ISF. Tendo em vista este fim iniciou-se uma parceria de treino/formação com as ISF, nomeadamente com o Exército Iraquiano, com a Força Aérea Iraquiana, com



**ANDRÉ BARROS**

TCOR INF

CMDT DA 9FND/OIR

os Serviços de Contraterrorismo e com a Polícia Federal. A Componente Terrestre da CJTF-OIR é constituída por diversas *Task Forces* (TF) distribuídas pelo território iraquiano e com tarefas distintas. A 9ª Força Nacional Destacada/*Operation Inherent Resolve* (9FND/OIR), integrou, de abril a novembro de 2019, com um efetivo de 30 militares, a TF Besmayah, sob o Comando Espanhol, estabelecida na Base *Gran Capitán*, na região de Besmayah, enquadrada dentro do complexo militar iraquiano com o nome de *Besmayah Range Complex* (BRC).

## MISSÃO DA 9FND/OIR EM BESMAYAH

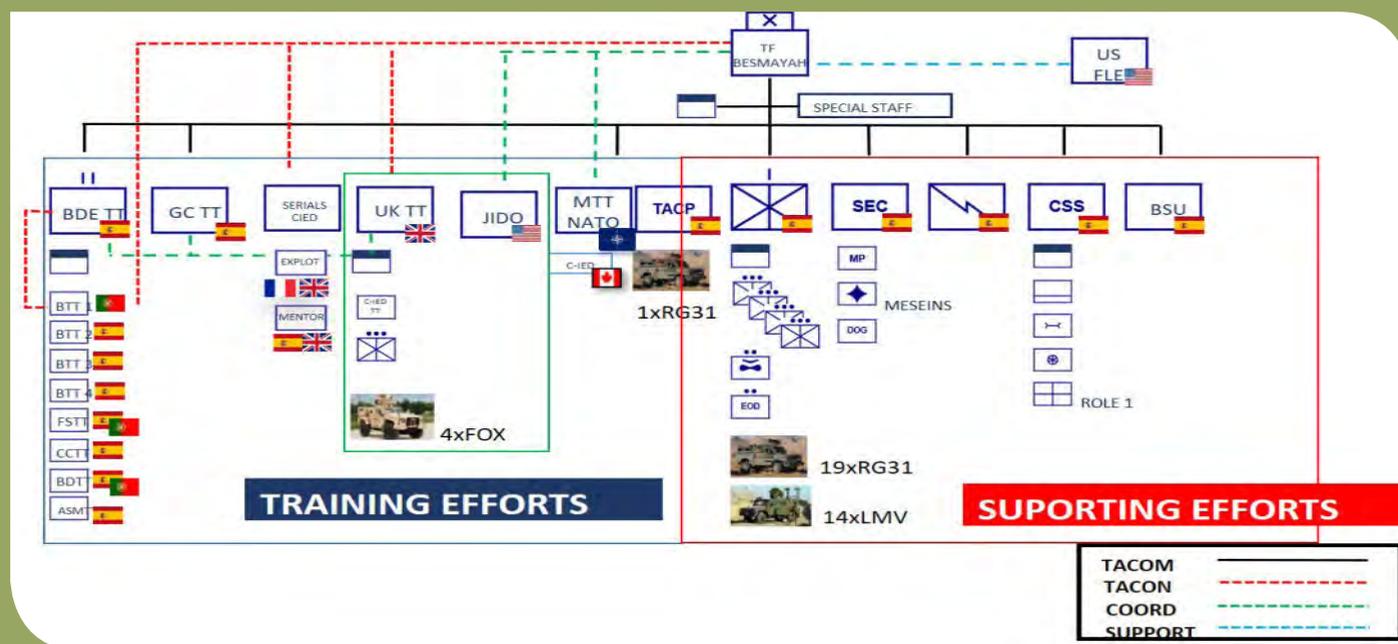
A missão da 9FND/OIR concorre para a missão da TF Besmayah, tendo como tarefa essencial, ministrar instrução e treino às audiências iraquianas que fossem designadas, com probabilidade de serem subunidades do Exército Iraquiano ou da Polícia Federal.

Para o cumprimento cabal, a 9FND/OIR constitui-se num *Battalion Training Team* (BTT), o BTT1, integrado na *Brigade Training Team* (BDETT) espanhola. Contribuiu ainda com militares, destinados às funções de *Chief Trainer* e *Trainer*, de outras equipas do BDETT, nomeadamente para a BTT5, para funções na *Bomb*

*Disposal Training Team* (BDTT), na *Fire Support Training Team* (FSTT), na *Combat Casualty Training Team* (CCTT) e formadores na área das Transmissões. Estes contributos resultaram da realidade e das dinâmicas do Contingente Espanhol, cujas necessidades impuseram o levantamento de um quinto BTT (BTT5), sendo por isso necessário reforçá-lo com uma *Combat Training Team* (CTT), composta por militares portugueses. Assim sendo, o BTT1 começou a trabalhar com três CTT, tendo cedido três militares, um Oficial e dois Sargentos ao BTT5. Ainda integrada no BTT1, constituiu-se a equipa de tiro, a fim de dar cumprimento ao plano de tiro da Força, bem como planear e coordenar todas as sessões de tiro, com armamento individual e coletivo, executadas pelas audiências de treino. Esta equipa estava preparada para assumir uma quarta audiência de treino, a tempo inteiro, no caso de ser atribuído uma Unidade de Escalão Batalhão ao BTT1, com quatro Unidades de Escalão Companhia. Constituía-se como referência para as atividades o Plano de Instrução aprovado, onde constava a tipologia das matérias a ministrar, destacando as relacionadas com o

armamento e tiro, a topografia, a técnica individual de combate e a técnica de combate de secção de atiradores. Contudo, no caso particular da BTT5, houve uma fase inicial do curso, onde o *trainer*, assumindo o papel de mentor para correções de eventuais lacunas, assistia às instruções ministradas por instrutores iraquianos às audiências de treino, pertencentes a uma bolsa de instrutores do BRC.

Quanto às equipas de Artilharia e Engenharia chegadas ao teatro, integraram a FSTT e a BDTT respetivamente. No FSTT, à semelhança do BTT5, houve momentos em que os *trainers* assumiram o papel de mentores. No entanto, o seu Plano de Instrução era bastante mais específico tendo em conta a tipologia de missões das audiências de treino designadas. Versou essencialmente sobre topografia, ocupação de bases de fogos com morteiros médios e pesados, cálculo de tiro e instrução de Posto de Controlo de Tiro. A equipa de Engenharia teve um *battle rhythm* muito semelhante ao FSTT, estando orientada primariamente para as áreas dos explosivos e da defesa NBQR. Foram ministradas várias formações nesse âmbito, promovendo o aparecimento, em cada



**Figura 1** – Organização da TF Besmayah (Base Gran Capitán).

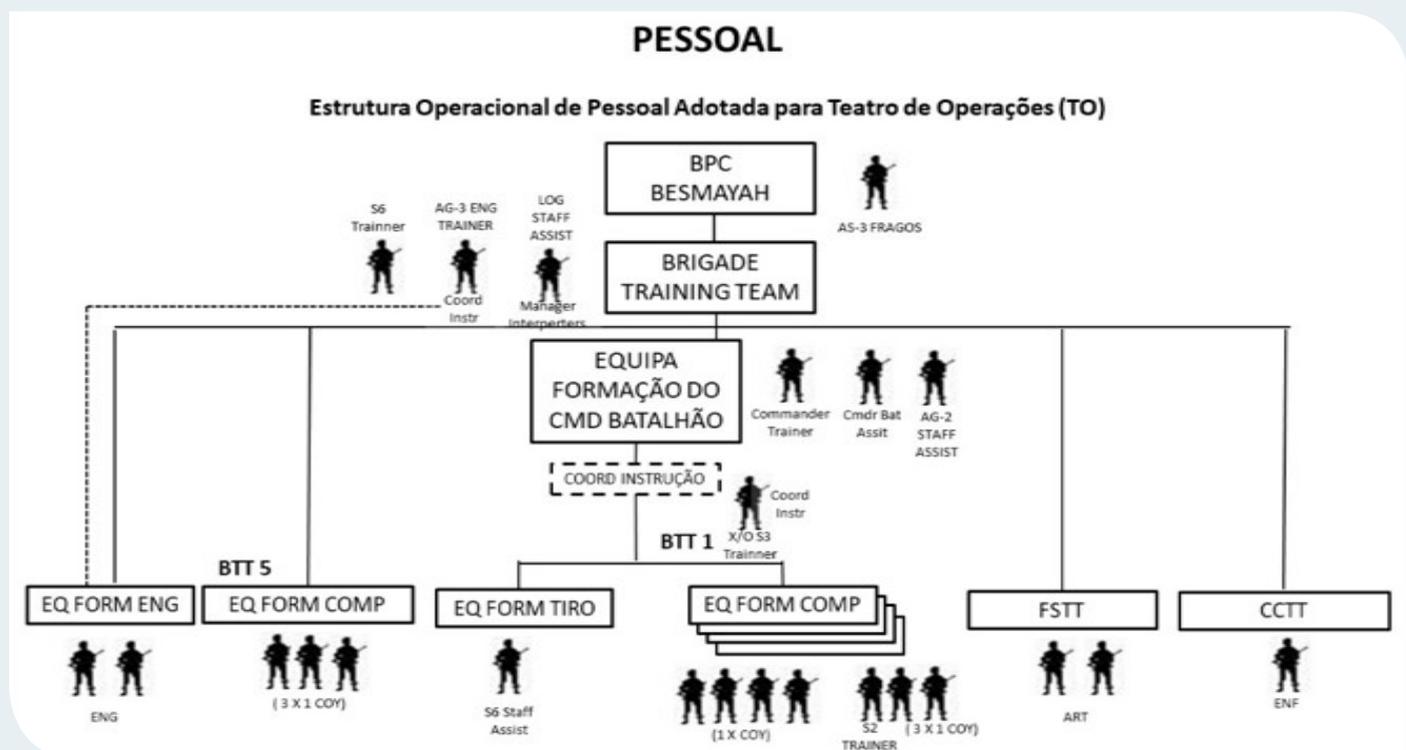
uma das subunidades iraquianas, de militares com conhecimentos mais aprofundados sobre determinadas matérias, assumindo a designação de especialistas.

Fazendo parte da estrutura integrante do BDETT, o CCTT também foi alvo de participação do enfermeiro da 9FND/OIR. No caso particular do CCTT, a instrução esteve vocacionada para o apoio sanitário em operações de combate, destacando-se três cursos ministrados aos Oficiais Iraquianos que serviam no BRC, o *Basic Combat Life Saving*, o *Intermediate Combat Life Saving* e o *Advanced Combat Life Saving*. Pela sua importancia, salienta-se ainda o *Staff Officers Medical Course*, que proporcionou competências básicas no âmbito do apoio sanitário.

Um fator importante no decorrer da missão foi a necessidade de adaptação ao clima que se faz sentir nesta região do planeta. Julga-se que decorreu de forma natural e suave, contribuindo para tal a chegada a Besmayah em meados de abril, quando ainda se

verificam condições próximas àquelas que estamos habituados. À medida que as temperaturas foram subindo, com o decorrer dos dias, também a adaptação foi sendo progressiva. As temperaturas foram uma das principais condicionantes e causas de grande exigência física da missão, sendo preferível uma adaptação gradual às condições meteorológicas, sabendo-se que em julho as temperaturas registam valores acima de 50°C.

O ritmo diário começava, em regra, às 05h30 com a saída das equipas da Base para o local de instrução, onde se encontrava a audiência de treino reunida e pronta a começar a formação até ao final da manhã, sabendo que a hora limite para entrada na Base *Gran Capitán* eram às 11h, podendo, no entanto, haver pequenos ajustes ao longo do período missão. Após o almoço, as CTT e demais equipas preparavam o dia seguinte, segundo orientações difundidas diariamente pelo Coordenador de Instrução, centrando-se em aspetos



**Figura 2** – Organização da 9FND/OIR.

relacionadas com a uniformização de procedimentos entre as CTT, definição das áreas instrução, alterações ao planeamento, definição do equipamento individual ou a atribuição de viaturas. Para cumprir com a saída à hora determinada, a alvorada, como vimos, era bem pela madrugada, tendo cada militar um conjunto de tarefas obrigatórias a realizar antes da sua saída, desde a higiene pessoal, a toma do pequeno-almoço, o equipar, o abastecimento de água nas viaturas, a recolha de intérpretes e, depois de todas as verificações e antes da saída, assistir ao bríngue de segurança dado pelo Comandante da Equipa da Unidade de Proteção.

Um outro desafio neste TO foi a diferença de culturas e a barreira linguística. Na barreira linguística os *trainers* apoiam-se, em toda a fase da instrução, nos intérpretes locais, pese embora estes não estejam familiarizados com a terminologia militar, facto que se constatou por alguma formação ministrada ter sido suscetível de ser perdida na tradução, o que dificulta, em muitos casos, o entendimento entre formadores e formandos.

Ao longo destas últimas décadas de FND, nos mais variados TO, o militar português tem demonstrado, de forma recorrente, uma facilidade de se socializar e fazer amizades em toda a parte do mundo. Esta afirmação continua a ser válida, mesmo quando consideramos o grande fosso cultural entre portugueses e iraquinos. Nesta experiência, ao final de poucos dias, conseguiu-se ganhar a amizade e a confiança das audiências de treino, fazendo com que a falta de motivação das audiências fosse mitigada e que os objetivos de treino tenham sido alcançados.

## CONCLUSÕES

Após todo este ciclo ter findado, a 9FND/OIR regressou a Portugal com o sentimento de dever cumprido, apesar de todas as dificuldades e todas as condicionantes acima referidas, os objetivos foram alcançados com sucesso.

A concorrer para este Estado Final estiveram latentes

quatro linhas de esforço: a segurança; a relação inter-contingentes; a relação intra-contingente; e a qualidade da formação ministrada:

- A segurança, que pautou sempre a conduta da Força, bem como o cuidado que se teve com o interiorizar e concretizar, na prática, todas as normas e procedimentos de segurança;
- A relação inter-contingentes, promovendo a imagem de Portugal, destacando, para além da participação ativa no plano de moral e bem-estar da TF Besmayah, a realização do Dia de Portugal de Camões e das Comunidades Portuguesas, evento este que foi altamente elogiado pelo comando da TF Besmayah;



**Figura 3** – Formação da Fire Support Training Team.

- A relação intra-contingente, salientando-se as inúmeras atividades levadas a cabo, desde a melhoria das instalações, à realização de competições desportivas e de lazer, atividades estas que só foram possíveis devido ao comprometimento com a missão e ao espírito de corpo de todos os militares do contingente;
- A qualidade da formação ministrada, destacando-se os mais de 3000 militares iraquianos que receberam treino e formação ministrado pelos militares portugueses, os quais sempre foram

destacados e referidos pela sua competência, exigência e *know how*, mas em simultâneo, pela proximidade, empatia e relações humanas criadas com os militares iraquianos.

Finalmente, foi desta forma, num TO difícil, com o foco na exigência do dia-a-dia, que se teve sempre pronta uma resposta operacional, com motivação permanente, elevando os níveis do 10 Contingente (espanhol) - APOYO AO IRAQUE 2019, tornando-nos assim uma referência no seio da TF Besmayah, fazendo assim jus à divisa da Unidade Mobilizadora, o Regimento de Infantaria n.º 19: "*Sempre Excelentes e Valorosos*"



**Figura 5** – Formação da Bomb Disposal Training Team.



**Figura 4** – Formação da Combat Casualty Training.



**Figura 6** – Formação da Bomb Disposal Training Team.



**Figura 7** – Militares da 9FND/OIR.

# CONDUTA DAS OPERAÇÕES DA 3FND/QRF/RSM NO TO DO AFGANISTÃO

## ENQUADRAMENTO

O Conselho de Segurança das Nações Unidas, no seguimento de um acordo bilateral entre a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e o Afeganistão (AFG), reorientou a estratégia para este Teatro de Operações (TO), estabelecendo a *Resolute Support Mission* (RSM) e transferindo a responsabilidade global pela segurança do país para as autoridades locais. Desde o dia 01 de janeiro de 2015, a RSM foca-se essencialmente no treino, aconselhamento e assistência às Forças Armadas e de Segurança do AFG, com o objetivo de dotar o seu governo com as capacidades para garantir a sua própria segurança, evitando que este se torne, novamente, propício à proliferação de terroristas (*safe haven for terrorists*).

O Aeroporto Internacional de Cabul, *Hamid Karzai International Airport* (HKIA), constitui-se como o principal *Air Port of Departure* (APOD) da OTAN na RSM. A deliberação do Conselho Superior de Defesa Nacional, de 10 de dezembro de 2018 e a Diretiva N.º 07 do Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, de 01 de fevereiro de 2019, estabeleceu a participação de Portugal, na estrutura da RSM, onde se inclui a *Quick Reaction Force* (QRF).

A Brigada de Intervenção constituiu-se como Unidade Organizadora e o Regimento de Cavalaria n.º 6 recebeu



**SAMUEL GOMES**

MAJ CAV

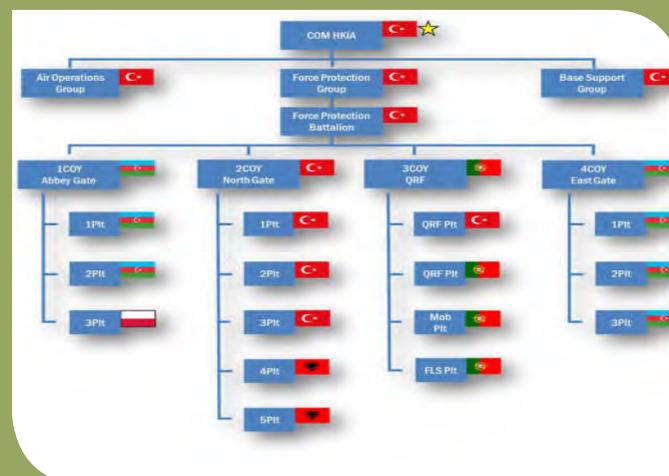
CMDT DA 3FND/QRF/RSM

a missão de se constituir como Unidade Mobilizadora e aprontar a 3.ª Força Nacional Destacada – QRF, no âmbito da RSM para o TO do AFG (3FND/QRF/RSM).

## ORGANIZAÇÃO

A 3FND/QRF/RSM constituiu-se como a 3.ª Companhia do *Force Protection Battalion* (FPB), que integra um Pelotão de militares da Turquia, inserido no *Force Protection Group* (FPG) na dependência do Brigadeiro-General Comandante de HKIA.

A Companhia, designada de QRF, estava equipada com viaturas táticas *Mine-Resistant Ambush Protected* (MRAP) MAXXPRO e MRAP *All-Terrain Vehicle* (M-ATV),



**Figura 1** – Organização de HKIA.

tendo na sua orgânica dois Pelotões, um português (PRT) e um turco (TUR), que efetivamente atuavam como QRF na zona de *North-HKIA* (N-HKIA). Adicionalmente, o Pelotão *Mobile* e o Pelotão *Flight Line Security* (FLS) desempenhavam tarefas no âmbito da *Force Protection* (patrulhamentos, segurança do perímetro, segurança à trasfega de combustível que abastece HKIA, entre outros).

### MISSÃO

De acordo com o definido na Diretiva Operacional N.º 029/CEMGFA/19, de 06 de maio de 2019, a QRF do FPG de HKIA, é uma Força de Reação Rápida com missão de garantir a segurança dentro dos limites de HKIA.

Deste modo, a missão da 3ª Companhia, foi restabelecida para: *"The 3rd Coy responds quickly and effectively to deter or defeat any situation threatening HKIA operations within N-HKIA, to ensure the safe and efficient operation of HKIA as an APOD"*.



Figura 2 – Símbolo da QRF.

### OPERAÇÕES

O processo de *handover-takeover* decorreu entre 07 e 17 de maio de 2019, data a partir da qual a 3FND/QRF/RSM assumiu as suas funções como 3.ª Companhia do FPG. No âmbito do emprego operacional, a QRF atuou sempre de acordo com o seguinte:

- O Pelotão QRF TUR, em Controlo Tático (TACON), com as suas Secções em diferentes *Notice to Move* (NTM), preparado para responder a qualquer situação que ameaçasse o normal funcionamento de N-HKIA, 24 horas por dia, sete dias por semana (24/7). Efetuou patrulhamentos montados e apeados no interior de N-HKIA e à ordem, garantiu a segurança a áreas sensíveis;
- O Pelotão QRF PRT, com as suas Secções em diferentes NTM, preparado para responder a

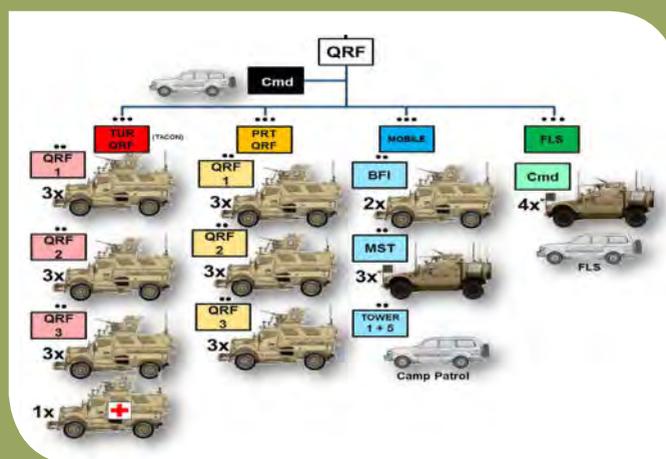


Figura 3 – Organização QRF.

qualquer situação que ameaçasse o normal funcionamento de N-HKIA, 24/7. Efetuou patrulhamentos montados e apeados no interior de N-HKIA e assegurou a segurança de *Very Very Important Person* e *Very Important Person*. À ordem garantiu a segurança a áreas sensíveis, com destaque para a reação a objetos suspeitos localizados no interior de N-HKIA;

- Com o Pelotão *Mobile*, através da Secção *Bulk Fuel Intake* (BFI), garantiu a segurança (diariamente,

exceto à sexta-feira e ao domingo) da área da BFI, efetuando o controlo e a revista a mais de 400 camiões de combustível (gasóleo e *jet fuel*), que abasteceram o aeroporto. Através da Secção *Support* executou tarefas de segurança próxima aos *contractors* na execução de trabalhos de manutenção/reparação no perímetro de N-HKIA, em locais sensíveis e a pessoal e instalações dentro de N-HKIA. Com a Secção Torre garantiu a vigilância 24/7 do perímetro exterior e o *Camp Patrol* durante o período noturno;

- O Pelotão FLS, com três Secções de serviço 24/7, por turnos de oito horas, guarneceu oito pontos em simultâneo, incluindo torres de vigia do perímetro interior, o *Passenger Reception Center*, *VIPER IN Gate* e o *MEDEVAC Gate*.

Ao longo dos seis meses de permanência no TO, os militares da QRF executaram ainda ações de treino, de modo a manter a sua proficiência técnica e tática na resposta a eventuais incidentes, em áreas diversas de atuação como o tiro, treino de condução tática de viaturas, reação a ataque complexo, técnica individual de combate em áreas urbanizadas e procedimentos de MEDEVAC.

### CONCLUSÕES

A Companhia QRF, entre maio e novembro de 2019, realizou vários exercícios para teste de interoperabilidade com as restantes forças do FPG/FPB, bem como sessões de treino internas, de modo a manter os índices de proficiência desejados. A postura implementada e as tarefas realizadas diariamente foram ajustadas em função das ameaças conhecidas, que eram dirigidas ao HKIA, e à situação geral vivida no TO do AFG. Sempre que foi chamada a atuar, a QRF respondeu de forma adequada, de acordo com o definido nas *Standard Operational Procedures* e com *feedback* muito positivo por parte de entidades de



**Figura 4** – Atividade Operacional Pelotão Mobile.

outras nacionalidades com responsabilidades no âmbito da *Force Protection*, realçando o profissionalismo e a competência dos militares portugueses. Deste modo, é legítimo considerar muito positivo o desempenho da 3FND/QRF/RSM na garantia da segurança dos cerca de 6000 militares e civis que trabalhavam e viviam em HKIA e no funcionamento do principal APOD da OTAN na RSM.

Obrigado pela vossa coragem!  
MISSÃO CUMPRIDA!



**Figura 4** – Atividade Operacional Pelotão QRF.



**Figura 5** – Atividade Operacional Pelotão QRF.



**Figura 6** – Militar numa sessão de tiro.

# CONDUTA DA OPERAÇÃO DO 3NSE/RSM NO TO DO AFEGANISTÃO

No dia 15 de outubro de 2018 fui oficialmente nomeado<sup>1</sup> comandante do *National Support Element* (NSE), da 3ª Força Nacional Destacada (3FND), para o Teatro de Operações (TO) do Afeganistão. Nessa data começou um dos maiores desafios militares que tive até ao momento: o de ser comandante de uma FND com responsabilidades logísticas e administrativas num TO exigente e complexo. Neste artigo pretendo dar a conhecer essa experiência, desde o seu aprontamento até ao cumprimento da missão no Afeganistão.

## ENQUADRAMENTO

Após o término da operação *International Security Assistance Force* (ISAF), em 31 de dezembro de 2014, foi definida uma nova estratégia para este TO, estabelecendo, a partir de 1 de janeiro de 2015, a *Resolute Support Mission* (RSM). Foi determinada a participação de Portugal com FND, nomeadamente a *Quick Reaction Force* (QRF), a *Branch School Advisory Team* (BSAT) e a *Special Operations Advisory Team* (SOAT), bem como diversos Elementos Nacionais Destacados (END) na estrutura da *Resolute Support Mission* (RSM)<sup>2</sup>.

Para garantir o apoio aos militares portugueses referidos anteriormente, foi constituído um NSE, a



**JOÃO SILVA**

CAP CAV

CMDT DO 3NSE/RSM

operar na base *Hamid Karzai International Airport* (HKIA), formado por 16 militares e organizado em cinco módulos, nomeadamente o Módulo de Recursos, de Finanças, de Transmissões, Sanitário e de Manutenção. A edificação desta força concentra apenas numa unidade módulos logísticos e técnicos, imprescindíveis a qualquer uma das FND portuguesas no TO, libertando assim os comandantes das FND de tarefas de planeamento e execução nesse âmbito.

Desta forma, a missão do NSE é: "O *National Support Element* garante o apoio administrativo e logístico, de forma equitativa e proporcional a todos os militares portugueses na RSM"<sup>3</sup>.

## APRONTAMENTO

Foi atribuída a responsabilidade ao Regimento de Cavalaria n.º6 (RC6) para se constituir como Unidade Mobilizadora, tanto do 3NSE como da 3QRF e, dado os poucos recursos humanos existentes nas unidades, as restantes unidades da Brigada de Intervenção (BrigInt) contribuíam com militares para dotar a força com todos os recursos humanos necessários. No caso do NSE houve ainda militares provenientes de unidades fora da BrigInt, nomeadamente o Oficial de Finanças, o Médico,

o Enfermeiro e o Tesoureiro.

Tendo sido definido superiormente a apresentação no RC6, a 19 de novembro de 2018 para início do aprontamento, a realidade é que só dois meses depois foi possível ter todos os militares disponíveis. O 3NSE seria constituído por seis oficiais, seis sargentos e quatro praças, dos quais três oficiais e três sargentos já tinham estado em missões internacionais e um sargento em missão no âmbito da ISAF, no TO do Afeganistão.

Analisando as funções de comandante do NSE que teria futuramente, colocou-se o desafio: comandar 15 militares provenientes de diversas unidades do Exército, que se iriam organizar em cinco módulos, com uma tecnicidade que extravasava a minha formação base, com a finalidade de garantir o apoio às FND e END no TO. Para colmatar este desafio valeu a minha presença no exercício final de aprontamento do 2NSE e da 2QRF que decorreu em Ponte de Sôr, convivendo com os militares que estavam prestes a terminar o seu aprontamento e anotando não só qual o papel do NSE enquanto unidade de apoio logístico, mas também as dificuldades verificadas durante o seu aprontamento, que veio possibilitar direcionar de forma mais assertiva

o Plano de Aprontamento que estava a desenvolver para o 3NSE.

Dado o desafio inicial, decidi que o aprontamento do 3NSE iria assentar em três pilares:

1. Treino orientado para a missão. Neste pilar assentaram as tarefas explícitas do Plano de Aprontamento. Era para mim essencial que cada militar da minha força tivesse:
  - a. O treino militar adequado para poder reagir a uma ameaça;
  - b. A formação e conhecimento técnico que o orientasse para as funções que iria ter no TO.
2. Providenciar o apoio administrativo e logístico ao aprontamento do próprio NSE e da 3QRF que, decorrendo em simultâneo e na mesma unidade, possibilitaria ao comando da QRF centrar-se no treino das suas subunidades e libertando-se das questões logísticas. Esta realidade permitiu que os meus militares trabalhassem à base do conceito *on job training* desenvolvendo os contactos com as contrapartes dos diversos Órgãos Centrais de Administração e Direção que viriam mais tarde a interagir aquando em missão no TO.



**Figura 1** – Militares do 3NSE após a cerimónia de entrega de Estandarte Nacional.

3. Definição do método de trabalho e coesão do grupo. Dada a tecnicidade dos diferentes módulos pretendi, logo desde o aprontamento, apresentar uma forma de trabalho assente na definição clara, para cada tarefa, da minha Intenção identificando, posteriormente em cada módulo, o seu contributo para a mesma. Pretendi ainda que em Território Nacional (TN) todos conhecessem a situação familiar e os limites pessoais de cada um, a fim de evitar situações indesejadas no TO que seriam mais difíceis de controlar.

Como seria de esperar o aprontamento foi desafiante, houve uma série de dificuldades e obstáculos, como exemplo a falta de munições e de viaturas de transporte de pessoal. Poderei eventualmente afirmar que este método conduziu ao cumprimento não efetivo do primeiro e do segundo pilares anteriormente referidos, mas permitiu definir claramente o método de trabalho e projetar para o TO um grupo coeso.

### MISSÃO NO TO

A projeção do NSE para o TO foi efectuada em dois momentos diferentes, com uma semana de intervalo entre eles, tendo a Transferência de Autoridade (TOA) ocorrido a 17 de maio de 2019.

Apesar do ar poluído que se sente a cada inspiração, na base de HKIA deparamo-nos com uma instalação militar com elevadas condições, desde os alojamentos, o acesso à internet, a alimentação, o ginásio, as atividades para promoção do moral e bem-estar, etc. Foi ainda notório o excelente trabalho do 1NSE e 2NSE no desenvolvimento do edifício de trabalho do NSE. Essa instalação, além de albergar o espaço de trabalho dos módulos, era o único local no TO com acesso à Rede de Dados do Exército (RDE) e era onde estava instalada a Casa de Portugal que se constitui como o espaço de convívio destinada a todos os militares portugueses.

Após um aprontamento a apoiar apenas a QRF, chegados

a TO passamos a dar apoio às restantes FND e END, num total de 214 militares, divididos pelas seguintes forças: 16 no NSE, 154 na QRF, 23 na BSAT, 11 na SOAT e 10 END<sup>4</sup>. Cada uma destas forças com missões muito próprias e de uma exigência única: a QRF com a responsabilidade pela segurança de toda a base de HKIA; a BSAT que, para cumprir a sua missão de assessoria, teria de atravessar diversas ruas de Cabul, expondo-se a ataques; a SOAT que opera a partir de uma base longe de HKIA o que dificulta os procedimentos logísticos; por último, os END em que as tarefas de cada um obrigam a uma adaptação no conceito de apoio. Assim, cada tarefa de apoio assentava em três condicionantes:

1. Especificidade da missão de cada FND ou END. Como foi referido anteriormente o conceito de apoio a cada unidade não se aplicaria a outra unidade devido à divergência de efetivos, localização geográfica, missão e tarefas subjacentes.
2. Ambiente Multinacional. HKIA é uma base que alberga cerca de 6000 pessoas de 50 nacionalidades diferentes. Devido à elevada dependência das estruturas de apoio e de sustentação logística presentes na base, aquando do *handover-takeover* do 2NSE foram-nos apresentadas as entidades mais importantes por forma a continuarmos as saudáveis relações de cooperação anteriormente estabelecidas. Para alimentar as relações de cooperação muito valeram os convívios com café nacional *the best coffe in Afghanistan*, como eles nos diziam.
3. Vertente técnica dos módulos do NSE e a especificidade dos apoios a serem prestados. As necessidades de intervenção dos módulos em situações de ordem técnica do seu âmbito, veio fortalecer a forma de comando que tinha sido trabalhada no aprontamento, baseada em claras intenções do comandante. Este método deu liberdade a cada um dos módulos para a procura de soluções em HKIA, no TO e em TN, para

fazer face às necessidades que ocorriam.

Apresentado no TO, as unidades apoiadas e a forma como encarei o comando do NSE para o cumprimento da missão, é elementar apresentar o âmbito de aplicação de cada um dos módulos:

1. Módulo de Recursos. O Módulo de Recursos subdivide-se nos recursos logísticos e nos recursos de pessoal. O módulo de recursos logísticos foi o responsável por receber e preparar três aviões de sustentação: o primeiro aquando da projeção do grosso da força com 7,5ton de carga, a meio da missão, assegurado pela Força Aérea Portuguesa (FAP), e no final o voo de retração com 8,5ton de carga. Para além do referido, o Módulo de Recursos Logísticos geriu a carga nacional em TO, os reabastecimentos às diversas unidades requisitando, se necessário, material a TN. Os recursos de pessoal geriam não só a documentação do seu âmbito, como as ordens de serviço e as guias de marcha, mas também as necessidades associadas aos alojamentos dos militares portugueses. Relativamente aos alojamentos, em parceria com o comando de HKIA, foi efetuado um trabalho de melhoramento dos alojamentos de todas as praças, passando de quartos de seis elementos, com condições não adequadas aos militares que faziam turnos, para alojamentos de quatro elementos por quarto, com climatização e melhores condições. Este módulo estabelecia coordenações com as seguintes entidades estrangeiras: a *NATO Support and Procurement Agency* (NSPA), o *Combined Air Terminal Operations*, a ECOLOG<sup>5</sup> e o *Base Support Group*, entre outros, e ainda com as seguintes entidades em TN: o Comando das Forças Terrestres (CFT), a Direção de Material e Transportes (DMT), o RC6 e o Regimento de Transportes.
2. Módulo de Finanças. Os militares do Módulo de Finanças foram os responsáveis pela gestão do

fundo de maneiio em TO e pelas aquisições de bens, contactando no mercado local com vendedores e fornecedores. Por afinidade de funções, constituíram-se como o elo de ligação para o Exército para resolução de problemas com os vencimentos dos militares no TO. Este módulo estabelecia coordenações com as seguintes entidades estrangeiras: a NSPA, o *Afghanistan International Bank* e diversos fornecedores afegãos; e ainda com as seguintes entidades em TN: o CFT e a Direção de Aquisições.

3. Módulo de Transmissões. Este módulo foi o responsável por assegurar a gestão do *Rear Link* de transmissão com o TN, que possibilitava efetuar ligações seguras com os diversos comandos das Forças Armadas. Deu ainda apoio de Comunicações e Sistemas de Informação (CSI) às FND sempre que necessário. Este módulo estabelecia coordenações com as seguintes entidades estrangeiras: o *Afghanistan Mission Network Operation Centre*; e com as seguintes entidades em TN: a DMT e o Estado-Maior-General das Forças Armadas.
4. Módulo de Manutenção. Guarnecido por um sargento de manutenção, constituiu-se como elemento de ligação para as questões da manutenção das viaturas americanas emprestadas pelas *United States Forces - Afghanistan* (USFOR-A) através do *Acquisition and Cross-Servicing Agreement*. Foi ainda o responsável pela manutenção preventiva a mais de 400 armas bem como pela manutenção corretiva a algumas delas. Este módulo estabelecia coordenações com as seguintes entidades estrangeiras: USFOR-A.
5. Módulo Sanitário. Com o efetivo de um Médico e um Enfermeiro, prestava apoio sanitário a todos os militares portugueses e ministrou formações de diversos âmbitos, como ao nível da ingestão de suplementos ou do uso adequado do *Individual First Kit Aid*. Este módulo estabelecia coordenações

com as seguintes entidades estrangeiras: o Role II/ HKIA, o Role III/Bagram *Airfield*; e com as seguintes entidades em TN: a Direção de Saúde e o Hospital das Forças Armadas.

Para além das tarefas específicas de cada um módulos, foi importante o seu contributo, em simultâneo, para dar aval a inúmeras atividades que decorreram sobre a nossa responsabilidade, nos seis meses de permanência em TO. Dessas, destaco as seguintes: desenvolvimento de um monumento de homenagem aos mortos, preparação e condução das visitas de Sua Excelência o General Chefe de Estado-Maior do Exército, do representante da embaixada portuguesa em Ancara para que os militares exercessem o seu direito de voto nas eleições legislativas, de um jornalista da RTP, na receção dos militares do Centro de Psicologia Aplicada do Exército e receção dos diversos reconhecimentos de comandantes.

## CONCLUSÃO

Apesar das diversas estruturas de apoio da Organização do Tratado do Atlântico Norte presentes no Afeganistão, constituiu-se num elevado desafio a garantia do apoio a 214 militares portugueses em missão no TO do Afeganistão. A finalidade de afetar, ao mínimo,

as missões das FND e END, a tentativa de encurtar a distância com o TN e de providenciar as melhores condições de vivência a cada militar, levou a que o 3NSE não tivesse poupado a esforços para providenciar tudo o que estava ao nosso alcance.

Demos continuidade ao legado do 2NSE, adicionamos o nosso contributo e passamos o nosso testemunho ao 4NSE que certamente continua a melhorar o caminho traçado.

*"...tive a ocasião de confirmar (...) junto dos mais altos responsáveis (...) a excelência dos atos feios dos militares sem exceção<sup>6</sup>."*

### Notas:

<sup>1</sup>Nota N.º GC.SMCC-2018-024465, da DARH - Nomeação "por escolha" do Comandante do NSE, da 3FND, no TO do Afeganistão, de 15 de Outubro de 2018;

<sup>2</sup>Diretiva Operacional N.º 29/CEMGFA19 – Participação Nacional na Resolute Support Mission (RSM), de 06MAI19;

<sup>3</sup>Diretiva N.º 132/CEME18 – Participação do Exército na Operação Resolute Support (RS) da OTAN, de 31JUL18;

<sup>4</sup>Em agosto de 2019 os END passaram a ser 7 militares;

<sup>5</sup>Empresa que em HKIA garante serviços integrados na base, como serviços de refeição, manutenção de infraestruturas, etc;

<sup>6</sup>Mensagem de SEXA o General CEME no Livro de Honra da QRF e do NSE por ocasião da sua visita ao TO em 15 de outubro de 2019.



**Figura 2** – Militares do Módulo de Finanças do 3NSE no Mercado Local em HKIA.



**Figura 3** – Projeto e Monumento de Homenagem aos Mortos, construído em 17 de dezembro de 2019.



# A ÚLTIMA FND BRANCH SCHOOL ADVISORY TEAM

Este artigo pretende dar a conhecer a realidade vivida pela 4ª, e última, Força Nacional Destacada (4FND) no âmbito da missão de Treino, Aconselhamento e Assistência (*Train, Advise and Assist – TAA*) da *Resolute Support Mission* (RSM) no Teatro de Operações (TO) do Afeganistão.

A 4FND para a *Branch School Advisory Team* (BSAT) teve a sua génese na Ordem de Aprontamento do Tenente-General Comandante das Forças Terrestres, de 13 de maio de 2019, tendo sido atribuída esta missão à Brigada de Intervenção (BrigInt), que se constituiu como Unidade Organizadora, constituindo-se o Regimento de Artilharia Antiaérea n.º 1 (RAAA1) como Unidade Mobilizadora.

À semelhança das três forças anteriores, a 4FND/BSAT/RSM estava organizada em Secção de Assessoria (08) e Módulo de Segurança (15), perfazendo um total de 23 militares, oriundos de várias Unidades da BrigInt (RAAA1, Regimento de Transmissões e Quartel-General/BrigInt), do Centro de Tropas de Operações Especiais (CTOE) da Brigada de Reação Rápida e da Direção de Aquisições do Comando da Logística.

O aprontamento teve o seu início oficial a 27 de maio de 2019, mas foi só a 01 de julho de 2019 que a Força se concentrou completa no RAAA1. A sua calendarização



**PAULO ROSENDO**

TCOR ART

CMDT DA 4FND/BSAT/RSM



**NUNO SILVA**

MAJ ART

2CMDT DA 4FND/BSAT/RSM

foi dividida em três fases, com objetivos específicos para cada uma delas. A primeira fase, de aprontamento administrativo-logístico, focou-se na realização de todos os processos desse âmbito, tais como: emissão de passaportes especiais; distribuição da dotação individual de fardamento; realização de diversas palestras; aferição linguística e avaliação psicológica.

A segunda fase contemplou o treino orientado para a missão, centrando-se no treino das tarefas comuns



Exército e no Gabinete do Chefe do Estado-Maior do Exército nas diversas palestras ministradas.

Por último, o CTOE no irrepreensível apoio na cedência do armamento e equipamento semelhante ao que iríamos encontrar e utilizar no TO, material esse que permitiu equipar toda a Força e que, em conjunto com toda a formação e apoios mencionados, permitiu, indubitavelmente, um treino o mais próximo possível da realidade que iríamos encontrar. No âmbito da RSM, Portugal assumiu a responsabilidade de contribuir com uma equipa para a *Army Institutional Advisory Team* (AIAT), estrutura de apoio ao desenvolvimento das capacidades do Exército Afegão, em Cabul. Em 2018, a 1ª e 2ª FND/BSAT/RSM, tiveram a missão de assessorar a Escola de Artilharia (*School of Artillery – SoA*). No entanto, decorrente das transformações que ocorreram no Exército Afegão, e consequente adaptação das



**Figura 2** – Militares da 4FND/BSAT/RSM durante a formação de socorrismo em combate.

estruturas da RSM, em 2019 a 3FND/BSAT/RSM passou a assessorar também a Escola das Armas Combinadas (*Combined Arms School – CAS*), mantendo em simultâneo a assessoria à SoA. De referir que ambas as estruturas se encontram sediadas no *Kabul Military Training Center* (KMTC).

Após a projeção, e já aquartelados no *Hamid Karzai International Airport*, a 4FND/BSAT/RSM teve um período de sobreposição (vulgarmente designado de *handover-takeover*) com a 3FND/BSAT/RSM, onde foi possível estabelecer os contactos necessários com a estrutura de comando da AIAT (ao nível da RSM) e da CAS (ao nível do Exército Afegão). Durante este período, e nas semanas subsequentes, fomos confrontados com uma profunda reestruturação ao nível da RSM, estando prevista para a equipa portuguesa a missão de treinar, aconselhar e assistir o KMTC, missão que até então se encontrava a cargo da equipa de assessores britânica. Este aumento de responsabilidade atribuído às Forças



**Figura 3** – Logotipo da FND/BSAT/RSM.

Portuguesas resultou do excelente trabalho de todos os que nos antecederam, alcançando o reconhecimento e a confiança da RSM, do comando da SoA e ainda da CAS afegãs no trabalho desenvolvido, contribuindo decisivamente para a criação de uma imagem de competência, entusiasmo e fiabilidade no Soldado Português. Cobia-nos agora honrar essa imagem e dar continuidade aos trabalhos.

A assunção das tarefas inerentes a esta nova realidade por parte da 4FND/BSAT/RSM dependia de decisão superior nacional, processo que se foi arrastando por algum tempo, criando algum sentimento de expectativa e indefinição, quer nos militares da 4FND/BSAT/RSM, quer na própria estrutura superior da RSM. No entanto, e com espírito de missão, transformámos os condicionamentos em oportunidades, preparando-nos para todos os cenários possíveis, levando a um acréscimo de tarefas fundamentais e imprescindíveis para o cumprimento da missão que nos seria atribuída, fosse ela qual fosse.

Importa realçar que a reestruturação atrás mencionada implicava a retração total do Módulo de Segurança, cujas funções deixariam de ser responsabilidade nacional, ficando apenas em TO a Secção de Assessoria que, para efeitos da sua segurança no desenvolvimento das suas tarefas, passaria a estar dependente de equipas exteriores ao contingente nacional.

Enquanto não chegava uma decisão nacional sobre a continuidade da missão, a forma em que ocorreria, ou a possível retração da Força, desenvolvemos um total de 11 sessões de assessoria e reuniões com a estrutura de comando da AIAT e do Exército Afegão, que implicaram 11 movimentos, dos quais sete aéreos e quatro terrestres.

A segunda semana de dezembro de 2019 foi decisiva para a 4FND/BSAT/RSM, pois além de termos efetuado, com a equipa britânica, as tarefas iniciais de transferência de responsabilidade no âmbito das ações de TAA no KMTC, fomos informados pela cadeia de comando nacional que, até 31 de dezembro de 2019, teríamos de retirar



**Figura 4** – Cerimónia de Transferência de Autoridade.

toda a Força. Apesar de toda a incerteza e inquietude vividas desde a chegada a Cabul, a 4FND/BSAT/RSM desempenhou o seu papel de forma exemplar e proficiente, tendo, apesar do curto espaço de tempo, dado mostras de perseverança e adaptabilidade, dando continuidade ao lugar de destaque que Portugal ocupa num ambiente multinacional exigente, obtendo os mais rasgados elogios da cadeia de comando da RSM, mesmo considerando o curto período de permanência no TO do Afeganistão.



**Figura 6** – Logotipo da 4FND/BSAT/RSM.

***“...desenvolvemos um total de 11 sessões de assessoria e reuniões com a estrutura de comando da AIAT e do Exército Afegão, que implicaram 11 movimentos, dos quais sete aéreos e quatro terrestres.”***



**Figura 5** – Viaturas MRAP utilizadas nos movimentos terrestres.

# O APRONTAMENTO DA 5FND/QRF/RSM PARA O TO DO AFGANISTÃO

## INTRODUÇÃO

Por ordem de aprontamento de 16 de setembro de 2019 do Comando das Forças Terrestres, foi cometida à Brigada de Intervenção (BrigInt), enquanto Unidade Organizadora, e ao Regimento de Infantaria n.º13 (RI13), enquanto Unidade Mobilizadora, a missão de aprontar a 5.ª Força Nacional Destacada/*Quick Reaction Force* para a missão *Resolut Support* (5FND/QRF/RSM) a projetar para o Teatro de Operações (TO) do Afeganistão, em maio de 2020, concretamente para o *North Hamid Karzai International Airport* (NHKIA). No entanto, fruto do surto pandémico da COVID-19 esta projeção foi adiada para julho de 2020.

O aprontamento teve o seu início administrativo a 11 de novembro de 2019, concentrando-se os militares da força no RI13 a 05 de dezembro de 2019.

Esta Força materializa-se numa Unidade de Escalão Companhia (UEC) como Força de Reação Rápida tendo como principais tarefas operacionais as seguintes: reação rápida; patrulhamentos móveis no interior de NHKIA e segurança da linha de voo no APRON 8 de NHKIA.

Esta UEC é constituída por 154 militares, organizada pelo Comando e Secção de Comando, um Pelotão QRF, um Pelotão *Mobile* e um Pelotão *Flight Line Security*



**DANIEL GOMES**

MAJ INF

CMTD DA 5FND/QRF/RSM

(FLS). Em TO, a 5FND/QRF/RSM estará sob o comando do *Force Protection Battalion*, de comando turco, recebendo deste, em Controlo Tático (TACON) um Pelotão QRF turco, constituindo-se assim a única UEC em NHKIA com capacidade de reação rápida.

A 5FND teve a particularidade de ser a primeira Força da BrigInt a orientar o seu modelo de aprontamento de acordo com o Sistema de Aprontamento de Forças do Exército (SAFE), contribuindo este para uma orientação mais clara e inovadora no que às tarefas essenciais diz respeito. De uma forma geral, este novo modelo permite a integração de todos os processos de aprontamento, projeção e retração das forças, identificando um catálogo de tarefas nas várias áreas, quer administrativo-logísticas, quer no treino operacional, que possibilitam ao comandante da Força edificar o seu aprontamento de forma racional.

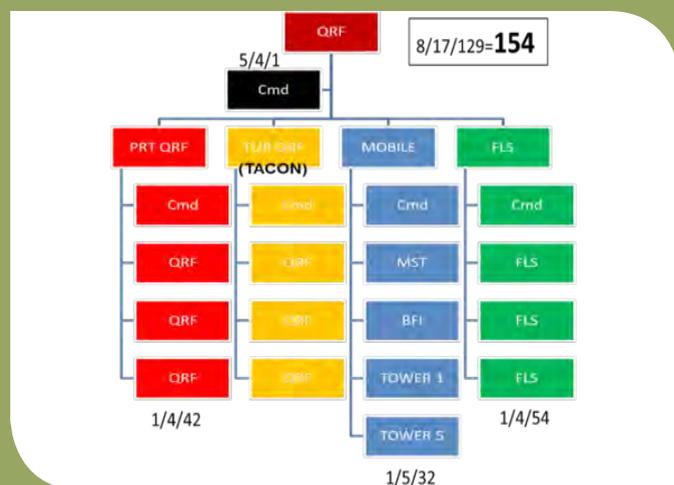
## SITUAÇÃO DE PESSOAL

Sendo os militares o principal ativo da Força, esta área mereceu a maior atenção por parte de toda a cadeia de comando, constituindo-se como o cerne de toda a atividade de aprontamento e processo de decisão.

Fruto dos constrangimentos atuais no que concerne aos

efetivos nas nossas fileiras e que é transversal a todas as unidades do Exército Português, a 5FND/QRF/RS integrou na sua ordem de batalha militares de várias unidades da BrigInt.

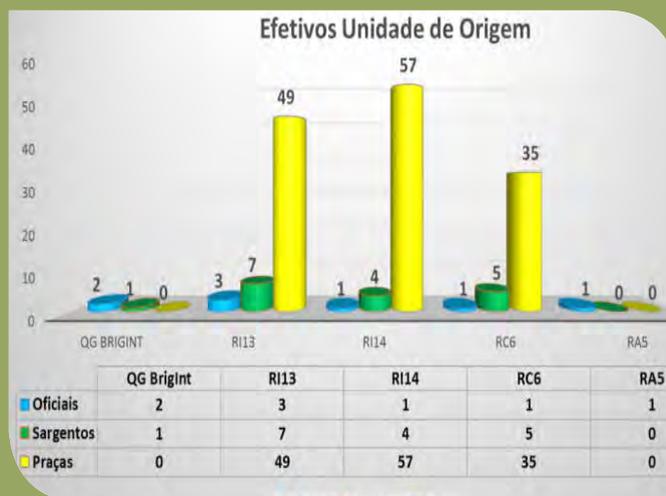
Aliada a esta limitação e validando as lições identificadas em aprontamentos anteriores, por indicação superior, foi estabelecido uma reserva de 10% de praças em cada Unidade de Escalão Pelotão (UEP) para fazer face a desistências ou eliminações por motivos administrativos, aumentando o efetivo em aprontamento em 12 militares. Ainda neste capítulo, realça-se a experiência de militares



**Figura 1** - Composição e articulação da Força em TO e respetivos efetivos nacionais.

em FND anteriores (55 militares) contribuindo para um maior entendimento do processo de aprontamento e, no que se refere ao TO do Afeganistão, a particularidade de que os 37 militares com essa experiência são todos da categoria de praças. Sabendo deste dado, tornou-se importante balancear, através de uma ação de comando muito próxima, o conhecimento adquirido com o possível excesso de confiança destes militares, sabendo que cada missão tem as suas vicissitudes e momentos no tempo.

O fator humano e, por conseguinte, os militares da força, materializaram-se numa das tarefas-chave que se identificou no início deste processo, tendo sempre



**Figura 2** - Efetivos por Unidade de origem.

o foco de integrar todos eles, fazendo-os sentir como parte de uma só Força.

### INTENÇÃO E CONCEITO

A edificação do aprontamento da 5FND/QRF/RSM, de forma a atingir um elevado potencial de combate e ser avaliada como *Combat Ready*, assentou em três vetores: a proficiência técnico-tática; o desembarço físico; e a robustez psicológica.

Como fator potenciador destes três vetores desenvolveu-se a capacidade de Liderança até aos mais baixos escalões (nível Equipa/Esquadra) de forma a garantir o comprometimento com a minha intenção e o foco no cumprimento de todas as tarefas atribuídas. Como fator catalisador deste sistema, considerou-se a preparação atempada no capítulo administrativo-logístico de todos os elementos humanos, materiais e documentais, e como fator agregador de todo este sistema a Disciplina, que todos os militares da Força interiorizaram e puseram em prática em todos os momentos.

O aprontamento materializou-se em três fases, sendo que a Fase I, por se tratar dos aspetos administrativos, prolongar-se-ia pelas fases seguintes.

A Fase I compreendia o aprontamento administrativo-logístico, tendo como principais momentos os seguintes: a preparação das instalações do RI13; a receção dos

militares e respetivo *in-processing*; aferição linguística; aprontamento sanitário; rastreio toxicológico; teste da dotação individual de fardamento; início dos processos de credenciação e palestras iniciais de preparação da Força para o TO.



**Figura 3** - Experiência dos militares da 5FND/QRF/RSM.

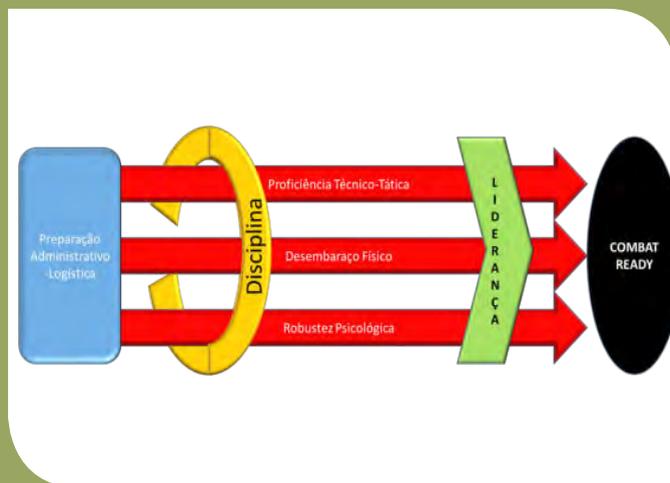
A Fase II, que consistia no treino orientado para a missão, subdividiu-se em quatro subfases:

- Na primeira subfase, o foco do treino consistiu na capacitação do elemento/equipa nas várias matérias consideradas essenciais (armamento e tiro, transmissões, topografia, tarefas táticas de equipa) nivelando desta forma toda a Força. Esta subfase foi validada numa prova prática por equipas, cujo foco era o cumprimento de tarefas individuais e coletivas, aliando a estas a capacidade de liderança dos elementos que a constituíam;
- A segunda subfase tinha como principal objetivo o treino operacional orientado para a missão de nível Secção. A tipologia de treino versou nas técnicas, táticas e procedimentos (TTP) num ambiente urbano, condizente com o espaço de batalha do TO (estrutura urbana de NHKIA), salientando-se as tarefas ofensivas e a articulação das forças com viaturas blindadas. Nesta subfase foram

realizados dois exercícios: o Exercício KANDAHAR 201 e o Exercício KAIA 201, validando em cada um deles objetivos de treino diferenciados;

- A terceira subfase compreendia o treino operacional de nível Pelotão/Companhia, orientado para as especificidades das tarefas no TO com a dinamização dos fluxos de informação e comando e controlo nas possíveis tarefas cometidas diariamente. Esta subfase termina com o Exercício KABUL START 201, onde são replicados um conjunto de cenários prováveis de se verificarem no TO, validando a capacidade de resposta e articulação da Força;
- A quarta subfase materializou-se na preparação e participação da Força no Exercício KABUL 201, tendo em vista a sua certificação como *Combat Ready* pela Inspeção Geral do Exército (IGE).

A Fase III do aprontamento tinha como principal objetivo a preparação da força para a projeção do TO, sendo finalizada aquando da Transferência de Autoridade.



**Figura 4** - Modelo da intenção do aprontamento.

De acordo com o Plano de Contingência COVID-19/Ex e de forma a mitigar o contacto com outras pessoas e isolar os militares da 5FND/QRF/RSM, suspenderam-se temporariamente as atividades de aprontamento de forma presencial no RI13 de 16 de março até maio

de 2020, forçando a Força a entrar em isolamento profilático. Esta suspensão de atividades ocorreu durante a Fase II, momento em que estava prevista a realização do Exercício KABUL START 201, obrigando ao seu adiamento.

Tendo sido implementadas dinâmicas de teletrabalho, verificou-se a necessidade de manter a condição física, as competências técnico-táticas e a coesão da Força. Desta forma foi criado um Plano de Manutenção da Capacidade Operacional direcionados em quatro tarefas-chave:

- Execução de circuitos de treino físico possíveis de fazer no domicílio;
- Validação de conhecimentos técnico-táticos adquiridos através de testes de avaliação utilizando plataformas digitais;
- Incrementação de conhecimentos do TO frequentando formações nas plataformas *e-learning* da Organização do Atlântico Norte, com especial enfoque na página da RSM;
- Garantir a ligação de todos os elementos através da rede de alerta da Força, de forma a manter a atualização diária do estado de saúde e a unidade de comando através de reuniões em videoconferência.

Este período de isolamento da Força constituiu-se um desafio para os militares e para toda a cadeia de comando, na medida em que a adaptação constante foi um denominador comum, bem como a adequação e planeamento das fases restantes do aprontamento.

### **TREINO OPERACIONAL**

O treino operacional, a fim de se constituir como principal atividade de preparação para o cumprimento da missão, consistiu na sincronização atenta e racional do tiro de combate com as TTP específicas de cada subunidade.

No que respeita ao tiro, este consistiu na execução

de um catálogo de tabelas previstas no SAFE, sendo otimizada com algumas propostas da força, fazendo face às especificidades do armamento e tarefas desempenhadas no TO.

Sendo a principal arma individual a Espingarda G3, foram executadas oito tabelas de tiro, partindo do tiro de precisão, passando pelos procedimentos do tiro reativo e finalizando com tiro dinâmico.

Constituindo-se a pistola como arma de recurso que equipa todos os militares no TO e que deve ser transportada em todos os momentos, em serviço e fora dele, focou-se especial atenção no desenvolvimento do tiro com este tipo de armamento. Foram executadas seis tabelas de tiro de pistola, passando do tiro de precisão para o dinâmico e introduzindo conceitos de saque rápido e transição para a Espingarda G3 e a partir desta.

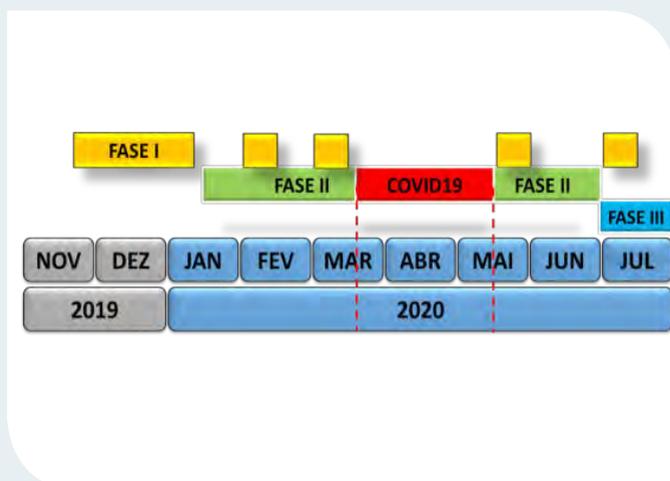
Sabendo que em TO o armamento principal que equipa os Pelotões é a Metralhadora Média M240 (similar à FN-MAG 7,62mm), foram executadas um conjunto de tabelas propostas, tendo em conta que não faziam parte do SAFE, permitindo o incremento da capacidade de tiro por parte dos militares. Estas tabelas passaram por incluir conceitos de tiro elevado e em viatura blindada. No capítulo dos exercícios, estes materializaram a consolidação e validação dos conhecimentos adquiridos em cada uma das fases.

O Exercício KANDAHAR 201, realizado entre 27 e 31 de janeiro de 2020, na Escola das Armas, consistiu na validação das TTP de Combate em Áreas Urbanas ao nível de Unidade Escalão Secção, com a integração das Viaturas Blindadas de Rodas (VBR). Aliado a isto introduziu-se o Tiro de Combate, executando treino de técnica apoiado nos simuladores de tiro disponíveis, validando essa técnica em Carreira de Tiro, na execução da tabela de Tiro de Combate Reativo.

No Exercício KAIA 201, que ocorreu de 17 a 21 de

fevereiro de 2020, na região de Santa Margarida e Tancos, foram certificadas as TTP na área do *Chemical, Biological, Radiological and Nuclear Defense* e do *Counter Improved Explosive Device*, integrando nesta última as VBR. Paralelamente a isto, manteve-se o foco no Tiro de Combate, executando as tabelas de tiro de armas coletivas (FN-MAG) de forma a capacitar os apontadores da Força.

Com a finalidade de aproveitar as infraestruturas de tiro, realizou-se entre 02 e 06 de março no Regimento de Infantaria n.º 19, em Chaves, uma semana de treino operacional. Neste período foram executadas as restantes tabelas de tiro de espingarda preconizadas no SAFE. Concorrente a este momento de tiro e dinamizando as infraestruturas e áreas de treino deste Regimento, as subunidades mantiveram o treino das tarefas orientadas para a missão, com o incremento das



**Figura 5** - Fases do Aprontamento da 5FND/QRF/RSM.

formações de detenção e algemagem e utilização do binómio canino, ministradas por militares do Regimento de Lanceiros n.º2.

Com a realização do Exercício KABUL START 201, no RI13, pretende-se validar o treino dos Pelotões, treinar os procedimentos a serem utilizados no *Kaia North Operations Centre*, bem como a ligação deste

com os Pelotões, utilizando um ritmo de treino o mais aproximado possível ao utilizado no TO.

A fim de contribuir para um entendimento mais próximo do real, foi executada mentoria aos *Key Leaders* da 5FND/QRF/RSM através de elementos das FND anteriores. A par disto, foi realizada uma pré-avaliação ao comando da 5FND/QRF/RSM, por parte de elementos do Comando do RI13, preparando-a para a CREVAL do exercício seguinte.

No Exercício KABUL 201 são validadas as tarefas da Força no que respeita aos cenários mais prováveis em TO a par de uma avaliação da documentação necessária pela IGE. No final, a Força é considerada *Combat Ready*, cumprindo com o objetivo principal deste aprontamento, estando pronta a ser projetada para TO no mês de julho de 2020.

### TREINO FÍSICO

Como fator transversal à condição militar, o treino físico assumiu um valor acrescentado neste aprontamento. Com a introdução, através do SAFE, de novas dinâmicas, foi planeado e executado um plano de treino físico motivante e adequado ao treino operacional, através de sessões sequenciais, regulares, diversificadas e de dificuldade progressiva. Os objetivos principais deste plano são orientados para a evolução das capacidades físicas dos militares, prevenção de lesões e traumas, durante o aprontamento e mesmo no TO, para além de manter os níveis desejados de condição física para o cumprimento da missão. As sessões diárias de treino físico focavam-se em quatro áreas de abordagem: resistência; força; flexibilidade; e capacidades coordenativas.

A avaliação deste plano de treino físico consistiu em quatro controlos físicos, substituindo as Provas de Aptidão Física, realizados em quatro momentos durante o aprontamento. O Controlo 1 foi realizado no primeiro dia de aprontamento para verificar o estado da Força,

o Controlo 2 e 3 foram realizados com espaçamento de dois meses e o Controlo 4 realizado no final da Fase II do aprontamento e antes da projeção.

Estes controlos consistiam em seis exercícios de avaliação, passando transversalmente pelas áreas de abordagem anteriormente referenciadas, em que a avaliação era quantitativa. Cada um desses exercícios tinham uma correlação numa escala de 0 a 100 pontos, em que os 60 pontos eram o mínimo para ser considerado válido e ser classificado no nível 1. No final era feita a média aritmética de todos os exercícios, obtendo uma classificação de 0 a 100 pontos e estando correlacionado com o respetivo nível (em que o mínimo se mantinha nos 60 pontos-nível 1). O nível 1 era o mais baixo e o nível 3 o mais alto, sendo desejável que a força se enquadrasse no intervalo entre o nível 2 e 3. A particularidade deste controlo é que não existiam diferenciações entre idade e género, tendo apenas uma tabela de avaliação, permitindo uma correta abordagem do que deve ser a condição física de uma Força de combate e fomentando a evolução da condição física entre os militares.

Os exercícios de avaliação no controlo físico consistiam nos seguintes:



**Figura 6** - Tiro no Exercício KAIA. 201.

- Arremesso de bola medicinal (4kg) à retaguarda- Neste exercício, para aceder ao nível 2 (mínimo desejável) o militar tem de lançar a bola a uma distância no mínimo de 8,5 metros;
- Extensão de braços com salto e extensão (*Burpees*)- Neste exercício, com limite de dois minutos, para aceder ao nível 2 são necessárias 20 repetições;
- *Sprint*, Carrega e Arrasta - Neste exercício são feitos 10 *sprints* em troços de 25 metros (no total de 250 metros), nos quais, 50 metros servem para arrastar uma carga de 40 metros e noutros 50 metros carregar dois cunhetes com 20kg/ cada. Para aceder ao nível 2, o tempo necessário é de 2' e 10";
- Flexões de Braços na barra com joelhos aos cotovelos (*Knees to elbows*) - Neste exercício feito na barra, o militar deve executar flexão na barra seguida de toque dos dois joelhos nos cotovelos. O mínimo de repetições para aceder ao nível 2 é de cinco repetições;
- Teste *Cooper* - Neste exercício de corrida a distância mínima (em 12') para aceder ao nível 2 é de 2750 metros;
- Senta e Alcança- Neste exercício, o militar deve estar sentado no chão, com as pernas esticadas e respetivos pés em contacto com uma caixa de medição. À vontade, terá de fletir o tronco de forma a alcançar o máximo de amplitude com os braços e mãos esticadas passando o nível dos pés. Para aceder ao nível 2 o militar tem de passar o nível dos pés em 21cm.

Esta nova abordagem ao treino físico e respetiva avaliação veio incrementar o foco na robustez física. A perceção que o treino e o cuidado com o corpo não se esgotam nas sessões de treino físico planeadas, foram assimiladas por todos os militares, fomentando o

espírito de sacrifício e motivacional da força.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aprontar uma força desta tipologia encerra um conjunto de desafios transversais a todos os níveis, que não se esgotam no cumprimento das tarefas diárias.

Desde a ação descentralizada aos mais baixos escalões, que incrementa a maturidade, o bom senso, a imparcialidade e a capacidade de liderança, passando pelas tarefas diferenciadas entre Unidades Escalão Pelotão que enfatizam o foco do comandante na adequação dos recursos e aplicação do treino específico de forma a responder eficazmente aos objetivos esperados. Mas acima de tudo, criar uma direção comum no sentido de fomentar o sentimento de pertença à Força e à sua missão.

Aliado a isto, o novo SAFE veio garantir uma uniformização e adequação do aprontamento para o TO em questão, integrando a intenção do comandante com a do escalão superior, permitindo a mesma linguagem entre a Força e todos os atores intervenientes no aprontamento.

Apesar do constrangimento que o período de pandemia COVID-19 trouxe ao país e consequentemente a esta Força, subemos adequar as dinâmicas internas de forma a garantir a continuidade da prontidão da Força. Por tudo isto, pela capacidade e motivação dos militares desta força e pelo comprometimento de toda a estrutura do Exército Português, podemos afirmar que o aprontamento da 5FND/QRF/RSM a tornou numa força credível que saberá dar o seu melhor na missão além-fronteiras.



**Figura 7** - Flexões na barra com joelhos aos cotovelos.



**Figura 8** - Sprint/carrega e arrasta.



**“o foco do Comandante na adequação dos recursos e aplicação do treino específico de forma a responder eficazmente aos objetivos esperados.”**

# APRONTAMENTO DO 5NSE/RSM PARA O TO DO AFGANISTÃO

O Regimento de Infantaria n.º13 recebeu a missão de aprontar o 5.º *National Support Element* para a missão da *Resolute Support* (5NSE/RSM) no Teatro de Operações (TO) do Afeganistão, constituindo-se assim como Unidade Mobilizadora para esta tarefa.

O 5NSE/RSM tem como principal tarefa garantir o apoio administrativo e logístico, de forma equitativa e proporcional, a todos os militares portugueses na RSM, salvaguardando as necessidades específicas de cada força, e assim libertar os Comandantes das várias forças presentes no TO das diversas tarefas de planeamento e execução nesse âmbito.

O 5NSE/RSM conta com um total de 16 militares, seis oficiais, seis sargentos e quatro praças provenientes de várias unidades da Brigada de Intervenção e do Exército. O 5NSE/RSM é constituído pelo Comando, Módulo de Recursos, Módulo de Finanças, Módulo de Transmissões, Módulo de Manutenção e Módulo Sanitário.

O aprontamento do 5NSE/RSM decorreu de acordo com as seguintes três fases:

Fase I – Aprontamento administrativo-logístico;

Fase II – Treino orientado para a missão;

Fase III – Preparação para a projeção. Durante o aprontamento foram realizados um conjunto de exercícios que contribuiriam para a preparação da Força, dos quais se destacam o Exercício KANDAHAR,



**IVO PEREIRA**

CAP INF

CMDT DO 5NSE/RSM

decorrido entre 27 a 31 de janeiro de 2020 na Escola das Armas, o Exercício KAIA, de 17 a 21 de fevereiro de 2020 no Campo Militar de Santa Margarida e Tancos, o Exercício KABUL START e o Exercício KABUL 201.

Sendo o aprontamento o treino vocacionado para a preparação dos militares com vista a desenvolver capacidades para melhor poderem cumprir as tarefas a realizar no TO, tentou-se que a força atingisse uma elevada capacidade técnica, por isso o treino assentou no desenvolvimento de três vetores: a proficiência técnica; o desembaraço físico e a robustez psicológica. A compreensão das tarefas individuais e responsabilidades associadas a cada cargo a desenvolver no TO, tornaram-se fundamentais para o sucesso do treino orientado para a missão. Durante o aprontamento desenvolveu-se um conjunto de tarefas que catalizaram o seu sucesso, das quais se destacam as seguintes:

- Integração de todos os militares provenientes de outras Unidades no 5NSE/RSM, fazendo-os sentir como parte de uma só força. Esta tarefa foi importante pelo facto dos militares que constituem o 5NSE/RSM serem provenientes de sete Unidades militares, tendo sido necessário



**Figura 1** – Artigos de Fardamento para distribuição pelos militares em aprontamento.

uma integração eficaz para que existisse um desenvolvimento do sentimento de pertença ao grupo, sem discriminação ou diferenças;

- Garantir em tempo oportuno todos os procedimentos administrativo-logísticos (fardamento, passaportes, aprontamento sanitário, etc...) necessários para o aprontamento e projeção da Força. O aprontamento visa também simular, em contexto real, todas estas tarefas que se enquadram nas atividades a desenvolver no TO, em proveito e em coordenação com a 5.<sup>a</sup> Força Nacional Destacada, *Quick Reaction Force* (5FND/QRF/RSM), aumentando assim a proficiência do 5NSE/RSM;
- Simular em Território Nacional os relatórios, documentos e relações funcionais com os respetivos Órgãos Centrais de Administração e Direção, a fim de criar as rotinas necessárias para o TO;
- Consciencialização permanente e rigorosa sobre os aspetos de segurança, que permitiu a aplicação do realismo e de padrões de exigência, através do acompanhamento da situação no TO;
- Clara definição das responsabilidades individuais e tarefas a desempenhar por cada elemento

do 5NSE/RSM. Esta preocupação materializada desde início do aprontamento ajudou de forma considerável todos os militares a melhor compreenderem o seu papel no seio do grupo;

- Criar dinâmicas funcionais com a 5FND/QRF/RSM a fim de treinar as tarefas atribuídas de uma forma real e simulando as dinâmicas do TO. Os Comandantes do 5NSE/RSM e da 5FND/QRF/RSM estabeleceram um objetivo comum que seria simular as dinâmicas de trabalho durante aprontamento semelhantes ao TO. Esta situação permitiu criar dinâmicas entre os militares do 5NSE/RSM e da 5FND/QRF/RSM que se acredita



**Figura 2** – Militares do 5NSE/RSM no Aprontamento Sanitário.

serem fundamentais para o cumprimento da missão no TO.

Durante o aprontamento foram ainda acautelados os adequados níveis no âmbito do treino físico e do tiro, pilares fundamentais de qualquer militar do nosso Exército. Tendo por base o Sistemas de Aprontamento de Forças do Exército foram realizadas um conjunto de atividades para o desenvolvimento das capacidades físicas e evolução na técnica de tiro dentro do 5NSE/RSM, criando-se as condições necessárias dentro destas áreas para a projeção dos militares para o TO.

Durante o aprontamento uma das maiores dificuldades encontradas foi a disponibilização de transportes administrativos para os movimentos do 5NSE/RSM e da 5FND/QRF/RSM. Para que fosse possível criar essas condições, respeitando as regras de segurança e diretivas superiores, obrigou o 5NSE/RSM a um planeamento detalhado para identificar opções de meios para satisfazer as necessidades do aprontamento de ambas as forças. Esta situação revelou-se morosa, que forçou a alocar efetivos adicionais a estas tarefas, obrigando ao ajustamento de outras tarefas e a

rearticulação de recursos humanos.

Com um aprontamento que durou cerca de oito meses, devido à situação particular do COVID-19, o 5NSE/RSM encontra-se pronto para cumprir a sua missão no TO do Afeganistão, esperando honrar o nome do Exército e de Portugal em terras Afegãs.



**Figura 4** – Militares do 5NSE/RSM numa sessão de tiro.



**Figura 3** – Militares do 5NSE/RSM no Exercício KAIA 201.



UN

FURY

604

UN

605

UN

606

UN

# O DESTACAMENTO DE ENGENHARIA DO RE3 NO TO REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA

Em termos doutrinários, a Engenharia apresenta como missão geral, o aumento do potencial de combate das forças em campanha, através da realização de trabalhos de engenharia, nos quais se enquadram o melhoramento das condições de vida das nossas forças. Uma das formas de alcançar este melhoramento materializa-se pela construção de diversas infraestruturas que satisfaçam as necessidades elencadas como necessárias num determinado local.

Neste contexto, no período compreendido entre os dias 21 de junho a 12 de setembro de 2019 foi projetado para o Teatro de Operações (TO) da República Centro-Africana (RCA) um Destacamento de Engenharia do Regimento de Engenharia n.º3 (RE3), constituído por um Oficial, um Sargento e 10 Praças, com a missão de execução de diversos trabalhos necessários no Campo M'Poko, em Bangui, local onde se encontra aquartelada a Força Nacional Destacada (FND) que constitui a *Quick Reaction Force* (QRF) da *United Nations Multidimensional Integrated Stabilization Mission in the Central African Republic* (MINUSCA), na qual estão integrados um conjunto de militares e equipamentos pertencentes ao Módulo PANDUR, da Brigada de Intervenção (BrigInt).

Estes trabalhos foram executados com o objetivo de



**JOSÉ LAMEIRÃO**

TEN ENG

CMDT DO MÓDULO ENG/RCA

obter os requisitos mínimos para a manutenção das capacidades de operação dos equipamentos e viaturas em missão, materializando-se na construção de um conjunto de infraestruturas que passaram a garantir a sustentabilidade das Viaturas Blindadas de Rodas (VBR) PANDUR II 8x8 e HMMWV, projetadas para aquele TO, como reforço das capacidades operacionais da QRF MINUSCA.

Estes trabalhos incluíram a construção de:

- Um parque coberto para as VBR PANDUR II 8x8;
- Um parque coberto para as viaturas HMMWV;
- Um parque coberto para as viaturas de outras tipologias existentes no TO;
- Uma tenda oficina dedicada à manutenção das VBR PANDUR II 8x8, com a respetiva rede elétrica;
- Uma tenda utilizada como terminal FND, com a respetiva rede elétrica.

Tanto as tendas como os cobertos são constituídos por estruturas metálicas e telas de PVC, que permitem a redução da exposição das viaturas às condições meteorológicas adversas, como o sol e por vezes chuvas intensas, características deste TO.

Os trabalhos foram realizados durante um período de três meses, que cumpriram a seguinte ordem de trabalhos:

- Com recurso a equipamentos pesados de movimentação de terras procedeu-se à limpeza do terreno e escavação;
- Execução *in situ* de 51 fundações de betão armado, para as tendas e para os cobertos, que implicaram os respetivos trabalhos de corte, dobragem e montagem de armaduras de ferro;
- Betonagem, num total de cerca de 60 m<sup>3</sup>;
- Montagem das referidas estruturas metálicas e telas de PVC;
- Montagem da rede elétrica das duas tendas, destinada ao diverso equipamento oficial existente;
- Compactação e melhoramento dos solos.

O parque destinado às VBR PANDUR II 8x8 é constituído por quatro módulos de cobertos metálicos, o das viaturas HMMWV por 11 módulos e o das restantes viaturas por três módulos, perfazendo assim um total de 18 módulos com capacidade para oito VBR PANDUR II 8x8, 22 HMMWV e seis viaturas de outras tipologias. Relativamente às tendas, que apenas diferem nas

dimensões, permitem a criação de espaços cobertos de 20mx20m para oficina e 20mx15m para terminal FND. A totalidade dos trabalhos materializou-se numa área de implantação de cerca de 2.085m<sup>2</sup>. Em termos de construção de fundações em betão armado, estas materializam-se numa área de implantação de cerca de 115m<sup>2</sup>, sendo para isso necessários trabalhos de escavação de cerca de 105m<sup>3</sup> de solo.

De forma a possibilitar a realização da missão no apoio aos diversos trabalhos de escavação, compactação e melhoramento do solo e trabalhos em altura, contou-se com o apoio da Companhia de Engenharia, do Exército Indonésio, que disponibilizou os diversos equipamentos pesados de engenharia necessários à realização de todas as tarefas descritas.

Este apoio à QRF MINUSCA, tratou-se de uma demonstração clara de uma das capacidades da Engenharia Militar, na sua vertente de Construções, que muito fez honrar o lema do RE3, "NÃO MENOS NOS ENGENHOS QUE NA ESPADA", bem representativo do espírito de missão que caracteriza todos os militares desta Unidade da BrigInt.



**Figura 1** – Parque coberto destinado às viaturas HMMWV.



**Figura 2** – Tenda terminal FND.



**Figura 3** – Betonagem.



**Figura 4** – Destacamento de Engenharia do RE3 no TO da RCA.



# CONDUTA DO MÓDULO PANDUR NO TO DA REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA

## ORGANIZAÇÃO DO MÓDULO PANDUR

A título introdutório, importa referir que a Força de Reação Rápida (QRF) Portuguesa da Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização da República Centro-Africana (MINUSCA) é uma Força de reserva que o Comandante da MINUSCA tem a seu comando, podendo ser empregue em todo o Teatro de Operações (TO) da República Centro-Africana (RCA). A 5.ª Força Nacional Destacada (5FND/QRF/MINUSCA) foi constituída por 180 militares, organizados em: um Comando e Estado-Maior, um *Tactical Air Control Party* (TACP) da Força Aérea Portuguesa, um Módulo PANDUR, uma Companhia de Manobra, a três Grupos de Combate e um Destacamento de Apoio correspondente à parte proporcional do Apoio de Serviços.

O Módulo PANDUR era constituído por 10 militares (um oficial, três sargentos e seis praças) organizados em quatro Viaturas Blindadas de Rodas (VBR) PANDUR II 8X8, correspondentes a duas versões diferentes: duas *Infantry Carrier Vehicle* (ICV) e duas *Remote Weapon Station* (RWS). Na versão ICV, a guarnição era constituída por um chefe de viatura e um condutor. Na versão RWS, por um chefe de viatura, um condutor e um apontador. Além das quatro VBR PANDUR do Módulo PANDUR, existiam as VBR PANDUR II 8X8 *Recovery*



**HUGO OLIVEIRA**

TEN CAV

CMDT DO MÓDULO PANDUR

(RV) e VBR PANDUR II 8X8 Ambulância (AMB) que pertenciam ao Destacamento de Apoio.

## EMPENHAMENTO DO MÓDULO PANDUR

Em situações normais e sendo a 5FND/QRF/MINUSCA uma Força de reserva do Comandante da MINUSCA, esta não é empregue em missões de patrulhamento ou em *checkpoints* dentro da capital. Apenas compete à 5FND/QRF/MINUSCA o cumprimento de tarefas diárias, como reuniões no *Headquarter* (HQ) da MINUSCA, a aquisição de recursos, materiais ou sobressalentes nas Bases Logísticas da MINUSCA, abastecimentos de viaturas, entre outros. Logicamente, para cada um destes movimentos diários existia uma escolta garantida por elementos da Companhia de Manobra, escoltas estas que eram apenas efetuadas por viaturas *High Mobility Multipurpose Wheeled Vehicle* (HMMWV). Sendo as VBR PANDUR viaturas muito volumosas, o nível de ameaça na capital baixo e o risco de acidente contra civis elevado, não se justificava o emprego destas viaturas na capital para tarefas de rotina. No entanto, diariamente era constituída uma *Immediate Response Force* (IRF), com um estado de prontidão de 15 minutos, de modo a ser empregue caso acontecesse

algum incidente a elementos portugueses nestes movimentos diários. Esta IRF era constituída por três HMMWV, uma VBR PANDUR ICV, uma VBR PANDUR RV e uma VBR PANDUR AMB.

Além de constituir diariamente a IRF, o Módulo PANDUR cumpria ainda as tarefas diárias e semanais, sempre com vista ao objetivo fundamental de uma QRF: estar constantemente preparado e em condições operacionais para ser empregue a qualquer momento. Desta forma, as viaturas, o armamento, o equipamento, os materiais e a palamenta tinham de estar sempre em condições de serem empregues, carregadas conforme o plano de carregamento, com as verificações semanais e mensais efetuadas. Paralelamente, havia instruções diárias/semanais sobre atualizações da situação do país, procedimentos durante movimentos táticos, explicação das Regras de Empenhamento, treinos de Técnicas, Táticas e Procedimentos (TTP), entre outros. Além disso, eram efetuados treinos para aperfeiçoar a proficiência técnica, treinos de municiamento das metralhadoras pesadas, de calibramento do sistema RWS, de *Tactical Combat Casualty Care* (TCCC), treinos de técnicas de reboque e recuperação de viaturas, operação dos sistemas de transmissões, etc, pois os equipamentos eram diferentes, sendo por isso importante aperfeiçoar os procedimentos dia após dia. Por último, mas igualmente importante, fazíamos treino físico diário orientado para a componente militar, para garantir que estávamos em condições físicas e mentais para qualquer que fosse a missão a cumprir.

#### **PROJEÇÃO DA 5FND/QRF/MINUSCA**

A 5FND/QRF/MINUSCA era projetada para uma parte do país quando a instabilidade nesse território aumentava e as forças de setor não tinham capacidade para controlar a situação. As viagens eram normalmente muito longas (cerca de um dia para fazer 100 km), as estradas eram de difícil traficabilidade, com



**Figura 1** – Travessia de uma ponte.

pontes degradadas, muito pó, muito calor e muito cansaço acumulado para os militares (principalmente os condutores). As VBR PANDUR demonstraram ser viaturas com grande capacidade de mobilidade todo-o-terreno, bons meios de comunicação, muito cómodas para os militares da guarnição e com boa capacidade de transporte e até mesmo para rebocar/recuperar outras viaturas. A nível mecânico, apresentaram alguns problemas (principalmente electrónicos), mas nada que comprometesse a missão e que não fosse resolúvel havendo sobressalentes disponíveis. O principal problema do emprego das VBR PANDUR no TO eram as passagens em cursos de água, pois nem sempre existiam passagens a vau e nem sempre as pontes tinham as condições adequadas para uma viatura com elevada tonelagem.

Chegando ao objetivo, normalmente ficávamos



instalados junto a bases da MINUSCA, onde eramos responsáveis pela nossa própria segurança, formando para tal um perímetro com as viaturas blindadas num círculo exterior e as não blindadas e tendas, num perímetro interior. As VBR PANDUR tinham um papel importante neste dispositivo, sendo normalmente colocadas na parte mais vulnerável do mesmo, ficando as armas sempre montadas. Havia uma preocupação permanente com a segurança e tínhamos sempre um grupo responsável pela segurança, outro em operações e um terceiro, constituindo-se como IRF.

### **MÓDULO PANDUR EM OPERAÇÕES**

Das vezes que fomos chamados a intervir nas regiões de Bouca (300 km de Bangui) e posteriormente na região de Bocaranga (600 km de Bangui) a missão primordial da 5FND/QRF/MINUSCA foi proteger os civis, repelindo os elementos dos Grupos Armadas da região, recolher informações sobre a sua presença e efetuar

patrulhamentos e ações de demonstração de força. Numa fase inicial, em que entrávamos numa determinada aldeia pela primeira vez, a missão era atribuída a um Grupo de Combate juntamente com o Módulo PANDUR. A lógica era sempre a mesma, inicialmente era feito um reconhecimento aéreo e só depois da monitorização dos drones entravam as tropas no terreno. Não houve uma única vez que não entrássemos em terreno desconhecido sem que as duas RWS fossem à frente (cerca de 30 metros dos HMMWV) e só depois seguia o remanescente do dispositivo. Com todas as escotilhas fechadas, a guarnição totalmente protegida no interior da viatura, o sistema RWS a monitorizar às mais longas distâncias, o seu poder dissuasor, poder de choque e poder de fogo, estas viaturas foram sempre os olhos e os ouvidos da 5FND/QRF/MINUSCA e o primeiro escudo antes de apeiar a tropa no terreno. As ICV eram normalmente usadas para transporte de uma Equipa de Comandos (permitindo ao comandante de esquadra comandar a equipa totalmente completa quando apeada, algo que não acontece nos HMMWV pois o condutor e apontador ficam na viatura), transporte de membros das Nações Unidas ou das Forças Armadas Centro-Africanas (membros especializados para estabelecer contacto com a população autóctone e recolher informações), ou até para transporte de membros que operavam os drones (era mais prático e seguro operar os drones dentro da viatura com uma escotilha aberta). Indubitavelmente, o Módulo PANDUR era totalmente atribuído a um Grupo de Combate, nunca sendo empregue isoladamente, excetuando as raras as vezes que foi atribuída uma viatura a cada Grupo de Combate.

Fazendo uma retrospectiva daquilo que foi a nossa missão na RCA e nos primeiros meses de experiência da VBR PANDUR no continente africano, o balanço é unanimemente positivo, se considerarmos o Módulo PANDUR e as VBR PANDUR como um complemento à Companhia de Manobra. São viaturas com excelente

capacidade todo-o-terreno, enorme capacidade de proteção balística, poder de choque, poder de fogo, que podem funcionar como meio dissuasor, com boa capacidade de transporte, bons sistemas de comunicação, além de as RWS permitirem a monitorização através dos seus aparelhos ópticos e térmicos às mais longas distâncias. O Módulo PANDUR, podendo ser autónomo, tem capacidade para transportar um Grupo de Combate completo, possibilitando ao respetivo comandante dispor de todos os seus militares apeados no terreno caso haja essa necessidade.

Nos dias que decorrem e neste tipo de TO com um risco associado, é uma mais-valia para um Comandante ter à sua disposição sistemas de armas com esta capacidade de proteção, de modo a garantir o cumprimento da missão e a integridade física e moral daqueles que estão sob seu comando.



**Figura 3** – Forças da PRT/QRF em trânsito na cidade de Bangui.



**Figura 2** – Passagem de um curso de água a vau.

# NATO TAILORED FORWARD PRESENCE UMA EXPERIÊNCIA EM MISSÃO NA ROMÉLIA

## GENERALIDADES E ENQUADRAMENTO

O presente artigo visa a partilha de um testemunho acerca da experiência construída em missão ao serviço de Portugal, durante o 2.º semestre de 2019, na Roménia.

A ligação da Brigada de Intervenção (BrigInt) a esta missão internacional decorre diretamente da afiliação de um Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas (BIMecRodas) à *Multinational Brigade South-East* (MNBDE-SE), enquanto Quartel-General (QG) da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) de nível Brigada sediado naquele país, sendo esta a razão pela qual a BrigInt foi simultaneamente responsável pela indigitação de Elementos Nacionais Destacados (END), sucessivamente projetados para o Teatro de Operações (TO) da Roménia entre meados de 2017 e o final de 2019.

Com o propósito de contextualizar tal contributo nacional sob a égide da Aliança no leste europeu, importa reportar aos acontecimentos de 2014, na Ucrânia, que levaram à adoção de resoluções relevantes por parte da OTAN, em particular as progressivas decisões decorrentes das cimeiras de Gales e Varsóvia (ocorridas respetivamente em 2014 e em 2016), e o seu alinhamento com o denominado *Readiness Action Plan*<sup>1</sup>.



**LUÍS LARANJO**

TCOR ART

SNR NA MISSÃO OTAN tFP

As medidas ulteriores levadas a efeito, motivaram um incremento em termos de presença da Aliança no flanco leste europeu, dando origem à projeção de diversas unidades, prontas para combate, para os países do Báltico e para a Polónia, bem como à implementação de novos QG Multinacionais de nível Divisão e Brigada, na Roménia. Tais medidas, assumem a designação de *Enhanced Forward Presence* (eFP) no que respeita à Estónia, Letónia, Lituânia e Polónia, e ainda de *Tailored Forward Presence* (tFP) para a região do Mar Negro, esta essencialmente centrada na Roménia, mas cuja área de responsabilidade abrange o território da Bulgária. Ambas iniciativas visam reforçar a capacidade de dissuasão e ao mesmo tempo promover o treino e a interoperabilidade entre aliados e parceiros.

## A TAILORED FORWARD PRESENCE E A MULTINATIONAL BRIGADE SOUTH-EAST

Ao nível da tFP a OTAN integrou na sua *Force Structure* (NFS) os novos QG da *Multinational Division South-East* (MND-SE), em Bucareste, e da previamente referida MNBDE-SE, em Craiova, ambos na Roménia. Estes são já detentores de certificação após terem sido submetidos

a processos de avaliação da prontidão para o combate, encontrando-se o QG da MNDE-SE subordinado ao *Joint Force Command Naples* e tem na sua dependência o QG MNBDE-SE.

Sendo essencial aprofundar aspetos de detalhe acerca da MNBDE-SE para a boa compreensão do presente texto, cumpre dar conta que este é o único Comando de nível Brigada inserido na NFS desde a sua ativação como QG internacional em julho de 2017, cuja génese decorre de uma Brigada Rovine, já existente na estrutura romena e sediada em Craiova nas mesmas instalações. Tem como atribuição fundamental garantir o treino e a integração de unidades da Aliança, e ainda a condução de operações enquadradas pela MND-SE. No entanto, a par do estatuto de QG da OTAN, acumula, no quotidiano das suas atribuições e tarefas, a responsabilidade inerente a uma Brigada de Infantaria, cuja organização



**Figura 1** – QG OTAN na Roménia (tFP).

não se limita apenas ao seu QG e à subunidade de apoio, mantendo assim na sua dependência uma estrutura tipificada de forças para este escalão tático, às quais acrescem as seguintes forças afiliadas:

- 38.º Batalhão de Infantaria (Bulgária);
- 1.º Regimento de Cavalaria (Itália);
- 2.º Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas (2BIMecRodas) (Portugal).

## **PARTICIPAÇÃO NACIONAL NA TAILORED FORWARD PRESENCE**

Manifestada a vontade romena numa participação nacional na tFP e acedida no âmbito da política externa portuguesa, a Diretiva Operacional N.º 35/CEMGFA/2017, de 28 de julho, vem definir a modalidade de participação das Forças Armadas, consubstanciada em duas vertentes:

- Assegurando o preenchimento de cargos na estrutura orgânica do QG da MNBDE-SE através de END;
- Afiliando a este QG um BIMecRodas, que em caso de ativação deverá constituir-se como Força Nacional Destacada (FND).

## **OS ELEMENTOS NACIONAIS DESTACADOS**

No cumprimento das determinações constantes da Diretiva Operacional N.º 35/CEMGFA/2017 e dos memorandos de entendimento posteriormente firmados, o Exército Português centrou o contributo nacional nas áreas do treino e operações, projetando em 2017 três oficiais superiores como END junto do QG MNBDE-SE, em Craiova, com vista a ocupar os seguintes cargos:

- Chefe da Repartição de Treino e Exercícios (G7) (Cor/TCor);
- Chefe da Secção de Operações Futuras, da Repartição de Operações (G3) (TCor/Maj);
- Chefe da Secção de Planos Correntes, da Repartição de Planos (G5) (TCor/Maj).

Ao tratar-se de um Comando muito orientado para as atividades de treino de forças, constata-se que Portugal detém cargos de relevância, cujo exercício exige a coordenação de equipas e processos complexos em ambiente multinacional. Como resultado, é como agrado que, os sucessivos titulares foram reconhecidos pelos pares e pelos superiores, merecendo a sua consideração e reconhecimento pelo trabalho desenvolvido.

No que concerne a estes cargos as circunstâncias

retratadas mantiveram-se até ao 3.º trimestre de 2018, após o que Portugal reorganizou o modelo da sua participação, através da Diretiva Operacional N.º 35/CEMGFA/2017 ALT 1, de 7 de novembro de 2018. Com ela, procedeu-se à transferência permanente de um dos elementos nacionais, de Craiova para Bucareste, visando prover o lugar de Chefe da Secção de *Imagery Intelligence* (IMINT) - G2 - no QG MND-SE, ao mesmo tempo que o cargo de Chefe da Secção de Planos Correntes (G5) no QG MNBDE-SE, deixou de ser ocupado. Tal permitiu colocar as cores nacionais em mais um QG da OTAN e alargar a nossa esfera de ação à área das informações, com relevo para a especificidade e natureza das matérias tratadas nesse domínio, naquela região, face ao contexto geral de segurança em apreço. A terceira rotação de END ocorreu no início de julho de 2019, composta pelos seguintes militares:

- TCOR ART Luís Ferreira Laranjo, do Regimento de Artilharia n.º 5 (Vendas Novas), como Chefe da Repartição de Treino e Exercícios da MNBDE-SE e Senior National Representative (SNR)<sup>2</sup>;
- MAJ INF Bruno Lobão de Moura, do Regimento de Infantaria n.º 13 (Vila Real), como Chefe da Secção de Operações Futuras do G3 da MNBDE-SE;
- MAJ TM Jorge Nobre Marques, do Comando da BrigInt (Coimbra), como Chefe da Secção de IMINT no G2 do MND-SE.

### AFILIAÇÃO DE FORÇAS

Quanto à afiliação de forças, esta responsabilidade foi atribuída à BrigInt, que designou para o efeito o 2BIMecRodas, do Regimento de Infantaria n.º 14, em Viseu.

Este batalhão tem vindo assim a materializar o intercâmbio de treino com a presença assídua no exercício anual da MNBDE-SE, da série SCORPIONS LEGACY<sup>3</sup>, do que se destaca a profícua relação de

trabalho que tem vindo a ser construída ao longo dos últimos três anos.

Relativamente à condução do Exercício SCORPIONS LEGACY 19, realizado entre 21 de outubro e 14 de novembro no *Joint National Training Center*, junto à povoação de Cincu, na região centro da Roménia (Transilvânia) e que envolveu cerca de 1500 militares de oito nações, importa referir que a presença dos



**Figura 2** – Apresentação de cumprimentos ao Comandante da MNBDE-SE, BGen Christian Dan.

militares nacionais foi muito apreciada pelo Comando da MNBDE-SE, fruto do empenhamento e profissionalismo demonstrados. Coube aos END o papel de facilitadores em toda a ligação e coordenações efetuadas entre a MNBDE-SE e a BrigInt, bem como a representação nacional em diversos momentos, quando para tal foram designados.

Acresce referir que os militares portugueses utilizaram as viaturas PIRANHA romenas (viaturas blindadas de transporte de pessoal), com condutor e chefe de viatura, disponibilizados pelas unidades romenas numa interação exemplar.

A companhia do contingente Polaco, que está em permanência na Roménia, participou com as suas viaturas ROSOMAK, tal como os italianos do Regimento

de Cavalaria III, que projetaram do seu país e por via férrea, as viaturas CENTAURO.

Entre 3 e 5 de novembro o Comandante da BrigInt, o BGen Matos Alves, visitou o exercício e todos militares nacionais.

### ATIVIDADES DO G7 NO QUARTEL-GENERAL DA MULTINATIONAL BRIGADE

No sentido da partilha de uma experiência construída em missão ao serviço de Portugal, consideramos ser de interesse abordar os aspetos mais significativos da função desempenhada enquanto Chefe da Repartição de Treino e Exercícios (G7). Assim, enquanto G7, e para além das rotinas de trabalho próprias da função (as quais não diferem especialmente da realidade nacional e onde se incluem a participação no *battle rhythm* semanal do QG, brífingues diversos e visitas), foi assegurada a coordenação de uma equipa multinacional constituída por oito elementos (Canadá - um TCor/ Itália - um TCor/ Bulgária - dois Maj/ Roménia - um Maj + três SCh) repartidos pelas três secções subordinadas: Secção de Treino; Secção de Exercícios; Secção de Lições Aprendidas.

Estas áreas permitiram ao G7 a superintendência direta de diversas matérias relevantes, nomeadamente:

- O processo de planeamento dos exercícios SCORPIONS LEGACY 19 e SCORPIONS LEGACY 20, e respetivas *milestones* que tiveram lugar durante o período da missão, destacando-se em particular a *Final Planning Conference* e os Seminários Académicos do SCORPIONS LEGACY 19 e também a *Initial Planning Conference* do SCORPIONS LEGACY 20;
- A estrutura multinacional *Exercise Control* durante a fase de execução do SCORPIONS LEGACY 19, programando e articulando as componentes de *Command Post Exercise/Computer Assisted Exercise*, *Field Training Exercise* e *Live Fire*

*Exercise* (este último incluiu a inserção de meios aéreos de asa fixa e helicópteros);

- A elaboração do Plano Geral de Treino da MNBDE para 2020;
- A programação da inspeção de todas as atividades de treino dos batalhões e companhias independentes romenos, atribuídos à MNBDE;
- A ligação e articulação com as unidades afiliadas à MND para efeitos de treino (Portugal, Itália e Bulgária);
- A produção de uma "Lista de Lições Identificadas para Ação", com especial incidência durante o Exercício SCORPIONS LEGACY 19, e em sequência elaboração de um plano geral de revisão das Normas de Execução Permanente e Planos referentes ao QG da Brigada.

### NOTAS FINAIS

De acordo com os aspetos salientados ao longo deste texto é apropriado constatar em breves notas finais que as posições ocupadas pelos END portugueses na MNBDE-SE e na MND-SE foram de considerável visibilidade, cujo exercício permitiu aprofundar conhecimentos e constituiu uma excelente oportunidade de valorização profissional e pessoal. Efetivamente a presença portuguesa na OTAN tFP potencia o reforço positivo da imagem do nosso país no seio da Aliança e permite estreitar laços com as restantes nações representadas no QG da MNBDE-SE e no QG da MND-SE.

A dimensão do treino assume particular preponderância neste contexto, pois o progressivo desenvolvimento destes QG irá certamente criar as condições para realização de grandes exercícios internacionais na região, o que, dada a circunstância da afiliação, permite identificar oportunidades para a BrigInt e para o Exército.

Em simultâneo, a aproximação às autoridades romenas, pela via do reforço das relações de trabalho e

incremento da confiança mútua, tem vindo igualmente a criar condições para uma presença assídua de forças romenas no Exercício ORION, em Portugal, contribuindo para a sua internacionalização e prestígio.

### Referências:

- DIRETIVA OPERACIONAL 35/CEMGFA/17.
- DIRETIVA OPERACIONAL 35/CEMGFA/17 ALT 1.

### Notas:

<sup>1</sup>*In order to ensure that our Alliance is ready to respond swiftly and firmly to the new security challenges, today we have approved the NATO Readiness Action Plan. It provides a coherent and comprehensive package of necessary measures to respond to the changes in the security environment on NATO's borders and further afield that are of concern to Allies. It responds to the challenges posed by Russia and their strategic implications. It also responds to the risks and threats emanating from our southern neighbourhood, the Middle East and North Africa. The Plan strengthens NATO's collective defence. It also strengthens our crisis management capability. The Plan will contribute to ensuring that NATO remains*

*a strong, ready, robust, and responsive Alliance capable of meeting current and future challenges from wherever they may arise.*" 05 de setembro de 2014, Declaração Final da Cimeira NATO, em Gales, ([https://www.nato.int/nato\\_static\\_fl2014/assets/pdf/pdf\\_2016\\_07/20160627\\_1607-factsheet-rap-en.pdf](https://www.nato.int/nato_static_fl2014/assets/pdf/pdf_2016_07/20160627_1607-factsheet-rap-en.pdf))

<sup>2</sup> De entre o conjunto alargado de atribuições do SNR, enunciados em 21 pontos e contidos em anexo próprio à DIROP 35/CEMGFA/17 ALT 1, cabe-lhe de forma resumida "constituir-se como interlocutor nacional em representação do CEM-GFA, no que respeita à TFP".

<sup>3</sup> Até 2018 designado de SCORPIONS FURY.



**Figura 3** – Visita do Comandante BrigInt.

# EXPERIÊNCIA COMO END NO QUARTEL-GENERAL DA COLIGAÇÃO INTERNACIONAL NO IRAQUE

## INTRODUÇÃO

Em finais de 2018, iniciou-se o processo de aprontamento do Contingente Nacional (CN) a projetar no início de maio de 2019, para o Teatro Operações (TO) do Iraque, cumprindo assim as responsabilidades internacionais assumidas por Portugal, no apoio da formação e treino das Forças de Segurança do Iraque (ISF) no combate ao Estado Islâmico (ISIS). Uma vez mais, esta responsabilidade voltou a recair na Brigada de Intervenção, que através dos seus recursos, se organizou para constituir este 9CN, para mais um período de seis meses de missão.

Ao Regimento de Transmissões foi dada a responsabilidade de guarnecer a posição de um Elemento Nacional Destacado (END), para ocupar a posição de Chefe da Célula de Operações Futuras da Direção de Treino, no Posto de Comando Principal da *Combined Joint Task Force - Operation Inherent Resolve* (CJTF-OIR), na base militar de *Union III*, e que por razões de autorizações de acesso ao TO, teve o seu início antecipado para o dia 8 de abril de 2019, um mês antes do previsto.

## **A COMBINED JOINT TASK FORCE - OPERATION INHERENT RESOLVE**

À margem da Cimeira da Organização do Tratado do Atlântico Norte, que se realizou em 2014 no País de



**FERNANDO SILVA**

TCOR TM

SNR NA OIR

Gales, foi criada a Coligação Internacional (CI) contra o ISIS, em conjunto com outros países amigos e aliados, com o objetivo de degradar e destruir esta ameaça no Iraque e na Síria.

A CI, liderada pelo *United States Central Command* (US CENTCOM), insere-se na CJTF-OIR, cujo Plano de Campanha compreende quatro fases:

- Fase I - Para além das operações aéreas, incluiu a modalidade *Advise & Assist* (A&A) às ISF, ao nível brigada ou divisão;
- Fase II - Desenvolver as capacidades dos parceiros ou *Building Partner Capacity* (BPC), inicialmente com o estabelecimento de quatro bases de treino no Iraque (Taji, Al-Asad, Erbil e Besmaya), responsáveis pela formação e treino de três brigadas, com ciclos de formação com duração de seis a doze semanas. Este número de BPC foi aumentando, de modo a conseguir também apoiar a formação de forças policiais de escalão batalhão e companhia;
- Fase III - Consolidado o treino e a formação das ISF com a transformação dos BPC em *Centralized Training Facilities* (CTF), a assistência centrou-

se em dedicar uma especial atenção ao nível institucional, inicialmente nas atividades de Reforma do Sector de Segurança (RSS) do país;

- Fase IV - Processo de normalização, com a continuação do esforço de RSS, complementado com a existência de programas de formação e treino centralizado no *mentoring* das CTF, ficando ainda o A&A a cargo da *Task Force* (TF) - Iraque.

Esta coligação tem uma constituição variável, pois depende a cada momento, da livre vontade dos países e organizações que a ela queiram aderir. No período da missão do 9CN, foi constituída por um máximo de 67 nações e três Organizações Internacionais.

A base militar de *Union III* situa-se na antiga Zona Verde, em Bagdad e acolhia o Posto de Comando Principal da CJTF-OIR. Esta área da capital era protegida pelas ISF e pela Coligação, no âmbito de uma operação contínua denominada de *Castle Keep* até abril de 2018, tendo sido alterada a sua designação para *Palm Revival* a partir desse mês, de modo a coincidir com a designação atribuída pelas próprias ISF. Em junho de 2019 esta passou a considerar-se como uma *Ambar Zone*.

Em finais de outubro de 2019, a missão encontrava-se na Fase III, com a previsão de transformação dos BPC em CTF.

### O CONTRIBUTO NACIONAL

Portugal participa no esforço da CI com um CN constituído por:

- Uma Força Nacional Destacada (FND) de 30 militares, localizada em Besmaya, no Iraque, a participar no esforço de BPC da TF Besmaya;
- Um END como *Staff Officer* - Chefe da Célula de *Future Operations* do *Training Directorate* da CJTF-Main HQ (TD *Chief FuOps Cell*), no Iraque (Bagdad-*Union III*);
- Um END como *Staff Officer* - *All Source Analyst*, a desempenhar funções no *Multinational*

*Intelligence Center*, inserido na estrutura do CJ2 (*Intelligence*) do HQ *Rear* da CJTF-OIR, no Kuwait;

- E, pela primeira vez, desde maio de 2019, com mais dois END na Componente de Operações Especiais, na *Special Operations Joint Task Force - Operation Inherent Resolve* no Iraque, sediada em *Baghdad Diplomatic Support Center*, integrados na componente espanhola, TF 431.

Acrescida à missão de END no HQ *Main, Union III*, e por ser o militar mais antigo no teatro, o autor acumulou também as funções de *Senior National Representative* (SNR).

### O TRAINING DIRECTORATE

Uma vez assumida a derrota do ISIS, reduzindo-o apenas à possibilidade de realizar operações não convencionais e limitado a áreas residuais, os objetivos da missão orientaram-se para o apoio ao treino das ISF, assim, da CJ75 nasceu uma Direção chefiada por um Major-General Italiano com funções de *Deputy* para o Treino, passando as principais missões e tarefas da CI a estar centradas no treino das ISF, e orientado para as suas missões futuras a muito curto prazo, bem como dotar as ISF com os equipamentos necessários para o cumprimento dessas missões.

A nova Direção de Treino, ou o TD, passou a ser constituída por 27 militares oriundos de 13 países (Austrália, Bélgica, Dinamarca, Espanha, EUA, Finlândia, Itália, Nova Zelândia, Países Baixos, Reino Unido, República Checa, Suécia e Portugal).

Articulando-se com uma Secção de Apoio ao Diretor, um Subdiretor, um Chefe de Estado-Maior, uma célula de Operações Futuras (*FuOps*), uma célula de Operações Correntes (*CuOps*), uma célula de Avaliação e Lições Aprendidas e uma equipa com um Oficial de Ligação a cada país.

A dinâmica de rotação de pessoal nesta coligação é

uma constante, em especial nos Postos de Comando, pelo que entre os recém chegados à missão, os que a mantêm em funcionamento e aqueles que estão a passar as suas responsabilidades para depois regressar ao seu país, e porque cada país define a duração do seu período de missão e estando Portugal entre os de período mais longo, era natural convivermos com dois ou três diferentes elementos em desempenho na mesma posição.

Acrescendo a toda esta dinâmica, o facto de alguns países não respeitarem quer a ocupação em permanência dos cargos à sua responsabilidade e que são revistos semestralmente em Tampa no US CENTCOM, quer no posto definido para essas posições, assim, e sempre que isto se verificava, traduzia-se em ajustes nas reais funções de cada membro do TD, fazendo jus ao lema da missão - *One Mission, Many Nations*.

#### **A FUTURE OPERATIONS CELL**

Esta célula tinha uma constituição de nove elementos, era Chefiada por um Tenente-Coronel, atribuído a Portugal, dois Majores responsáveis pelos Planos de Instrução para as ISF do Ministério da Defesa (forças militares), ocupados por Itália e pela Suécia, um Major e um Sargento-Chefe responsáveis pelos Planos de Instrução para as ISF do Ministério do Interior (forças policiais), ambos ocupados por Itália, dois Majores responsáveis pelos planos, em especial o projeto das CTF, ambos do Reino-Unido (um deles ocupando as funções de Chefe do Estado-Maior, que competia aos Estados Unidos da América e nem sempre a guarneciam, um Capitão da República Checa, também responsável pelos Planos mas a desempenhar funções de *help desk* do TD e um Sargento-Chefe australiano, que esteve durante toda a missão em reforço da Célula de Avaliação e Lições Aprendidas.

As principais missões da Célula podem dividir-se em quatro áreas, onde se destacam as seguintes tarefas:

1. No âmbito do Planeamento:
  - Coordenação da elaboração do Plano de Campanha no âmbito do treino das ISF tanto ao nível operacional como ao nível tático;
  - Estabelecimento de sincronização entre o Treino enquanto função de segurança e as restantes funções de segurança da campanha;
  - Monitorização da evolução dos BPC selecionados para serem CTF, que passarão a ser completamente operados pelas ISF;
  - Planeamento e priorização das ações de reconstrução e apropriação de estruturas de treino no Iraque a constituírem-se em CTF;
  - Definição das *School Mentoring Teams* e *Expeditionary Training Teams*;
  - Coordenação das *Expeditionary Training Teams*;
  - Planeamento de geração de forças da Coligação para apoio ao treino, através do estudo da nova Ordem de Batalha para as futuras CTF, estudo este foi submetido em 12 de dezembro de 2019 ao US CENTCOM, Tampa, Florida, prevendo-se, naquele momento, grandes alterações aos atuais contributos de cada nação;
  - Planeamento e coordenação de reuniões com as organizações das Nações Unidas responsáveis pelos assuntos do Género, e sua inclusão nos objetivos da missão.
2. No âmbito da produção de Programas de Instrução:
  - Elaboração e atualização dos Programas de Instrução para as Brigadas do Exército, Polícia Federal e demais Polícias do Iraque - no período da missão do 9CN foram atualizados 53 e produzidos 16 novos, relativos a várias especialidades, entre os quais dois dedicados exclusivamente a questões de Género.
3. No âmbito da coordenação de treino futuro:
  - Atualização do calendário do treino coletivo



**Figura 1** - Elementos do Training Directorate, presentes em Union III, a 9 junho de 2019.

das ISF para 2019 - até 17 de outubro foram aprovadas 42 novas versões, relativamente à oficialmente aprovada a 3 de janeiro de 2019;

- Coordenação dos exercícios finais das brigadas e batalhões;
- Coordenação de *Mobile Training Teams* intra-Teatro com a célula das Operações Correntes;
- Planeamento do calendário de treino coletivo das ISF, em coordenação com os Ministérios da Defesa e do Interior, para 2020.

#### 4. No âmbito da coordenação da Direção de Treino:

- Destacando-se de entre as referidas anteriormente, e porque reiteradamente Portugal se tem afirmado, quer através das competências técnicas profissionais, quer pela grande capacidade humana na integração com outras culturas e na congregação de soluções, apesar do END Português não ser o militar mais antigo, durante a licença dos Diretores a responsabilidade de coordenação do TD foi uma vez mais confiada a Portugal.

Durante a missão, a questão do Género e dos Direitos Humanos foi ganhando cada vez mais importância, levando mesmo à criação de uma Direção para o Género e sua inclusão nos objetivos da missão, pese embora esta

direção fosse apenas constituída por dois elementos, pelo que na prática a *FuOpsCell* era a responsável por materializar os planos e atividades relativas ao Género.

Os objetivos da missão não foram alterados, uma vez não estarem nas competências do Comandante da CJTF, mas foi planeada a sua apresentação para inclusão durante a seguinte reunião de geração de forças.

Em 28 de agosto de 2019, a *FuOps* planeou, organizou e coordenou uma reunião, em nome da Diretora do Género, com as duas entidades mais influentes nesta região, conseguindo-se no final, unanimemente aceitar a criação de um novo paradigma, as "ISF como primeiro elemento no apoio às vítimas".

#### **SENIOR NATIONAL REPRESENTATIVE**

As responsabilidades nacionais encontram-se escarpelizadas na DIROP n.º 26, mas mesmo assim, por vezes, algumas entidades nacionais confundem-se e atribuem essas mesmas responsabilidades como sendo da competência do Comandante da FND. Como no 9CN imperaram relações de bom senso e de lealdade entre todos os elementos, esta confusão raramente criou constrangimentos.

Para a CJTF, esta responsabilidade é encarada ainda com maior responsabilidade, pois veem no SNR, não o militar, mas o país que ele representa, o que por outro

lado muitas vezes não abona a seu favor, pois em certas circunstâncias esperam-se respostas que não pode dar ou decidir de imediato, sem antes consultar o país.

De entre todas as responsabilidades, destacaram-se:

- O planeamento da visita de S.Exa. o Ministro da Defesa Nacional (MDN), realizada a 31 de julho de 2019, tendo todos os END e a 9FND apoiado direta e ativamente no planeamento e execução da visita, o que muito contribuiu para que o programa e apoios decorressem conforme definidos;
- Coordenação da visita de um representante de S.Exa. o Embaixador responsável por esta área do globo, com o objetivo de se proceder aos dois atos eleitorais. Contudo, e por superiormente ter sido considerado não existirem condições de segurança para se realizarem estas visitas, não foi possível aos militares deste TO exercerem o direito de voto;
- As demais visitas de militares portugueses ao TO foram coordenadas diretamente com o Comandante da 9FND, que de imediato colocava o SNR em conhecimento, sendo de cariz obrigatório que todas estas entradas e saídas do TO, fossem adicionados à base de dados da CJTF, obrigatoriamente, através do SNR;
- Propor a atribuição da Medalha da Missão, segundo o regulamento Norte-Americano;
- Solicitar e elaborar as avaliações junto dos vários chefes de cada END;
- Participar nas reuniões de SNR e de outras entidades que não se consigam fazer representar no TO. Foram exemplo disso, o *Council of Colonels* e as reuniões mensais dos Embaixadores nos designados *Ambassadors Day*;
- Criar condições para interação de todas as componentes dispersas pelo vasto e árido TO,

desde Bagdad à base militar de Arifjan, no Kuwait, mas devido a fatores climatéricos e operacionais nem sempre foi possível reunir todo o 9CN, nomeadamente na Celebração do Dia de Portugal e na visita de S.Exa. o MDN.

### PRINCIPAIS DIFICULDADES

Ainda antes da projeção para o TO, pese embora os muitos anos que o Exército já conta a preparar END, verificaram-se alguns constrangimentos administrativos durante a fase de aprontamento, com prejuízo os elementos a projetar.

A transformação da *Green Zone* em *Ambar Zone*, provocou uma limitação na liberdade de movimentos quer nas visitas aos BPC, quer nos demais locais onde o SNR se deveria apresentar, cabendo aos END mais antigos de cada localização assumir essa função. Esta limitação também contribuiu para o aumento dos ataques por fogos indiretos, em especial à base em *Union III*, Bagdad, que culminou nas primeiras manifestações, de que agora todos temos conhecimento.

Os voos de rendição dos Contingentes têm reiteradamente sofrido os mesmos problemas, que são certamente criados pela nação hospedeira, e onde o SNR teve uma capacidade limitada de influência, pelo que a sua integração neste planeamento é indispensável.

### LIÇÕES APRENDIDAS OU CONCLUSÕES

Um regular domínio da língua inglesa, aliado à familiaridade da língua portuguesa com a espanhola, francesa e italiana, torna por si só, o END português num potencial elemento agregador das várias nações que constituem esta Coligação, compreendendo-se assim, como um país dos que menos contribui para o esforço, ocupe tão distinta e cobiçada posição.

Ao recolher os pareceres dos demais Comandantes/ Chefes dos END e da 9FND, todos eles reportaram, quer em privado, quer publicamente em diversas reuniões, o reconhecimento dos elevados padrões de desempenhos



**Figura 2** - Elementos da FuOps Cell /TD presentes em Union III, a 9 junho de 2019.to de 2019.

dos militares Portugueses sob a sua responsabilidade, referindo-os muitas vezes aos seus próprios militares como um bom exemplo a seguir. E uma vez mais, voltou-se a constatar que a mais valia dos contingentes portugueses continua a estar, na qualidade dos seus soldados. “Sempre Melhor”



**Figura 4** - Reunião sobre inclusão do Género, em Union III, a 28 de agosto de 2019.

#### Notas:

A informação constante neste artigo, relativa à missão, organização e as principais atividades como END na FuOps/TD/CJTF-OIR, foram retiradas da página pública da missão (<https://www.inherentresolve.mil/>), a 29 de outubro de 2019.

O enquadramento nacional a nível Operacional consta na DI-ROP-26 do CEMGFA de 23 de abril de 2019, em especial ao que se refere às responsabilidades como SNR.

A restante informação deste artigo, é da pertença intelectual do autor, fruto da sua experiência nesta missão e escritas a 1 de maio de 2020.



**Figura 3** - Logotipo CJTF-OIR



**Figura 5** - Ambassadors Day, em Union III.



**Figura 6** - Celebração do Dia de Portugal.

# MISSÕES DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO E BEM-ESTAR: O PAMEEX

A colaboração do Exército em ações de Proteção Civil (ProCiv), insere-se no âmbito do Apoio Não Programado, em resposta a solicitações e pedidos não previstos de entidades com responsabilidade no sistema de ProCiv, e ainda no âmbito do Apoio Programado, quando executado em conformidade com os planos previamente elaborados para o efeito e integrando os Centros de Coordenação Operacional com um Oficial de Ligação. No âmbito do Apoio Programado, as capacidades do Exército constituem-se sob a forma de catálogo de capacidades que se materializam em Módulos Intervenção (ModInterv) com diversas capacidades, nomeadamente:

1. Comando, Controlo e Comunicações;
2. Engenharia Militar;
3. Apoio Sanitário e Intervenção Psicológica;
4. Reabastecimento e Serviços;
5. Manutenção e Transportes;
6. Defesa Biológica, Química e Radiológica;
7. Busca e Salvamento Terrestre;
8. Segurança e Vigilância;
9. Apoio ao Combate de Incêndios.

Estes ModInterv são responsáveis pelas ações de Apoio Militar de Emergência (AME), inscritas no Plano de Apoio



**NUNO SOUSA**

MAJ INF

ADJ DO G3/BRIGINT

Militar de Emergência do Exército (PAMEEX), sendo responsabilidade do Comando das Forças Terrestres (CFT) avaliar as situações de risco previsíveis e definir graus de prontidão para os ModInterv específicos e passíveis de serem empregues nessas circunstâncias. O CFT, através de ordens de ativação, aciona a Unidade de Apoio Militar de Emergência (UAME), transferindo para esta o Comando Operacional (OPCOM) dos ModInterv adequados à situação operacional. Desta forma, a UAME emprega os ModInterv de forma coordenada, dando conhecimento ao CFT e à Brigada de Intervenção (BrigInt).

Na BrigInt, em 2019, os ModInterv foram constituídos e preparados tendo subjacente a sua implantação territorial, designadamente através dos seus regimentos, de acordo com as capacidades apresentadas no Quadro 1.

No que concerne ao Apoio Não Programado, em 2019, as entidades com responsabilidade no sistema de ProCiv que solicitaram o apoio de meios humanos e/ou materiais para fazer face a situações de manifesta urgência, à semelhança do ano anterior, foram o Instituto

da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF) e os Municípios de Boticas, Braga e Sintra. Salienta-se, ainda, a participação da BrigInt na Operação São Cristóvão, na sequência da convocação da greve dos motoristas de matérias perigosas, na qual foi solicitada a disponibilidade de condutores para transporte de matérias perigosas e/ou de bens essenciais.

A BrigInt durante o referente ano, teve um papel preponderante no apoio às entidades supracitadas, representando 42,2% dos empenhamentos do Exército, mais precisamente um total de 1983 empenhamentos, com o detalhe apresentado no Quadro 2, tendo contado com a participação de 4780 militares e 2038 viaturas, percorrendo um total de 312 950 km.

#### Referências:

*Plano de Apoio Militar de Emergência do Exército (PAMEEx).*

Capacidade	ModInterv	Nº Máx de ModInterv	Pessoal	Material	Unidade Aprontadora
Comando, Controlo e Comunicações	Grupos de Comando e Ligação	1	3 (1/1/1)	1 viatura ligeira	UnAp/BrigInt
	Representantes das FFAA/Exército	7	2 (1/0/1)	1 viatura ligeira	UnAp/BrigInt, RAAA1, RC6, RI13, RI14, RI19, RTm
Engenharia Militar	Destacamentos de Engenharia	2	5 (0/1/4)	1 viatura ligeira 1 plataforma + trator 1 máquina de rastos	RE3
Reabastecimento e Serviços	Alojamento Regimental	9	6 (0/1/5)	Infraestruturas regimentais	UnAp/BrigInt, RAAA1, RA5, RC6, RI13, RI14, RI19, RTm, RE3
Segurança e vigilância	Patrulhas de vigilância e deteção	21	4 (0/1/3)	1 viatura ligeira	UnAp/BrigInt RAAA1, RA5, RC6, RE3, RI13, RI14, RI19, RTm
Apoio ao Combate de Incêndios	Rescaldo pós-incêndio ou vigilância ativa pós-incêndio	7	19 (1/3/15)	1 viatura ligeira e 3 viaturas médias (apoio da DMT) ou 4 viaturas ligeiras	RAAA1, RA5, RC6, RI13, RI14, RI19, RTm

**Quadro 1** – Quadro das capacidades da BrigInt para 2019.



Figura 1 – Militares em Ações de rescaldo.

		RI13	RI14	RI19	RC6	RA5	RAAA1	RE3	RTm	UnAp
ANEPC	Mar	4	4	0	4	0	0	1	4	4
	Mai	1	0	5	1	23	4	0	1	1
	Jun	3	10	2	4	13	5	0	2	4
	Jul	18	22	0	0	10	12	0	1	0
	Ago	17	18	5	4	9	0	0	0	0
	Set	12	9	8	18	0	6	3	16	1
	Out	0	0	0	0	0	0	0	0	0
ICNF	Mai	0	0	0	0	0	12	0	0	0
	Jun	0	0	0	0	0	16	0	0	0
	Jul	152	124	0	124	0	14	34	62	0
	Ago	132	124	0	112	0	12	34	56	0
	Set	135	102	0	114	0	14	22	49	0
	Out	33	27	0	29	0	6	6	13	0
MUNICÍPIO	Mai	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Jun	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Jul	0	0	31	3	0	0	0	0	0
	Ago	0	0	27	24	0	0	0	0	0
	Set	0	0	30	19	0	0	0	0	0
	Out	0	0	0	0	0	0	0	0	0
OP S.CRISTÓVÃO			1							1
<b>TOTAL EMPENHAMENTOS</b>		<b>507</b>	<b>441</b>	<b>108</b>	<b>456</b>	<b>55</b>	<b>101</b>	<b>100</b>	<b>204</b>	<b>11</b>
		1983								

Quadro 2 – Empenhamentos da BrigInt no PAMEEx em 2019.

# A ENGENHARIA MILITAR NO PAMEEX

O Plano Apoio Militar de Emergência do Exército (PAMEEX) define o modo como o Exército colabora na resposta a emergências complexas, nomeadamente em situações de acidentes graves ou catástrofes naturais ou provocadas, em especial nas áreas de socorro, apoio às populações afetadas, no âmbito do apoio logístico, de comunicações de emergência, de engenharia e de apoio sanitário, em todo o Território Nacional.

Segundo este plano, o Exército tem como missão "colaborar com os agentes de [Proteção Civil], em todo o território nacional e quando solicitado, empenhando capacidades específicas, em missões de Apoio Militar de Emergência (AME), a fim de contribuir para a proteção e salvaguarda de pessoas e bens".

De modo a cumprir esta missão o Exército dota-se de um conjunto de capacidades que se materializam em Módulos de Intervenção (ModInterv), atribuíveis em ações de AME, que passam a estar com níveis de prontidão definidos pelo Comando das Forças Terrestres e em conformidade com os estados de alerta em vigor, quando for previsível uma situação de risco que potencie o seu empenhamento.

Esta colaboração faz-se de forma faseada, progressiva, de comando centralizado a partir da Unidade de Apoio Militar de Emergência e execução descentralizada através de ModInterv localizados nas diversas Unidades/



**PINTO DA COSTA**

TEN ENG

2CMDT DA CEngCombMed

Estabelecimentos/Órgãos. Este AME deve ser executado com recurso, sempre que possível, às capacidades já existentes e numa ótica de duplo-uso.

## O APOIO DA ENGENHARIA

Especificamente na Engenharia Militar, cada ModInterv consubstancia-se num Destacamento de Engenharia, constituído por um efetivo de 0/1/4 e dotado da capacidade de emprego de um trator de lagartas. Estão ainda definidos cinco, como o n.º máximo de ModInterv a empenhar, sendo dois destes apontados pelo Regimento de Engenharia n.º3 (RE3).

O empenhamento destes Destacamentos de Engenharia permite a utilização de técnicas de combate conduzida mais distante do incêndio e que consiste em eliminar o material combustível existente na zona, evitando a sua combustão e, em simultâneo, permitir o estabelecimento de faixas de contenção, como aceiros e/ou arrifes, que possibilitem o acesso a outro tipo de equipamentos destinados ao combate a incêndios.

Assim, o Exército, mediante as suas capacidades e disponibilidades, pode desenvolver, entre outras, atividades de intervenção que contemplam o apoio específico de equipamentos de engenharia em ações de

auxílio ao combate e rescaldo de incêndios florestais. A Engenharia Militar pode também desempenhar um papel ativo através da intervenção na reabilitação de infraestruturas afetadas.

#### **EMPENHAMENTO DO RE3 NO PAMEEx**

Durante o ano de 2019, no âmbito dos apoios prestados através do PAMEEx, há a referir a participação do RE3 com Destacamentos de Engenharia que executaram operações em apoio ao combate a incêndios, através do combate indireto, defesa de aglomerados populacionais e apoio ao rescaldo. Neste âmbito empenhou Destacamentos de Engenharia nas regiões de Valença (5 a 6 de setembro) e Albergaria-a-Velha (6 a 7 de setembro). Estes apoios foram beneficiados pelo emprego de um trator de lagartas num regime de 10h/máquina.

Para além de todo este empenhamento em situações de incêndio ativo, o RE3 participou ainda no patrulhamento dissuasor, empenhando nove patrulhas nas regiões de Chaves, Montalegre e Ponte da Barca, no período compreendido entre 1 de julho e 10 de outubro, perfazendo um total de cerca de 17.000 km de patrulhamento.



**Figura 1** - Apoio em Albergaria-a-Velha.



**Figura 2** - Apoio em Albergaria-a-Velha.



**Figura 3** - Ação de rescaldo.

# PATRULHAMENTOS NO ÂMBITO DO PAMEEX - TESTEMUNHOS

## O ENQUADRAMENTO DA ATUAÇÃO

O Exército na sua missão de apoio à proteção e salvaguarda de pessoas e bens, efetua todos os anos diversas ações de patrulhamento, onde o Regimento de Infantaria n.º 13 (RI13), com recurso ao seu encargo operacional, o 1.º Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas e à própria estrutura regimental, tem desempenhado um papel fundamental, quer na sua área de responsabilidade, quer fora dela, no que à prevenção de incêndios diz respeito.

No âmbito desta missão, o Exército implementou Plano de Apoio Militar Emergência do Exército (PAMEEx), decorrente do Plano HEFESTO, do Estado-Maior-General das Forças Armadas, em colaboração com os demais agentes de Proteção Civil (PC), através de diversas atividades de intervenção e, particular, através do reconhecimento terrestre das áreas florestais sob a forma de sensibilização das populações, patrulhamentos, prevenção, deteção, entre outros.

## A PREPARAÇÃO E EXECUÇÃO DOS PATRULHAMENTOS

A preparação das patrulhas para atuação no âmbito do PAMEEx começou muito antes da data do início da primeira patrulha. Esta preparação iniciou-se com a formação ministrada aos militares do RI13 no



**IVO PEREIRA**

CAP INF

REP. DAS FA NA COMISSÃO DISTRITAL DE PC

Regimento de Apoio Militar de Emergência, seguindo-se a receção e o treino com os meios e equipamentos alocados às patrulhas, tendo em vista a familiarização de todos militares. O treino foi ministrado a todos os potenciais condutores e chefes de viatura e foi orientado para as seguintes áreas: o enquadramento das patrulhas, as comunicações e sistemas de navegação, as atribuições do condutor e de chefe de viatura, assim como as características técnicas das viaturas. Este treino revelou-se extremamente importante no decorrer das patrulhas, contribuindo para uma melhor condução e gestão das mesmas, facultando aos chefes de viatura e condutores algumas das ferramentas necessárias para o exato cumprimento das suas tarefas diárias durante as patrulhas.

Por norma, uma patrulha era constituída por um chefe de viatura e um condutor, equipados com uma viatura ligeira com capacidade de todo-o-terreno, executando patrulhamentos com uma duração de aproximadamente oito horas. Estas patrulhas foram destacadas para os locais de maior risco de incêndio florestal, caracterizados por serem zonas de mato denso ou floresta, onde os acessos eram, por vezes, extremamente difíceis ou

mesmo inacessíveis.

No entanto a proximidade com as florestas, aliada à mobilidade destas patrulhas, permitiu uma pronta deteção inicial de focos de incêndio, bem como a identificação de situações anómalas indiciadoras da possibilidade de ocorrência de focos de incêndio.

Esta forte presença junto das populações locais, contribuiu de sobremaneira como um fator dissuasor de eventuais incendiários. Com esta presença, positivamente reconhecida pelas populações, transmitiu um sentimento de maior segurança e que, de certa forma, ajudou em algumas ocasiões, ainda que por breves momentos, a colmatar o isolamento em que se vive nalgumas aldeias em Portugal e em particular no interior transmontano.

#### **SENTIMENTO DE MISSÃO CUMPRIDA**

No cumprimento desta nobre missão atribuída ao Exército, os seus militares, sempre disponíveis, executam-na com orgulho, prontidão e com o sentimento de dever cumprido, como atestam algumas das afirmações por eles proferidas: "*Com militares*

*a realizar uma patrulha, procuramos com os meios disponíveis estar sempre alerta para qualquer incidente sem colocar em causa pessoas e bens, de forma a dar uma resposta adequada a cada situação*", ou "*Com as patrulhas de prevenção a incêndios sentimos militares completamente realizados pelo facto de conseguirmos dar o nosso contributo importante para a sociedade civil e para o país no que respeita à prevenção e auxílio das populações*", ou ainda "*Um pouco por onde passamos, existe de facto um reconhecimento público da nossa prontidão e credibilidade colocada ao serviço de Portugal e dos portugueses*".

Na prossecução deste desiderato realça-se, pois, a forma profissional como os nossos militares cumpriram todas as missões que lhes foram atribuídas, demonstrando em todos os momentos um grande espírito de missão e empenho, uma atitude sempre pronta para efetuarem mais uma "patrulha" em detrimento do conforto pessoal e familiar, destacando-se, uma vez mais, a disponibilidade e vontade de servir do Soldado de Portugal e em particular do Infante do Marão.



**Figura 1** – Militares em ação de vigilância.

# A BRIGADA DE INTERVENÇÃO NA “OPERAÇÃO SÃO CRISTÓVÃO”

“Operação São Cristóvão”<sup>1</sup> foi a designação que recebeu a operação de Apoio Militar de Emergência (AME), conduzida pelas Forças Armadas (FA), no âmbito da requisição civil decretada pelo Governo, na sequência da greve dos motoristas de matérias perigosas. Esta operação teve o seu início a 12 de agosto de 2019, dia em que se iniciou a greve, convocada, por tempo indeterminado, pelo principal sindicato do setor.

O Exército e a Brigada de Intervenção (BrigInt), Grande Unidade (GU) da Componente Operacional do Sistema de Forças, tiveram um envolvimento muito significativo na fase de planeamento, preparação e execução desta operação. A BrigInt gerou capacidades e projetou recursos humanos e materiais, para vários pontos do país, capacidades estas que visavam, em caso de necessidade, o apoio suplementar ao transporte de matérias perigosas, a fim de garantir a continuidade do fornecimento mínimo de combustíveis e outras matérias perigosas, e com isso a garantia de apoio à satisfação das necessidades básicas da população.

Esta pequena reflexão tem por objetivo apresentar ao leitor o empenhamento da BrigInt nesta operação e registar, para memória futura, a forma como a Brigada se adaptou para cumprir mais esta missão. Este artigo está dividido em cinco partes. Iniciaremos com uma pequena cronologia sobre a crise energética, passaremos pelas três fases do Processo Operacional



**PEDRO CAVALEIRO**

TCOR INF

CHEFE DO G2/BRIGINT

(Planeamento, Preparação e Execução) e terminaremos com um conjunto de Observações e Lições Identificadas desta operação.

## **CRONOLOGIA DA CRISE ENERGÉTICA**

A 15 de abril de 2019, Portugal foi surpreendido pelo impacto da possibilidade de falta de combustível e bens essenciais, com consequências visíveis num curto espaço de tempo, provocado pelo início da greve dos motoristas de matérias perigosas. A greve durou apenas quatro dias, mas deixou marcas significativas na confiança das populações. Deixou igualmente, num horizonte temporal curto, a ameaça de uma nova greve, em pré-aviso, para o dia 12 de agosto, cujo impacto poderia ser ainda maior na vida das populações, em pleno período de férias dos portugueses.

Foi nestas circunstâncias que a BrigInt planeou a adaptação das suas capacidades operacionais, inserida num conjunto de atividades desenvolvidas sob a orientação do Comando das Forças Terrestres (CFT), para garantir a prontidão de recursos humanos e materiais e de capacidades para que, em caso de necessidade, pudessem ser empregues em missões e tarefas de AME à Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil ou ordenadas pela tutela.

A adaptação das capacidades existentes concretizou-se, inicialmente e ao nível dos recursos humanos, pela identificação de militares detentores de especialidades críticas, pela promoção de uma formação adicional a militares que, tendo competências nas áreas da condução de viaturas militares pesadas, não se encontravam habilitados a transportar mercadorias perigosas por estrada, vulgarmente designado por ADR<sup>2</sup>. A prioridade foi orientada para a criação de uma bolsa de condutores de Categoria C+E com formação ADR e garantir um módulo de formação adicional de ADR aos demais condutores com Categoria C e C+E, sem esta formação. Em simultâneo com este processo, a BrigInt preparava-se para adaptar as suas capacidades operacionais de transportes gerais, ou seja, para empregar Viaturas Pesadas e Médias, bem como viaturas de transporte de combustíveis. Estas capacidades disponíveis nas GU seriam previsivelmente necessárias durante a potencial situação crítica que se poderia viver. Todos estes meios (humanos e materiais) e capacidades foram apontados para serem empregues, em caso de necessidade.

Durante os meses seguintes a situação não se alterou, e a greve dos motoristas de matérias perigosas iniciou-se no dia 12 de agosto de 2019 às 00:00.

O Governo, através da publicação da Resolução do Conselho de Ministros n.º 134-B/2019 de 12 agosto, procedeu ao reconhecimento da necessidade de requisição civil e autorizou certos membros do Governo a efetivá-la, na sequência do incumprimento dos serviços mínimos no âmbito da referida greve de motoristas. O mesmo documento autorizou o Ministro da Defesa Nacional e o Ministro do Ambiente e da Transição Energética a efetivar, sob a forma de Portaria, a intervenção das FA no âmbito da requisição civil.

No mesmo dia, através de uma Portaria conjunta assinada pelos Ministros da Defesa Nacional e do Ambiente e da Transição Energética<sup>3</sup>, foram estabelecidos os termos

em que se efetivava a intervenção das FA na requisição civil entretanto decretada, dando assim origem à "Operação São Cristóvão".

Esta Portaria conjunta estabeleceu a medida e a extensão da intervenção das FFAA no âmbito da crise energética em curso, definindo as seguintes missões e tarefas:

- *"Os militares das FA podem substituir, parcial ou totalmente, os trabalhadores motoristas, em situação de greve e em incumprimento dos serviços mínimos decretados para a greve (...)”<sup>4</sup>;*
- *"Podem ainda ser utilizados os meios próprios das FA para a realização dos serviços mínimos definidos (...)”<sup>5</sup>;*
- *"A intervenção das FA abrange a realização de operações de carga e descarga de veículos -cisterna de combustíveis líquidos, gás de petróleo liquefeito (GPL) e gás natural, por parte dos militares que possuam o conhecimento das prescrições da regulamentação aplicável ao transporte de mercadorias perigosas (...)”<sup>6</sup>.*

A Portaria definiu claramente as missões e tarefas a executar pelas FA e no âmbito da sua intervenção na requisição civil, dando a necessária orientação política



**Figura 1** – Militares a efectuarem um transporte.

para os militares poderem planear a operação e difundir as ordens necessárias para a implementação destas orientações gerais.

### **FASE DE PLANEAMENTO**

Está na essência dos exércitos prepararem-se, constantemente, para a próxima crise ao mesmo tempo que empregam forças e meios no cumprimento de tarefas correntes, em Território Nacional (TN) e nos Teatros de Operações (TO) onde o Exército tem Forças Nacionais Destacadas, e o Exército Português não é exceção. Tal sucedeu nas semanas que antecederam a crise energética provocada pela greve dos motoristas. Num prazo adequado, o Exército começou o planeamento desta operação militar para, em caso de necessidade e se para tal recebesse ordens, empregar as forças e meios colocados em prontidão. A fase de planeamento iniciou-se com a emanação de Ordens Preparatórias (OPrep) com vista a garantir o emprego dos meios e capacidades em prontidão quando, e se, chamado a intervir nesta crise.

O Comando Conjunto para as Operações Militares (CCOM) difundiu orientações de nível operacional que permitiram iniciar o planeamento das Componentes Terrestre, Marítima e Aérea. O CFT difundiu OPrep para que os escalões subordinados iniciassem o seu planeamento, paralelamente ao CFT. A BrigInt, além de difundir as mesmas OPrep, adaptou o seu Estado-Maior (EM) para constituir um grupo de planeamento para a elaboração e difusão de ordens às unidades sob a dependência hierárquica do Comando (Cmd) da BrigInt. Este grupo de planeamento foi liderado pelo Chefe do EM e tinha representantes de todas as áreas de EM críticas para esta operação: G1-Pessoal, G2-Informações, G3-Operações; G4-Logística; G6-Comunicações e Sistemas de Informação e G8-Finanças.

Na BrigInt, a “Operação São Cristóvão” formalizou-se através do “Plano de Operações São Cristóvão-BrigInt”,

cujas hipóteses garantiam flexibilidade ao Comandante da Brigada para, em caso de necessidade, empregar os meios orgânicos nos locais e momentos que viessem a ser formalizados para a intervenção do Exército nesta crise.

A estrutura de Comando e Controlo (C2), planeada pelo CFT, previu que seriam constituídos dois Postos de Comando Avançados (PCAv), um no NORTE e outro no CENTRO, subordinados ao Centro de Operações Táticas do CFT. O Cmd da BrigInt assumiu a coordenação do PCAVNORTE, situado numa das suas unidades, o Regimento de Transmissões (RTm), onde exerceu o C2 das forças e meios colocados na sua dependência para esta operação. Adicionalmente, Representantes das FA (RepFA) nomeados para esta operação e integrados na estrutura do Estado-Maior-General das Forças Armadas, tinham a responsabilidade de ligação entre o CCOM, as empresas de transporte e os PCAv.

Os recursos humanos especializados em transporte de matérias perigosas do Exército foram organizados em Equipas de Viaturas (EqViat) constituídas por um Sargento, para o desempenho da função de chefe de viatura, e um Condutor. Estas equipas poderiam ser empenhadas por períodos até 9H, limite temporal a partir do qual o número de condutores passaria para dois.

### **FASE DE PREPARAÇÃO**

A fase de preparação é crucial para o sucesso de qualquer operação militar. Nesta operação incluiu um conjunto de tarefas que permitiu preparar e projetar alguns meios para que a BrigInt estivesse pronta a operar, se necessário.

Assim, 24H antes do previsto para o início da operação, o Cmd da BrigInt projetou meios humanos e materiais para o RTm para instalar e guarnecer em permanência o PCAVNORTE<sup>7</sup>. Em 120000AGO19 o PCAVNORTE estava pronto a operar, caso para isso recebesse ordens do CFT,

tendo o seu núcleo inicial sido formado por elementos do G1, G3, G4 e G8. As rotações do pessoal estavam previstas acontecer a cada 48H, tendo os núcleos subsequentes contado com militares do G2, G7, da Secretaria de Manutenção e da Unidade de Apoio da BrigInt.

As Unidades da BrigInt conduziram igualmente a sua fase de preparação, tendo os militares nomeados para as EqViat e RepFA sido projetados, gradualmente, para o RTm, e instalados nas infraestruturas deste regimento. O desempenho dos militares de todas as unidades foi irrepreensível, no entanto, é de elementar justiça referir que o RTm foi uma peça fundamental para o sucesso da operação a partir do PCAVNORTE. O RTm apoiou de forma exemplar, disponibilizando alojamento, alimentação, pessoal de apoio de serviços, materiais de apoio ao PCAv e às EqViat, ao mesmo tempo que integrava o dispositivo com as EqViat e RepFA na dependência do PCAVNORTE.

### FASE DE EXECUÇÃO

Um numero significativo de EqViat foram colocadas sob o controlo do PCAVNORTE, no qual se incluíam, não só as geradas pelas unidades na dependência hierárquica



**Figura 2** – Militares juntos de viaturas de transporte de combustível.

da BrigInt mas também de outras unidades do CFT. No total, foram projetadas para o RTm um total de 16 EqViat, 14 pertencentes a unidades da BrigInt e duas de unidades da Brigada de Reação Rápida. Em simultâneo, a BrigInt teve um máximo de 15 EqViat projetadas no PCAVNORTE e PCAVCENTRO, num total de 100 militares do Cmd e EM e das Unidades da BrigInt empenhados nesta operação, bem como um conjunto bastante alargado de viaturas de apoio.

Na região NORTE, todos os serviços mínimos foram garantidos, não tendo as EqViat, colocadas na dependência do PCAVNORTE, efetuado qualquer transporte. No entanto, todos os meios estiveram prontos a atuar desde o momento em que foi definida a participação do Exército nesta operação e, diariamente, as EqViat, escaladas para os potenciais apoios, estavam prontas para efetuar o mesmo, se para tal recebessem ordem.

A “Operação São Cristóvão-BrigInt” decorreu no período de 11 a 19 de agosto de 2019, datas da projeção e retração do PCAVNORTE, respetivamente, tendo a BrigInt demonstrado elevada flexibilidade na disponibilização de forças e meios. O Exército demonstrou ter aptidão para gerar capacidades para emprego em “Duplo Uso”, garantindo capacidade de resposta, elevada prontidão e permanente disponibilidade para servir os portugueses, no momento e local que definido.

### OBSERVAÇÕES E LIÇÕES IDENTIFICADAS

Durante esta operação o Cmd BrigInt registou várias observações que poderão contribuir para a melhoria dos processos de planeamento, preparação e execução para este tipo de operações. Seguidamente apresentam-se as principais recomendações das observações/lições identificadas da “Operação São Cristóvão-BrigInt”, na sua maioria aspetos positivos a manter e alguns para melhoria futura:

Na fase de Planeamento:

- Manter a partilha de informação em *draft* que permitam o Planeamento Paralelo e, sempre que possível, Colaborativo;
- O Sistema de Gestão de Alimentação em vigor no Exército deve criar soluções para situações futuras, que envolvam efetivos significativos e pedidos efetuados num curto espaço de tempo.

Na fase de Execução:

- Deve destacar-se, sempre que possível, um PCAv que faça o C2 das EqViat colocadas na sua dependência. As EqViat podem ser colocadas na dependência de outro PCAv durante a conduta da operação, devendo as mesmas manter todos os meios de comunicações na sua posse;
- Deve ser mantido um conjunto de EqViat nas unidades de origem, com várias categorias de prontidão, e outro no PCAv, para emprego imediato, sempre mantendo a Unidade de Cmd em relação ao PCAv.
- O Exército deve ser uma entidade certificada, através da Escola dos Serviços, para ministrar formação de ADR e investir em meios de transporte e reabastecimento modernos e que cumpram as normas para o transporte de matérias perigosas.



**Figura 3** - Militares em Formação.

Lições Identificadas para o Cmd BrigInt:

- Devem ser sempre elaboradas Guias de Marcha individuais para os RepFA e para os militares empenhados nas EqViat;
- Os períodos de rotação das funções mais críticas do PCAv (ex. Chefe de Turno), devem ser sempre superiores a 48H e desfasadas dos restantes militares;
- As EqViat, independentemente da sua situação ou dependência hierárquica durante a operação, devem sempre manter na sua posse todos os meios de comunicações atribuídos (ex. SIRESP) para a operação.

No final da operação, todos os militares envolvidos demonstraram enorme orgulho por terem participado nesta experiência de empenhamento real em TN e, sobretudo, por ter participado em mais uma missão de AME do Exército, ao serviço dos portugueses.

#### Notas:

<sup>1</sup>São Cristóvão é considerado o padroeiro dos motristas e, por extensão, dos viajantes em geral.

<sup>2</sup>ADR é a designação atribuída à formação sobre o Acordo Europeu Relativo ao Transporte Internacional de Mercadorias Perigosas por Estrada (Decreto-Lei.º 111-A/2017 de 31 de agosto e adicionalmente o Decreto-Lei n.º 41-A/2010 de 29 de abril).

<sup>3</sup>Portaria n.º 255-B/2019 de 2 de agosto.

<sup>4</sup>Portaria n.º 255-B/2019 de 2 de agosto [Art.º 2.º (Intervenção das FFAA na requisição civil)].

<sup>5</sup>Idem.

<sup>6</sup>Idem.

<sup>7</sup>O PCAvNORTE foi instalado na sala de reuniões do comando do RTm, com acesso à Rede de Dados do Exército, telefone militar, telemóvel e rádio SIRESP e ligação a uma impressora do RTm, partilhada em rede.

# O COMANDO E CONTROLO DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO NA COVID-19

## INTRODUÇÃO

A Pandemia provocada pelo Novo Coronavírus (SARS-CoV-2) gerou uma situação de crise sanitária com repercussões internacionais, cujos efeitos tendem a ter implicações catastróficas ao nível estratégico, quer no âmbito da saúde pública, da economia ou mesmo no âmbito social. Neste cenário de crise não é de surpreender a participação das Forças Armadas (FFAA), e consequentemente do Exército e da Brigada de Intervenção (BrigInt), neste contexto de crise como aquele que estamos a viver, principalmente após declaração do “Estado de Emergência” em Portugal. Não é intenção do presente ensaio efetuar uma análise à participação das FFAA e suas responsabilidades no “Estado de Emergência”, mas apresentar, para memória futura, a forma como a BrigInt se organizou ao nível do Comando e Controlo (C2) após a receção do Plano de Contingência do Exército (PLACON “COVID-19/EX”). Esta atividade, na sua essência de Apoio Militar de Emergência, enquadra-se na missão das FFAA de Apoio ao Desenvolvimento e Bem-Estar das Populações e decorre, em termos doutrinários da Componente Terrestre do Sistema de Forças, na tipologia de Operações de Apoio Civil, movida pela necessidade da promoção da melhoria das condições de vida das



**HÉLDER FÉLIX**

TCOR INF

CEM/BRIGINT

populações e da preservação do potencial militar.

Embora pareça uma missão óbvia e de fácil interpretação, a sua complexidade, no que diz respeito à integração e coordenação de tarefas, merece alguma reflexão. No nível tático, a BrigInt possui uma dispersão territorial significativa, desde Chaves a Vendas Novas, que exige um C2 centralizado ao nível da decisão e uma execução descentralizada. Esta dispersão territorial, que cobre cerca de 40% do território continental, permite o emprego de Forças num prazo relativamente curto e apoiar, ou mesmo complementar, os restantes serviços públicos. Manter em funcionamento as competências do Quartel-General (QG) da BrigInt, ter capacidade de resposta para planear, coordenar e controlar as atividades decorrentes do empenhamento do Exército no combate à Pandemia, simultaneamente preservar o potencial humano e garantir a capacidade de resposta adequada para apoio às autoridades nacionais, mantendo a garantia de serviços essenciais, foi o desafio para o qual tivemos que nos reorganizar.

## CONCEITO DA CÉLULA DE RESPOSTA/COVID-19 DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO

Para garantir a continuidade do C2 das atividades em

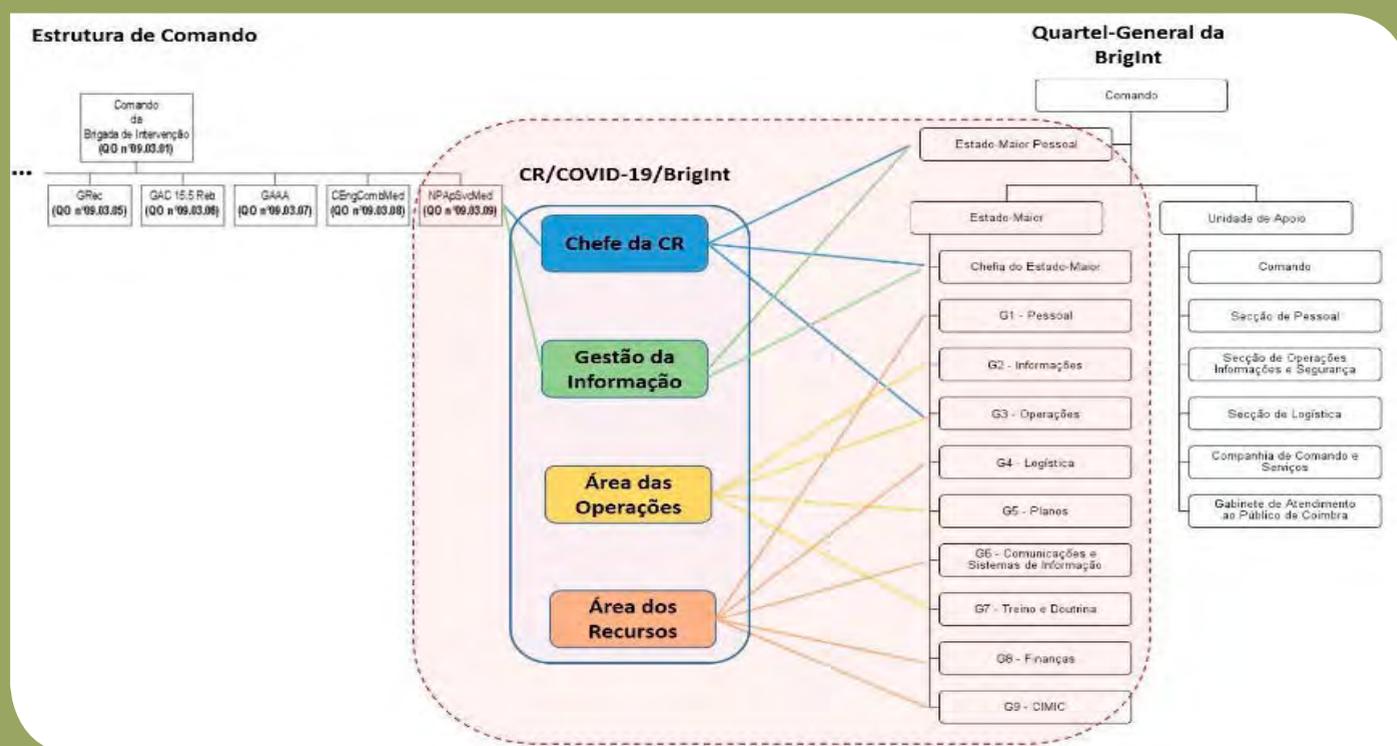
curso, o Comando e Estado-Maior (EM) da BrigInt e o Núcleo Permanente de Apoio de Serviços Médio (NPAPSvcMed) organizaram a título permanente uma Célula de Resposta (CR/COVID-19/BrigInt) como órgão de apoio ao exercício de Comando do Brigadeiro-General Comandante da Brigada, tendo por missão avaliar e acompanhar permanentemente a situação das Unidades da Brigada, propor a implementação das medidas necessárias para preservar o potencial humano, contribuir para a saúde pública e garantir capacidade de resposta militar, difundindo ordens para a execução de tarefas após o seu restabelecimento a partir das ordens emanadas pela CR/COVID-19/Ex, constituída no Comando das Forças Terrestres.

O racional passou por criar uma estrutura, a partir dos recursos humanos do EM/BrigInt e do NPAPSvcMed, que respondesse em exclusivo às missões decorrentes da situação de Pandemia, continuando, todos os restantes assuntos entregues às respetivas áreas do EM

da BrigInt. Nesta lógica, e de forma a ser preservado o potencial humano, os Oficiais e Sargentos do QG/BrigInt, foram agrupados por equipas nas quatro áreas em que se organizou a CR: um Oficial Coordenador da CR; uma equipa dedicada à área dos Recursos com militares das Repartições G1, G4, G6, G8 e G9; uma equipa dedicada à área das Operações com militares do Gabinete de Apoio ao Comando, da Informação Pública e das Repartições G2, G3, G5 e G7; e uma equipa dedicada à Gestão da Informação específica dos assuntos relacionados com a COVID-19, ficando assim desagregada daquela que convencionalmente é objeto da equipa de Gestão de Informação do QG/BrigInt.

### ORGANIZAÇÃO

Organizada então em quatro áreas, a CR foi constituída por equipas de sete militares, distribuídos da seguinte forma: três militares (2/1/0) dedicados à área dos Recursos, onde se incluem as áreas de Pessoal e Logística; dois militares (1/1/0) na área das Operações,



**Figura 1** – Conceito da CR/COVID-19/BrigInt.

para a elaboração de Planos e Ordens e coordenação e controlo das atividades; um Gestor de Informação (0/1/0) para receção, expedição e registo, em formato de diário, de todas as ações da CR; e um Coordenador (1/0/0) para chefiar a CR.

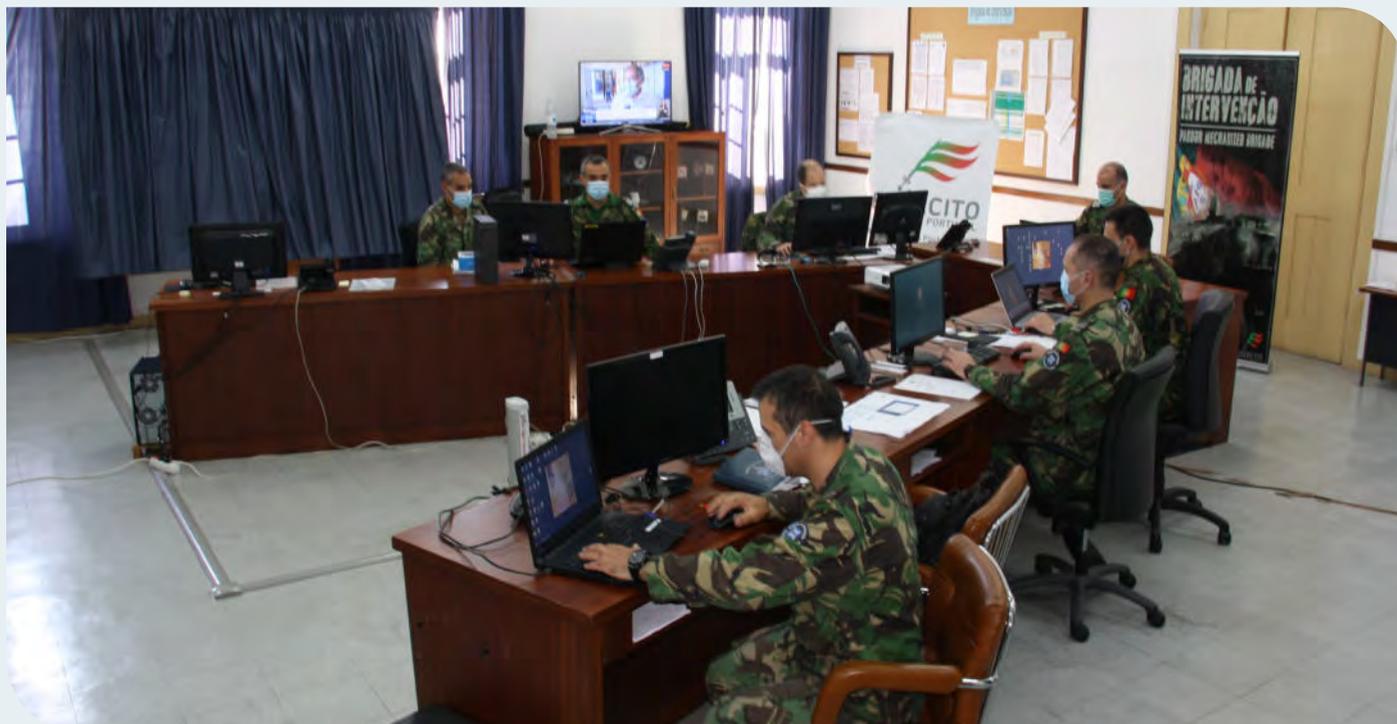
Com a finalidade de permitir um apoio contínuo às operações e às Unidades da BrigInt, esta célula funcionou em permanência na Sala de Operações do QG/BrigInt, em Coimbra, 24 horas por dia e sete dias por semana (24/7), com rotação das equipas de militares em ciclos de sete dias. Esta rendição de militares na CR, teve como intuito salvaguardar o potencial humano, mitigando os riscos de transmissão da COVID-19 entre os militares do QG/BrigInt.

Com a implementação da CR (fisicamente no QG) os militares do EM não escalados nessa semana para funções na CR passaram à situação de teletrabalho. Esta disposição revelou-se ajustada e de uma enorme valia. No entanto, importa realçar que a situação de

teletrabalho foi um sucesso alicerçado em dois fatores fundamentais: o primeiro decorre do investimento que a BrigInt efetuou, nos últimos anos, na renovação dos equipamentos informáticos, com a substituição de desktops por laptops por todos dos Chefes de Repartição; o segundo, pelo acesso à Rede de Dados do Exército a partir de casa, através de ligações VPN. Este incremento tecnológico foi decisivo para o sucesso na diminuição do risco de contágio da doença no QG e na Unidade de Apoio do QG/BrigInt, considerando-se indispensável manter em situações futuras. Foi graças a este facilitador tecnológico que se conseguiu preservar potencial, manter ligação com o escalão superior e escalões subordinados, aceder aos programas de gestão e efetuar reuniões por vídeo teleconferência<sup>5</sup> (VTC).

#### CONCLUSÃO

- A Pandemia provocada pela COVID-19 e Novo Coronavírus (SARS-CoV-2), obrigou o Exército, e consequentemente a BrigInt, a adaptar



**Figura 2** – Organização da CR/COVID-19/BrigInt.

rapidamente a sua estrutura de C2 de modo a conseguir cumprir as três linhas de ação essenciais previstas no PLACON “COVID-19/EX: preservar o potencial humano; contribuir para a saúde pública; e garantir capacidade de resposta militar.

- Para tal, a BrigInt criou, a título permanente, uma CR (CR/COVID-19/BrigInt) como órgão de apoio ao exercício de Comando do Brigadeiro-General Comandante da Brigada, organizada em quatro áreas (Chefia; Recursos; Operações e Gestão da Informação) separando as tarefas decorrentes do apoio da BrigInt ao combate à COVID-19 das restantes tarefas do EM, que foi colocado na situação de teletrabalho.
- Com as inúmeras missões que foram sendo atribuídas à BrigInt no âmbito do apoio ao combate à COVID-19, onde se podem destacar: preparação dos Centros de Acolhimento e Centro de Acolhimento Militar; a disponibilização de infraestruturas para a reserva estratégica nacional de EPI; a disponibilização de militares da área da saúde para apoio ao Hospital das Forças Armadas; a formação de equipas de desinfeção; a operação de uma linha de descontaminação de veículos de emergência; a distribuição de refeições aos sem abrigo em Lisboa; as ações de sensibilização e distribuição de material da CL VIII nos Estabelecimentos de Ensino Secundário; foi possível planejar, coordenar e controlar todas as missões através de uma CR dedicada, permitindo manter em paralelo, o funcionamento do EM da Brigada para seu apoio e condução de planeamento e apoio à decisão relativos a outros assuntos.

#### Notas:

<sup>1</sup>De forma a salvaguardar a Cadeia de Comando da Brigada, foi estabelecida a alternância semanal entre o Exmo. Brigadeiro-General Comandante e o Exmo 2.º Comandante.

<sup>2</sup>Conforme Figura 1, para além dos Oficiais e Sargentos do EM Coordenador também incorporaram as quatro áreas da CR os Oficiais e Sargentos do Gabinete de Apoio ao Comando, Gabinete de Informação Pública, Gabinete de Segurança e Saúde no Trabalho e Proteção Ambiental.

<sup>3</sup>O Oficial Coordenador da CR/COVID-19/BrigInt foi garantido por um Tenente-Coronel, tendo sido nomeados para o efeito o Chefe de EM da Brigada, o Comandante do NPAPSvcMed, o Chefe do Gabinete de Segurança e Saúde no Trabalho e Proteção Ambiental e o Chefe da Repartição de Operações (G3).

<sup>4</sup>Os oficiais da área dos Recursos e das Operações efetuavam a rotação à segunda-feira, enquanto que para os restantes elementos, era garantida à terça-feira, evitando ao máximo a quebra de informação na passagem dos turnos e a concentração de militares nos momentos da rendição.

<sup>5</sup>Normalmente foi efetuada uma VTC com o Comando das Forças Terrestres uma vez por semana e, em dias alternados, entre a CR/COVID-19/BrigInt e as Unidades da BrigInt.

# O CENTRO DE ACOLHIMENTO DO RC6

A atual pandemia por COVID-19, decretada pela Organização Mundial da Saúde a 11 de março de 2020, teve início a 31 de dezembro de 2019 na China e rapidamente se disseminou por todo o Mundo. Portugal reportou o seu primeiro caso de COVID-19 a 02 de março de 2020, tendo registado um crescimento acelerado da transmissão do vírus desde então.

Neste contexto, a Direção Geral da Saúde subiu o nível de resposta a epidemias para a fase de mitigação a 16 de março de 2020, assumindo já a existência de transmissão comunitária ativa. A contenção eficaz da COVID-19 implica a adoção de medidas individuais de proteção, mas também o isolamento social dos indivíduos infetados. Este isolamento foi efetuado em estruturas hospitalares, enquanto Portugal se manteve numa fase de contenção da epidemia. Com a evolução do contexto epidemiológico, verificando-se um incremento de pessoas infetadas, as estruturas hospitalares são reservadas para casos graves de infeção, pelo que os indivíduos com quadros clínicos ligeiros fazem a sua convalescença em ambulatório.

Constitui-se como um dado adquirido que o isolamento social, ou seja, a restrição de contactos entre indivíduos, é uma das medidas de saúde pública mais eficazes para quebrar a cadeia de transmissão, entre indivíduos, na comunidade.

Na tentativa de dar resposta à eventual necessidade de isolamento social de doentes infetados pela COVID-19,



**GOMES DA SILVA**

TCOR CAV

2CMDT DO RC6

sem critérios de internamento/gravidade ou casos especiais com indicação para internamento, o Exército, através dos seus Regimentos, disponibilizou ao Serviço Nacional de Saúde (SNS) instalações militares para se constituírem como Centros de Acolhimento (CA).

Neste contexto, a Ordem Parcelar N.º 02 ao Plano de Contingência "COVID-19/EX" definiu quais as Unidades que iriam disponibilizar CA. Ao Regimento de Cavalaria n.º 6 (RC6) competiu garantir o CA para apoio à região Norte.

O CA assegurado pelo RC6 é constituído por duas casernas, num total de noventa camas, sendo também garantido o apoio em roupa de cama, confeção e distribuição de alimentação, lavandaria e serviço de limpeza e desinfeção, este último com recurso à contratação externa. O funcionamento do CA é garantido por militares e por civis, nomeadamente através de voluntários que se inscreveram através de uma plataforma informática gerida pelo Estado-Maior-General das Forças Armadas. Já o apoio sanitário ao CA do RC6, e aos demais CA, é gerido pelo SNS.

Após receção da missão, o RC6 iniciou os procedimentos



**Figura 1** – O RC6 em Braga.

para apropriar as duas casernas para estarem, no mais curto espaço de tempo possível, aptas a receber condignamente os utentes, profissionais de saúde e voluntários. Também foram envidados esforços para planear, preparar, organizar e operacionalizar os serviços de distribuição e renovação da roupa da cama, confeção e distribuição de alimentação, lavandaria e também para a gestão e segurança diárias do CA.

Ao nível do pessoal, foi organizada uma "subunidade" constituída por: Comando (02/02/00) e dois Pelotões de Segurança (01/03/18). Quando ativado, o CA passaria a funcionar ininterruptamente.

No que concerne às infraestruturas, houve necessidade de intervir tanto no exterior como no interior das mesmas. No exterior, foram definidos os itinerários de aproximação e de retirada dos utentes do CA, bem como a identificação das áreas de isolamento. No interior das casernas, existiu a preocupação de apropriar tanto o átrio e gabinetes (visando criar um circuito que permita

quer o acesso em condições sanitárias adequadas, quer o registo de utentes, profissionais de saúde e voluntários), como os compartimentos destinados a alojamento e instalações sanitárias.

No átrio da caserna foi estabelecido um percurso de acesso, tendo sido levantada uma divisória, para separar a "zona limpa" da "zona potencialmente contaminada", onde se incluiu um pequeno vestiário para que os profissionais de saúde e voluntários, à saída, possam retirar os Equipamentos de Proteção Individual (EPI) potencialmente contaminados. Os gabinetes do átrio foram adaptados para receberem os profissionais de saúde e voluntários nos seus períodos de descanso/pausa.

No interior da caserna, o primeiro compartimento foi reservado e adaptado para funcionar como "sala de lazer" para os utentes, sendo equipado com uma televisão, cadeiras, secretárias e alguns livros, enquanto que os restantes compartimentos, destinados

a alojamentos, foram ajustados para comportarem seis camas, seis secretárias de campanha e seis armários metálicos. Ainda nos compartimentos, foram adquiridas e colocadas extensões elétricas para uso individualizado de cada utente. Uma das casernas está destinada a ser ocupada por utentes masculinos, e a outra por utentes femininos.

Uma das preocupações iniciais foi de dotar o CA com os materiais adequados ao seu funcionamento. Neste sentido, foram várias as ações desenvolvidas, das quais



**Figura 2** – Átrio do CA do RC6.

destacamos:

- Colocação de contentores para recolha de resíduos orgânicos e material descartável de alimentação;
- Colocação de contentores para recolha de EPI e outro material potencialmente contaminado;
- Colocação de contentores para recolha de roupa dos utentes, separada por sexos e identificada individualmente;

Foi também preparada uma caserna para conferir

alojamento a profissionais de saúde e voluntários que viessem a manifestar essa necessidade. Saliento que, tanto no que diz respeito a alojamento como a refeições, não existe interação entre o pessoal destinado ao funcionamento do CA e os restantes militares/civis do Regimento.

Internamente, o RC6 elaborou os seguintes documentos, para operacionalização do funcionamento do CA, cuja entrada em vigor está dependente da Ordem de ativação do CA/RC6:



**Figura 3** – Compartimento do CA do RC6.

- Ordem Parcelar Nº 1 – Centro de Acolhimento/RC6;
- Plano COVID-19 – Procedimentos de *In Processing* dos voluntários ao Centro de Acolhimento do RC6;
- Plano de escalas de serviço no RC6 após ativação do Centro de Acolhimento;
- Boletim clínico COVID 19 UTENTES;
- Folha de Admissão/Questionário Epidemiológico

COVID-19;

- Folheto: Guia do Utente do CA/RC6.

Em jeito de conclusão, aprez-me referir que foi notório o elevado empenho de todos os militares e funcionários civis do RC6, os quais contribuíram decisivamente para o levantamento e operacionalização, não só do Centro de Acolhimento, mas também de todas as missões e tarefas relacionadas com a pandemia. No que respeita ao CA, este foi permanentemente melhorado, ao longo dos dias, para garantir as melhores condições, tanto aos utentes como ao pessoal de apoio ao funcionamento, tendo sido exploradas condições de infraestruturas, materiais, logísticas/financeiras, etc.

Revestiu-se também de particular importância a relação estabelecida com a ARS Norte, materializada com o Protocolo de Colaboração, e que permitiu ajustar

condições e procedimentos, em caso de ativação do CA. Até à data, felizmente, não se registou a necessidade de ativar o CA COVID-19/RC6, uma vez que a evolução epidemiológica ter vindo a ser favorável.

Termino, lembrando que todos os militares e funcionários civis do RC6 contribuíram decisivamente para o levantamento do CA COVID-19/RC6, bem como para todas as ações desenvolvidas para enfrentar e debelar esta pandemia, fazendo sempre parte da solução e trabalhando para o bem comum, com elevada proficiência técnica e capacidade de liderança.

Faço votos de que esta situação seja ultrapassada no mais curto espaço de tempo possível e que todos fiquemos bem.



**Figura 4** – Guia do Utente do CA do RC6.

# O CENTRO DE ACOLHIMENTO MILITAR DO REGIMENTO DE TRANSMISSÕES

Antevendo a propagação do vírus SARS-CoV-2 em Portugal e porque o vírus afetava significativamente alguns países da Europa, o Exército iniciou o seu planeamento no âmbito da prevenção e controlo de infeção pelo novo Coronavírus. Assim, elaborou e pôs em execução o Plano de Contingência "COVID-19/Ex", de 9 de março de 2020, refletindo as diretivas emanadas superiormente do Despacho N.º 28636-A/2020 de S. Exas. as Ministras da Modernização do Estado e da Administração Pública, do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social e da Saúde, bem como o Plano de Contingência N.º 4/EMGFA/2020 – PLACON SALUS.

Neste enquadramento, todas as Unidades, Estabelecimentos e Órgãos do Exército elaboraram os próprios planos para fazer face a uma situação sanitária, entretanto declarada como pandemia a 11 de março, pela Organização Mundial de Saúde, tendo o Regimento de Transmissões (RTm) posto em execução, em 16 de março, o Plano de Contingência "COVID-19/RTm". Nesse plano é referida pela 1ª vez a necessidade do RTm se preparar para apoiar autoridades locais/nacionais, bem como é atribuída a tarefa ao Batalhão de Transmissões, de à ordem, preparar-se para aprontar infraestruturas suas para esse apoio, conforme determinação superior.



**GUSTAVO GAÇO**

TCOR TM

CMDT DO BTM

Determinação essa, entretanto veiculada através da Ordem Parcelar (OParc) N.º 1 ao Plano de Contingência "COVID-19/Ex", datada de 15 de março, e que atribuía ao Comando da Forças Terrestres, através dos seus Regimentos, o levantamento de uma capacidade para eventual acolhimento de civis afetados pelo vírus (isolados e contaminados), em apoio do Serviço Nacional de Saúde (SNS) e em ligação com o Comando Conjunto para as Operações Militares (CCOM).

A 18 de março o CCOM emana a *Activation Order* para ativação dos Centros de Acolhimento (CA) dos Ramos, em apoio do SNS, e o RTm através da Alteração 1 ao Plano de Contingência "COVID-19/RTm", datada de 20 de março, explicitamente institui o seu CA.

Posteriormente, a 26 de março, a Diretiva n.º 22/CEMGFA/20 e a OParc N.º 2 ao Plano de Contingência "COVID-19/Ex", reorientam a tarefa do RTm de implementar um CA em apoio do SNS, passando o Regimento a garantir o apoio, nomeadamente os serviços de alimentação, limpeza, lavandaria, recolha de resíduos e segurança, a um Centro de Acolhimento Militar (CAM) para eventual acolhimento de militares

infetados pelo vírus, em apoio do Hospital das Forças Armadas – Polo do Porto (HFAR-PP) e sob coordenação do EMGFA.

Depois de um processo de estabelecimento de todas as condições necessárias à sua abertura, a 13 de abril de 2020, é declarada a *Full Operational Capability* do CAM e o RTm, através da OParc N.º 1 ao Plano de Contingência “COVID-19/RTm” – Alteração 1, define as condições finais da sua operação em articulação com o HFAR-PP. Para a implementação do CAM, o Regimento de Transmissões preparou duas casernas para receção de indivíduos exteriores à Unidade, procurando preencher os requisitos solicitados. Como a finalidade para que estes edifícios normalmente se destinam não é a de se constituírem como instalações de apoio sanitário, houve necessidade de se proceder à adaptação das infraestruturas para este novo fim, tanto ao nível interno, como ao nível externo, através da contratação, nalguns casos em regime de exceção, de serviços adicionais.

Avaliada a situação e mediante a informação que foi enviada ao Regimento, a Unidade teve capacidade para disponibilizar logo à partida, sem apoios externos:

- Alojamento para seis pessoas por compartimento, obedecendo às distâncias de segurança entre os utentes, em instalações com casas de banho comuns – uma em cada uma das casernas;
- Gabinetes de trabalho e WC para as equipas sanitárias, em cada caserna, separados da parte do internamento;
- Confeção e fornecimento da alimentação aos utentes nas casernas e às equipas sanitárias no refeitório geral, em espaço separado dos restantes militares do Regimento;
- Fornecer o serviço de lavandaria de roupa da cama e de vestuário individual dos utentes;
- Reservar um espaço externo no exterior e junto a



**Figura 1** – Compartimentos das casernas.

cada caserna, para utilização pelos utentes;

- Garantir a segurança às instalações, na medida das capacidades da Unidade.

Como serviços adicionais e aquisições imediatas que tiveram de ser efetuados assim que foi recebida a missão, destaca-se:

- A contratação, à ordem e assim que o CAM recebesse os primeiros utentes, de um serviço externo para desinfeção das casernas e recolha de resíduos hospitalares;
- A contratação de um serviço adicional de limpeza diária para as duas casernas;
- A aquisição de recipientes descartáveis para a distribuição da alimentação nas casernas.

De salientar, ainda, a preocupação manifestada pelo Regimento para ser reforçado, logo após receber esta tarefa, por militares da Área da Saúde, já que a Unidade se encontrava sem Enfermeiro (e sem Médico, naturalmente) desde meados de 2019 e de se ter considerado absolutamente necessária a presença desses militares para aconselhamento técnico no planeamento do apoio que teria de ser prestado.

Neste enquadramento, foi decidido que a gestão dos utentes do CAM ficaria a cargo de equipas sanitárias do HFAR-PP, reforçadas com as Praças com a especialidade

de Socorrismo do RTm. Depois destas alterações, o CAM foi visitado pelos Diretores do HFAR de Lisboa e do Pólo do Porto, tendo sido fixada a sua capacidade final em 72 doentes COVID-19, 36 do sexo masculino numa das casernas, e 36 do sexo feminino na outra.

Passando o CAM a ser gerido pelo HFAR, foi então nomeada uma equipa sanitária constituída por um Oficial Médico, quatro Oficiais Enfermeiros e seis Socorristas (um do Centro de Saúde Militar de Coimbra e os cinco do RTm). Adicionalmente, e decorrente da visita referida anteriormente, o RTm foi também autorizado a contratar uma empresa para a climatização das duas casernas, para garantir melhores condições de habitabilidade aos utentes.

Foi esta equipa sanitária que procedeu ao levantamento das restantes necessidades, que foram fornecidas pela Unidade com o apoio do HFAR-PP e que procedeu ao desenho e implementação dos circuitos que iriam ser utilizados tanto por parte dos utentes, como por todos os militares e civis que lhes viessem a prestar o apoio. Salientam-se nas casernas do CAM os circuitos implementados pela equipa sanitária, de modo a que fosse implementada uma “zona verde”, potencialmente mais segura e livre do vírus, separada da “zona vermelha”, reservada aos utentes do CAM, para que



**Figura 2** – Vista exterior do CAM.

se conseguisse salvaguardar todos os militares que viessem a prestar o apoio aos utentes.

Em suma, o CAM do RTm passou a ser uma extensão do HFAR-PP na gestão dos militares, seus familiares e elementos das Forças de Segurança que tivessem necessidades de internamento. Depois de recebidos nas instalações do HFAR-PP e efetuada a respetiva triagem no âmbito da COVID-19, os utentes seriam reencaminhados para o CAM para monitorização da positividade da doença ou se precisassem de isolamento social ou quarentena fora das suas habitações, para não colocarem em risco os seus familiares.

Em paralelo ao trabalho desenvolvido pela equipa sanitária, que veio mais tarde complementar a formação nos procedimentos a adotar pelos militares do Regimento que pudessem ser empenhados nas tarefas em apoio ao CAM, o Exército foi desenvolvendo ações de formação para os seus militares, para o cumprimento desta missão e de todas as outras em apoio ao combate à COVID-19. De destacar a formação que os militares tiveram em Espinho, no Regimento de Engenharia n.º 3, para estarem habilitados a efetuar a desinfecção do CAM e em outros espaços dentro da Unidade, em caso de necessidade, assim como a formação ministrada pela equipa sanitária do CAM no que diz respeito ao vestir/despir do equipamento de proteção individual (EPI), nos procedimentos a adotar para a distribuição da alimentação aos utentes do CAM, nas questões de segurança sanitária adicionais a ter em conta no contacto com pessoas infetadas com COVID-19, no manuseamento da roupa para lavar na lavandaria da Unidade, entre muitas outras, que constituíram uma total novidade para os militares envolvidos.

Para apoio ao CAM foi fornecida ao RTm uma ambulância adicional, para que se pudessem prestar apoios sanitários diferenciados a militares que estivessem infetados e aos outros militares da Unidade no seu

serviço normal diário.

O Regimento implementou ainda na sua Sala de Operações uma Célula de Resposta (CR), capaz de responder às solicitações enviadas diariamente pelas CR dos escalões superiores. Aproveitando os recursos humanos existentes, foi desenvolvida uma aplicação informática no portal da Unidade, capaz de espelhar a situação do Regimento em termos de apoios prestados, ocupação do CAM, situação logística, (DOS) e toda a informação considerada pertinente para ser visualizada no ecrã instalado na Sala de Operações e que facilitasse o processo de tomada de decisão.

Paralelamente à implementação do CAM, os militares do Regimento de Transmissões foram empenhados em muitos outros apoios tanto ao nível do Exército e das Forças Armadas, como a nível civil. A sua localização e a Área geográfica atribuída pelo CFT para a missão de Apoio de Área, colocaram a Unidade como um dos centros nevrálgicos no apoio à população civil na região do grande Porto. Destacam-se os seguintes apoios, entre alguns outros:

- Constituir-se como Centro Logístico Militar da Região Norte do Laboratório Militar de Produtos Químicos e Farmacêuticos (LMPQF), com armazenamento tanto do material a ser utilizado pelas FA na região do Norte, como do material à guarda do LMPQF sob responsabilidade da Direção Geral de Saúde;
- Montagem e manutenção de tendas na região do Porto – foram montadas duas tendas no HFAR (uma do RTm e outra do Regimentod de Cavalaria n.º6 e quatro tendas do Regimento de Infantaria n.º13 no Instituto Português de Oncologia, que ficaram entregues e à responsabilidade do RTm;
- Apoio em alojamento para Oficiais, Sargentos e Praças do HFAR-PP, em resultado da necessidade de reforço do hospital em pessoal, para o apoio à

população civil;

- Cedência de camas militares articuladas a diversas entidades, assim como o apoio em transporte a Unidades militares vizinhas;



**Figura 3** – Portal desenvolvido com o ponto de situação dos apoios do RTm.

- Constituição de duas equipas de desinfeção com cinco elementos (um Sargento e quatro Praças), com capacidade de atuação em espaços identificados com presença moderada de pessoal infetado;
- Realização de ações de sensibilização, demonstração e desinfeção em 64 Estabelecimentos de Ensino Secundário na região do Porto, tendo em vista a reabertura do ensino presencial para os alunos dos 11.º e 12.º anos – para esta ação o RTm constitui quatro equipas (Um Oficial, Um Sargento e uma Praça) e foi reforçado com outras quatro equipas (três da Brigada Mecanizada e uma do Regimento de Paraquedistas);
- Receção, armazenamento temporário e distribuição de produtos para apoio à população na região Norte do País, oferecidos por empresas grossistas;
- Receção, armazenamento temporário, embalagem

e distribuição de lotes de Equipamentos de Proteção Individual (EPI) e Solução Antisséptica de Base Alcoólica (SABA), destinados aos mesmos 64 Estabelecimentos de Ensino Secundário (EES) da região do Porto;

- Apoio logístico e reforço ao Elemento de Defesa Biológica, Química e Radiológica do Exército, para a desinfecção do Lar do Comércio, em Matosinhos.

Felizmente, até à redação do presente artigo, o CAM não chegou a receber nenhum utente, provando que a resposta dada por Portugal à pandemia da COVID-19 terá sido eficaz ao ponto de ter conseguido ser garantida pelo SNS. No entanto, este conjunto de tarefas constituiu um verdadeiro desafio para a Unidade e alterou por completo a sua rotina diária, em prol do apoio à população no combate a esta doença.

Em jeito de conclusão, o RTm registou com bastante agrado a forma sempre pronta, prestável e de total disponibilidade que os seus militares demonstraram durante o período em que Portugal se encontrou em Estado de Emergência e em período de Calamidade Pública, e que, apesar de todas as condicionantes, souberam sempre responder com elevada prontidão às missões que lhes foram atribuídas. Esta resposta representa, inequivocamente, a forma como a Brigada de Intervenção e, em última análise, o Exército Português, consegue colocar os seus homens e mulheres no desempenho da missão para a qual juraram defender o seu País: estar "Ao serviço de Portugal e dos Portugueses".



**Figura 4** – Ações de Sensibilização nos Estabelecimentos de Ensino do Porto.



**Figura 5** – Ações de Sensibilização nos Estabelecimentos de Ensino do Porto.



**Figura 6** – Local de armazenamento para a distribuição de lotes de EPI e SABA.

# A PRESTAÇÃO DE CUIDADOS DE SAÚDE EM AMBIENTE COVID

Em Portugal, tudo começa com o aparecimento da COVID-19 no norte do país, num momento em que o mundo inteiro se preparava para ouvir, a partir da Organização Mundial da Saúde, a declaração de pandemia causada pelo Novo Coronavírus (SARS CoV-2). Fruto da sua capacidade de proliferação, assiste-se assim à sua rápida disseminação pela região, criando bolsas de contágio, aproveitando-se da inocência, do descrédito e até desinteresse de alguma população que, apesar dos frequentes e incansáveis alertas de todas as autoridades sanitárias e governamentais, tudo fazem para manter as suas habituais rotinas, negligenciando os riscos a que, consciente ou inconscientemente, se expõem e que rapidamente vão aumentar.

O momento, alimentado pela inconsciência cívica inicial ou pela negação dos factos que os ventos revelavam de outras paragens, assistiu à impassividade cívica e à sua necessidade de manter a dita normalidade e a tão desejada liberdade individual e coletiva, mesmo que, a pouco e pouco, tais práticas acumulassem riscos substanciais e de difícil controlo.

É neste contexto que aparece este flagelo social que é a COVID-19, acabando por ser conduzido paulatinamente para os sectores mais desprotegidos e vulneráveis da nossa sociedade, os mais idosos e, em particular, aqueles que se encontram à guarda das instituições de



**ALBERTO LEBREIRO**

TEN TS

ENFERMEIRO DO RI19

solidariedade social. Este cenário de quase caos, implica respostas comportamentais musculadas, imediatas e com carácter de obrigatoriedade. Assim, as fragilidades humanas que surgem com o avanço da idade são as que primeiro vacilam perante tais ameaças, pelos motivos sobejamente conhecidos por todos. Mesmo assim, a inconsciência voluntária ou involuntária, funcionou como amigo desta COVID-19 e serviu de vector para a sua propagação. O resto da história é conhecida.

É neste contexto que o Regimento de Infantaria n.º 13 (RI13), se torna num protagonista na intervenção no Lar de Nossa Senhora das Dores, em Vila Real, a partir de 25 de março. Constituindo-se na unidade a quem é atribuída a missão, constitui duas equipas de intervenção sanitária compostas por dois enfermeiros, a Segundo-Sargento (2Sarg) Enfermeira Marina Pereira, do RI13, eu próprio, do Regimento de Infantaria n.º 19 (RI19) e por 10 praças, o Primeiro-Cabo João Mota, a Primeiro-Cabo Carolina Cima e os Soldados Ricardo Batista, Paulo Alves, Duarte Ramalho, Rúben Teixeira, Hélder Carvalho, Fábio Loureiro, Rafael Carvalho e Márcio Silva, todos do RI13.

A primeira equipa de intervenção, chefiada pela 2Sarg

Enfermeira Marina Pereira, entrou no Lar de Nossa Senhora das Dores, em Vila Real, às 19:00 do dia 25 de março, deparando-se com um cenário de esgotamento físico e psicológico da equipa de funcionários, como nunca tinha presenciado. Toda a sua azáfama, torna-se rapidamente evidente aos olhos destes primeiros militares que, surpreendidos mas motivados, não contavam com semelhante tarefa! Mas o espírito de missão e bem servir é a constante destes “Infantes do Marão” que apesar da inexperiência neste tipo de tarefas, em nada esmoreceram a sua determinação, dignificando o RI13, a Brigada de Intervenção e o Exército Português, com um exemplo marcante de entrega, retidão e abnegação que deve motivar a sociedade em geral nesta necessidade de resiliência, de mobilização e de combate à pandemia.

Durante a viagem de Chaves para Vila Real, mantive contacto com a 2Sarg Marina Pereira que ia dando conta do cenário que iriam encontrar e da responsabilidade que lhes era exigida, naquele momento de elevada importância. Chegada a hora de rendição, a ansiedade aumentava. Entrando pela porta verde aparecem uns

olhos esbugalhados, como quem sai da penumbra de há pelo menos quatro dias. Revelam um misto de ansiedade de quem quer sair, mas sem vontade de abandonar aqueles que cuidam. Ainda assim um misto de alívio indicador da exigência que esperava todos aqueles militares.

Olhos que reconheço e agora compreendo no grito da janela observado dias antes na televisão. Nessa altura aquela imagem chocou-me, pensava eu. Mas na realidade, o que me chocou verdadeiramente foi contemplar as lágrimas que escorriam pelas faces, inclinando a cabeça numa tentativa de as esconder. Eram mesmo lágrimas. Lágrimas de revolta, lágrimas de não quererem libertar-se dos seus idosos, lágrimas também elas por contemplar outros rostos.

Aquele grito de janela que acordou consciências, que prendeu pessoas junto daquela porta, dia e noite, que teve visibilidade mundial, que se tornou viral na Internet, contribuiu para que um ligeiro passo fosse dado na sua direção. Foi o Exército dos portugueses que deu esse primeiro passo em auxílio daqueles quais mais necessitavam naquele momento de desespero.



**Figura 1** – Entrada do Lar de Nossa Senhora das Dores, em Vila Real.

Está na hora do jantar e os militares entram em cena, metendo o braço naqueles que têm mais dificuldade na marcha, que agradecem o amparo, os militares olham-se uns aos outros e sorriem, sentem-se úteis embora deslocados. São eles, que com a progressiva perda de vergonha, com o medo de errar, sem o desembaraço necessário, sem a formação adequada, que ajudam na distribuição da comida, no acomodar dos idosos, estorvados pelo novo e frágil fardamento que ora lhe impuseram e que há menos de uma hora lhe ensinaram a vestir.

Comoveu-me o estado psíquico destas senhoras, o esgar esgotado, o rosto lavado em lágrimas, as cabeças metidas entre as mãos, os pés inchados de tanta escada subir e descer, da falta de relaxamento, os antebraços edemaciados e avermelhados, provocados pela irritação de detergentes, do uso contínuo das luvas, dos efeitos dos desinfetantes. Com um gesto de respiração profunda levantam-se uma a uma, enchem o peito de ar e retomam a lide. Está na hora de subir os idosos. Uns para o salão, outros para os quartos, dá-se início à procissão escadas e elevador acima.

De novo os militares estão interventivos. Conduzem cadeiras de rodas, ladeiam os braços dos mais periclitantes, esboçam sorrisos que por vezes não são correspondidos e que os levaram a questionar o que fizeram de mal, para ouvirem e verem alguns rostos fechados.

A noite galopante apodera-se da envolvência do Lar. Espreitamos a rua pela janela, aquela janela que outrora foi grito e observamos a angústia de quem lá está como se estivessem à espera do autocarro que não chega para os levar ao destino.

*"Tenente venha ver ali uma senhora que não sei se está bem. Interpela-me um."*

*"Tenente deu este valor na máquina! Diz-me outro."*

Na azáfama há o auxílio de duas voluntárias da

Cercimont de Montalegre, dignas guerreiras do voluntariado, sempre na folia de tudo quanto havia para fazer. Um apoio irrepreensível, com rostos escondidos debaixo das máscaras de proteção, que nunca ousaram baixar os braços. A excelência da sua disponibilidade, da sua postura estiveram sempre presentes. Quando as vi entrar não fazia ideia do que iriam contribuir, pensei mesmo que eram mais umas a procurar protagonismo à custa de quem ali trabalhava. Puro engano, a região barrosã deve orgulhar-se delas.

Quanto aos nossos bravos soldados, não são socorristas, são meros soldados de um Exército que lhe ensinou outra especialidade, condutor, atirador, sentem-se



**Figura 2** – Militares no interior do Lar.

incomodados com os cheiros, sentem-se assustados com estas dinâmicas, com esta azáfama. Não é o mesmo que efetuar patrulhas, estar na Porta de Armas do Quartel ou dormir ao relento numa ação de combate qualquer, este sim, é o cenário para o qual foram formados e treinados. Não estão preparados para trocar fraldas, para tocar nos doentes, nos homens e mulheres que lhes parecem moribundos e que não entendem que apenas estão doentes de velhice.

A bravura destes militares impede-os de desistirem e aí estão a fazer turnos de vigilância pelo serviço, em busca do um inimigo invisível que paira mesmo em

cima deles, de frente, debaixo, sabe-o lá, mas teima em não ser visto.

As nove horas da manhã aproximam-se e a rendição não chega. A noite foi atroz, trabalhosa, não há tempo para descanso, porque no final da preparação da medicação, inicia-se o levantamento dos utentes para o pequeno almoço, para as higienes no leito, para a medicação matinal e mais uma série de subidas e descidas estão para iniciar. A troca de roupa da cama, a mobilização de doentes, os pensos que temos de fazer, a limpeza e desinfecção de quartos vazios para receberem outros doentes, a limpeza e desinfecção de casas de banho, enfim, tarefas nada fáceis para o soldado atirador.

E por isto, não é fácil gerir um grupo tão grande de doentes que são o motivo da nossa presença, em consonância com a instabilidade emocional mais que evidente deste grupo de cuidadoras e ainda por cima ter de estar de olho no grupo de militares, atónitos,

surpresos e já com responsabilidades acrescidas, mais desinibidos e mais envolvidos.

Surge no horizonte uma réstia de esperança, que tenta teimosamente acabar com esta incómoda forma de trabalhar. Há a fortíssima probabilidade de evacuação do Lar.

Tudo isto se passou em 34 horas contínuas de serviço público, sem descanso, sem interrupções, sem vacilar, sem medos, mas com muitos receios.

O Exército, pode e deve orgulhar-se de ter militares assim. Foi uma das maiores honras que tive na minha vida militar, chefiar este grupo de soldados! Curvo-me perante este grupo de funcionárias do Lar de Nossa Senhora das Dores.

As 6 horas da manhã de sábado dia 28 de março de 2020, o momento da nossa saída do Lar, há-de permanecer por muito tempo na memória destes 12 valentes soldados de Portugal.



**Figura 3** – Reunião de Coordenação.

# A FORMAÇÃO, A LINHA DE DESCONTAMINAÇÃO DE VIATURAS DE EMERGÊNCIA E O APOIO À ABERTURA DAS ESCOLAS

## INTRODUÇÃO

São vários os métodos de desinfeção, cada um com especificidades, recomendações e delimitações próprias. Contudo, é importante reforçar que nem todas as informações que circulam estão validadas cientificamente, muito menos podem ser de uso generalizado, pelo que é imperativo que se sigam sempre as diretrizes e recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS) e da Direção-Geral da Saúde. Por exemplo a desinfeção com lâmpadas de radiação ultravioleta, validada pela OMS, apesar de eficaz, não deve de modo algum ser utilizada para a desinfeção das mãos, uma vez que podem causar irritações na pele. Contudo são uma excelente solução para desinfeção de telemóveis em estabelecimentos de ensino, onde os formandos podem colocar os seus telemóveis, *tablets*, equipamentos informáticos e material escolar. Os fatores económicos em situações de emergência e de crise, não se podem sobrepor à necessidade de preservar a vida, a propriedade e o retorno célere à normalidade do quotidiano das populações.

Em Portugal, as Forças Armadas criaram células



**JORGE FERREIRA**

CAP ENG

CHEFE DA SECÇÃO DE FORMAÇÃO DO RE3

de resposta aos vários níveis de planeamento das operações, onde o Exército atribuiu aos Regimentos de Engenharia a missão de formar equipas de desinfeção, capazes de operar em todo o Território Nacional.

As ações de formação a nível nacional para dar resposta à intervenção de equipas em situações de emergência, não são uma novidade no Regimento de Engenharia n.º 3 (RE3), muito menos na Engenharia Militar. É exemplo a formação de equipas de abate de árvores (formação certificada ministrada no RE3) que disparou após os incidentes graves em que resultaram na perda de vidas humanas aquando da queda de uma árvore de elevado porte no Funchal - Ilha da Madeira. Esta ágil articulação das ações de formação de equipas de desinfeção só é possível, tal como expressou o Comandante do RE3, Coronel de Engenharia Soares Pereira, quando entrevistado pela RTP1, pela existência de "*recursos humanos qualificados, que geram capacidades*" para "*dar uma resposta descentralizada a toda a população*"<sup>1</sup>.

A certificação de toda a formação ministrada no Polo de Formação do RE3, deve-se a uma cooperação de longa data entre o Centro de Emprego e Formação Profissional

Entre Douro e Vouga - Rio Meão (CEFPEDV-Rio Meão) e o Exército, no qual o RE3 tem conseguido dar resposta a um conjunto de necessidades de formação essenciais não só à Engenharia Militar, como também resultado do apoio à Proteção Civil, ao Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas e aos municípios em prol da população em geral.

Nos contextos de emergência, de crise e de maior dificuldade, as Forças Armadas são sempre chamadas a intervir, pois são para as situações difíceis que são preparadas, não fosse essa a sua génese, servir Portugal. Contudo, para compreendermos a pronta capacidade de resposta do Exército na formação e emprego, só é inteiramente compreendido por quem lidou com a população e ministrou essas mesmas ações de sensibilização, ou esteve na linha da frente das operações de desinfeção e na Linha de Descontaminação de Viaturas de Emergência (LDVE), onde o sentimento de gratidão foi manifestado e sentido.

### **A FORMAÇÃO DE EQUIPAS DE DESINFEÇÃO NO RE3**

A formação das equipas de desinfeção no RE3 decorreu, numa primeira fase, de 7 a 22 de abril de 2020 com a finalidade de gerar a capacidade de desinfeção a disponibilizar através das diversas Unidades do Exército, capacitando-as à operação descentralizada das tarefas associadas em apoio a entidades civis. Cientes das exigências que a ação de formação impunha, assim como o quadro de emprego prevista para estas equipas, o RE3 adequou o conhecimento residente na área da Defesa Nuclear Biológica Química e Radiológica à equipa de formadores, assegurando e promovendo entre formandos, entre outras, a necessária confiança nos procedimentos, equipamentos e pessoal envolvidos nas ações de formação e no empenhamento real em cenários com risco associado.

Os procedimentos, após exemplificados, foram treinados

pelas equipas de formação, pois só com esta sólida formação inicial foi possível uma transição simples e natural para as fases seguintes aquando da integração na LDVE das equipas formadas no RE3, que operam 24 horas / 7 dias no Centro Hospitalar Universitário de Coimbra.

Decorrente da necessidade de aumentar a capacidade de intervenção, decorreu uma segunda fase de formação de equipas no período de 4 a 11 de maio 2020, possibilitando a constituição de um total de 37 equipas de desinfeção, formadas no RE3, correspondendo a um total de 196 militares.

### **A LINHA DE DESCONTAMINAÇÃO DE VEÍCULOS DE EMERGÊNCIA**

Decorrente da determinação para se proceder à montagem da LDVE, foram acionadas equipas do Exército para operar no Centro Hospitalar Universitário de Coimbra, num regime de 24/7. A linha destina-se às viaturas de emergência do Instituto Nacional de Emergência Médica, da Cruz Vermelha Portuguesa e dos Postos de Emergência Médica/Ambulâncias de Socorro, sobre direção do Centro de Orientação de Doentes Urgentes, que identifica a necessidade de descontaminação de viaturas.

Para garantir a operação da linha de forma ininterrupta, foram constituídos dois Módulos DVE comandados por Tenentes de Engenharia do RE3, cada um composto por três equipas a 0/1/4 provenientes de várias unidades da Brigada de Intervenção (BrigInt), especificamente, do Regimento de Cavalaria n.º6, Regimento de Infantaria n.º13, Regimento de Infantaria n.º14 e Unidade de Apoio do Quartel-General da BrigInt. Estas equipas passaram a operar em turnos de oito horas, com rendições de turnos às 09h, 17h e 01h. Para materializar esta operação foram criados circuitos independentes, à semelhança da linha de descontaminação de viaturas da Companhia de Defesa Nuclear, Biológica, Química



**Figura 1** – Formação de Equipas de Desinfecção.



**Figura 2** – Desinfecção de Escolas.



**Figura 3** – Descontaminação de Viaturas.

e Radiológica, com as necessárias adaptações às especificidades das viaturas de emergência.

Foi estabelecida uma entrada e saída de viaturas distinta, uma zona de espera, um posto de registo e controlo, uma zona de apoio e uma zona de arejamento de viaturas que permitam a viatura e a sua tripulação continuem as suas operações em segurança, após validação da operação de descontaminação, respetivo registo e reequipamento da tripulação, que de uma forma global se assemelha às operações militares de descontaminação de viaturas e dos seus militares. À ordem, a viatura dá entrada no edifício de lavagem e o operador procede à lavagem dos puxadores, aros das portas e zonas de apoio para os pés, com recurso a um aspersor MAVA200 contendo uma solução de hipoclorito de sódio e água.

O tripulante da célula sanitária retira todo o material que possa ter sido contaminado e coloca-o na zona de descontaminação de material. Quando a viatura de emergência fica sem tripulantes e sem o condutor, o operador descontamina o interior da viatura (habitáculo e célula sanitária), assim como o material com recurso a um nebulizador térmico portátil através de uma atomização de descontaminante ZOONO® 25 segundos no habitáculo e 45 segundos na célula sanitária. Estando a viatura completamente fechada, esta aguarda 10 minutos para o descontaminante poder atuar. O operador lava o chão onde o condutor e tripulantes circularam, com recurso ao MAVA200 e à solução de hipoclorito de sódio.

Já na secção de descontaminação de pessoal, outro operador verifica e auxilia a remoção do equipamento de proteção individual, colocando-o num contentor destinado a resíduos do grupo III.

No final de cada operação, são distribuídos novos EPI ao condutor e aos tripulantes por forma a restabelecer a sua capacidade. No final de todo o processo, e após a

viatura arejar por mais 10min, a equipa da viatura de emergência está pronta para uma nova missão. A 29 de maio, já tinham sido descontaminados 362 viaturas e 699 tripulantes.

### **AÇÕES DE SENSIBILIZAÇÃO NO APOIO À ABERTURA DE ESCOLAS**

A denominada Operação Escolas, decorreu em várias fases, decorrente da colaboração estabelecida entre o Ministério da Defesa Nacional e o Ministério da Educação, teve como finalidade criar condições para a abertura das escolas secundárias às aulas presenciais, a partir de 18 de maio. Esta operação beneficiou da complementaridade e flexibilidade conseguida com a formação das equipas de desinfeção, uma vez capacitadas, não só para atuar em ações de desinfeção, como também para a sensibilização quanto às práticas a adotar tendo em vista a mitigação de riscos desnecessários.

Estas atividades, enquadradas numa lógica de apoio de área das diversas Unidades, inseriu-se numa ação de maior dimensão, que incluiu: (i) identificação, definição e categorização de escolas quanto ao critério e necessidade de intervenção das equipas de desinfeção ou de descontaminação, através do Elemento de Defesa Biológica, Química e Radiológica; (ii) em caso afirmativo, a concretização de intervenção; (iii) em caso negativo, realização de ações de sensibilização para a prática adequada de procedimentos e materiais; (iv) a realização de intervenções de desinfeção/descontaminação e, cumulativamente, ações de sensibilização.

Na área de responsabilidade do RE3, que ministrou ações de sensibilização a 26 escolas, o público que assistiu às ações de sensibilização, na primeira fase destas ações que terminou a 8 de maio, atingiu as 1081 pessoas. Paralelamente decorreram outras operações logísticas de apoio às escolas, cujos resultados da figura

que se segue que reporta apenas a 12 de maio, são bastante elucidativos.

Quanto às ações de desinfeção em infraestruturas escolares, têm-se registado solicitações pontuais, muito em resultado do momento em que foi determinado o seu encerramento e as características de persistência do vírus.

### **REFLEÇÕES E DESAFIOS FUTUROS**

O Tenente-Coronel António Lopes Pires Nunes, no seu livro o Castelo Estratégico Português, após análise de um vasto conjunto de fortificações, desde os primórdios da história do território de Portugal até à guerra atómica, onde analisa a importância dos Elementos Essenciais de Combate (EEC), descreve a Proteção como *"o único capaz de se opor eficazmente a qualquer dos outros...que é na sua expressão prática e coletiva utilizada por quem receia, de uma forma global, o conjunto dos EEC inimigos"*<sup>2</sup>. Da mesma forma analisa a influência do Homem nos EEC e a influência da técnica, desdobrando-se o Homem em combatente e o Homem Comando/Estado-Maior. Segundo o mesmo autor, após uma análise da evolução de vários conflitos, caracteriza as fases da guerra (ao longo dos anos) em fase de rutura técnica, fase da rutura armamental e fase do equilíbrio armamental, comparando a influência técnica e do Homem nas várias fases da guerra, durante o ciclo técnico militar. O ilustre professor Tenente-General Abel Cabral Couto descreve no seu livro Elementos de Estratégia, que a verificar-se tal rutura tecnológica, *"alterará substancialmente o quadro estratégico atual... tal rutura significaria uma inversão nas tendências das últimas décadas: a valorização das tecnologias «limpas» e «não-nucleares»"*<sup>3</sup>. Será necessário implementar estratégias antigas de modo a *"atrair o valor guerreiro da sua gente...e às capacidades..., utilizada oportunamente, tal como Viriato "...aproveitada e posta em prática de harmonia com a situação presente,..."*<sup>4</sup>.

Coube uma vez mais à Engenharia Militar, aplicar o lema da extinta, mas não esquecida, Escola Prática de Engenharia UBIQUE DOCERE ET PUGNARE (“POR TODA A PARTE, ENSINAR E LUTAR”)<sup>5</sup>. O fator humano é sempre determinante, tal como exorta a mensagem deixada pelo Excelentíssimo Diretor Honorário da Arma de Engenharia<sup>6</sup>, no livro, cujo título é somente Regimento de Engenharia n.º 3, “*Preparem-se os militares e civis do Regimento de Engenharia N.º 3 para a mudança. Permanentemente deverão analisar os quadros de missões possíveis e manter em constante adaptação: a preparação técnica e tática, o estudo dos meios necessários e se possível o correspondente plano (pronto a apoiar o Estado-Maior do Exército quando pedido). O futuro é, como sempre foi...a descoberta de como fazer face à novidade...*”<sup>7</sup>. A localização privilegiada do RE3, pela proximidade geográfica e pelas excelentes relações cultivadas há décadas com o CEFPELV-Rio Meão, assim como outras entidades e estabelecimentos de ensino, permitem com alguma destreza fazer a transposição dos conhecimentos, do domínio do “saber”, para o domínio do “saber fazer”, certificando toda a formação ministrada, cujo reconhecimento é essencial à Engenharia Militar, assegurando a necessária responsabilidade e garantia técnica dos trabalhos desenvolvidos. No domínio da proteção civil, o RE3, foi convidado a participar, no ano transato, como avaliador convidado num projeto europeu inovador, denominado CiProvot - *Civil Protection Volunteers Training*, projeto este fruto da elevada capacidade da direção e colaboradores da Escola Profissional de Espinho, que detém vários projetos inovadores de índole tecnológica, cuja proximidade nos tem sido bastante enriquecedora. O caminho pode ser longo e exigente, mas com algum apoio estaremos certamente mais preparados e a adaptação às novas exigências será mais fácil, na certeza em que demos o nosso melhor contributo possível, tal como os que até nós serviram, renovando

um ciclo, como consta nas Memórias do General Charles de Gaulle: “*Desde que tudo sempre recomeça*”... “*Velho homem, recruta de provas/tribulações, desprendido dos empreendimentos, sentindo vir o frio eterno, mas nunca cansado de espreitar na sombra o brilho da esperança*” (tradução livre). Hoje tal como em alguns momentos do passado “*Impõe-se estabelecer as condições mínimas que tornem a vida digna de ser vivida,...num quadro de solidariedade social.*”<sup>8</sup>. Recentemente, o ilustre historiador e filósofo israelita, Yuval Noah Harari, escreveu num extenso artigo do Financial Times, sobre o que poderá ser do mundo após a pandemia, onde conclui que a humanidade necessita de fazer uma escolha: a desunião (protecionismo, ausência de colaboração) ou a solidariedade global, sabendo que o Homo Sapiens, sobreviveu apenas pela sua enorme capacidade de cooperação.

#### Notas:

<sup>1</sup>Palavras proferidas pelo Excelentíssimo Comandante do Regimento de Engenharia N.º3, aquando da entrevista à Formação das Equipas de Desinfeção, emitida pela RTP1 em 23Abr2020.

<sup>2</sup>Nunes, Tenente-Coronel António Lopes Pires (1988), *O Castelo Estratégico Português, Direção do Serviço Histórico Militar, Estado-Maior do Exército, PENTA DRO, LDA, Lisboa, p. 15-18.*

<sup>3</sup>Couto, Coronel de Artilharia Abel Cabral (1989), *Elementos de Estratégia – Apontamentos Para Um Curso, Vol. 2, Instituto de Altos Estudos Militares, T. Nova Esperança, Lda, p. 28.*

<sup>4</sup>De Andrade, Capitão do Corpo de Estado-Maior Mrio Marques (1952), *VIRIATO Grande Capitão – Suas Campanhas e Estratégia, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, p. 8 - 9.*

<sup>5</sup>RE1(2015, 13 de julho), *História da Escola Prática de Engenharia, Tipografia Central do Entroncamento, Tancos, p.9.*

<sup>6</sup>RE3(2014), *Regimento de Engenharia N.º 3, Tipografia ROLSACO ARTES GRÁFICAS, LDA, Espinho, p.9.*

<sup>7</sup>Beirão, Luís(2004, fevereiro), *Cinco Homens de Estado, Editora Livros do Brasil, 3ª Edição, Lisboa, p.96.*

<sup>8</sup>De Spínola, António (1976, novembro), *Ao Serviço de Portugal, Ática/Bertrand, Lisboa, p.631.*

# O EXERCÍCIO SCORPIONS LEGACY 19

## NOTA INTRODUTÓRIA

O presente ensaio, no contexto da *tailored Forward Presence* (tFP), e sua participação no exercício conjunto e combinado SCORPIONS LEGACY 19 (SCLG 19), visa apresentar uma breve descrição holística e dedutiva da participação do 2.º Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas (2BIMecRodas) no exercício.

No âmbito da Aliança, foi criado um entendimento pelas nações constituintes para a composição de uma estrutura que visasse a prontidão e capacidade de resposta, adequada e proporcional, a potenciais ameaças, ou mesmo ataques, com o intuito de garantir a presença de forças em território dos países aliados,



**Figura 1** – O 2BIMecRodas.



**ANSELMO DIAS**

TCOR INF

CMDT DO 2BIMECRODAS

localizados no limite Leste da Aliança.

Na região sudeste da Área de Responsabilidade do SACEUR, o *Multinational Division South-East Headquarters* (HQ MND-SE) foi implementado na estrutura da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), orientado para garantir a capacidade de comando e controlo de operações “artigo 5.º” como um Quartel-General (QG) Divisionário, com sede na Roménia e coincidente com a região sudeste da Área de Responsabilidade do SACEUR. Esta decisão deriva da Cimeira de Varsóvia, em 2016, onde os Chefes de Estado concordaram, em desenvolver uma tFP no flanco sudeste do território da Aliança. Determinando medidas específicas para a região (donde se inclui a iniciativa romena de estabelecer uma Força Multinacional, com o seu QG em Bucareste, ao nível Divisionário, e uma Brigada Multinacional, a *Multinational Brigade South East* (MNBde-SE) em Craiova, que facilite o treino e a integração de forças, manifestando uma postura dissuasiva, reforçando a sua postura defensiva para a região, facultando um sinal claro de incremento da segurança regional).

Para tal propósito, o *Readiness Action Plan* garante

que a OTAN esteja pronta para responder com rapidez e firmeza a novos desafios de segurança a partir do Leste e do Sul. Esta iniciativa teve início na Cimeira de Gales, em 2014, reforçando, com localização de forças, o limite Leste da Aliança, que é desde já o reforço de maior envergadura da defesa coletiva da OTAN desde a queda do Muro de Berlim e consequente fim do Pacto de Varsóvia e da guerra fria.

O estabelecimento da MNBde-SE teve uma progressão significativa, quer com a contribuição de países da OTAN para o QG da MNBde-SE, quer através da afiliação de forças a esta Unidade.

Abreviando, a implementação e criação destas unidades materializou-se num incremento de forças militares da OTAN na região, consequentemente com mais exercícios, treinos e presença física no Sudeste da OTAN. A tFP contribui desta forma para uma postura



**Figura 2** – Logotipo da MNBde-SE.

de defesa e dissuasão da Aliança, permite acompanhar a situação operacional daquela região e incrementar a interoperabilidade e eficácia de reação a eventuais ameaças.

Portugal assumiu o compromisso de afiliar um Batalhão

à MNBde-SE, tendo o Comando das Forças Terrestres, em coordenação com a Brigada de Intervenção, no quadro de planeamento de forças definido, que o Batalhão a afiliar à MNBde-SE, a partir do ano de 2018, seria o 2BIMecRodas, sediado em Viseu, no Regimento de Infantaria n.º 14.

Neste sentido, não foi a primeira vez que o 2BIMecRodas participou num exercício na Roménia no âmbito das tFP. No ano de 2018, a MNBde-SE efetuou uma *Combat Ready Evaluation* (CREVAL), visando testar a sua prontidão para o combate, ao nível da Aliança, e pela primeira vez, a OTAN certificava como *Combat Ready* uma força a um escalão tão baixo, nível Brigada.

### ORGANIZAÇÃO DO BATALHÃO E PREPARAÇÃO DO EXERCÍCIO

A necessidade de cumprir o conceito definido para a afiliação, teve origem no início do ano de 2018 de forma a satisfazer o definido superiormente por Portugal. Efetuou-se o ajustamento dos quadros orgânicos de pessoal, em que o 2BIMecRodas foi reforçado genericamente por uma Companhia de Atiradores, proveniente do Regimento de Infantaria n.º 13 e da Companhia de Apoio de Combate do Regimento de Cavalaria n.º 6.

No ano de 2019, o Batalhão manteve todo o seu treino operacional, contudo, pela elevada asfixia de recursos humanos e elevado empenhamento operacional, não se efetuaram momentos de treino enquadrados com as forças referidas anteriormente. A fim de salvaguardar a integração, pelo menos ao nível de escalão Companhia, verificou-se um treino integrado entre unidades de escalão Pelotão e participação destas subunidades em diferentes exercícios, dos quais se destacam o JÚPITER 19, SAGITÁRIO, 19 e ORION 19.

O 2BIMecRodas, desenvolveu a sua preparação para o processo de afiliação e participação no exercício SCLG 19, as atividades de treino individual e coletivo

no âmbito do nível 1 (Unidade Escalão Pelotão). Nesta fase, o Estado-Maior realizou o treino na forma de *Battle Staff Training* (BST) e *Map Exercise* (MAPEX), apoiados no exercício MARTE 19. Seguidamente, para as atividades de treino, para consecução dos exercícios de nível 2, de Unidade Escalão Companhia (UEC), no primeiro trimestre de 2019, recorreu-se a exercícios do tipo *Situational Training Exercise* (STX) e foram sujeitas à respetiva avaliação. Este treino esteve essencialmente focado no treino da 1ª Companhia de Atiradores, que também se constituiu como uma Companhia no âmbito da *enhanced NATO Response Force* (eNRF), com um grau de prontidão de 45 dias. Ao observar-se o treino e desempenho das Companhias nos STX foram identificadas as tarefas em que se tinha atingido o nível desejado, bem como as que necessitavam de mais treino. Assumindo a dificuldade em se materializar o treino de nível 3, de Unidade Escalão Batalhão (UEB), desenvolveram-se atividades que viessem a permitir o treino a este nível.

#### **SCORPIONS LEGACY – MINIEX**

O MiniEX, a designação que tomou este *mini-exercise*, constituiu-se como um primeiro BST de preparação para o exercício, que decorreu nas instalações de Cincu, no período compreendido entre os dias 26 e 27 de outubro. O 2BIMecRodas esteve representado pelo seu Comando e Estado-Maior, e este momento foi um passo importante para a preparação do exercício, na preparação e mais uma oportunidade de treino do Estado-Maior, bem como permitiu a adaptação e familiarização dos novos militares da MNBde-SE às *Standard Operational Procedures* da Brigada.

#### **SCORPIONS LEGACY 19 – CPX/FTX**

O exercício teve como propósito ser mais um exercício de preparação e treino da Brigada, após a certificação de *Combat Ready*, alcançada no ano de 2018.

O *Command Post Exercise* (CPX) decorreu no período

de 29 a 30 de outubro. O *Field Training Exercise* (FTX), de UEC e de UEB, (este último, com Batalhões multinacionais, mas com Comando romeno) teve lugar no período de 01 a 07 de novembro com momentos de *Live Fire Exercise* a serem realizados durante o FTX, de 05 a 07 de novembro. Todo o exercício decorreu nas instalações do *Joint National Training Center/ Cincu Training Area*, na Roménia.

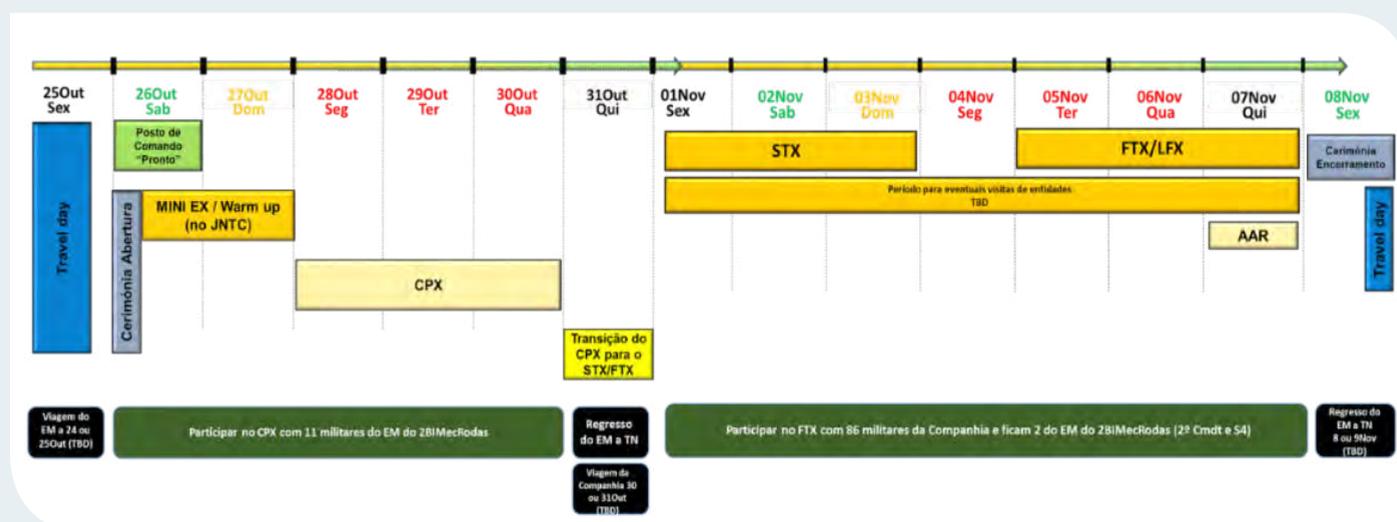
Todo o exercício, nas suas diversas tipologias, teve como referência uma operação artigo 5.º, com a execução de uma operação de contra-ataque, sendo que o cenário trabalhado no CPX serviu de base para a realização dos FTX.

A participação no MiniEx e CPX teve a presença do Comando e Estado-Maior do 2BIMecRodas, com seis militares e no FTX uma UEC, a 95 militares. Após a chegada da primeira parte do contingente português, à Roménia, constituída pelos seis militares do Comando e Estado-Maior do 2BIMecRodas, os primeiros dias foram dedicados à preparação do MiniEx, em que se incluíram as seguintes atividades: (i) *In-processing*, briefingue de segurança e apresentação do exercício SCLG 19, com a participação de todos os elementos do Contingente Português; (ii) Apresentação do cenário do exercício; (iii) Apresentação do *Battle Rythm* para o exercício; (iv) Reunião de coordenação dos incidentes decorrentes das *Main Event List/Main Incident List*; (v) Formação dos operadores do *Joint Exercise Management Module* – para os militares que trabalharam como LOCON; (vi) Formação dos operadores do simulador *Joint Conflict and Tactics Simulator* (JCATS), todos militares romenos, que posteriormente integraram as diversas *Response Cells*; (vii) Confirmação dos dados referentes à organização de pessoal e material dos Batalhões, previamente introduzidos no simulador JCATS; e, (viii) Colocação das unidades, no simulador JCATS, nas posições iniciais para o “jogo” e estabelecimento de procedimentos entre

os operadores do simulador e os militares portugueses. A simulação do emprego tático dos meios, no CPX, foi efetuada com recurso ao simulador JCATS, de origem norte-americana. Este permite o planeamento e o “jogo” com emprego de unidades de elevado escalão até ao soldado. Mantém os princípios de emprego doutrinários, de acordo com as ordens emanadas pelo operador e as capacidades dos equipamentos e armamento. O simulador permite ainda efetuar o treino de diversas tarefas táticas, administrativas e logísticas com grande realismo e detalhe.

A participação no FTX, contou com a criação dos *Multinational Battalion*, que teve a participação da 1ª Companhia de Atiradores do 2BIMecRodas. A

O FTX teve um período dedicado ao reconhecimento das áreas de treino, receção de viaturas e equipamentos de simulação individual *Multiple Integrated Laser Engagement System (MILES)*, bem como formação para a operação dos rádios Harris, que se tornaram significativamente importantes, pois facilitaram o Comando e Controlo, bem como a permanente ligação (de salientar a recurso à língua inglesa até aos mais baixos escalões). Foram ainda recebidos pela companhia nove réplicas de RPG 7, integrando o mesmo sistema MILES, tendo sido atribuídos às secções. Apesar deste sistema MILES incluir equipamento para as viaturas, o mesmo não esteve disponível para as metralhadoras pesadas das viaturas, o que dificultou a definição de



**Gráfico 1** – Cronograma do Exercício SCLG 19.

Companhia integrou, conforme planeado nas diferentes conferências, o *20th Mechanized Infantry Battalion*, da Roménia, como terceira companhia de manobra, juntando-se a duas companhias de atiradores romenas. Apesar do *20th Mechanized Infantry Battalion* estar equipado com viaturas BTR 70, as viaturas atribuídas à Companhia portuguesa foram as viaturas blindadas de rodas PIRANHA, uma vez que a força do 2BIMecRodas não projetou as VBR PANDUR II 8x8, viatura que equipa o Batalhão.

maior realismo.

### CONSIDERAÇÃO FINAL

O Exercício SCLG 19 permitiu o deslocamento, para aquela região, de mais forças, permanente ou a título temporário, e a realização de treino ao nível conjunto e combinado, que permitiu conferir maior expressão e robustez à extensão da postura de dissuasão e defesa da Aliança.

Como balanço final desta experiência, realça-se a participação e colaboração nos trabalhos de planeamento

da certificação da MNBde-SE, materializando-se numa experiência riquíssima ao assistir e tomar parte num planeamento bastante completo e de elevado nível.

Por outro lado, a participação no CPX, e a UEC no FTX, nos diferentes eventos e momentos do SCLG 19, permitiu o aprofundamento de conhecimentos, constituindo-se numa oportunidade de capacitar Quadros do 2BIMecRodas, e troca de experiências, na primeira pessoa, ao nível técnico e tático aos mais baixos escalões, bem como na sensibilização pela forma como estruturas de Estado-Maior de uma Grande Unidade, ao nível multinacional, trabalha.

Em suma, esta foi uma excelente oportunidade de treino e experiência operacional, ao nível multinacional, no quadro de um importante exercício da OTAN.

● ● ● ● ● ● ● ● ● ●

***“Como balanço final desta experiência, realça-se a participação e colaboração nos trabalhos de planeamento da certificação da MNBde-SE...”***



**Figura 4** – Viatura PIRANHA utilizada pela força do 2BIMecRodas.

# EXERCÍCIO ORION 19

O Exercício ORION 19 é o exercício do Exército Português e faz parte do *NATO Military Training and Exercises Programme 2018-2022*, e decorreu de 23 a 29 de novembro em *Field Training Exercise (FTX)* e *Live Fire Exercise (LFX)*. O 2º Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas (2BIMecRodas) participou no Exercício ORION 19, com o Comando e Estado-Maior do Batalhão e constituiu a *Task Force VIRIATO (TF VIRIATO)*. O



**Figura 1** - Divulgação do Exercício ORION 19.



**ANSELMO DIAS**

TCOR INF

CMDT DO 2BIMECRODAS

2BIMecRodas, ciente do desafio lançado, iniciou a sua preparação no final de 2018 e cumulativamente, garantiu o treino e cumprimento de tarefas de apoio ao Regimento de Infantaria n.º 14, mantendo uma coordenação das atividades de treino e preparação da Companhia de Atiradores Mecanizada de Rodas/*enhanced NATO Response Force* (com avaliação da sua prontidão operacional pela Inspeção Geral do Exército no Exercício PANDUR STRIKE, em setembro de 2019) e afiliação do *Batalhão à Multinational Brigade South East*, com consequentes exercícios resultantes dos compromissos internacionais assumidos por Portugal, nomeadamente em finais de outubro e princípios de novembro – exercício na Roménia, SCORPION LEGACY19.

Para a realização do exercício o Comando e Estado-Maior da TF VIRIATO recebeu *augmentees*, em que para além dos exercícios em que o 2BIMecRodas participou, efetuou um conjunto de ações que visaram a preparação do Estado-Maior para a realização do Exercício ORION 19. Para tal, contou com a estrutura que o Batalhão já tinha, pelo que, o *know-how* já estava presente para se iniciar este desafio, que assentou essencialmente na

definição de processos e procedimentos, para que este Comando e Estado-Maior pudessem planear e conduzir operações.

Para se obterem as condições necessárias ao cumprimento da missão, durante o Exercício ORION 19, considerou-se fundamental elaborar um planeamento de treino abrangente, envolvendo essencialmente o Comando e Estado-Maior e as unidades nacionais que contribuíram para a estrutura da TF VIRIATO. As atividades que suportaram a preparação do exercício foram os seguintes:

- Treino individual e coletivo no âmbito do nível 1 (nível Pelotão);



**Figura 2** – Logotipo da TF VIRIATO.

- Treino para consecução dos exercícios de nível 2 (nível Companhia) recorrendo a exercícios do tipo *Situational Training Exercise*;
- Treino para consecução dos exercícios de nível 3 (nível Batalhão) recorrendo a exercícios do tipo *Map Exercise* (MAPEX), *Command Post Exercise* (CPX) e FTX.

No que respeita às atividades integradas na preparação específica do Exercício ORION 19, coordenada pelo Comando das Forças Terrestres, desenvolveram-se as seguintes atividades:

- Seminário académico que teve lugar no Campus Amadora da Academia Militar;
- Exercício MARTE 19-1 (MAPEX) com a finalidade de elaborar o Plano de Operações da TF VIRIATO a executar no Exercício ORION 19;
- Exercício ORION 19 (CPX) com a finalidade de treinar o Comando e Estado-Maior na execução do Plano de Operações, no âmbito de uma operação ofensiva, a executar no Exercício ORION 19.

Após a fase de preparação, a TF VIRIATO participou no Exercício ORION 19, de 21 a 29 de novembro de 2019, no âmbito de uma Operação de Estabilização. Efetuou a sua projeção para a área de treino militar de Santa Margarida, em 20 de novembro, tendo realizado pela primeira vez em Portugal o treino de uma projeção ferroviária de viaturas Pandur II 8x8, tendo sido projetadas desde a estação de caminho de ferro de Mangualde até à estação de Santa Margarida, 28 viaturas de diversas tipologias da família PANDUR II 8x8. Os dias 21 e 22 de novembro foram dedicados ao *cross training* (em que este tinha por grande finalidade apresentar situações de segurança, troca de experiências e *know how*, e uniformidade de procedimentos e.g. reação a mini UAV), enquanto as secções de quartéis das diferentes subunidades preparavam as respetivas *Forward Operating Base* (FOB).

No que diz respeito à projeção ferroviária, permitiu ao nível técnico criar e desenvolver um conhecimento de procedimentos que permite aos operadores treinar e operar situações de projeção com recurso a este meio e.g. preparação da viatura para projeção em plataforma ferroviária, amarração da viatura à plataforma, entre outras. Mas o nível de ambição deste treino permitiu ir muito mais além. Do treino da projeção tática, conseguiu-se treinar e testar meios para uma eventual projeção estratégica. Salientam-se os aspetos referentes às operações de transporte, tais como transferências

de carga com embarques e desembarques, controle de movimentos (equipa de segurança que acompanhou o movimento), manutenção da carga e vagões, estudo da capacidade das linhas férreas e toda a documentação inerente à operação e.g. Lista de Material Militar (LMM), seguros entre outros documentos.

Desta forma, o exercício foi conduzido fora da área de conforto do Campo Militar de Santa Margarida, decorreu mais propriamente no seio da população circundante ao Campo Militar. O período de FTX, teve a sua operacionalização no período de 23 a 27 de novembro, com a realização de diversas tarefas táticas no âmbito de uma Operação de Estabilização, num dado cenário fictício. De salientar, a realização do FTX coincidiu com o cumprimento de situações que permitiram enquadrar diversas atividades de LFX, por subunidades de manobra e de apoio de fogos.

Os dias 28 e 29 de novembro, permitiram a realização de um ataque deliberado, no Campo de Tiro A7 do Campo Militar de Santa Margarida, em que foi conduzido com recurso a fogos reais e coincidiu com o *High Visibility Event* do exercício.

A TF VIRIATO para o exercício organizou-se da seguinte forma:

A organização da TF VIRIATO foi efetuada por Funções de Combate que nos parece ser a adequada para uma Força com as unidades e capacidades que integrou. Na sua composição contou com uma Companhia de Comando e Serviços do 2BIMecRodas, uma Companhia de Atiradores Mecanizada de Rodas (do 2BIMecRodas), uma Companhia de Atiradores Mecanizada Lagartas (do 1BIMecLagartas) com um Pelotão da Zona Militar da Madeira, um Esquadrão de Reconhecimento de Espanha, um Pelotão de Reconhecimento da Lituânia, um Pelotão de Engenharia, um Pelotão para a Defesa Aérea e finalmente um conjunto de capacidade (Geo Cell, CIRC Cell, HUMINT Team, MiniUAV Team).

Tal como referido anteriormente, o exercício teve diversos momentos para a realização de momentos de LFX com situações de *Joint Combined Arms Live Fire* uma vez que eram conduzidas ações de fogo real com unidades de países amigos e com a Força Aérea Portuguesa com a realização de *Close Air Support*.

O desafio colocado ao Comando da TF VIRIATO foi uma oportunidade para visitar um conjunto de documentos doutrinários e permitiu reajustar e incrementar procedimentos e processos inerentes a esta tipologia de unidade, com esta dimensão, organizada por Funções de Combate, para planeamento e condução de operações. De forma resumida, o aproveitamento do *cross training* para integrar as forças de países amigos, fazer tiro com diferente armamento e familiarização com as diferentes viaturas com que foram operar no exercício, foi um aspeto bastante positivo. A integração de forças aliadas permitiu o treino em armas combinadas com um efeito credível para a execução do exercício, pois no presente ano estiveram um número significativo de militares estrangeiros e capacidades nacionais (Geo Cell, CIRC

21Nov19	22Nov19
<b>09.00 – In Processing (Brifingue BrigMec)</b> Instalação e preparação das forças	<b>09.00 – Technical cross training</b> > Realização de tiro com um Pelotão por Companhia de manobra (Pelotões dos países amigos) > Adaptação das forças exteriores às viaturas VBR PANDUR II 8x8 (procedimentos de segurança e SOP) > Instalação da MOB e FOB, verificação dos meios rádio
<b>12.30 – 2ª Refeição</b>	
<b>14.00 – Technical cross training</b> > Brifingues > Cross Training > LFX/HVE – Procedimentos de segurança em CT > Apoio Real com implementação das FOB e Itinerários > OPOD > CSI e fluxo de Informação – relatórios a utilizar > Reação a Mini UAV e relatórios a utilizar > Adaptação das forças exteriores às viaturas VBR PANDUR II 8x8 (procedimentos de segurança e SOP) dos países amigos > Treino Cruzado entre Secções de Engenharia (Lag e Rodas)	<b>14.00 – Technical cross training</b> > Manutenção do armamento > Garantir o abastecimento em classe III > Teste e treino com meios rádio > Warm up
<b>16.30 – Fim atividades</b> (se necessário continuação no período da noite)	<b>16.00 – Fim de atividades</b> Terminar as atividades mais cedo tendo em vista preparativos para o FTX.

**Tabela 1 - Atividades desenvolvidas no Cross Training.**







# EXERCÍCIO SLOVAK SHIELD 19

## ENQUADRAMENTO

O Exercício SLOVAK SHIELD é um exercício multinacional da Organização do Tratado do Atlântico Norte, onde a Eslováquia se constitui como nação hospedeira. Este ocorre desde 2015 e tem como principal objetivo treinar as audiências do exercício para tarefas associadas a cenários de defesa contra um agressor ao espaço de soberania definido pela fronteira terrestre. Tratando-se de um exercício de defesa coletiva, teve em 2019 a primeira participação portuguesa, mostrando o compromisso de Portugal no âmbito da organização militar que está inserido.

O Exercício SLOVAK SHIELD 19, na modalidade de LIVEX, teve como audiências principais de treino o Comando da 1.ª Brigada Mecanizada Eslovaca, integrando *augmentees* de várias nações e uma unidade de escalão batalhão, materializada no 11.º Batalhão de Infantaria Mecanizado eslovaco, que integrou a companhia de atiradores portuguesa, um pelotão motorizado húngaro e um pelotão motorizado polaco.

## APRONTAMENTO

O 1.º Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas (1BIMecRodas) da Brigada de Intervenção (BrigInt), sediado no Regimento de Infantaria n.º 13, em Vila Real, recebeu a ordem para iniciar o aprontamento, em 13 de agosto de 2019, tendo em vista a sua participação no



**JOÃO MAGALHÃES**

CAP INF

S2 DO 1BIMECRODAS



referido exercício e para o qual iniciou desde logo todo o planeamento e preparação.

A estrutura orgânica de pessoal foi adaptada aos efetivos que tomariam parte no exercício, reorganizando a Companhia de Atiradores a dois Pelotões, com três Secções, um Módulo Sanitário e um Módulo de Transmissões, que integraram militares de especialidades e valências específicas provenientes da BrigInt.

A Companhia, na preparação do exercício em Território Nacional, realizou o seu aprontamento de 7 a 23 de outubro de 2019, direcionado em três vetores: (i) treino orientado para a missão, vocacionado para as operações defensivas e para a execução de fogos reais; (ii) aprontamento sanitário; (iii) e aprontamento administrativo-logístico. Durante a preparação, a maior dificuldade sentida foi a disponibilização das dotações individuais de fardamento e equipamento, cujo processo



**"O Exercício SLOVAK SHIELD é um exercício multinacional da Organização do Tratado do Atlântico Norte, onde a Eslováquia se constitui como nação hospedeira"**

se arrastou até ao último dia antes do embarque para a Eslováquia e que dificultou a capacidade de ajuste ou troca de artigos. Adicionalmente, registou-se a impossibilidade de disponibilização de alguns artigos de fardamento, que se constituíam relevantes à participação dos militares na região do exercício, tradicionalmente caracterizada pelas condições meteorológicas adversas.

#### **CONCEITO GERAL DO EXERCÍCIO**

O Exercício SLOVAK SHIELD 19 realizou-se no âmbito de uma operação defensiva, sob a forma de defesa de área em profundidade, impedindo à força opositora o acesso a um determinado terreno, desgastando-o e desarticulando-o através da manobra das forças em posições de combate sucessivas e através do recurso aos seus fogos para áreas de empenhamento. Após essa força opositora alcançar uma determinada área do terreno, já desgastada, era detida por forças em posições

de combate, permitindo à força em reserva a execução de um contra-ataque, destruindo a sua capacidade de combate e obrigando a retirar o remanescente das suas forças.

Tendo em conta este conceito, o exercício foi desenhado em três grandes momentos: (i) a fase do treino de integração; (ii) a fase do *Combined Arms Live Fire Exercise* (CALFEX); (iii) e o *Distinguished Visitor's Day* (DVD).

#### **TREINO DE INTEGRAÇÃO**

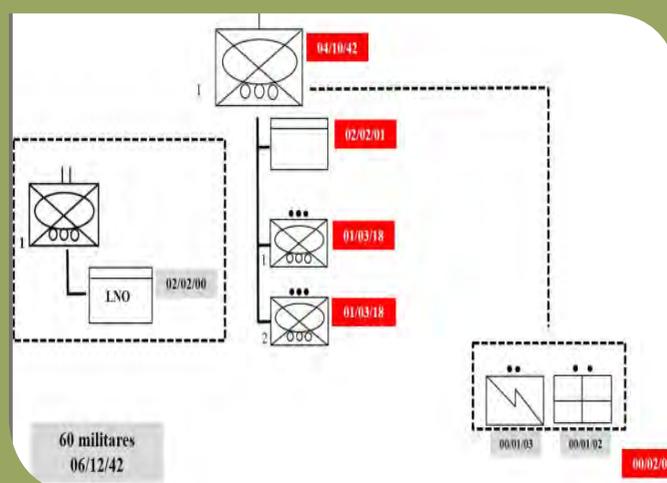
De 26 de outubro a 03 de novembro, já na área do exercício, efetuou-se o treino de integração do batalhão que consistiu, numa primeira fase, na apresentação da sua cadeia de comando, do seu estado-maior e do *battle rhythm* para a execução das operações durante este exercício. Foi efetuado um reconhecimento à área do exercício por todas as forças integradas no mesmo, facilitando dessa forma os deslocamentos para as

áreas de treino, bem como o planeamento associado. Após estes reconhecimentos, foi apresentada a ordem de operações para o exercício, por parte da cadeia de comando. De notar que esta se encontrava bem enquadrada ao nível do Processo Decisão Militar, similar ao realizado pelas nossas forças. No final desta fase foi pedido a todos os comandantes de subunidade que apresentassem o seu *backbrief* no dia seguinte. Desta forma foi possível a todas as subunidades apresentarem a sua manobra ao comandante de Batalhão e uma oportunidade de assistir a diferentes *backbrief*, pois a diversidade de nações presentes possibilitou a visualização de apresentações diferentes.

Ainda durante esta fase, foram efetuadas atividades de *cross-training* com as forças eslovacas, húngaras e polacas. A companhia portuguesa efetuou diversos tipos de treinos, permitindo uniformizar Técnicas, Táticas e Procedimentos (TTP) que viriam a ser utilizados durante a realização do CALFEX. Foi efetuado um treino de passagem de linha com a companhia de atiradores mecanizada eslovaca, com vista a uniformizar os procedimentos para a realização desta tarefa durante o exercício. Contudo verificaram-se algumas limitações, devido ao facto de a companhia portuguesa estar a operar apeada o que não permitiu colocar em prática as TTP treinadas em território nacional. Durante o *cross-training* os militares portugueses puderam verificar algumas diferenças de procedimentos usados pelas forças aliadas no que respeita ao embarcar e desembarcar da viatura. Apesar das limitações e diferenças de procedimentos para a execução da tarefa, este treino revelou ser uma mais-valia, pois capacitou e permitiu que uma secção de atiradores da companhia portuguesa participasse no DVD, montada numa BMP-2, que equipa as companhias de atiradores mecanizadas eslovacas.

Um dos pontos altos do treino de integração foi o

tiro de armas ligeiras com as forças multinacionais, eslovaca e polaca. Tendo sido operadas pelas três forças estações de armamento: (i) uma vocacionada para o treino de pistola; (ii) outra para o treino de espingarda automática; (iii) e uma terceira para treino de metralhadora ligeira. Existiram ainda uma quarta e quinta estações as quais foram dedicadas à companhia eslovaca, para a execução de tiro com as armas dos atiradores especiais da Companhia e Armas Anticarro (RPG-7). Os militares portugueses tiveram oportunidade de efetuar tiro com as diversas armas das forças congéneres e deram essa mesma oportunidade aos militares estrangeiros participantes deste *Live Firing Exercise*. É de realçar a forma fluída como foram montadas estas estações, que permitiam que todos os militares, antes de avançar para a realização do fogo



**Figura 1** - Composição e Articulação das Forças.

real, tivessem uma pequena instrução das regras de segurança, regras de funcionamento da arma e de execução de tiro com as mesmas.

Um dos objetivos propostos para o treino de integração, identificado pelo batalhão, era a execução de um *Situational Training Exercise* (STX), coordenado pelo mesmo, onde as forças que serviam sobre o seu comando efetuaram o treino das ações que realizariam posteriormente no CALFEX. Este tipo de treinos,

extremamente benéficos para as forças que neles participam, dão a possibilidade de treinar as tarefas críticas a executar durante o exercício, em cenários idênticos, possibilitando aos comandantes efetuar correções que, de outra forma, não seria possível face à disponibilidade de tempo. O último dia do treino de integração foi dedicado à limpeza e preparação do material para o CALFEX, que iria iniciar-se no dia seguinte ao término do treino de integração.

### **COMBINED ARMS LIVE FIRE EXERCISE**

O CALFEX começou de uma forma diferente daquela a que estamos familiarizados em Portugal, pois o exercício iniciou com a execução de uma formatura geral, com a presença de todos os militares e meios que participaram no exercício.

Durante o exercício, a companhia portuguesa teve as suas forças com diferentes relações de comando: (i) do início ao fim do exercício a 1.ª Secção do 1.º Pelotão esteve em Controlo Tático do Comandante do Pelotão de Morteiros, pois havia a necessidade de garantir a segurança à sua base de fogos; (ii) na primeira e na segunda fases, a reserva do Batalhão foi constituída à custa do 2.º Pelotão a duas Secções; (iii) e o grosso da Companhia, na primeira fase, manteve-se em zona reunião e na segunda fase, ocupou a posição defensiva. Esta articulação permitiu preparar a frente da companhia com os militares pertencentes ao 1.º Pelotão e com o remanescente do 2.º Pelotão, uma tarefa difícil face à escassez de material de fortificação aliada à forte dureza do solo. Para amenizar esta situação, foi atribuída à companhia uma hora de trabalhos de engenharia para o melhoramento das posições, bem como a construção de obstáculos de proteção à frente das posições, melhorando desta forma o sistema defensivo. De realçar que a preparação das posições defensivas teve uma atenção especial, pois as condições climatéricas que se fizeram sentir durante a realização do exercício, foram

bastante adversas, obrigando assim a que as posições preparadas permitissem um conforto mínimo aos militares. Apesar do pouco conforto, estas permitiam manter a possibilidade de um tiro ajustado sobre todo o setor atribuído.

Na terceira fase, a companhia ocupou toda a sua frente com a missão de deter o inimigo na Área de Empenhamento WOLF, para onde foram executados fogos reais por parte da companhia portuguesa, constituindo-se no momento alto do CALFEX, pois permitiu a todos os escalões de comando controlar o ritmo e a cadência



**Figura 2** - Militar em posição defensiva preparada.

do tiro por parte de toda a companhia. Esta revelou-se uma tarefa bastante exigente, pois é imperativo que exista muita coordenação a todos os níveis.

Com o inimigo detido na Área de Empenhamento WOLF, uma força de escalão companhia efetuou o contra-ataque com a finalidade de o destruir. Para isso necessitou de efetuar uma passagem de linha por forças portuguesas o que permitiu colocar em prática os procedimentos treinados e validados durante a execução do treino de integração e do STX de batalhão.

### **DISTINGUISHED VISITOR'S DAY**

No DVD foi simulado um assalto de um pelotão multinacional, composto por quatro secções de atiradores, das diferentes nacionalidades, isto é, eslovena, húngara, polaca e portuguesa. Uma excelente

oportunidade para mostrar a capacidade da força portuguesa, em especial esta secção de atiradores, em atuar com meios não orgânicos, nomeadamente através da utilização da BMP-2, orgânica das companhias de atiradores eslovacas e de tipologia completamente diferente e com as quais não está habituada a operar. Em suma o Exercício SLOVAK SHIELD 19 revelou, como já era expectável, ser uma excelente oportunidade de treino e uma experiência bastante enriquecedora para todos os militares do 1BIMecRodas da Brigint, em especial para os que integraram a força projetada.



**Figura 4** - Sessão de tiro com armas ligeiras.



**Figura 3** - Militar em posição defensiva preparada.

# O EXERCÍCIO SAGITÁRIO 19 E A CATMECRODAS EUBG19-1

## ENQUADRAMENTO

Os Exercícios da série SAGITÁRIO não são novidade na Brigada de Intervenção (BrigInt), no entanto, não se realizavam desde 2009. A edição de 2019 do Exercício SAGITÁRIO foi o culminar da participação da Companhia de Atiradores Mecanizada de Rodas no projeto do *European Union Battle Group 19-1* (CATMecRodas EUBG19-1) e teve lugar no país vizinho, na região de Pontevedra, na Base Militar *General Murillo*, entre os dias 22 e 28 de junho de 2019. Este exercício decorreu no âmbito da cooperação bilateral entre os dois países e contou com a presença de 160 militares, entre os quais um contingente de 85 militares portugueses do 1.º Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas (1BIMecRodas), reforçado com militares do Regimento de Infantaria n.º 14, do Regimento de Transmissões, do Regimento de Manutenção e do Regimento de Lanceiros n.º 2.

## EXERCÍCIO SAGITÁRIO 19

No planeamento e preparação do exercício foi efetuado um reconhecimento à Brigada de Infantaria Ligeira Aerotransportada (BRILAT), tendo em vista a coordenação para a participação no Exercício SAGITÁRIO 19. Desta reunião foi possível determinar



**MÁRCIO PINTO**

CAP INF

CMDT DA CATMECRODAS EUBG19-1

modalidades de ação para a realização do exercício, bem como apresentar os respetivos objetivos de treino, que se enumeram:

- Executar tarefas no âmbito de *Reception, Staging and Onward Movement*;
- Executar tarefas, num ambiente de treino cruzado, no âmbito do Combate em Áreas Urbanizadas e Florestais;
- Avaliar o Comando e Controlo (C2) ao nível pelotão e companhia;
- Executar comunicações táticas usando todas as capacidades dos *Communication and Information Systems* (CIS) e garantir a sua interoperabilidade;
- Usar terminologia e procedimentos da Organização do Tratado do Atlântico Norte e União Europeia, em todas as ações;
- Executar as tarefas apoiadas na plataforma da Viaturas Blindadas de Rodas (VBR) PANDUR II 8x8.

A partir deste reconhecimento foi levantada a organização da companhia a projetar e identificada a necessidade de integrar enablers para esta ação de

treino.

Para enquadrar o Exercício SAGITÁRIO, foi utilizado o tema tático de EIBA que tem vindo a ser utilizado na realização dos exercícios da CATMecRodas EUBG19-1, tendo-se constituído o Regimento de Infantaria n.º 13 (RI13) como a *Staging Area* de preparação para a projeção para a *Operations Area*, em Pontevedra.

O exercício foi conduzido em três fases:

- 1.ª Fase – Projeção;
- 2.ª Fase – Treino cruzado e Operações;
- 3.ª Fase – Retração.

A 1.ª Fase (22Jun19) materializou-se com a execução do movimento RI13 - Base Militar *General Murillo*, por rede estradal, com as VBR PANDUR II 8x8 e sem o auxílio de plataformas logísticas, correspondendo ao primeiro deste género até então. Foi um movimento de 19 Viaturas, 12 das quais eram VBR PANDUR II 8x8, das versões *Infantry Carrier Vehicle*, *Infantry Fighting Vehicle*, *Medical Evacuation Vehicle*, *Communications Vehicle* e *Recovery Vehicle*, ao longo de 452 Km. O movimento foi escoltado em território nacional por militares da Guarda Nacional Republicana e da Polícia do Exército e em território espanhol, a partir da fronteira de Valença – Tui, por militares da *Guardia Civil* e da Polícia Militar espanhola.

A 2.ª Fase (23-27Jun19) obedeceu a um horário e teve início com a integração e familiarização, a 23 de junho, da 1.ª Companhia de Atiradores do 1BIMecRodas com a sua congénere espanhola, seguindo-se o treino cruzado de demonstração de capacidades, através de estações, o tiro com troca de armamento individual e visita aos simuladores existentes na unidade (de tiro de armas ligeiras, de armas anticarro e tiro de combate). No dia 24 e de forma gradual, teve início o treino cruzado de Combate em Áreas Urbanizadas, com troca de Técnicas, Táticas e Procedimentos de nível individual até ao nível Pelotão no dia 25 de junho. No dia 26 de

junho procedeu-se ao planeamento para uma tarefa de Cerco e Busca de escalão Batalhão, com a companhia portuguesa constituída por um Pelotão português, um Pelotão espanhol e uma Secção canhão, a executar a operação decisiva.

Na 3.ª Fase (28Jun19), a retração realizou-se nos moldes inversos aos da projeção, com a escolta até à fronteira de Tui - Valença, garantida pela *Guardia Civil* e pela Polícia do Exército espanhol e a partir daí a coluna militar seria escoltada pela Guarda Nacional Republicana e pela Polícia do Exército.



**Figura 1** – Movimento para a área do Exercício.

### VISÃO DO COMANDANTE DA COMPANHIA

Avaliando estes últimos 18 meses que exigiram um esforço acrescido, tentando compatibilizar o treino com as tarefas adicionais, concluo que as adversidades foram e continuarão a ser muitas. Apesar da participação no Exercício SAGITÁRIO ter sido possível e se ter revelado uma oportunidade de treino ímpar, fica um vazio por não ter sido possível a participação da CATMecRodas EUBG19-1 no exercício de certificação internacional do *European Union Battle Group 19-1*, em SAN GREGÓRIO em novembro 2018, tendo-se limitado a participação a uma célula de resposta. Como comandante seria a maior realização ao nível da CATMecRodas EUBG19-1 poder ter participado com toda a Companhia e com os

seus meios orgânicos.

O objetivo a que nos propusemos foi alcançado, de aprontar uma Companhia e garantir a manutenção da prontidão, participando em todos os exercícios onde foi possível.

*"Por único móbil a honra e a dignidade"*



**Figura 2** – Treino em Combate em Áreas Edificadas.



**Figura 3** – Militares da CAteMecRodas em planejamento.

# O APRONTAMENTO DA CATMECRODAS/VJTF/ENRF 2020

A 03 de janeiro de 2019, a Companhia de Atiradores Mecanizada de Rodas/ *enhanced North Atlantic Treaty Organization Response Force* (CAAtMecRodas/eNRF) iniciou o aprontamento com vista à sua possível projeção para um Teatro de Operações (TO) a definir. A *NATO Response Force* (NRF) é uma Força multinacional, que nas suas diferentes componentes, pode ser rapidamente destacada para onde for necessário, desempenhando qualquer tipologia de missão. Com a constante alteração



**Figura 1** – Patch da CAAtMecRodas/eNRF.



**JOÃO LOPES**

CAP INF

CMDT DO CATMECRODAS/VJTF/ENRF

do ambiente de segurança, em 2014, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) decidiu reforçar a NRF criando uma Força de escalão Brigada, *enhanced NRF* (eNRF), capaz de responder de forma imediata, por forma a garantir a defesa coletiva da Aliança. Essa Força, designada de *Very High Readiness Joint Task Force* (VJTF), é constituída por forças de vários países da Aliança, estando assente num sistema de rotações anual, que por sua vez está inserido num ciclo de três anos de prontidão. A VJTF está preparada para desenvolver um elevado conjunto de tarefas, desde que contribuam para preservação da integridade territorial, realizando demonstrações de força, operações de apoio à paz, auxílio às populações em caso de calamidade e proteção de infraestruturas críticas.

Para a eNRF estão definidas três categorias de prontidão:

- O *Initial Follow-on Forces Group* (IFFG) 45, constituída pelas unidades em *stand-up*, é uma Força de escalão Brigada, com um *Notice to Move* (NTM) de 45 dias, que visa reforçar a VJTF em *stand-by*, se necessário;
- A VJTF, que visa dar resposta imediata a operações da OTAN ao abrigo do Artigo 5º do Tratado de

Washington, sendo esta o primeiro escalão da eNRF. A VJTF é constituída por uma unidade de escalão Brigada com cinco a sete dias de NTM, com pelo menos um dos seus Batalhões de manobra a 48-72 horas NTM, durante 12 meses (duração do período de *stand-by*);

- O IFFG 30, constituída pelas unidades em *stand-down*, é uma Força de escalão Brigada, com um NTM de 30 dias, que visa reforçar a VJTF em *stand-by*, se necessário.

No âmbito da componente terrestre da eNRF, o Exército Português contribui com uma CATMecRodas no seguinte quadro de empenhamento:

- Em 2019, como parte do IFFG45, com um NTM de 45 dias (*stand-up*);
- Em 2020, como parte da VJTF, com um NTM de 5 a 7 dias (*stand-by*);
- Em 2021, como parte do IFFG30, com um NTM de 30 dias (*stand-down*);
- A CATMecRodas/eNRF está integrada numa Unidade de Escalão Batalhão (UEB) espanhola, que por sua vez se encontra sob o comando de uma Brigada Polaca.

O Comando das Forças Terrestres determinou que, em janeiro de 2019, se iniciasse o aprontamento da CATMecRodas/eNRF, designando a Brigada de Intervenção (BrigInt) como Unidade Organizadora (UnOrg) e o Regimento de Infantaria n.º 14 (RI14) como Unidade Mobilizadora (UnMob) da CATMecRodas/VJTF 2020.

A CATMecRodas/eNRF é constituída por 160 militares, dos quais 124 pertencem à Unidade de Manobra e 36 militares constituem o Pelotão de Apoio de Serviços. A Unidade de Manobra tem três Pelotões de Atiradores (um destes cedidos pelo Regimento de Infantaria n.º 13, uma Secção Canhão e a Secção de Comando. O Pelotão de Apoio de Serviços divide-se em quatro módulos: o Módulo de Reabastecimento e Serviços; o

Módulo de Apoio Sanitário; o Módulo de Manutenção e o Módulo de Comunicações e Sistemas de Informação, sendo composto por militares de duas Unidades da BrigInt (Regimento de Transmissões e Companhia de Manutenção) e do Centro de Saúde Militar de Tancos e de Santa Margarida.

Decorreu no período de 3 de janeiro a 31 de dezembro de 2019, no RI14, o aprontamento da CATMecRodas/eNRF, que foi conduzido de forma faseada, de modo a assegurar que a Força cumpra os requisitos definidos e esteja apta a executar as missões e tarefas que lhe possam ser atribuídas. Inicialmente, foram executadas tarefas de cariz administrativo-logístico, sanitário e de formação, orientadas para a obtenção de qualificações e proficiências individuais. No decorrer do aprontamento, foram elaborados vários planos, destacando-se o Plano de Treino Operacional e o Plano de Carregamento da CATMecRodas/eNRF. O primeiro plano discrimina os conteúdos gerais de formação e treino a realizar durante o aprontamento e manutenção da prontidão, visando dotar e aperfeiçoar a Força com os índices psíquicos, físicos e técnicos imprescindíveis ao cumprimento do seu aprontamento e garantindo a manutenção da sua prontidão no período de *stand-by* e *stand-down*. Inicialmente, foi assegurado o treino individual, seguindo-se o nivelamento coletivo, através de atividades de treino integradas, culminando com a realização de um exercício final, onde a Inspeção Geral do Exército efetuou a avaliação da prontidão para combate, com vista à Certificação Nacional. Após a Certificação Nacional, prosseguiu-se para o aprontamento internacional, integrando o treino operacional da UEB espanhola, que será o escalão superior, caso seja empenhada. Relativamente ao Plano de Projeção, é um documento que apresenta todos os procedimentos relativos à possível projeção da Companhia para qualquer TO, no âmbito das *Adaptation Measures* da OTAN.

O Exercício PANDUR STRIKE 19 decorreu entre 9 e 13 de setembro de 2019, na região de Várzea de Calde, Viseu. Foi o Exercício de Certificação Nacional, integrado no aprontamento nacional da CATMecRodas/eNRF. O exercício visou validar o treino ministrado durante o aprontamento nacional da Força, tendo como cenário enquadrante uma situação de crise internacional em que a Companhia executou tarefas táticas no âmbito das Operações Ofensivas, Defensivas e de Estabilização. O planeamento foi conduzido pelo 2º Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas, sendo apoiado pelo RI14, como UnMob e pela BrigInt, como UnOrg.

O Exercício PANDUR STRIKE 19 visou ainda colocar em prática o planeamento, preparação e execução de operações militares, com a finalidade de avaliar e certificar a aplicação de doutrina e procedimentos, bem como a capacidade operacional da CATMecRodas/eNRF no cumprimento de diversas tarefas táticas. Para o efeito, apoiou-se no cenário SKOLKAN, cenário que tem vindo a enquadrar os últimos exercícios sectoriais do Exército, como o ORION, com os ajustes ao cenário, necessários para se alcançarem os objetivos de treino, no âmbito do cumprimento de tarefas táticas desta tipologia de Força, tendo por referencial a doutrina da OTAN. Assim, as atividades desenvolvidas no exercício foram orientadas para as missões mais prováveis do seu emprego num TO, tais como a capacidade de planear operações em todo o espectro das operações militares e estar preparado para conduzir toda a tipologia de operações, num ambiente complexo, com especial enfoque para as operações de estabilização.

A Força atingiu a certificação de *Combat Ready*, apresentando-se bem preparada e motivada, possuindo a documentação operacional e administrativo-logística necessária e atualizada, prossequindo a sua preparação para as missões que lhe possam ser cometidas. Desde 1 de janeiro de 2020, a CATMecRodas/eNRF encontra-

se na fase de *stand-by*, garantindo a manutenção da prontidão através do treino de tarefas coletivas a nível de Secção, Pelotão e Companhia, em ambiente de Exercícios.



**Figura 2** – Exercício PANDUR STRIKE 19.

“...a Companhia executou tarefas táticas no âmbito das Operações Ofensivas, Defensivas e de Estabilização...”



# O EXERCÍCIO DO BATALHÃO DE TRANSMISSÕES RAIO 19

## ENQUADRAMENTO

O Exercício RAI0 19 é um exercício setorial de escalão Batalhão, do tipo *Field Training Exercise (FTX)* e *Signal Exercise (SIGEX)*, inserido no Plano Integrado de Treino Operacional para 2019, destinado à manutenção e validação das capacidades operacionais, no plano individual e coletivo, do Batalhão de Transmissões (BTm), da Brigada de Intervenção (BrigInt).

Este exercício desenrolou-se em vários locais, designadamente, no Porto, no Regimento de Transmissões (RTm) e também em Arca D'Água, na Serra de Valongo e na Serra de São Macário. Decorreu de 18 a 27 de setembro de 2019, sob a supervisão do Comandante da BrigInt, BGen Matos Alves, na qualidade de *Officer Scheduling the Exercise (OSE)* e do Comandante do RTm, Cor Tm José Guilherme, na qualidade de *Officer Conducting the Exercise (OCE)*.

Para além das audiências de treino, participaram no Exercício RAI0 19 o Estado-Maior/BrigInt, como DIREVAL, e equipas de controlo e arbitragem constituídas por militares do RTm. O BTm participou com o seu Comando e EM, com a Companhia de Comando e Serviços, com a Companhia de Transmissões (CTm) e com a Companhia de Transmissões de Apoio (CTmAp), sendo a CTm e CTmAp a audiência primária de treino. Participaram ainda militares de Transmissões



**LUIS REGADA**

CAP TM

CMDT DA CTM/BTM

do 1.º Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas (1BIMecRodas), do Regimento de Infantaria n.º 13, do 2.º Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas (2BIMecRodas), do Regimento de Infantaria n.º 14 e do Grupo de Reconhecimento (GRec), do Regimento de Cavalaria n.º 6.

## FINALIDADE E OBJETIVOS

A finalidade do exercício RAI0 19 foi a de praticar o planeamento, controlo e conduta de missões e tarefas táticas passíveis de serem desempenhadas pelo BTm/BrigInt, de forma a garantir o apoio de Comunicações e Sistemas de Informação (CSI) à BrigInt, tendo como referencial um ambiente operacional em constante mutação e os requisitos e capacidades necessárias ao exercício do Comando e Controlo (C2) por parte do Comando da BrigInt.

Os principais objetivos do exercício foram:

- Treinar a integração das CSI dos módulos do Sistema de Informação e Comunicações Tático (SIC-T) com as CSI das PANDUR II 8x8 *Communication Vehicle* (PANDUR CV);
- Treinar a integração das CSI dos módulos do SIC-T com as CSI das PANDUR II 8x8 *Command*

*Post Vehicle* (PANDUR CPV);

- Treinar a integração das CSI das PANDUR CV com as CSI das PANDUR CPV do 1BIMecRodas, 2BIMecRodas e do GRec.

Para além objetivos principais, foram ainda elencados os seguintes objetivos secundários do exercício:

- Testar a qualidade das ligações de feixes hertzianos do equipamento Thales a cerca de 60 km;
- Testar a utilização em simultâneo de 2 ligações Thales nas PANDUR CV;
- Testar a influência de eventuais interferências causadas pela concentração de fontes emisoras diversas (Thales, Winlink, rádio de banda larga, VHF e HF);
- Testar a interligação entre os Rádio de Banda Larga (HCDR) dos módulos do SIC-T e das PANDUR CPV;
- Testar o *Battlefield Management System* (BMS).

## DESCRIÇÃO DO EXERCÍCIO

O Exercício RAI0 19 teve por base o cenário e enquadramento do Exercício ORION 19, a partir do qual se implementou uma estrutura de rede e sistemas de informação tradicionalmente aplicados em exercícios de nível de Brigada e Exército.

O RAI0 19 foi dividido em duas fases. A 1ª fase, na forma de *Command Post Exercise* (CPX), decorreu no RTm, de 18 a 20 de setembro, consistiu na reunião de pessoal e material do BTm, do 1BIMecRodas, do 2BIMecRodas e do GRec, bem como na preparação para a projeção das forças para as *Forward Operating Base* (FOB). A 2ª fase, na forma de FTX, decorreu de 23 a 27 de setembro, em simultâneo no RTm, em Arca D'Água, na Serra de Valongo e na Serra de São Macário.

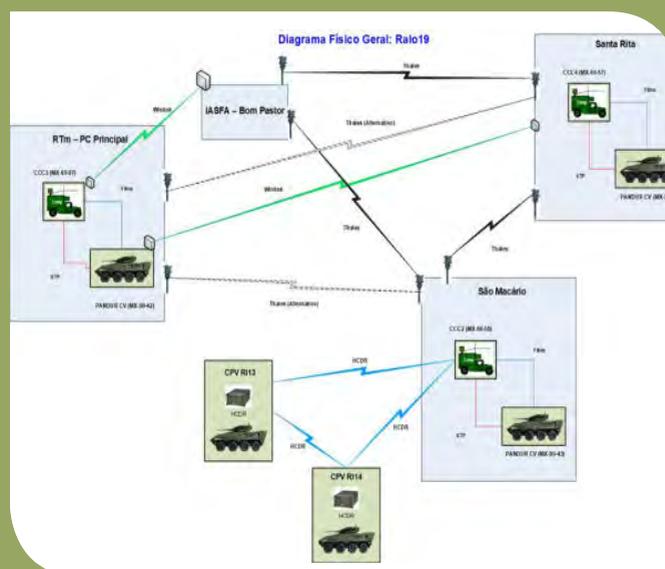
No Quartel do Bom Pastor, em Arca D'Água, foi feita a interligação do SIC-T ao SIC-Op, estendendo a Rede de Dados do Exército (RDE) às três FOB, de acordo com o

diagrama físico apresentado na Figura 1.

No RTm foi instalado o Posto de Comando (PC) Principal, apoiado por um Centro de Comunicações de Companhia (CCC) e uma PANDUR CV.

Na Serra de São Macário foi instalado o PC Tático, apoiado por um CCC e uma PANDUR CV. Nesta posição, estendeu-se o SIC-T às PANDUR CPV do 1BIMecRodas e 2BIMecRodas, tirando o máximo proveito dos meios CSI disponíveis. Disponibilizou-se ainda às PANDUR CPV a rede classificada do SIC-T (rede RED), através de ligações com recurso ao rádio de banda larga, fibra ótica e cabo UTP. Instalaram-se também redes rádio VHF e HF, em frequência fixa e em SECOM, nas três FOB e com todas as viaturas. Na Serra de Valongo foi instalado um repetidor de feixes hertzianos, apoiado por um CCC e uma PANDUR CV.

Nesta posição, estendeu-se o SIC-T à PANDUR CPV do GRec, com todos os serviços de rede classificada do SIC-T e rede rádio VHF e HF, tal como em São Macário. Relativamente aos sistemas de comunicações, o objetivo foi garantir a redundância das ligações por feixes hertzianos, recorrendo ao equipamento Thales das PANDUR CV à distância máxima de 60 km.



**Figura 1** – Diagrama físico.

Ao nível das ligações rádio, foram utilizadas todas as antenas e gamas de frequências disponíveis, nomeadamente os rádios Thales, *Winlink*, banda larga, P/PRC 525 nas gamas de VHF e HF. Em VHF e HF, utilizaram-se antenas omnidirecionais e direcionais, em frequência fixa e com salto de frequência (SECOM).

Na rede classificada (rede RED) foram disponibilizados vários Sistemas de Informação, nomeadamente chat, rede telefónica VoIP, e-mail, portal colaborativo, videoconferência e BMS. Na rede não classificada (rede BLACK) foram disponibilizados o acesso à RDE, internet e a rede telefónica do Exército.

### CONCRETIZAÇÃO DOS OBJETIVOS

O foco dos incidentes lançados pela equipa de controlo e arbitragem foi a estrutura de transmissão de feixes hertzianos, redes rádio e sistemas de informação. A resposta aos incidentes foi muito positiva, permitindo concluir que os objetivos definidos para o Exercício RAIO 19 foram cumpridos com sucesso na sua generalidade. O Exercício RAIO 19 materializou-se numa excelente oportunidade de cross training e congregação de esforços dos militares de Transmissões do BTm, do 1BIMecRodas, do 2BIMecRodas e do GRec, para garantir a integração dos meios CSI disponíveis na BrigInt. A integração de militares das outras unidades operacionais

da BrigInt, não só permitiu que fossem testadas as comunicações de forma mais realista, disponibilizando serviços de CSI a Unidades presentes no terreno e que eram exteriores ao BTm, como também se constituiu como uma excelente troca de informação e partilha de experiências entre todos os intervenientes, que trouxe bastantes benefícios na condução do Exercício.



**Figura 2** – Posto de Comando Principal, no RTm.





**Figura 3** – Repetidor de feixes hertzianos, na Serra de Valongo.



**Figura 4** – RAI0 19.



**Figura 5** – Posto de comando tático, na Serra de São Macário.

# O EXERCÍCIO STRONG IMPACT

## INTRODUÇÃO

O Exercício STRONG IMPACT teve a sua primeira edição em 2019, materializando, de forma integrada, a continuidade dos anteriores exercícios das séries EFICÁCIA e RELÂMPAGO, sendo um exercício tático de nível Exército a realizar anualmente e primariamente direcionado para o aperfeiçoamento de técnicas, táticas e procedimentos (TTP) das unidades de Artilharia de Campanha (AC) e de Artilharia Antiaérea (AAA), nacionais e internacionais.

Este exercício serve, simultaneamente, de treino operacional e preparação para a participação das unidades de AC e AAA no exercício nível Exército ORION 20, tendo sido calendarizado para decorrer entre 16 de dezembro de 2019 a 22 de janeiro de 2020, a fase de planeamento e entre 16 de março e 17 de abril, a fase de execução.

No entanto face à conjuntura pandémica que atingiu o país, houve a necessidade de restabelecer as missões do Exército no sentido de apoiar as autoridades nacionais no combate à COVID-19 e tomar medidas preventivas, cancelando, adaptando ou suspendendo um conjunto de atividades, designadamente, de formação e de treino operacional.

Assim sendo este artigo pretende não só apresentar o



**PEDRO BARBOSA**

CAP ART

S3 DO GAC/BRIGINT

Exercício STRONG IMPACT 20 (SI20), no que concerne ao seu conceito e organização, mas igualmente, analisar e repensar de que forma se pode colmatar as limitações impostas pela conjuntura, antevendo os desafios que se colocam.

## CONCEITO E ORGANIZAÇÃO

O SI20 engloba, na sua componente operacional as fases de *Battle Staff Training* (BST), *Command Post Exercise* (CPX), *Field Training Exercise* (FTX) e *Live Fire Exercise* (LFX) tendo sido calendarizado de acordo com a seguinte fita de tempo:

- FASE I – BST/ CPX

Previsto realizar-se no Regimento de Infantaria n.º10 (RI10), em São Jacinto, entre 16 e 27 de março, com o intuito de produzir uma ordem de Operações (OPORD) de escalão Brigada, com os respetivos anexos de *Fire Support* (FS) e *Ground Based Air Defence* (GBAD) e iniciando as OPORD do Grupo de Artilharia de Campanha e do Grupo de Artilharia Antiaérea, encontrando-se previsto o *High Visibility Event* (HVE) para 25 e 26 de março.

- FASE II – FTX/LFX1

Destinada a unidades de AAA, o LFX encontra-se planeado realizar com sistemas míssil Stinger e com os sistemas canhão Bitubo, em Vieira de Leiria, entre 30 de março e 03 de abril, estando o HVE2 planeado para 01 de abril.

- FASE III – FTX

No decorrer desta fase, inicialmente planeada para 14 e 15 de abril, no Campo Militar de Santa Margarida (CMSM) o GAC e o GAAA, realizariam a sua OPORD de acordo com o conceito de operação emanado pela Brigada de Reação Rápida (BrigRR), enquanto HICON.

- FASE III – LFX2

Destinada a unidades de AC, esta fase foi planeada para 16 e 17 de abril, no CMSM, com a finalidade de serem realizadas missões de tiro real de acordo com a sua OPORD, *Fire Plan* e *FS Execution Matrix*, com previsão de o HVE3 ocorrer a 17 de abril.

Sendo um exercício de nível Exército, conta com a participação das três brigadas, materializado pelas várias Baterias de AC e AAA e respetivos materiais que as equipam, constituindo-se como Audiências Primárias de Treino (APT), designadamente:

- Grupo de Artilharia de Campanha (Baterias):  
GAC da Brigada de Intervenção (BrigInt) (Obus Reb 155mm M114);  
GAC da Brigada Mecanizada (Obus AP 155mm M109);  
GAC da BrigRR (Obus Reb 105mm M119).
- Grupo de Artilharia Antiaérea (Bateria):  
GAAA/BrigInt (sistema míssil Stinger sistema canhão Bitubo).

Para além da participação da artilharia ao nível nacional, o SI20 tinha previsto a participação de forças espanholas com o GACA XI da Brigada Extremadura

que participariam com uma Bateria de AC equipada com Obus AP 155mm M109.

O principal objetivo do SI20 é garantir a proficiência operacional das unidades de AC e AAA pertencentes aos Elementos da Componente Operacional do Sistema de Forças, através do planeamento, coordenação, integração e sincronização do apoio de fogos com as medidas de coordenação e gestão do espaço aéreo inerentes ao empenhamento da defesa antiaérea. Neste sentido, o enfoque do exercício consiste na realização de operações terrestres com ênfase no emprego da AC e AAA, ao nível das baterias, sendo de relevar os seguintes objetivos de treino:

- Exercitar a AC ao nível do planeamento, controlo e condução de operações terrestres;
- Exercitar o Estado-Maior da AC e da AAA, com enfoque nas funções de combate Comando Missão e Informações;
- Planear e coordenar o recurso a diferentes meios de FS incluindo o Apoio Aéreo Próximo;
- Exercitar, ao nível do planeamento, coordenação e controlo do espaço aéreo da Brigada, a integração do Elemento de Defesa Aérea no Centro de Operações de Apoio Aéreo;
- Utilizar terminologia operacional, TTP e metodologia em uso na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), bem como o recurso à língua inglesa no decurso de todo o planeamento e condução do exercício;
- Realizar fogos Reais de AC e AAA.

### IMPACTO DO COVID-19 NO TREINO

A evolução da situação sanitária em Portugal obrigou a adoção de medidas de proteção, levando o Exército à emissão de um Plano de Contingências<sup>1</sup>, a 9 de março, dando conta da necessidade da proteção do potencial humano e a manutenção da capacidade de resposta às solicitações das diversas entidades neste contexto.

Desde então e reforçado pelo imperativo da evolução da situação pandémica do COVID-19 e da declaração do Estado de Emergência efetuada pelo Decreto do Presidente da República<sup>2</sup> e subseqüentes renovações, a missão do Exército, e da BrigInt em particular, mereceu uma análise e adequação. Assim as atividades de formação e de treino operacional foram revistas no sentido de avaliar necessidades de adiamento, cancelamento ou adaptação.

Neste sentido, todos os esforços passaram a estar centrados no combate a esta doença, sendo que *"Desde o início do combate à pandemia COVID-19, o Exército apoiou o esforço nacional de contenção e mitigação, através do apoio a 44 entidades civis em 38 municípios."*<sup>3</sup>

Face a este cenário o SI20 não chegou a entrar na sua componente operacional, conforme fita do tempo acima apresentada, tendo apenas sido realizado a *Exercise Specification (EXSPEC) and Concept Development*, e o *Exercise Planning and products development* materializado nas várias *Planning Conferences*<sup>4</sup>, de forma a produzir as *Exercise Plan (EXPLAN)*, as *Main Events List/ Main Incidents List (MEL/MIL)* bem como o *Real Life Support (RLS) Plan*.

Tendo em consideração que a componente operacional nas várias formas, BST, CPX, FTX e LFX, não chegou a ocorrer, implica necessariamente que os objetivos de treino definidos para o SI20 não vão ser alcançados na sua maioria, tendo apenas sido possível desenvolver as atividades associadas ao planeamento do exercício.

Dada a situação atual e ao desenvolvimento imprevisível da pandemia, à presente data, não é possível fazer uma antevisão relativamente ao retorno à normalidade das atividades operacionais e do SI20, em particular, por consequência dos vários exercícios previstos no PITOP 20. Ainda assim, podemos conjecturar dois cenários possíveis com possíveis opções associadas,

designadamente:

- Cenário 1: Retorno à normalidade em outubro de 2020.

Os Exercícios URANO 20 (nível GAC/BrigInt) e o ORION 20 (nível Exército), previstos para outubro e novembro respetivamente, permitiriam mitigar os objetivos de treino que não foram alcançados no SI20.

- Cenário 2: Situação pandémica mantém-se por tempo indeterminado.

Há a necessidade de repensar a forma como podem ser conduzidas as várias fases da componente operacional, atando-as à possibilidade de serem conduzidos de forma remota:

- BST/CPX: através de VTC;
- FTX: Através do Centro de Simulação do Exército ou em alternativa através de *software* específico da OTAN, como é o caso do Joint Exercise Management Module (JEMM) usado nas MEL/MIL;
- LFX: Recorrer a simuladores, como por exemplo o INFRONT 3D (disponível no RA5-GAC/BrigInt e no Quartel da Artilharia – GAC/BrigMec).

Formação através de Cursos *eLearning*, garantidos pelas várias U/E/O nacionais, e internacionais, através da *Nato School Oberammergau*, e da *Nato Modelling & Simulation Centre of Excellence (NATO MS&COE)*, onde estão disponibilizados vários cursos;

Manter a coordenação com países amigos para entender de que forma se estão a reorganizar ao nível das Forças Armadas relativamente ao Treino/ Exercícios/ Formação, com o intuito de gerar sinergias e manter a cooperação internacional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O SI20 consubstancia-se como o principal exercício

da Artilharia do Exército Português, estando prevista a participação com Baterias da AC e da AAA, dos três Comandos de Brigada e inclusive da artilharia espanhola através do GACA XI.

O exercício foi planeado numa primeira fase para desenvolver os documentos que iam enquadrar a parte operacional designadamente, as EXSPEC, as EXPLAN, as MEL/MIL e o RLS.

Por seu turno, a sua componente operacional decorreria em quatro fases, designadamente o BST, o CPX, o FTX e o LFX que se encontravam planeadas para o RI10, em Vieira de Leiria e no CMSM respetivamente.

As APT seriam constituídas pelas Baterias de AC e AAA provenientes das três Brigadas sendo o principal objetivo de treino do SI20 garantir a proficiência operacional das unidades que integram o ECOSF, através do planeamento, coordenação, integração e sincronização do apoio de fogos com a defesa antiaérea.

No entanto, a situação criada pela COVID-19 veio afetar o cumprimento das missões do Exército e por inerência do Treino Operacional, que lhe está associado, que foi suspenso até nova reavaliação o que inviabilizou que a componente operacional do SI20 se concretizasse.

Face a este cenário, importa repensar a forma como treinamos a componente operacional e adaptarmo-nos de forma a contornar os desafios inerentes à pandemia global e às restrições que a mesma nos impõe enquanto Elemento da Componente Operacional do Sistema de Forças.

Assim sendo, julga-se pertinente serem equacionadas opções que mantenham, dentro do possível, o cumprimento dos objetivos de treino e as competências que cada militar deve adquirir, manter ou melhorar. No contexto, a condução remota das várias fases da componente operacional do Exercício (CPX/BST/FTX/LFX), recorrendo ao Centro de Simulação do Exército ou em alternativa aos softwares disponíveis na *Nato*

*School Oberammergau* e na NATO MS&COE, apostando igualmente na formação disponibilizada em formato *eLearning*, sem esquecer a cooperação internacional, poderá mitigar os constrangimentos que a pandemia coloca ao Treino Operacional.

#### Bibliografia:

- *Decreto do Presidente da República N.º 14-A/2020 – Diário da República N.º 55/2020, 3º Suplemento, Série I de 18 de março de 2020;*
- *Decreto da Presidência do Conselho de Ministros n.º 2-B/2020 - Diário da República N.º 66/2020, 1.ª Série de 02 de abril de 2020;*
- *Diretiva N.º01/BrigInt/20 Plano de Treino Operacional da Brigada de Intervenção, de 07 de Janeiro de 2020, de Exmo. BGen Comandante da BrigInt;*
- *Exercise Specification, STRONG IMPACT 20, de 28 fevereiro de 2020, de S. Exa. General Chefe do Estado-Maior do Exército;*
- *Exercício STRONG IMPACT 19.1, Revista de Artilharia acessado em 011900ABR20 através do site <http://www.revista-artilharia.pt/noticiasdet.asp?idNoticia=645>;*
- *Medium Planning Conference, apresentação em power point com 58 diapositivos, em 17 de fevereiro de 2020, Campo Militar de Santa Margarida;*
- *Nato School Oberammergau, site oficial <https://www.natoschool.nato.int/Academics/eLearning/Course-Catalogue>, acessado em 011930ABR20;*
- *Nato Modelling & Simulation Centre of Excellence, site oficial <https://www.mscoe.org/>, acessado em 011830ABR20;*
- *Ordem Parcelar N.º1 ao Plano de Contingência "COVID-19/EX", de 15 de março de 2020, de S. Exa. o General Chefe do Estado-Maior do Exército;*
- *Ordem Parcelar N.º2 ao Plano de Contingência "COVID-19/EX", de 26 de março de 2020, de S. Exa. o General Chefe do Estado-Maior do Exército;*
- *Plano de Contingência "COVID-19/EX" de 09 de março de 2020, de S. Exa. o General Chefe do Estado-Maior do Exército;*
- *Ponto de Situação dos "Apoios do Exército a Entidades Civas" e dos "Casos COVID-19 no Exército", de 05 de abril de 2020, Relações Públicas do Exército;*
- *Síntese Interna Periódica nº11/2020, de 31 de março de 2020, Relações Públicas do Exército.*

#### Notas:

<sup>1</sup> *Plano de Contingência "COVID-19/EX" de 09 de março de 2020, de S. Exa. o General Chefe do Estado-Maior do Exército.*

<sup>2</sup> *Decreto do Presidente da República n.º 14-A/2020, de 18 de março, e prorrogada pelo Decreto n.º 2-B/2020 de 02 de abril de 2020.*

<sup>3</sup>*Síntese Interna Periódica nº11/2020 de 31 de março de 2020.*

<sup>4</sup>*Initial Planning Conference (IPC), Medium Planning Conference (MPC) e Final Coordination Conference (FCC).*

# A PROVA FORTALEZA

A 07 de fevereiro de 2019, através da Informação-Proposta N.º 02/19, foi apresentada ao Exmo. Brigadeiro-General (BGen) Comandante (Cmdt) da Brigada de Intervenção (BrigInt) a proposta de realização de uma prova de nome FORTALEZA, nome que alude à simbologia do Braço de Armas da Brigada. A Prova FORTALEZA seria um evento anual, integrado nas comemorações do aniversário da Brigada, participada e



**Figura 1** – Símbolo da Prova FORTALEZA.

organizada com a colaboração das suas Unidades, com os principais objetivos:

- Fomentar o espírito competitivo, espírito de corpo e sã camaradagem entre os militares das diferentes Unidades da BrigInt;
- Promover e incentivar a prática de atividades



**VITOR BORGES**

TCOR INF

CHEFE DO G3/5/9/BRIGINT

militares para desenvolvimento das capacidades psicomotoras e técnico-táticas dos militares, como complemento da atividade operacional;

- Fomentar a convivência entre os militares que servem na BrigInt e, simultaneamente, contribuir para o seu enaltecimento e prestígio.

A competição deveria ser realizada por equipas de todas as Unidades da Brigada, envergando equipamento de combate, que cumpririam um percurso topográfico com prova prática e na qual teriam de realizar tarefas militares transversais a todas as Armas e Serviços, tais como: técnica individual de combate, orientação, tiro, transposição de obstáculos, gestão do tempo e do esforço, entre outras. O conceito geral da prova obedeceria aos seguintes pontos:

- A prova seria efetuada em autonomia;
- As equipas participantes seriam constituídas pelo mesmo número de militares, devendo ter pelo menos um elemento de cada categoria e género;
- As equipas obteriam uma determinada classificação consoante a sua assertividade, capacidade física e desempenho demonstrados nas diferentes provas. Consequentemente, no

final ganharia a equipa que obtivesse o maior número de pontos;

- Decorrido o evento, seria realizado um almoço/jantar convívio, no qual estariam presentes, além das equipas, os comandos das Unidades da Estrutura Base (EB) e dos Elementos da Componente Operacional do Sistema de Forças (ECOSF);
- Anualmente, a área geográfica da FORTALEZA rodaria pelas várias Unidades da BrigInt, no entanto, apesar da unidade que acolhesse a prova se constituísse como entidade primariamente responsável, se solicitado, todas as outras Unidades colaborariam para a organização da mesma.

Foi proposto ao Exmo. BGen Cmtt da BrigInt que se dignasse ponderar a viabilidade de instituir a Prova FORTALEZA, propondo a realização da primeira edição da prova integrada nas comemorações do Dia da Brigada, no dia 29 de maio de 2019, organizada pelo Quartel-General da BrigInt (QG/BrigInt), com a colaboração das outras Unidades da Brigada, na região de Coimbra, com partida do Castelo de Montemor-O-Velho e chegada à Carreira de Tiro da Gala. A proposta obteve o seguinte despacho de 13 de março de 2019: *"Pelos objetivos pretendidos com a sua criação e pelo simbolismo que esta poderá vir a obter no seio da BrigInt, recebo com muito agrado a iniciativa, pelo que estão autorizados desde já as ações/diligências necessárias à avaliação da sua exequibilidade já este ano e, se exequível, para a sua concretização."*

Foram, assim, tomadas todas as diligências no sentido de possibilitar a preparação da primeira edição da FORTALEZA, no ano de 2019, realizando-se uma primeira reunião para apresentar o conceito e objetivos da prova e verificar quais as Unidades da Brigada que queriam colaborar na sua preparação. O Regimento de

Artilharia n.º 5, o Regimento de Artilharia Antiaérea n.º 1, o Regimento de Engenharia n.º 3 e o Regimento de Transmissões, através dos Alferes Rodrigues, Alferes Lobo, Alferes Cruz e Segundo-Sargento Branco, respetivamente, aceitaram o desafio de se associarem ao QG/BrigInt na organização da competição.

No dia 29 de maio de 2019, concretizou-se a prova FORTALEZA com a participação de 45 militares (10/17/18) e de nove equipas de todas as Unidades da BrigInt, que realizaram as seguintes oito provas:

- À CARGA - Deslocamento total da prova;
- O DILUVIO - Deslocamento aquático em bote;
- MANOBRA DE FORÇA - Pista de obstáculos com tração;



**Figura 2** – Preparação para deslocamento anfíbio.

- FERIDO EM COMBATE - Pista com transporte de feridos;
- O PUZZLE - Montagem e desmontagem da ML HK21, EspAutG3, Pistola Walther;
- O BALUARTE - Pista de obstáculos;
- SETEIRA - Tiro;
- CAÇA AO BÓNUS – Bonificação de pontos extra e com intuito de melhorar a classificação geral.

No final da prova, realizou-se um jantar convívio com

	DILÚVIO (150)	O BALUARTE (100)	MANOBRA DE FORÇA (100)	PUZZLE (100)	FERIDO EM COMBATE (150)	SETEIRA (100)	TEMPO DE DESLOCAMENTO	Á CARGA (150)	CAÇA AO BÔNUS	PONTUAÇÃO TOTAL
<b>RI13</b>	150	84,5	95,2	100	150	93	24947	125,5	80	878,2
<b>RC6</b>	135,7	100	89,3	87,1	119,6	100	24313	128,8	80	840,5
<b>RI14</b>	139,9	96,5	100	96,4	116,7	91,3	26173	119,6	80	840,4
<b>RAAA1</b>	144,8	85,4	71,4	99,5	120,6	77,6	20870	150	40	789,3
<b>RTm</b>	99,8	85,4	83,3	75,6	144,6	66,2	25077	124,8	40	719,7
<b>UnAp</b>	143,7	62,6	71,4	44	124,3	67,7	24186	129,4	40	683,1
<b>RI19</b>	132,1	80,4	62,5	97,7	68,5	48,6	21916	142,8	40	672,6
<b>RE3</b>	116,5	68,9	56,5	39,5	114,3	59,4	22459	139,4	40	634,5
<b>RA5</b>	137,6	73,2	0	96,4	106,2	79,2	24888	0	40	532,6

**Quadro 1** – Classificação da Prova FORTALEZA.



**Figura 3** – Deslocamento aquático em bote.

os atletas, elementos da organização e a estrutura de comando da Brigada e das Unidades da EB e ECOSF.

O desempenho dos militares das Unidades da BrigInt na prova, permitiu apurar o RI13 como vencedor do TROFÉU FORTALEZA de 2019.

Os objetivos definidos para a FORTALEZA 2019 foram plenamente atingidos, tendo todas as equipas terminado a prova, com todos os elementos que as constituíam, dentro do tempo limite para execução da mesma. Uma semana após a prova, foi enviado um Inquérito de Satisfação aos participantes, tendo-se concluído que, de um modo geral, as equipas demonstraram ter gostado da prova, classificando a organização geral com 39 pontos, em 45 possíveis. O Relatório Final da Prova foi submetido ao Exmo. BGen Cmdt da BrigInt, tendo obtido o seguinte despacho: *"Pelo êxito alcançado expresso a minha satisfação e o elevado apreço a todos os que*

*nele estiveram envolvidos, quer na sua organização e condução, que enquanto participantes, relevando o reconhecimento que merecem por parte de todos. Para efeitos da próxima edição, deverão ser considerados os contributos, em particular no que diz respeito à sua duração, apoio sanitário e reforço alimentar a disponibilizar antes e durante a prova. Comunicar às Unidades na dependência da Brigada que a organização da Fortaleza 2020 é atribuída ao RI13."*

É de enaltecer o esforço e dedicação de todos os militares envolvidos na prova e deseja-se os maiores sucessos para a segunda edição da FORTALEZA, a ser realizada 2020 ou 2021, devido à situação do COVID-19, e organizada pelo RI13.



**Figura 4** – Tiro a partir da VBR PANDUR II 8x8.

# A BRIGADA DE INTERVENÇÃO NAS COMPETIÇÕES DESPORTIVAS MILITARES



**“O Treino no Exército é entendido como o processo permanente de preservação e de melhoria da capacidade militar do indivíduo, Estado-Maior e Força na condução de operações militares.”<sup>1</sup>**

A prática de atividade física assume um papel importante nos dias de hoje para a obtenção de um estilo de vida saudável e permite melhorar a qualidade de vida e a forma física, aumentando a agilidade, flexibilidade, resistência física e cardiorrespiratória.

A prática desportiva no Exército visa contribuir para o desenvolvimento da capacidade motora, física e psicológica do militar com vista ao desempenho das suas missões, fortalecendo o espírito de corpo e a coesão de grupo. A especificidade da sua finalidade tem sido motivo de procura pela sociedade civil, ao mesmo tempo que o Exército tem desenvolvido provas em ambiente civil no sentido de alargar e promover a prática de exercício físico, criando sinergias com os parceiros locais e regionais.

*“É por isso que a Educação Física Militar (EFM), entendida como o conjunto das atividades físicas e desportivas praticadas no seio do Exército, se constitui num elemento chave da formação global militar e,*



**GONÇALO CARVALHO**

**CAP INF**

ADJUNTO DO G3/BRIGINT

*em última instância, no valor operacional de qualquer Unidade.”<sup>2</sup>*

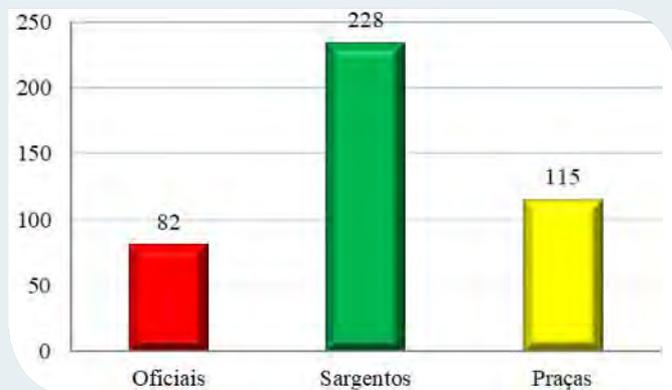
Como resultado da prática da atividade física, salienta-se a competição enquanto catalisador do espírito competitivo e dedicação das Unidades e dos militares da Brigada de Intervenção (BrigInt) à sua prática. Neste âmbito a Brigada, através das diversas Unidades, planeiam, organizam e participam nas Competições Desportivas Militares (CDM) e nos respetivos estágios. Durante o ano de 2019, a BrigInt e as suas Unidades participantes, nomeadamente o Regimento de Infantaria n.º 13 (RI13), o Regimento de Infantaria n.º 14 (RI14), o Regimento de Infantaria n.º 19 (RI19), o Regimento de Cavalaria n.º 6 (RC6), o Regimento de Artilharia Antiaérea n.º 1 (RAAA1), o Regimento de Artilharia n.º 5, o Regimento de Engenharia n.º 3 (RE3), o Regimento de Transmissões (RTm) e a Unidade de Apoio do Quartel-General da BrigInt (UnAp/QG BrigInt) planearam, organizaram e participaram nos CDM da Fase II (no âmbito da BrigInt) e III (no âmbito do Exército), nas modalidades de Corta-Mato, Orientação, Tiro Desportivo, Pentatlo Militar e BTT. As CDM 2019 tiveram a seguinte calendarização e responsabilidade de organização:

Modalidade	Fase II		Fase III				Fase IV	
	Un	Data	Estágio		Un	Data	Un	Data
<b>BTT</b>	RA5	30 e 31Jan	RA5	11 a 15Abr	RA5	07 e 08Mar	Marinha	11 e 12Abr
<b>Tiro Desportivo</b>	RI 19	11 a 15Mar	-	-	ES	15 a 18Abr	PSP	28 a 31Mai
<b>Orientação</b>	RI 13	04 a 08Fev	-	-	RI 13	11 a 15Mar	Marinha	06 a 08Mai
<b>Pentatlo Militar</b>	RE 3	13 a 17Mai	RE3 e RI1	11 a 14Jun e 17 a 21Jun	RI 1	24 a 28Jun	-	-
<b>Corta-mato</b>	RTm	20 e 21Fev	-	-	BrigMec	28 e 29Fev	GNR	28 e 29Mar

**Quadro 1** – Calendarização das Competições Desportivas Militares.

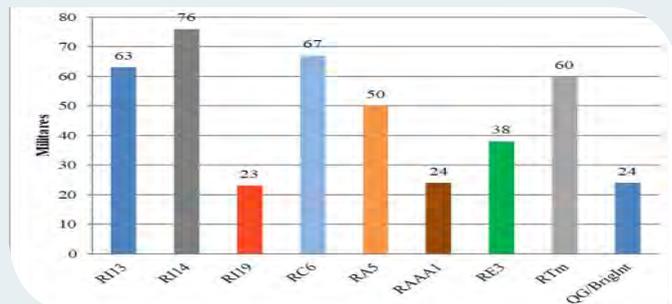
Nas CDM da Fase II – Brigada, participaram 425 militares, com a distribuição e classificação que se apresenta:

1. Participação de militares, por categorias nas CDM da Fase II – BrigInt:



**Gráfico 1** – Participação, por categorias, nas CDM da Fase II.

2. Representatividade das Unidades nos CDM da Fase II – BrigInt:



**Gráfico 2** – Participação, por Unidades, nas CDM da Fase II.

3. O desempenho dos militares das Unidades da BrigInt nas CDM da Fase II, para além de selecionar os atletas mais capazes para representar a Brigada nas CDM Fase III Exército, permitiu apurar o RI14 como

vencedor do “Troféu de Mérito Desportivo BrigInt” de 2019. Quanto ao detalhe das classificações, importa salientar:

- a. Classificação para troféu, por modalidade e classificação final:

Pontuação da Classificação	BTT	Tiro	Orientação	Pentatlo Militar	Corta mato	Classificação Final Total	
1 (1 pts)	2	1	2	1	2	8	RI14
2 (2 pts)	5	2	1	4	4	16	RI13
3 (3 pts)	1	6	5	3	1	16	RTm
4 (4 pts)	4	5	4	10	3	26	RC6
5 (5 pts)	10	3	10	2	5	30	RE3
6 (6 pts)	3	7	6	10	5	31	RA5
7 (7 pts)	6	4	8	10	8	36	RI19
8 (8 pts)	8	9	3	10	6	36	RAAA1
9 (9 pts)	7	8	7	10	7	39	QG/BrigInt

**Quadro 2** – Classificação geral das Unidades da BrigInt nas CDM da Fase II.

- b. Equipas melhor classificadas na Fase II - BrigInt:



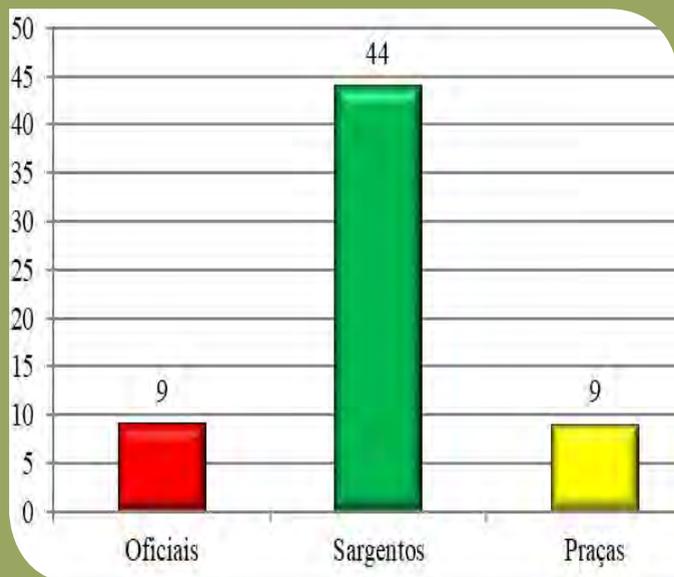
**Figura 1** – Equipas melhor classificadas no Troféu de Mérito Desportivo 2019 – BrigInt.

Quanto à Fase III – Exército, a BrigInt participou com 62 militares, com a distribuição e classificação que se apresenta:

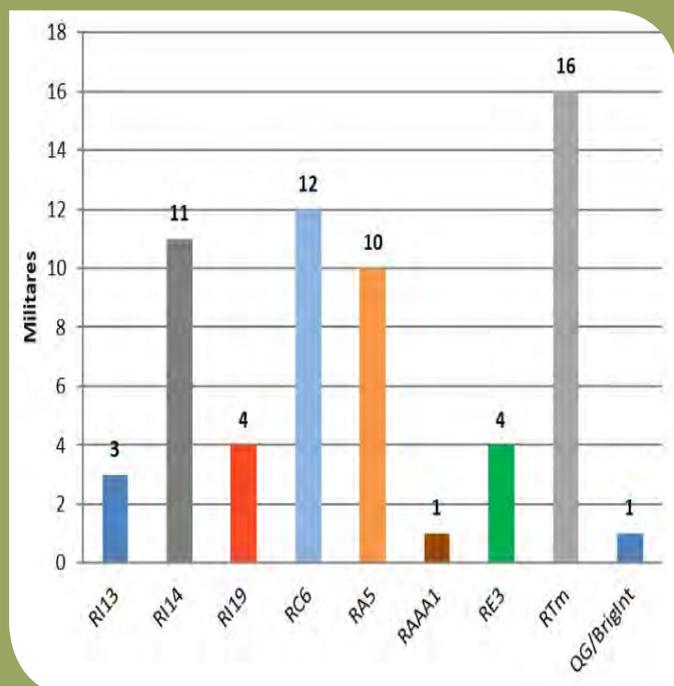
1. Participação de militares, por categorias nas CDM da Fase III – Exército, conforme Gráfico 3.
2. A representatividade das Unidades da BrigInt nas CDM da Fase III – Exército, conforme Gráfico 4.
3. A classificação da Fase III – Exército estabeleceu

a BrigInt como Campeã do “Troféu Comando do Exército” de 2019, com as seguintes prestações nas diferentes modalidades:

- Orientação – 1ª Classificada;
- Tiro – 3ª Classificada;
- Corta-mato – 2ª Classificada;
- BTT – 1ª Classificada;



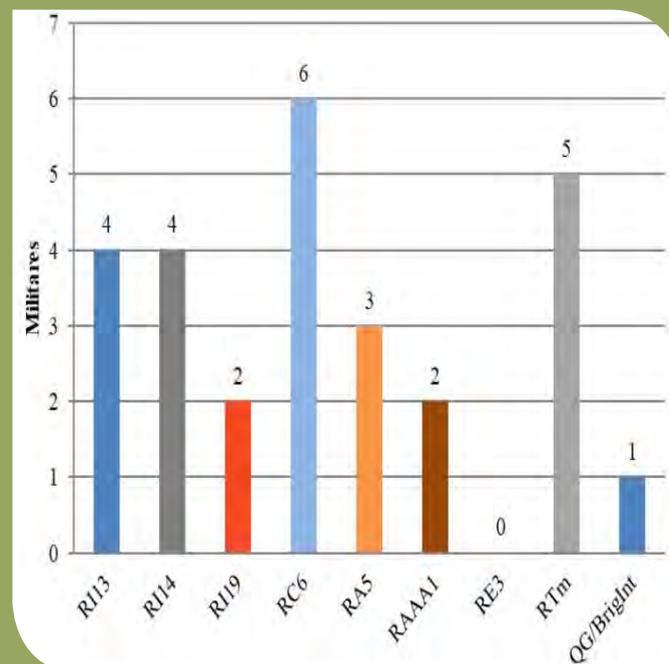
**Gráfico 3** – Participação dos militares da BrigInt nas CDM da Fase III por categorias.



**Gráfico 4** – Representatividade das Unidades da BrigInt nas CDM da Fase III.

- Pentatlo Militar – 1ª Classificada.

O desempenho dos militares da BrigInt na Fase III – Exército, permitiu aos selecionadores do Exército apurar 27 dos seus militares para a Fase IV (no âmbito das Forças Armadas) nomeadamente: sete militares (0/7/0) para a modalidade de Corta-Mato; 10 militares (0/7/3) para a modalidade de Orientação; três militares (1/2/0) para a modalidade de Tiro e sete militares (0/7/0) para a modalidade de BTT. Esta participação tem a seguinte distribuição por Unidades da BrigInt nas CDM:



**Gráfico 5** – Participação, por Unidades da BrigInt, nas CDM da Fase IV.

Na sequência da redução de efetivos e mantendo-se as tarefas a realizar, a BrigInt teve uma diminuição de participações nas CDM de 2019, nas Fase II, III e IV, comparativamente com 2018 (menos sete na Fase II, menos oito na Fase III e menos nove na Fase IV).

Verificou-se ainda que nem todas as Unidades participaram em todas as modalidades das CDM da Fase II. No entanto, todas as Unidades estiveram representadas, em pelo menos uma modalidade da Fase III, algo que não se verificou na Fase IV.

Para todos estes resultados importa salientar a importância que os diversos estágios tiveram na

preparação de atletas e equipas, permitindo a melhoria de aspetos, sobretudo técnicos das respetivas modalidades, enquanto que fortaleceu o espírito de coesão dos militares participantes. O estágio na modalidade de Pentatlo, em particular, realizado no RE3 e no Regimento de Infantaria n.º 1, constituiu-se numa mais valia para a equipa, permitindo nivelar os atletas que seriam convocados posteriormente pela indisponibilidade daqueles que haviam sido selecionados para a Fase IV. Simultaneamente, os estágios permitem ter acesso a condições de treino muito próximas das condições reais da prova.

Para além do estágio do Pentatlo foi ainda realizado o estágio de BTT e Orientação, não se realizando o estágio de Corta-Mato e Tiro.

Ainda assim a salientar o incremento da prática desportiva nas diversas Unidades, e atendendo a que a atividade física é um dos fatores que contribui para a preparação e para o sucesso do combate, é um dos principais potenciadores dos excelentes resultados obtidos no ano de 2019, em todas as Fases.

Esta excelente participação contribui para promover o espírito de corpo entre os militares da BrigInt e para

afirmar a sua imagem de excelência no seio do Exército e das Forças Armadas.

No seio da BrigInt, a continuidade da participação e organização nas diferentes modalidades das CDM, constitui um natural e saudável incentivo dos militares para a prática de atividades desportivas, contribuindo para a atualidade da seguinte afirmação: *“Hoje, como dantes, o valor dos Exércitos assenta, primordialmente, no valor dos seus soldados, entendido como a sua aptidão geral militar que mais não é do que a resultante da interação de qualidades psicomotoras, sociais, culturais e éticas as quais, concorrentes com os aspetos técnico e tático, definem no seu conjunto a aptidão para o desempenho das diferentes missões que lhe podem ser confiadas, nomeadamente a aptidão para o combate.”*<sup>3</sup>

#### Referências:

- Regulamento de Educação Física do Exército (2002).
- Sítio da Página Oficial do Exército Português (2020).

#### Notas:

<sup>1</sup> Cf. sítio da Página Oficial do Exército Português. Disponível em: <https://www.exercito.pt/pt/o-que-fazemos/treino-operacional-e-operacoes/treino-operacional>.

<sup>2</sup>Regulamento de Educação Física do Exército (2002), p. 1-1.

<sup>3</sup>Idem.



**Figura 1** – Corta-Mato militar.



# A FORMAÇÃO NA BRIGADA DE INTERVENÇÃO

A formação militar é uma área nobre, desenvolvida dentro das atividades militares, envolvendo militares formandos e militares formadores. O militar formando é envolvido logo após o momento da incorporação, quando inicia o Curso de Formação Geral Comum de Praças do Exército (CFGCPPE), o Curso de Formação de Oficiais ou o Curso de Formação de Sargentos.

As Forças Armadas em geral, e o Exército em particular, tem necessidade de que os seus militares adquiram conhecimentos teóricos e/ou práticos, habilidades e atitudes para o desempenho das suas funções. A formação no Exército está assente no Plano de Formação Contínua, onde estão elencados e calendarizados uma série de cursos, que visam a atualização de conhecimentos e habilitação do pessoal com qualificações específicas para determinados cargos/funções, consideradas essenciais para o seu desempenho ou exercício de funções.

Para que o Plano de Formação Contínua se consiga operacionalizar, grande parte das Unidades do Exército têm de dar o seu contributo, constituindo-se como Pólos de Formação.

## **FORMAÇÃO NO ÂMBITO DO PLANO DE FORMAÇÃO CONTÍNUA**

É neste contexto que a Brigada de Intervenção (BrigInt) também dá o seu contributo no âmbito da formação, através de seis das suas Unidades, nomeadamente o



**JOSÉ VENTURA**

TCOR INF

CHEFE DO G1/BRIGINT

Regimento de Infantaria n.º 13 (RI13), em Vila Real, o Regimento de Cavalaria n.º 6 (RC6), em Braga, o Regimento de Artilharia n.º 5 (RA5), em Vendas Novas, o Regimento de Artilharia Antiaérea n.º 1 (RAAA1), em Queluz, o Regimento de Engenharia n.º 3 (RE3), em Espinho e o Regimento de Transmissões (RTm), no Porto, constituem-se como Pólos de Formação da Escola das Armas, sendo que uma delas (RE3) também se constitui, simultaneamente, como Pólo de Formação da Escola dos Serviços.

As Unidades da BrigInt dão um contributo significativo para o cumprimento do Plano de Formação Contínua, empregando um número considerável de recursos humanos e materiais para que o Exército possa garantir os seus quadros qualificados e com as habilitações necessárias para o exercício das funções para as quais os seus militares são nomeados.

## **CURSO DE FORMAÇÃO GERAL COMUM DE PRAÇAS DO EXÉRCITO E O CURSO DE PROMOÇÃO A CABO**

No entanto, o contributo das Unidades da BrigInt, no âmbito da formação, não se resume ao definido no Plano de Formação Contínua. Uma das suas Unidades, o Regimento de Infantaria n.º 19 (RI19), em Chaves,

enquanto Pólo de Formação, incorpora cerca de 500 jovens por ano, a fim de frequentarem o CFGCPE. A Brigada contribui ainda, através de três Pólos de Formação, o RI13 e o RAAA1, para a condução do Curso de Promoção a Cabo (CPCb). A partir de 2020, o RTm passou também a constituir-se como Pólo de Formação para os CPCb.

No ano de 2019, o Comando do Exército definiu também, a título experimental, o RC6 como Pólo de Formação para ministrar o CFGCPE, planeando assim o 7 e 8CFGCPE, onde incorporou 125 jovens. A BrigInt, durante o ano de 2019 empenhou nos CFGCPE e nos CPCb, um total de 123 Oficiais, 162 Sargentos e 88 Cabos nas diversas equipas de formação, chegando a

ter empenhados 65 destes militares em simultâneo. A BrigInt, convencionalmente orientada para as atividades inerentes ao cumprimento do Plano de Treino dos seus encargos operacionais e para as tarefas de âmbito territorial das suas Unidades, reconhece que a tarefa da formação, sendo uma tarefa acrescida, merece, pela sua importância estrutural, que sejam empenhados os seus melhores recursos humanos na formação, considerando-se que é um investimento a curto prazo, com retornos logo após o término da formação. Este é um investimento que a Brigada continuará a dedicar a sua atenção e empenho, em prol da sua missão e da missão do Exército.

POLOS DE FORMAÇÃO DA ESCOLA DAS ARMAS	
UN	FORMAÇÃO
<b>RI13</b>	Cursos relacionados com a VBR PANDUR II 8X8 ICV, Pcan 30mm IFV e respetivos simuladores.
<b>RC6</b>	Cursos relacionados com o SLM TOW ITAS, VBR PANDUR II 8X8 VCB, RWS, MEV e ATGM e VBR CHAIMITE V-150 e V-200.
<b>RA5</b>	Cursos de Meteorologia, Radares de Artilharia de Campanha, Operador de Simulador de Tiro INFRONT e Sistema Automático de Comando e Controlo - BCS / FOS / GDU.
<b>RAAA1</b>	Cursos relacionados com o SMP <i>Stinger</i> , Sistema Radar Portátil PSTAR e operador / manutenção de Alvos Aéreos.
<b>RE3</b>	Cursos de Canalizador, Eletricista de Instalações (Construção) e Operador de Equipamento Pesado de Engenharia.
<b>RTm</b>	Cursos relacionados com o P/525, Redes Locais, <i>Interconnecting Cisco Networking Devices, IT - Essentials</i> , Material e Segurança Cripto, Guerra eletrónica, Sistemas de Informação, Transmissões das Armas e Serviços, <i>Cisco Certified Network Associate-Security</i> e Ferramentas de Apoio Administrativo.
POLOS DE FORMAÇÃO DA ESCOLA DOS SERVIÇOS	
UN	FORMAÇÃO
<b>RE3</b>	Curso de Mecânico de Equipamento Pesado de Engenharia

**Quadro 1** - A formação contínua na BrigInt.

UN	FORMAÇÃO	Observações
<b>RI13</b>	CPCb	No ano de 2019 deu dois Cursos.
<b>RAAA1</b>	CPCb	No ano de 2019 deu dois Cursos.
<b>RC6</b>	CFGCPE (título experimental)	No ano de 2019 deu dois Cursos.
<b>RI19</b>	CFGCPE	No ano de 2019 deu oito Cursos.

**Quadro 2** - CFGCPE e CPCb na BrigInt em 2019.



**Figura 2** - Juramento de Bandeira do CFGCPE.



**Figura 3** - Militares do CFGCPE no Exercício Final de Campo.

# A FORMAÇÃO DE PRAÇAS NO REGIMENTO DE INFANTARIA 19

## ENQUADRAMENTO

A formação no Exército Português, perante à falta de efetivos, tem sido objeto de muita atenção por parte das nossas chefias. Através do processo de divulgação, que tem início geralmente através dos diversos Gabinetes de Atendimento ao Público e que culmina no dia da incorporação dos cursos de formação geral, todos os pormenores são acautelados, tendo em vista tornar o processo o mais eficaz possível, orientado para a redução de perdas. É neste sentido que atualmente a estatística tem revelado uma tendência positiva, fruto do trabalho individual e coletivo que tem vindo a ser efetuado por todos os intervenientes deste processo.

Um dos elementos fundamentais para o esforço no recrutamento, na categoria de Praças, são os Pólos de Formação. Atualmente estão estabelecidos três, entre os quais o Regimento de Infantaria n.º 19 (RI19), em Chaves, a quem compete ministrar o Curso de Formação Geral Comum de Praças do Exército (CFGCPE).

## MILITARES FORMADOS

Ao longo do ano de 2019, e no que aos CFGCPE diz respeito, a Brigada de Intervenção (BrigInt), através do RI19, formou 281 militares, tendo sido ainda formados 101 militares no Regimento de Cavalaria n.º 6 (RC6), quando este se estabeleceu, extraordinariamente, como Pólo de Formação, registando-se, neste período,



**EZEQUIEL MARTINS**

TEN INF

CHEFE DA SECÇÃO DE FORMAÇÃO DO RI19

uma taxa média de aproveitamento acima dos 66%.

## JURAMENTO DE BANDEIRA

No decorrer do ano de 2019, o RI19 marcou presença em diversos municípios distintos da região. Essa presença, efectuada pela ratificação do Juramento de Bandeira por parte dos formandos dos CFGCPE, decorreram nas seguintes sedes de concelho: Mogadouro, Murça, Cabeceiras de Basto, Mirandela, Vila Flôr, Fafe, Madalena (Chaves), Sabrosa.

No decorrer de algumas destas cerimónias, a BrigInt, através do Regimento de Infantaria n.º 13 e do RC6, expôs para a população em geral, as Viaturas Blindadas de Rodas PANDUR II 8x8, com fins de divulgação, mas também para "Afirmar a Brigada de Intervenção como a Força Blindada de Rodas do Exército, centrada na Viatura Blindada de Rodas (VBR) PANDUR II 8x8, com elevada capacidade operacional e alicerçada numa relevante proximidade à população."<sup>1</sup>

Este esforço coordenado entre o Comando do RI19 e o Comando da BrigInt, tem tido ampla aceitação junto da população jovem na região norte do país, onde se têm promovido estas cerimónias, esperando que a curto e médio prazo, o Exército represente uma opção



**Figura 1** - Locais Juramento Bandeira.

de carreira para os jovens que se juntam a nós nestes dias festivos.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O RI19 tem primado pelo rigor e profissionalismo na formação e tem beneficiado da escola de conhecimento que vem construindo ao longo dos vários CFGCPE, alicerçado em mecanismos e rotinas criadas para que todo o processo administrativo e de apoio à formação ocorra de forma eficaz e eficiente, reforçando o RI19 como Pólo de excelência para o futuro.

Também a experiência adquirida tem mostrado que a atrição durante a formação é tendencialmente uniforme, onde os motivos das desistências estão sobretudo relacionados maioritariamente com razões externas à formação.

No entanto muitas são as reflexões que merecem ser feitas sobre os processos e procedimentos no âmbito da formação e como ela é conduzida, no sentido de a otimizar e de permitir o aumento efetivo de recursos humanos nas fileiras na categoria de praças. A título de

exemplo, tendo em vista o aumento da retenção, será que a opção de dividir turnos entre o RI19 e o RC6 terá sido adequada, ou o problema reside no momento após a primeira colocação? Ou então, será a escolha das especialidades, que é realizada antes da incorporação, realizada no momento adequado? Ou após o final da formação inicial, momento em que os resultados dos psicotécnicos seriam, provavelmente, distintos, permitindo garantir uma maior afinidade do militar à especialidade escolhida e à sua perspetiva de carreira? Independentemente dos desafios, a BrigInt, através do RI19, assume a sua quota de responsabilidade na formação inicial das praças do Exército, enquanto mantém uma relevante presença, de forma sistemática e uma forte ligação aos municípios da região norte do país, cujos resultados sugerem as boas opções tomadas e a continuidade destas colaborações.

### Notas:

<sup>1</sup>Visão da BrigInt apresentada no sítio do Exército, disponível online: <https://www.exercito.pt/pt/quem-somos/organizacao/ceme/cft/brigint>.

TURNO	INCORPORADOS			MILITARES QUE CONCLUÍRAM A FORMAÇÃO			APROVEITAMENTO (%)		
	MASCULINOS	FEMININOS	TOTAL	MASCULINOS	FEMININOS	TOTAL	MASCULINOS	FEMININOS	TOTAL
1CFGCE	54	13	67	34	6	40	62,96	46,15	59,70
2CFGCE	35	7	42	22	5	27	62,86	71,43	64,29
3CFGCE	28	12	40	17	5	22	60,71	41,67	55,00
5CFGCE	50	13	63	24	9	33	48,00	69,23	52,38
6CFGCE	26	13	39	16	7	23	61,54	53,85	58,97
7CFGCE	36	13	49	33	4	37	91,67	30,77	75,51
8CFGCE	27	8	35	23	7	30	85,19	87,50	85,71
9CFGCE	68	19	87	57	12	69	83,82	63,16	79,31
<b>TOTAIS</b>	<b>324</b>	<b>98</b>	<b>422</b>	<b>226</b>	<b>55</b>	<b>281</b>	<b>69,75</b>	<b>56,12</b>	<b>66,59</b>

**Quadro 1** - Total de Formandos em 2019 no RI19.



**Figura 2** - Juramento de Bandeira.

# O CURSO DE PROMOÇÃO A CABO

Atualmente, os militares do Exército Português com o posto de Soldado e com um mínimo de 12 meses de tempo de serviço efetivo, têm a possibilidade de progredir na sua carreira frequentando o Curso de Promoção a Cabo (CPCb). Este curso destina-se a habilitar os formandos com as capacidades necessárias ao desempenho dos serviços ordinários e eventuais do Cabo, bem como as capacidades no âmbito do comando e formação, necessárias ao desempenho dos cargos orgânicos do Cabo das Armas e Serviços.

Durante o último trimestre de 2019 e o primeiro de 2020, o Regimento de Artilharia Antiaérea n.º 1 (RAAA1) constituiu-se como unidade formadora de três



**Figura 1** – Militares do CPCb em formatura.



**RITA MORAIS**

TEN ART

OF IDENTIFICAÇÃO E C2 DO ESAÇO AÉREO SICCA3

CPCb: o 3 e 4CPCb de 2019 e o 1CPCb de 2020. Nos três CPCb foram admitidos um total de 102 formandos (29 do 3CPCb 2019, 41 do 4CPCb 2019 e 32 do 1CPCb 2020), enquadrados por 4 Pelotões e formados por 11 dos seus melhores militares (três Oficiais, quatro Sargentos e quatro Cabos).

Para serem admitidos no CPCb, os militares devem cumprir vários requisitos como: ter um nível de habilitações mínimo correspondente ao 9º ano; ter um juízo ampliativo favorável do Comandante da Unidade, Estabelecimento ou Órgão (U/E/O); não ter



**Figura 2** – Militares do CPCb equipados para Combate.



**Figura 3** – Sessão prática de navegação no terreno.

sido eliminado da frequência de um CPCb por motivos disciplinares; garantir um tempo mínimo de serviço após a frequência do curso, nunca inferior a um ano de contrato; ter aproveitamento nos pré-requisitos físicos; não estar nomeado para um curso de Oficiais/Sargentos, Missões de Paz/Cooperação Militar, Força Nacional Destacada/Aprontamentos; e não estar a frequentar um curso do Plano de Formação Anual que se prolongue pelo período do CPCb.

Após serem selecionados para a frequência do curso, os militares são convocados e apresentados na unidade formadora, o RAAA1, onde, ao longo de 119 tempos de formação distribuídos por 15 dias úteis, receberam instruções de diversas áreas, entre elas: transmissões; navegação no terreno; armamento e tiro; procedimentos de comando, resolução de problemas e gestão de risco; comando de uma força; serviço ordinário; serviço eventual; ordem unida; e educação física militar.

Ao longo do curso, os formandos são constantemente avaliados através de avaliações diagnósticas, formativas e sumativas. Nas avaliações sumativas foram realizados: circuitos de avaliação; teste escrito; percurso topográfico; provas físicas; tiro com a Pistola Walther P38; tiro com a Espingarda Automática G3; e a avaliação de mérito pessoal. O período de formação

culmina com três dias de exercícios finais, na Bateria da Raposa, na Fonte da Telha, tendo como objetivo validar os conhecimentos adquiridos, adaptar os militares às vivências, técnicas e perícias próprias de permanecer em campanha, bem como testar, principalmente, a capacidade de tomar decisões, a sua resiliência, proatividade, liderança, comunicação e sentido de responsabilidade. Competências que irão ser necessárias nas futuras funções como Cabos ao comandar Soldados ou no desempenho do serviço orgânico, ordinário e eventual da U/E/O. Fazendo uma avaliação em retrospectiva dos três CPCb ministrados pelo RAAA1, podemos afirmar que o saldo foi fortemente positivo, uma vez que 98% dos formandos concluíram com sucesso e com bom aproveitamento e puderam assim alcançar a tão desejada progressão na carreira, sendo promovidos ao posto de 2.º Cabo.



**Figura 4** – Sessão de tiro de pistola.



# AS CAPACIDADES NA BRIGADA DE INTERVENÇÃO





**ANSELMO DIAS**

TCOR INF

CHEFE DO G3/BRIGINT

Os atuais desafios à paz e à estabilidade internacional têm solicitado um esforço significativo no que diz respeito à sincronização de operações bem como aos processos de decisão, visto que os atuais cenários são de cariz multifacetado, o que obriga ao desenvolvimento e integração de um conjunto significativo de capacidades militares.

Cada capacidade contribui para o alcance de um determinado objetivo, coordenado superiormente, tendo sempre como referência a satisfação das missões do Exército, e consequentemente das Forças Armadas, em que só se verifica a sua satisfação após a observação dos diversos vetores que constituem a capacidade militar.

O Exército Português tem acompanhado os principais desenvolvimentos relativos à Defesa Aérea, com recurso a sistemas míssil superfície-ar (*surface-to-air missile* - SAM), sistemas canhão de Artilharia Antiaérea, e como elemento fundamental, os radares de deteção e alerta, bem como de controlo da direção do tiro. A hipótese que se levanta, é que essa capacidade só será obtida através da combinação de sistemas de Defesa Aérea de Curto Alcance e de Baixa e Muito Baixa

Altitude - *Short Range Air Defense* (SHORAD), porque os de Média e Alta Altitude não serão debatidos nos artigos que se seguem. Um dos projetos nacionais está essencialmente vocacionado para a Defesa Aérea com recurso ao SHORAD. Este sistema, está essencialmente vocacionado para a defesa aérea de baixa e muito baixa altitude, empregue normalmente para a defesa aérea das unidades de manobra, de infraestruturas fixas, plataformas logísticas, entre outras.

De igual modo, presta-se especial atenção ao desenvolvimento e emprego operacional de aeronaves não tripuladas e remotamente assistidas, denominadas *Unmanned Air System* (UAS), em que a orientação nacional tem sido para o emprego de aeronaves para o reconhecimento, vigilância e segurança, garantindo que as unidades apoiadas possam conduzir operações de um modo mais seguro, pela partilha de informação. Não se tem como objetivo desenvolver e descrever o conceito de capacidade militar, mas sim efetuar uma breve abordagem holística aos Sistemas SHORAD e UAS.

De molde a analisar este processo, verifica-se que a Brigada de Intervenção está em mais dois processos de implementação e contribuição para as capacidades militares, encontra-se na vanguarda nacional, para tal, deve-se ter em consideração o que se apresenta nos próximos momentos, em que se versa a Defesa Aérea (SHORAD) e os UAS, pelas entidades competentes, respetivamente.

# A EDIFICAÇÃO DE CAPACIDADES: MINI UAV RAVEN

O processo de aquisição iniciou-se em 2016 com a elaboração dos requisitos técnicos, quando o Exército definiu as características consideradas essenciais para as aeronaves de acordo com o seu propósito.

Este processo, que tem como objetivo a aquisição e fornecimento de 12 *Unmanned Aircraft Systems* (UAS) RAVEN, é gerido pela *NATO Support and Procurement Agency* (NSPA), perfazendo um total de 36 aeronaves, com um investimento total de 6.000.000 €, sendo que os sistemas irão ser entregues na sua totalidade até ao final de 2021.

Atualmente a Companhia de Sistemas de Vigilância (CSV), que pertence ao Agrupamento *Intelligence, Surveillance, Target Acquisition, and Reconnaissance*, já possui oito dos 12 sistemas UAS que irão equipar o Pelotão de Sistemas Aéreos Não Tripulados (PelSistAerNTrip), tendo assim disponíveis 24 aeronaves não tripuladas, oito *Ground Control Stations* (GCS) e oito *Pockets Digital Data Link*.

## A EDIFICAÇÃO DA CAPACIDADE

Para se implementarem esta capacidade no Exército Português foram conduzidos um conjunto de procedimentos baseados numa análise criteriosa dos diferentes vetores de desenvolvimento de uma capacidade militar, ou seja, Doutrina, Organização, Treino, Material, Liderança e Formação, Pessoal, Infraestruturas e Interoperabilidade. A Aeronavegabilidade, não sendo um VD, terá, pela sua importância na operação dos equipamentos, o seu espaço no presente artigo.



**JOÃO CHORA**

CAP ART

CMDT DA COMP DE SISTEMAS DE VIGILÂNCIA

## DOCTRINA

O projeto Veículos Aéreos Não Tripulados é considerado um projeto estruturante pelo Comando do Exército, cuja concretização permitirá edificar a capacidade de Proteção e Sobrevivência da Força. Para a sua consolidação é importante dar continuidade ao desenvolvimento de Publicações Doutrinárias do Exército (PDE), com especial enfoque para o emprego dos mini-UAV, (PDE 3-31-18 Emprego de Sistemas Aéreos Não Tripulados). Pretende-se com a chegada da equipa mini-UAV que esteve destacada na 6.ª Força Nacional Destacada no Teatro de Operações (TO) da República Centro-Africana (6FND/RCA), efetuar uma revisão do PDE com base nos contributos dos militares que já estiveram em TO com unidades de manobra.

## ORGANIZAÇÃO

A revisão do quadro orgânico da CSV deve ser efetuada tendo em consideração a necessidade de controlar a configuração dos sistemas e a qualificação dos Operadores. O levantamento do Comando do PelSistAerNTrip e da Secção de Planeamento e Controlo são essenciais para que haja supervisão dos processos de aeronavegabilidade, bem como dos registos das

aeronaves e dos operadores, que são obrigatórios e fundamentais para a emissão das Licenças Especiais de Aeronavegabilidade (LAE). Sendo este assunto do âmbito da competência da Divisão de Planeamento de Forças do Estado-Maior do Exército, caberá o Regimento de Artilharia n.º 5 (RA5) fazer o seu acompanhamento.

### TREINO

No treino operacional, as equipas mini-UAV têm participado em diversas atividades que serão identificadas em duas grandes vertentes:

- Na vertente operacional, estritamente militar, a CSV tem participado nas FND/RCA, participando atualmente na 7FND/RCA, projetada no Teatro de Operações, com uma equipa mini-UAV para apoiar o comandante da força na tomada de



**Figura 1** - Aprontamento 6FND/RCA.

decisão. De relevar ainda que se encontra em fase de aprontamento, junto da 8FND/RCA, mais uma equipa mini-UAV. Em termos de exercícios, salienta-se a possível participação no exercício internacional SWIFT RESPONSE 20 com uma equipa mini-UAV e no exercício internacional ALLIED SPIRIT com duas equipas mini-UAV.

- Na vertente de Missões de Apoio ao Desenvolvimento e Bem-Estar, a CSV participou em atividades promovidas pelo Comando

Operacional da Madeira com uma equipa mini-UAV para demonstrar as capacidades do sistema RAVEN em caso de catástrofe. Do planeamento de treino operacional constava ainda a participação no Exercício FÉNIX por forma a auxiliar o Regimento de Apoio Militar de Emergência na tomada de decisão.

### LIDERANÇA E FORMAÇÃO

A CSV constitui-se como a primeira unidade nas Forças Armadas a possuir aeronaves militares não tripuladas certificadas pela Autoridade Aeronáutica Nacional (AAN). O conhecimento que tem vindo a ser adquirido, utilizado em prol do Exército, permite o apoio aos processos de certificação de aeronaves militares não tripuladas adquiridas para diferentes fins no seu seio. Neste âmbito já decorreram reuniões com diferentes Unidades com o objetivo de as apoiar no processo de certificação, garantindo que o mesmo se encontre dentro da tramitação exigida pela AAN.

No âmbito da formação, com base nas ações já ministradas pela empresa *Aeroenvironment* (AV), deverão ser elaborados os referenciais de curso destinados à formação de operadores e formadores de mini-UAV RAVEN. Esta tarefa terá de ser conduzida através da Direção de Formação em coordenação com o RA5, tendo já existido contactos para se avançar com os referenciais em questão. Serão ainda propostas, pelo RA5, as datas para a 3ª e 4ª ação de formação que ainda se encontram ao abrigo do fornecimento do equipamento e por essa razão serão conduzidas pela empresa AV.

### MATERIAL

O contrato estabelecido com a AV, através da NSPA, não contempla um pacote de apoio logístico, tendo sido apenas contratualizado um pacote inicial de sobressalentes que não inclui a manutenção e reparação dos equipamentos. Existe, no entanto, por parte da

Direção de Material e Transportes (DMT), um conjunto de propostas que visam garantir a existência de um pacote de apoio logístico para o futuro.

No que à manutenção diz respeito, foi ministrada uma formação no sistema MANWINWIN, sistema este também implementando noutros projetos como é o caso das Viaturas Blindadas de Rodas PANDUR II 8x8. Através deste sistema é possível manter a DMT informada de qualquer situação/apoio necessário, garantindo um canal único e direto no que toca às participações de material.

### **PESSOAL**

Este é um dos vetores que carece de atenção particular tendo em consideração a escassez generalizada de recursos humanos, nomeadamente de praças. Aos militares, depois de formados, que desempenhem as funções de chefe de equipa mini-UAV e operador mini-UAV, importa acautelar o retorno da formação e a manutenção de competências de continuidade, pelo que parece ser prudente a garantia da sua inamovibilidade por três anos a contar da data do fim da formação. Note-se ainda que o exercício das funções mencionadas tem, para além da respetiva qualificação garantida pela formação, a necessidade de serem detentores da LEA e a sua manutenção através de comprovada operação dos meios por períodos de um ano. O não cumprimento destas imposições normativas da AAN, que resultam tradicionalmente de razões estatutárias, merece que sejam analisadas e encontradas opções que possibilitem a manutenção da capacidade operacional das unidades RAVEN, no que aos recursos humanos diz respeito.

Dada esta especificidade, vislumbra-se como possibilidade a criação de uma especialidade de Operador de Sistemas UAV e a sua inclusão na lista de especialidades abrangidas no Regime de Contrato Especial, facto que garantiria a manutenção do efetivo adequado às missões que envolvam estes meios.

### **INFRAESTRUTURAS**

Houve a necessidade de adaptar as instalações da CSV de forma a acondicionar os equipamentos recebidos. Neste sentido foi necessário equiparar o local de armazenamento dos 12 sistemas RAVEN, no que a condições de segurança diz respeito, a uma arrecadação de material de guerra, garantindo assim que os equipamentos seriam acondicionados do modo mais correto e seguro. Para além dos aspetos de segurança e controlo de acessos houve a necessidade ainda de dotar o espaço das condições desejadas em termos de temperatura e humidade.

### **INTEROPERABILIDADE**

Os sistemas RAVEN adquiridos pelo Exército trabalham nas bandas de frequência M1, M2 e M5, devido a restrições Nacionais, contudo os países da Aliança Atlântica utilizam na sua generalidade sistemas RAVEN nas bandas de frequência M3, M4 e M6. Este facto não permite uma perfeita interoperabilidade entre equipas Mini-UAV, não sendo, no entanto, uma limitação no que respeita a possibilidade de equipas do Exército trabalharem em conjunto com Unidades de manobra de países parceiros.

No âmbito do Sistema de Comando e Controlo Conjunto têm sido efetuados testes de interoperabilidade, estando os sistemas RAVEN totalmente interoperáveis para a partilha em tempo real de vídeo, através da Rede de Dados do Exército, com o auxílio da Direção de Comunicações e Sistemas de Informação.

### **AERONAVEGABILIDADE**

Para operar aeronaves não tripuladas, os detentores destes meios necessitam de estar na posse das denominadas LEA. O processo de emissão destas licenças é da responsabilidade da AAN, entidade esta que sempre demonstrou total disponibilidade para apoiar o Exército no processo de certificação de aeronavegabilidade do sistema RAVEN, tendo o RA5 renovado as licenças dos

seus equipamentos em fevereiro de 2020, estando neste momento todos os sistemas autorizados a voar até fevereiro de 2021.

Para a emissão de uma LEA, a AAN desenvolve um processo de permissão de voo, onde é avaliado o UAV, o Operador e a área de voo, de forma a verificar se o UAV tem condições para ser operado em segurança e se o operador tem a qualificação necessária para o operar de forma segura. A LEA tem um período de validade limitado e apenas permite que um operador voe com as aeronaves identificadas no respetivo processo numa determinada área. Sempre que uma destas variáveis mude, a licença deixa de estar válida, sendo necessário repetir o processo.

Para além dos requisitos atuais prevê-se que até final de 2020 seja implementada a Licença de Piloto Remoto de Aeronave Não Tripulada fornecida pela AAN. Esta licença pretende garantir que os pilotos militares cumprem determinados pré-requisitos, bem como garantir que todos os pilotos militares possuem uma Formação Geral Aeronáutica.

## CONCLUSÕES

Prevê-se que o projeto possa terminar em 2021 com a entrega de todos os sistemas, ficando a CSV capacitada com os 12 sistemas UAS. O desenvolvimento deste projeto tem vindo a consolidar-se, esperando-se que a sua capacidade operacional total seja atingida em breve.

Dos aspetos ainda em consolidação verifica-se que, no âmbito da Organização, o Comando do PelSistAerNTrip e a Secção de Planeamento e Controlo ainda se espera que sejam levantados, pois a sua ação é vital para os processos associados à aeronavegabilidade. No âmbito do pessoal é necessário ainda manter uma atenção especial às opções que garantam a otimização dos recursos humanos.

Finalmente, o projeto, apesar de ainda não terminado, tem tido pessoal e material empenhados quer em missões, através das FND, quer em diferentes demonstrações e exposições, reforçando a sua utilidade, funcionalidade e pertinência da sua singular missão no Exército e nas Forças Armadas.



**Figura 2** - Sistema RAVEN no Dia do Exército 2019.



# CAPACIDADE DE PROTEÇÃO E SOBREVIVÊNCIA DA FORÇA TERRESTRE. O IM-SHORAD

Desde o final da Guerra Fria, os países da Organização do Tratado do Atlântico Norte desfrutaram de supremacia aérea clara em todos os conflitos em que participaram, ou porque foram capazes de destruir forças aéreas e capacidades de defesa aérea inimigas no início dos conflitos, ou porque o inimigo nunca possuiu estas capacidades. A ausência de ameaça aérea resultou no desmantelamento de grande parte da capacidade de defesa antiaérea (AA)<sup>1</sup>. Esta tendência foi particularmente observada no Exército Norte Americano, que partiu do pressuposto de que a Força Aérea seria capaz de manter a superioridade aérea, reduzindo assim a necessidade de manter uma capacidade de defesa AA robusta. Como consequência, verificou-se uma redução no número de subunidades de AA *Short Range Air Defense* (SHORAD) no Exército, sendo estas equipadas com o sistema míssil *Avenger* e com sistemas *Counter-Rocket Artillery and Mortar* (C-RAM)<sup>2</sup>.

No entanto, dada a proliferação horizontal e vertical de tecnologias e sistemas de armas nos últimos anos, a tipologia de ameaças aéreas e a sua intensidade aumentou. A proliferação horizontal ocorreu porque um maior número de países possui aeronaves e mísseis



**HUGO MARRAFA**

TEN ART

CMDT DA 2BAAA

que representam ameaças aéreas. Já a proliferação vertical ocorreu de quatro formas: inovações técnicas ou melhorias que foram transferidas para os sistemas aéreos existentes; os Sistemas Aéreos Não Tripulados (SANT) adicionaram uma nova categoria de ameaças que está disponível de forma rápida e fácil a um grande número de estados; o domínio aéreo está fortemente vinculado a um novo domínio: o espaço cibernético e de informação; a disponibilidade comercial das novas tecnologias (SANT e aplicações digitais) pode ser utilizada por novos atores, como organizações terroristas<sup>3</sup>.

Também Gibson<sup>4</sup> vem afirmar que nenhuma arma ou serviço do Exército verificou tal expansão dramática das capacidades da ameaça como a AA. Desta forma, em diversos teatros de operações espalhados pelo globo, proliferam SANT que efetuam reconhecimento, selecionam e atacam forças no terreno de forma nunca antes vista. A proliferação deste tipo de ameaça, que apresenta como características chave a "flexibilidade, agilidade, criatividade e inovação"<sup>5</sup>, vem alterar assim o paradigma no que à defesa aérea diz respeito.

Para além da ameaça SANT, o Brigadeiro-General Randall McIntire afirma que "os helicópteros de ataque continuam a constituir a maior ameaça às forças de manobra", acrescentando ainda que algumas das nações que poderão constituir uma possível ameaça "estão a aumentar as suas frotas aéreas tripuladas tanto em quantidade como em qualidade"<sup>6</sup>.

Isto levou a que o Exército Norte Americano, no seu documento *Army Modernization Strategy*, definisse a defesa antiaérea como uma das suas seis prioridades de modernização<sup>7</sup>. Este artigo pretende analisar o primeiro equipamento a sair deste esforço de modernização, o *Initial Maneuver Short Range Air Defense*<sup>8</sup> (IM-SHORAD), de forma a tirar ilações para o projeto de artilharia antiaérea em curso no Exército Português.

No seguimento do programa de upgrade que as viaturas Stryker começaram a receber em 2017 para a versão *Stryker Double V-Hull A1 (DVH A1) Engineering Change Proposal*<sup>9</sup>(ECP) , que introduziu como principais alterações um casco redesenhado (DVH), um novo motor (passou de um Caterpillar C7 de 350 cavalos para um Caterpillar C9 de 450 cavalos), uma melhoria

na suspensão para melhor lidar com o aumento de peso (o peso máximo do veículo passou de 24 toneladas para 28 toneladas), um gerador de energia mais potente (passou de 570 amperes para 910 amperes) e uma rede C4I interna melhorada, iniciaram-se dois programas para adicionar duas novas variantes à família de sete já existente<sup>10 11</sup>: o já referido IM-SHORAD e o *Stryker Medium Caliber Weapon System (MCWS)*, que pretende aumentar a letalidade da Stryker acrescentando uma torre com um canhão XM813 (30mmx173mm).

A IM-SHORAD constitui-se como um conjunto de sistemas, montados no topo de uma viatura de combate Stryker, que abrange desde meios cinéticos de destruição da ameaça, como mísseis de baixa altitude, até sensores de deteção a 360º.

Esta capacidade decorre da necessidade de fornecer proteção, mobilidade e poder de fogo ao nível tático, até aos mais baixos escalões, sendo o sistema projetado para garantir a proteção antiaérea às unidades de manobra, enquanto estas estão em movimento, e não apenas enquanto se encontram estacionárias<sup>12</sup>.

O sistema é composto por:



**Figura 1** – Stryker DVH A1 ECP. Fonte: FY 17 ARMY PROGRAMS.

- Torre *Reconfigurable Integrated Weapons Protocol* – Esta torre pode ser acoplada a diversas viaturas, e é compatível com uma vasta quantidade de armamento, tendo sido escolhida para alojar os diversos subsistemas da IM-SHORAD;
- Quatro Mísseis Stinger – Semelhantes aos mísseis em utilização pelo Exército Português, com um alcance de 4,7 km mas já equipados com espoleta de aproximação;
- Dois Mísseis *Longbow Hellfire* – Com alcance até aos 8 km, estes mísseis podem ser utilizados contra alvos aéreos que se desloquem a baixa velocidade (helicópteros ou aviões) ou terrestres, permitindo utilizar o sistema numa valência dupla de fogos de precisão/anticarro de longo alcance;
- Antena *Identification Friend or Foe* – Permite avaliar se a aeronave que se aproxima é Amiga ou Desconhecida;
- Aparelho de Pontaria MX-GCS EO/IR – Funciona através de um sistema eletro-ótico e de infravermelhos, que permite observar para além das capacidades das armas utilizadas pelo sistema;
- Canhão 30 mm XM914 (XM914 30mmx113mm), com um alcance eficaz de 1.500 m, que permite o empenhamento sobre alvos terrestres e aéreos (helicópteros e SANT);
- Metralhadora 7,62 mm M240 (versão americana da FN MAG);
- Radar MHR – Este sistema radar, constituído por quatro antenas direcionais, permite um alcance até 40 km, com cobertura de 360°, conseguindo detetar, localizar e seguir diversos tipos de alvos, desde os SANT até aeronaves de asa fixa ou de rotor basculante.

Assim, o novo IM-SHORAD representa um salto qualitativo significativo sobre a anterior capacidade

SHORAD do Exército Norte Americano, o *Avenger*. Apesar do míssil antiaéreo ser o mesmo, acrescenta a capacidade de o sistema funcionar como sensor (radar, com o MHR e ótico, com o MX-GCS EO/IR) e permite empenhar-se com canhão médio de 30 mm ou metralhadora média de 7,62 mm sobre alvos aéreos e terrestres.

Estes subsistemas indiciam uma elevada preocupação com a ameaça dos SANT, que se aproximam do alvo a altitudes muito baixas, utilizando a cobertura do terreno para evitar a deteção por radares tradicionais. Para combater esta ameaça, é necessário aumentar o número de sensores para cobrir as zonas não vistas dos radares tradicionais. Acresce que, pelo facto de os SANT serem pequenos, apresentam pouca superfície exposta aos sinais radar, o que torna recomendável a utilização de outros sistemas para a sua deteção, como os sistemas óticos também presentes no IM-SHORAD.

Para derrotar os SANT, que são pequenos, pouco dispendiosos, emitem pouco calor e podem ser empregues em grande número (*swarms*), nem sempre os mísseis são a melhor solução. É por este motivo que se constata um ressurgimento de canhões e metralhadoras que, com as suas rápidas cadencias de tiro e munições relativamente pouco dispendiosas, se tornam soluções mais eficazes contra SANT.

Ao acrescentar os mísseis *Longbow*, para além de aumentar o alcance do sistema contra helicópteros, que até há pouco tempo tinham sistemas de armas com alcance superior ao dos sistemas SHORAD, acrescenta uma capacidade de fogos de precisão/anticarro que tornam o sistema mais flexível.



**Figura 2 – IM-SHORAD.**

Fonte: <https://www.leonardodrs.com/products-and-services/im-shorad/>



**Figura 3 – IM-SHORAD.**

Fonte: <https://www.overtdefense.com/2020/04/07/covid-19-halts-shorad/>

#### Notas:

<sup>1</sup>Torben Schütz, Christian Mölling e Zoe Stanley-Lockman (2019). A New Dimension of Air-based Threats. German Council on Foreign Relations. Acedido em 01 de abril de 2020, em: <https://dgap.org/en/research/publications/new-dimension-air-based-threats>.

<sup>2</sup>McIntire, 2017.

<sup>3</sup>Torben Schütz, Christian Mölling e Zoe Stanley-Lockman (2019). A New Dimension of Air-based Threats. German Council on Foreign Relations. Acedido em 01 de abril de 2020, em: <https://dgap.org/en/research/publications/new-dimension-air-based-threats>.

<sup>4</sup>Gibson, Brian (2018). Countering the unmanned aerial threats. *Fires Bulletin*, 644 (18-6), pp. 3-6.

<sup>5</sup>Noble, Tom, Griesinger, Samantha & Moriarty, John (2019). Patriot Training for Large-Scale Combat Operations. *Fires Bulletin*, 644 (19-02), pp. 42-44.

<sup>6</sup>McIntire, Randall (2017). The return of Army short-range air defense in a changing environment. *Fires Bulletin*, 644 (17-06), p. 5.

<sup>7</sup>US Army (2019). 2019 Army Modernization Strategy: Investing the Future. Acedido em: 01, abril, 2020, em: [https://www.army.mil/e2/downloads/rv7/2019\\_army\\_modernization\\_strategy\\_final.pdf](https://www.army.mil/e2/downloads/rv7/2019_army_modernization_strategy_final.pdf).

<sup>8</sup>Também designado apenas por M-SHORAD.

<sup>9</sup>Também designada apenas por Stryker A1.

<sup>10</sup>As variantes existentes são - Anti-Tank Guided Missile (AT-VV-A1), Commander's Vehicle (CVV-A1), Engineer Squad Vehicle (ESVV-A1), Fire Support Vehicle (FSVV-A1), Infantry Carrier Vehicle (ICVV-A1), Mortar Carrier Vehicle (MCCV-A1) e Medical Evacuation Vehicle (MEVV-A1).

<sup>11</sup>Department of Defense (2017). FY17 Army Programs. Acedido em 01 de abril de 2020 de em: <https://www.dote.osd.mil/Portals/97/pub/reports/FY2017/army/2017strykerdva1e-cp.pdf?ver=2019-08-19-113850-710>.

<sup>12</sup>McIntire, Randall (2017). The return of Army short-range air defense in a changing environment. *Fires Bulletin*, 644 (17-06), pp. 5-8

# A PDE 5-36-00 PLANEAMENTO CONTRA SISTEMAS AÉREOS NÃO TRIPULADOS

Os Sistemas Aéreos Não Tripulados (SANT) apresentam desafios únicos, que são relativamente novos às Forças Terrestres. Diversos modelos de SANT proliferaram em todo o mundo na última década, tendo a sua tecnologia sido aprimorada, permitindo maior uso dos sistemas tanto em capacidades militares, como no setor civil. Atualmente, a capacidade de combater estes sistemas tem lacunas, visto que os sistemas de defesa aérea e de mísseis disponíveis são mais eficazes contra SANT de grandes dimensões. Ciente das ameaças que estes sistemas materializam, a Brigada de Intervenção



**Figura 1** – Logotipo: C-SANT.



**SIMÃO SOUSA**

TCOR ART

CMDT DO GAAA

(BrigInt) propôs a elaboração de uma Publicação Doutrinária do Exército (PDE) que a abordasse, tendo atribuído ao Regimento de Artilharia Antiaérea n.º1 a tarefa de a coordenar. Esta PDE encontra-se em fase final de aprovação. A publicação contém considerações de planeamento, para a defesa contra as ameaças que os sistemas aéreos não tripulados, de pequenas dimensões, voando a baixas altitudes e a baixas velocidades, colocam às operações. Apresenta, também, orientação sobre como planejar e incorporar tarefas de C-SANT no treino das Unidades. A publicação destina-se a apoiar o planeamento de Unidades de Escalão Brigada e unidades subordinadas, quando se estimar a existência da ameaça de SANT.

O primeiro capítulo descreve a ameaça de reconhecimento, vigilância, pesquisa de informações e de ataque direto e classifica os SANT, para posteriormente dar foco especial à necessidade de treino e planeamento específico para C-SANT. O capítulo seguinte designa-se “considerações de planeamento ao nível da brigada” e consiste no planeamento ao nível da Brigada e o Processo de Decisão Militar que apoiará os esforços de

C-SANT nos batalhões e nas companhias. São também aprofundadas medidas de proteção passiva e ativa.

No terceiro capítulo aborda-se o planeamento ao nível do batalhão, apresentam-se as ameaças que os SANT colocam à missão do batalhão e a forma como este escalão contraria os esforços do adversário para obter vantagem tática através destes. No capítulo seguinte, são dadas diretrizes para apoiar o planeamento dos comandantes ao nível das companhias a desenvolver técnicas de C-SANT. São também plasmadas as ações que devem ser tomadas para antecipar possíveis ameaças de SANT e ações a tomar quando encontrar as mesmas no campo de batalha.

O quinto e último capítulo é dedicado ao treino e procura auxiliar os comandantes e formadores na preparação e condução de treino C-SANT. O treino envolve o conceito geral de integração de recursos num programa coerente que treine as capacidades individuais e coletivas necessárias para executar tarefas de C-SANT. É importante referir que o Exército Português possui uma importante ferramenta de treino C-SANT na Secção de Alvos Aéreos da 2ª Bateria de Artilharia Antiaérea, do Grupo de Artilharia Antiaérea. O sexto e último capítulo aborda as especificidades do emprego de C-SANT em Operações de Apoio Civil.

A doutrina não é um fim em si mesma, e o facto de agora existirem orientações específicas para lidar com a ameaça de reconhecimento, vigilância, pesquisa de informações e de ataque direto que os SANT colocam, não significa que as unidades estarão prontas para as mitigar. Assim, a ubiquidade desta tipologia de sistemas, e a forte possibilidade de os mesmos serem operados por forças adversárias em teatros de operações em que sejamos chamados a cumprir missões, recomendam o estudo da publicação por Comandantes, Estados-Maiores e seus escalões subordinados até ao nível Secção.

Considera-se oportuno referir que está em fase avançada de elaboração a PDE Medidas de Defesa Aérea para unidades de armas combinadas, que visa substituir o Manual de Campanha (MC) 18-1 Auto Defesa Antiaérea das Unidades das Armas e Serviços, de 1987. Esta PDE contém o desenvolvimento de Técnicas, Táticas e Procedimentos (TTP) capazes de garantir às unidades de armas combinadas a capacidade de se defenderem eficazmente contra as novas ameaças. A publicação terá quatro capítulos, que abordam os seguintes temas:

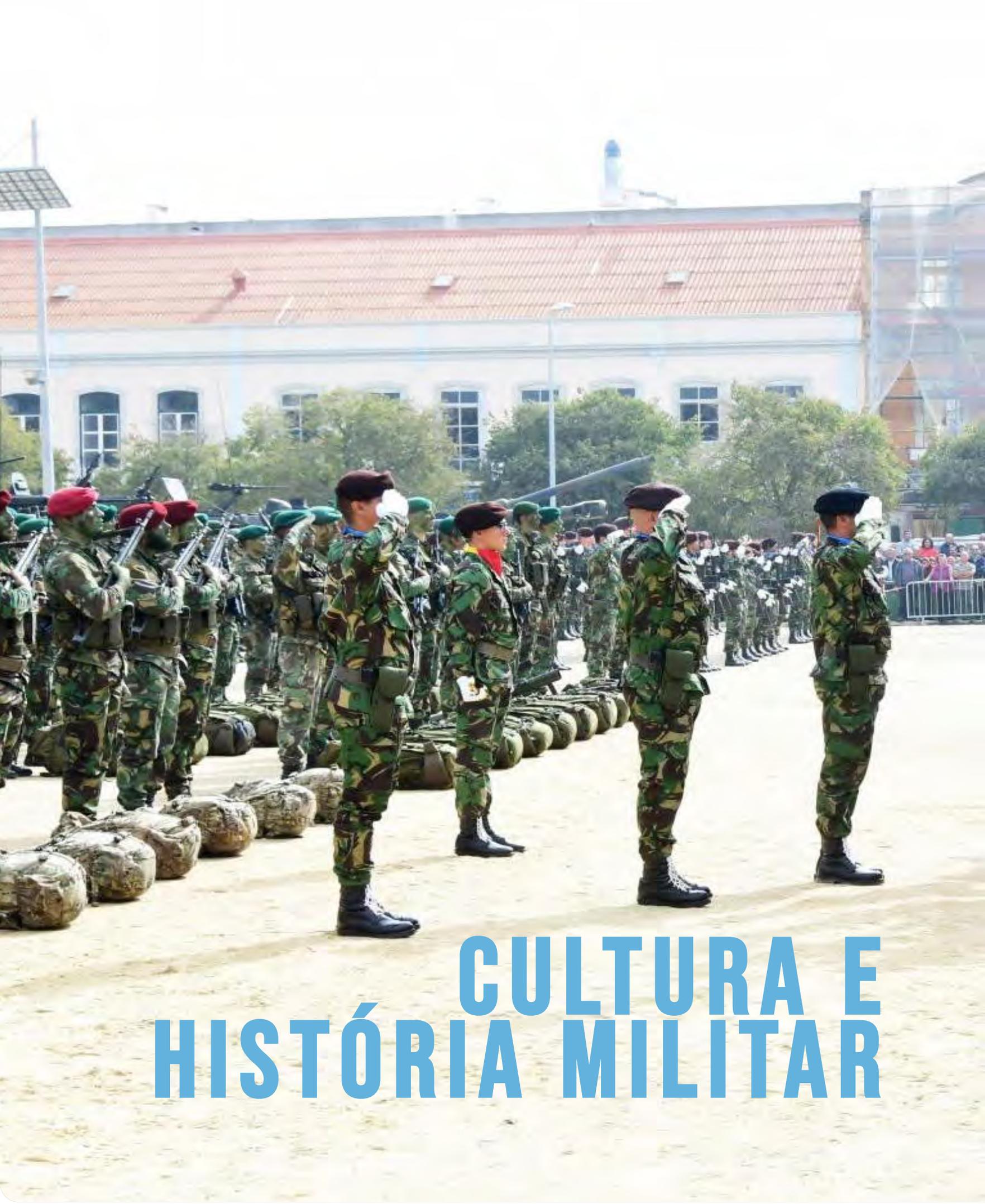
- Ameaças aéreas e planeamento da defesa, em que se define a ameaça aérea e são discutidos os princípios para a defesa;
- Medidas para aviso prévio e controlo, em que se descreve a utilização de vários métodos para implementar medidas de autodefesa contra ataques aéreos;
- Medidas de defesa aérea passivas, em que se discutem medidas passivas de defesa aérea que as unidades podem empregar para proteger o seu pessoal e equipamento contra ameaças aéreas;
- Medidas de defesa aérea ativas, que discute técnicas ativas de defesa aérea, em que é tomada uma ação direta para destruir as plataformas aéreas inimigas ou reduzir sua eficácia.



Figura 3 – Publicação Doutrinária.

Classificação SANT						
Classe	Categoria	Empenhamento normal	Altitude Operacional	Alcance	Comandante apoiado primário	Plataforma (exemplo)
Classe III (> 600 kg)	Combate <sup>2</sup>	Estratégico / Nacional	Até 19800 m	Ilimitado (BLOS - Beyond Line Of Sight)	Teatro de Operações	Reaper
	HALE - High Altitude Long Endurance	Estratégico / Nacional	Até 19800 m	Ilimitado (BLOS)	Teatro de Operações	Global Hawk
	MALE - Medium Altitude Long Endurance	Operacional / Teatro de Operações	Até 13700 m (MSL - Mean Sea Level)	Ilimitado (BLOS)	Força Conjunta	Heron
Classe II (150 kg - 600 kg)	Táticos	Formação Tática	Até 5500 m (AGL - Above Ground Level)	200 km (LOS - Line Of Sight)	Brigada	Hermes 450
Classe I	Pequenos	Unidade Tática	Até 1500 m (AGL)	50 km (LOS)	Regimento, Batalhão	Scan Eagle
	Mini (<15 kg)	Subunidade Tática (lançamento manual)	Até 900 m (AGL)	Até 25 km (LOS)	Companhia, Pelotão, Secção	Skylark
	Micro (<66 J) <sup>3</sup>	Subunidade Tática (lançamento manual)	Até 60 m (AGL)	Até 5 km (LOS)	Pelotão, Secção	Black Widow

Quadro 1 – Classificação dos SANT.



# CULTURA E HISTÓRIA MILITAR



# DIA DO EXÉRCITO 2019



# DIA DA BRIGINT 2019



# A PROVA DE OBSTÁCULOS MILITARES *ARMY RACE*

No início do Século XXI, fruto de um vasto conjunto de alertas da classe médica, que apontavam para a necessidade de prevenção de riscos para a saúde, assiste-se a uma crescente preocupação das pessoas com as questões relacionadas com a saúde, sendo que a aquisição de hábitos de vida saudável, passaram a ser uma das prioridades. Estes abrangem, não só as questões relacionadas com a alimentação, como também a aquisição de hábitos de vida regrada e fundamentalmente a prática regular de atividade física. Estas preocupações levaram à procura por parte da população em geral, de locais onde pudessem, de uma forma orientada, praticar exercício físico, o que levou em consequência à criação de uma vasta oferta, nomeadamente por parte de ginásios, mas também através da criação de grupos para a prática de atividade física e associações desportivas. A partir de 2010, verifica-se um aumento exponencial de eventos, que procuraram diversificar o tipo de atividades, oferecendo combinações de atividades que, além da componente física, abranjeram também áreas que fomentam o trabalho de equipa, espírito de grupo e a cooperação. Foi neste ambiente que em 2013, surgiu a ideia de organizar uma prova de obstáculos militares, que aproveitasse simultaneamente o conhecimento ao nível da promoção e organização de eventos desportivos, por parte da oferta empresarial e o saber e condições naturais que só a instituição militar pode oferecer.



**ARTUR PINTO**

SCH TM

SARG OPERAÇÕES DO RTM

Neste enquadramento, a 1 maio de 2013 decorre na Escola Prática de Transmissões (EPT), no Porto, a corrida *Army Running Race*, do ginásio Kangaroo, com a presença de 90 participantes. O sucesso desta prova foi imediato, constatado quer pela satisfação de todos os participantes, quer pelo *feedback* positivo recolhido das redes sociais. Este sucesso abriu portas para o estabelecimento de uma base de entendimento entre, inicialmente, a EPT e posteriormente o Regimento de Transmissões (RTm) e a empresa *Fun Events* promotora do evento

A prova nasceu numa lógica de ser acessível a todos, independentemente da idade, género e nível físico, ou seja, o planeamento da prova e a sua dificuldade,



**Figura 1** – Travessia de obstáculo em equipa.

teve sempre em atenção a heterogeneidade dos participantes, que abrange desde o praticante pontual ao ultramaratonista. Numa lógica de cooperação e de aproveitamento das mais valias da área de conhecimento de cada uma das partes, a empresa promotora, assumiu todos os aspetos administrativos da organização e promoção da prova e o RTm garantiu a conceção da mesma, recorrendo à montagem de obstáculos com materiais e equipamentos existentes na Unidade. A criação da prova teve também sempre como meta a apresentação de situações novas e desafiantes aos participantes, permitindo que os mesmos saiam da sua zona de conforto e simultaneamente trabalhem valores como o espírito de sacrifício, entreaajuda e superação, através do cumprimento das missões estabelecidas. Desde a sua génese, a realização da prova teve sempre



**Figura 2** – Obstáculo do Army Race .

como objetivo uma componente solidária, materializado ao longo dos anos quer pela doação voluntária de alimentos por parte dos participantes, quer pela doação de géneros por parte da empresa promotora. Esta componente solidária permitiu ao longo das sete edições da prova já realizadas, angariar mais de 10 toneladas de alimentos, que foram doadas a uma instituição de solidariedade Social do Porto, designada “Amor Perfeito”.

Retrospectivamente, em novembro de 2013 realizou-



**Figura 3** – Obstáculo do Army Race .

se a 1ª edição da prova de obstáculos militares *Army Race*, contando com a participação de 600 atletas, que percorreram cerca de 4 Km, no interior da unidade, ao longo de 12 estações com diferentes tipos de obstáculos. Após esta edição, também ela considerada um grande sucesso, não só pela EPT e pela empresa promotora, mas também por todos os atletas participantes, houve a necessidade de efetuar alguns ajustes, para ir ao encontro da elevada procura e aos anseios dos atletas. Assim a partir de 2014, a prova passa a realizar-se também no espaço exterior adjacente à Unidade, num percurso máximo de 8 Km. A adesão a este formato, bem como a aceitação do mesmo foi surpreendente, passando a prova a ter, a partir de 2015 a duração de dois dias. O primeiro dia designado de *Army Race Corporate*, vocacionado para a participação de empresas, com uma extensão de 6 Km e um segundo dia com um percurso um pouco mais exigente, designado por *Army Race Elite* com uma extensão de 8 Km.

O número de participantes tem vindo, de uma forma consolidada, a aumentar a cada ano, verificando-se que as inscrições encerram pouco tempo depois da sua abertura, não sendo possível aceitar o registo de todos os interessados em participarem. A prova tornou-se já numa referência nacional, registando-se a inscrição de participantes de todos os pontos de Portugal continental

e ilhas, verificando-se inclusive, nos últimos dois anos, a participação de equipas estrangeiras.

Esta iniciativa, ao longo dos anos da sua existência, constituiu fator de prestígio e de reconhecimento para o RTm, para a Brigada de Intervenção e para o Exército Português, plenamente comprovado pela extraordinária adesão e pelos comentários dos atletas no final das provas, posteriormente confirmados nas diversas redes sociais.

ANO	Número de Participantes
2013	600
2014	940
2015	1400
2016	1600
2017	1800
2018	1800
2019	2040

**Tabela 1** – Número de participantes por ano.



**Figura 4** – Obstáculo do Army Race.



**Figura 5** – Meta do Army Race.

# 10º ANIVERSÁRIO DO CURSO EM OPERAÇÕES DE PAZ E AÇÃO HUMANITÁRIA

O Curso em Operações de Paz e Ação Humanitária (OPAH) alcançou, no ano de 2019, o marco notável de uma década de existência, tempo este pleno de História e de histórias, partilhadas por aqueles e aquelas que, em algum momento, e no desempenho das suas funções, se tornaram agentes da própria História e que, com o seu saber e testemunhos, polvilham o nosso Curso de conhecimento e de relatos que perdurarão na nossa memória.

E é sobre memória que discorreremos, a seguir, pois, é importante e justo salientar que este marco honra um profícuo percurso de trabalho conjunto entre o *Ius Gentium Conimbrigae*/Centro de Direitos Humanos (IGC/CDH), com sede na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra e a, inicialmente, Brigada Ligeira de Intervenção (BLI), hoje, Brigada de Intervenção (BrigInt) do Exército Português, sita no Aquartelamento de Sant'Anna, em Coimbra. O início deste percurso conjunto de ambas as instituições remonta a 2002, ano esse em que também se consolidou um novo Conceito Estratégico de Defesa Nacional, aprovado por Resolução do Conselho de Ministros, em 20 de dezembro. Este documento, entre outras referências, mencionava que Portugal integrava organizações internacionais que têm por objeto a defesa dos Direitos Humanos, nomeadamente, a Organização das Nações Unidas



**CARLA MARCELINO GOMES**

MESTRE

IGC/CDH

(ONU) e a Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE) e, ainda, que *"Portugal honrará a sua tradição humanista na ordem internacional contribuindo, neste novo século, para o diálogo entre as nações, culturas e civilizações, a defesa dos Direitos Humanos, a promoção dos valores democráticos, o primado do direito internacional e a resolução pacífica dos conflitos, no respeito pela Carta das Nações Unidas, utilizando a sua específica capacidade de relacionamento com outros povos"* (4.3). Foi, portanto, neste contexto nacional e internacional que, de forma visionária, se deu início a esta cooperação que também tinha em vista um reforço mútuo no estudo do Direito Internacional Humanitário e dos Conflitos Armados (DIHCA) e dos Direitos Humanos.

Assim, esta cooperação começou por ser materializada, logo em 2002, através da realização de Conferências, nomeadamente, em Coimbra e no Regimento de Infantaria n.º 14, em Viseu, neste caso, tendo como público-alvo militares em fase de aprontamento para a Bósnia-Herzegovina, no âmbito da sua participação como Forças Nacionais Destacadas. Em 2005, o IGC/CDH foi responsável pela componente teórica de dois

Cursos para Oficiais. O primeiro Curso, em janeiro, foi, exclusivamente, dirigido a militares, tendo sido frequentado por 19 Oficiais e decorrido em Coimbra, numa primeira parte, no Auditório do Quartel-General da então BLI. No segundo Curso, experimentou-se o modelo de incorporar militares e civis, na mesma turma, tendo sido integrados nove Oficiais, no módulo de Direito Internacional Humanitário da Pós-graduação em Direitos Humanos que o IGC/CDH organiza, anualmente, na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Desta experiência de sucesso resultou a prática, ainda em vigor, de reservar vagas gratuitas, para militares, no âmbito dos Cursos do IGC/CDH, desde logo, na mencionada Pós-graduação em Direitos Humanos.

Face ao sucesso obtido com a realização das atividades enunciadas e outras, entendeu-se que seria importante formalizar a relação institucional que, de facto, se vinha estabelecendo entre ambas as entidades e atribuir um carácter permanente e sistemático à colaboração, estabelecendo, portanto, um Protocolo de Cooperação regional local que viesse a permitir a criação de um Curso, a realização de Seminários e Conferências e de outras atividades pertinentes, bem como a formação de grupos mistos de investigação científica, tendo em vista o enriquecimento da doutrina nacional, nas áreas do DIHCA e dos Direitos Humanos. Tal formalização veio a ter lugar, a 6 de novembro de 2010, data em que, simultaneamente, se celebrou, portanto, o Protocolo de Colaboração entre o Exército Português, através da BrigInt, e o IGC/CDH e se deu início à 1ª edição do Curso em OPAH que comemorou, no corrente ano académico, como já referido, a sua 10ª edição, cumprindo, assim, uma década de pleno e frutífero funcionamento. O OPAH decorre, anualmente, nas instalações do Quartel-General da BrigInt, em Coimbra, e sublinha a necessidade de um acompanhamento permanente, a nível nacional

e internacional, das matérias aí preleccionadas. O OPAH integra civis e militares, no seu corpo docente e discente, pretendendo-se, deste modo, contribuir para a sua formação conjunta, replicando, desta feita, cenários previsíveis, em contexto de Operações de Paz e de Ação Humanitária. O Curso visa também promover a interação entre os vários atores participantes em Teatros de Operações com estas características, bem como a aquisição de competências teórico-práticas que facilitem a compreensão das diversas dinâmicas inerentes às Operações de Paz e à Ação Humanitária.



**Figura 1** – Sessão do 10.º Curso em OPAH - Proteção Individual em Zonas de Conflito.

Esta profícua colaboração pretende estar em consonância com as responsabilidades internacionais de Portugal, no âmbito da sua participação em operações de apoio à paz, na Cooperação Civil e Militar e nas atuações conjuntas e combinadas com Forças de outros países, bem como proporcionar treino e formação aos civis que também se interessam por estas matérias e nelas pretendem desenvolver a sua atividade profissional ou de voluntariado. As atividades que ambas as instituições têm vindo a desenvolver em conjunto estão, igualmente, em harmonia e concretizam o estipulado no Conceito Estratégico de Defesa Nacional, de 5 de abril de 2013, segundo o qual os fundamentos da estratégia

de segurança e defesa nacional (§II) têm como valores fundamentais *"...a defesa dos princípios da democracia portuguesa, bem como dos direitos humanos e do direito internacional..."*, sublinhando, ainda, que as políticas de segurança e de defesa nacional assentam em princípios, tais como *"o princípio da proteção dos direitos humanos, o princípio do respeito pelo direito internacional, o princípio da resolução pacífica dos conflitos internacionais e o princípio da contribuição para a segurança, a estabilidade e a paz internacionais."* (§V,nº2)

Julgamos ser este um projeto altamente meritório, sobretudo, se considerarmos, por um lado, a cada vez mais visível e exigente participação das Forças Nacionais Destacadas portuguesas em Teatros de Operações internacionais e, por outro lado, a crescente participação da sociedade civil em operações de apoio à paz e ao desenvolvimento, relembrando que ambas devem nortear-se por valores jurídicos e éticos, por vezes, difíceis de escrutinar, em certos contextos, e daí a importância de serem bem incorporados. Reconhece-se, portanto, a importância do aprofundamento de práticas e princípios que possam servir de farol, sobretudo, em cenários ambíguos e voláteis que obrigam a decisões céleres, delicadas e difíceis.

Por fim, importa salientar a posição visionária e de notável profissionalismo de quem esteve no início desta parceria e de quem lhe tem vindo a dar continuidade. Por isso, aproveitamos o ensejo para enaltecer e agradecer aos Excelentíssimos Senhores Comandantes da BLI e da BigInt, a todos|as os|as oficiais, sargentos e praças, assim como ao corpo docente, discente e aos|às civis pois, todos e todas, no desempenho das suas funções, têm contribuído para o estreitar de laços institucionais, de amizade e de respeito, entre ambas as instituições e seus elementos, neste trabalho que terá como corolário máximo o perdurar dos

princípios humanistas consagrados na lei, mesmo em circunstâncias complexas, como são as Operações de Paz e de Ação Humanitária.



**Figura 2** – Corpo docente e discente do 10.º Curso em OPAH.



**Figura 3** – Sessão Prática.

● ● ● ● ● ● ● ● ● ●

***"...a defesa dos princípios da democracia portuguesa, bem como dos direitos humanos e do direito internacional..."***



# O GABINETE DE ATENDIMENTO AO PÚBLICO DE BRAGA

## ENQUADRAMENTO

O ano de 2019 já era por si só desafiante, mas assumir funções no Gabinete de Atendimento ao Público (GAP) de Braga impõe novos desafios, tanto a nível pessoal, no exercício das respetivas funções, como a nível institucional, no cumprimento da missão atribuída ao GAP.

O Recrutamento representa atualmente o maior desafio de um Exército renovado, virtuoso, mas não o suficientemente atrativo por forma a que se constitua numa opção válida à atual juventude portuguesa. Este panorama nacional é condizente com o panorama regional, nomeadamente com aquele com que o GAP de Braga se depara há já algum tempo na sua área de atribuição de missão. Sabemos que o Recrutamento é uma missão difícil, mas, por conseguinte, de exigência criativa e envolvimento constante.

## O DESAFIO PESSOAL E INSTITUCIONAL

As Ações de Divulgação do Serviço Militar (ADSM) são o vértice do trabalho desenvolvido à retaguarda, seja pelas indicações do escalão superior técnico, seja pela criatividade desenvolvida em gabinete que nos leva muitas vezes a reinventar, por forma a conseguir passar a mensagem da forma mais dinâmica, intuitiva e o mais clara possível à audiência, que é o público-alvo passível de ser recrutado.

Foi na senda da exigência criativa que em novembro de 2019 se começou a desenhar em gabinete aquilo



**MÁRCIO SOUSA**

1SARG CAV

GAP DE BRAGA



**Figura 1** – GAP de Braga – Área de Responsabilidade de Divulgação e Recrutamento.

que seria uma possível ferramenta para revolucionar a capacidade de divulgar e recrutar. Um aliado poderoso que facilmente poderia entrar no bolso ou em casa de milhares de jovens portugueses, mais concretamente a criação de uma App para *smartphone* (iOS e Android). A somar à força da necessidade de comunicar com os jovens vem a capacidade de fornecer a informação em tempo útil, precisa e dirigida. Estamos na era do *marketing* digital! Dados recentes indicam que os jovens despendem 12 minutos/dia a navegar em *webmobile* vs duas horas e 22 minutos/dia em apps<sup>1</sup>. Com a

HABILITAÇÕES ACADÉMICAS	IDADE MÁXIMA	CATEGORIAS
LICENCIATURA LICENCIATURA EM MEDICINA	27 ANOS 30 ANOS	OFICIAIS* SARGENTOS* PRAÇAS
12º ANO	24 ANOS	SARGENTOS* PRAÇAS
9º ANO	24 ANOS	PRAÇAS

**Figura 2** – Público Alvo das Ações de Divulgação do Serviço Militar.

existência da App, ainda que não sejam potenciais candidatos, ao instalá-la, os jovens utilizadores serão veículos de informação e divulgação. Aqueles que são os potenciais candidatos passam a poder acompanhar o Exército, idealizar a forma de prestação de serviço e fazer a candidatura, assim como acompanhar o estado desta. Os critérios para o desenvolvimento desta App pressupunham o seguinte:

1. Ser apelativa, dinâmica e *user friendly*;
2. Oferecer conteúdos informativos sobre o ingresso na vida militar;
3. Oferecer conteúdos multimédia;
4. Permitir a candidatura e o seu acompanhamento;
5. Ser de baixo custo e que permita um *backoffice* acessível;
6. Que possa ser integrada na Estratégia de Comunicação do Exército/Recrutamento;
7. Que possa devolver valiosos dados estatísticos (*analytics*);
8. Permita aos Centros de Recrutamento e GAP a sua publicitação e divulgação como ferramenta complementar em todas as ADSM;
9. Enviar notificações *push-up*, possibilitando

comunicação em tempo real com todos os utilizadores.

Durante os meses de novembro e dezembro foi desenhada e esquematizada a aplicação até ao seu estado final, ou seja, em condições de poder ser apresentada ao escalão superior, facto que ocorreu seguidamente. Desta forma e para que tal produto possa servir o Exército, encontra-se em finalização para que brevemente possa ser oficialmente publicada e estar disponível para revolucionar a capacidade de divulgar e recrutar. É um contributo deste GAP, o qual é responsável por 10% do total do efetivo incorporado no Exército. Outro dos contributos deste GAP é apoiar diretamente a unidade a que pertence na implementação de um programa direcionado para jovens, do tipo *boot-camp*. De acordo com estudos desenvolvidos no âmbito do Dia da Defesa Nacional, da 15ª Edição, de 8 de janeiro, nos últimos dois anos, mais de 55% dos jovens responderam que gostariam de passar uma semana numa unidade militar, revelando que existe recetividade para experienciar atividades que promovam um conhecimento mais aprofundado das Forças Armadas. A realização de um evento do tipo *boot-camp* pode

proporcionar a possibilidade de ter “uma experiência de vivência militar”, ajudando a esclarecer a curiosidade e eventualmente a contribuir para uma decisão de ingresso nas Forças Armadas. Este será um tónico no que diz respeito à interação entre a sociedade civil e a instituição militar, que importa potenciar.

### CONSIDERAÇÕES

Queremos definitivamente aproximar os jovens à instituição e permitir-lhes que percebam que servir o Exército Português é uma das mais autênticas e genuínas formas de servir Portugal! Esta é a nossa

visão e é a que partilhamos em todas as ADSM. Servir Portugal vai muito para além do vencimento, dos apoios ou regalias inerentes à forma de prestação de serviço e é com esse espírito que fazemos a nossa abordagem, é com este espírito que vamos conquistando resultados! O ano de 2020 trará ainda mais desafios e o GAP de Braga estará cá para os conquistar, com mais iniciativas, mais propostas e mais proximidade aos jovens da nossa área de responsabilidade.

Nota:

<sup>1</sup> Fonte: eMarketer.



**Figura 3** – Público-Alvo das ADSM.

ORIGEM DOS CANDIDATOS	CANDIDATURAS					INCORPORADOS				
	2016	2017	2018	2019	Total Geral	2016	2017	2018	2019	Total Geral
GAP GRAGA	437	379	343	355	1514	214	153	156	130	653
RESTANTES CR'S/GAP'S	4716	3908	3881	4145	16650	1964	1591	1530	1236	6321
TOTAL CR'S/GAP'S	5153	4287	4224	4500	18164	2178	1744	1686	1366	6974
%GAP GRAGA	8%	9%	8%	8%	8%	10%	9%	9%	10%	9%

**Quadro 1** – Evolução de Candidaturas e Incorporados.

**DESAFIOS**

PORTUGALI



# TRANSPORTE DE PESSOAL NA CAIXA DE CARGA DE VIATURAS TÁTICAS PESADAS / MÉDIAS - AUMENTAR AS CONDIÇÕES DE SEGURANÇA PARA RENTABILIZAR OS MEIOS

## NOTA INTRODUTÓRIA

Em 28 de maio de 2019 realizou-se nas instalações do Quartel-General da Brigada de Intervenção (QG/BrigInt) o I Seminário de Prevenção Rodoviária Militar, no qual participaram várias entidades, do Exército e externas, no qual foi abordado, entre outros, o tópico "Segurança do Pessoal transportado em caixa de carga de VTP/VTM", trazido à discussão pelo Chefe do Gabinete de Segurança e Saúde no Trabalho da Direção dos Serviços de Pessoal (GabsST/DSP), na sua apresentação sobre "Segurança Rodoviária no Exército".

Sendo um tema para o qual existe uma sensibilidade comum, foi entendimento do Estado-Maior da Brigada aprofundar o conhecimento sobre a problemática do transporte de pessoal em Viaturas Táticas Pesadas e Médias (VTP/VTM), na medida em que a inexistência



**PEDRO CAVALEIRO**

TCOR INF

CHEFE DO G2/BRIGINT



**MANUEL MATEUS**

TCOR ENG

CHEFE DO G4/BRIGINT

de condições de segurança limitam a sua utilização e impedem que as mesmas sejam devidamente rentabilizadas.

O estudo deu origem a uma Informação/Proposta, elaborada em colaboração entre o G2 e o G4, finalizada em 09 de julho de 2019, na qual foram analisados critérios como a Necessidade Operacional das viaturas; o Risco associado à sua utilização como meio de transporte de pessoal; os Requisitos Operacionais e

de Segurança que as viaturas deveriam possuir, sendo neste âmbito abordado o Projeto “Família de Viaturas Táticas” do Exército; o Duplo Uso das viaturas militares. Como resultado da Informação, foram apresentadas soluções existentes no mercado para instalação nas viaturas existentes, com uma estimativa de custos para as necessidades operacionais da BrigInt.

Com o presente artigo pretende-se apresentar uma súmula da Informação/Proposta, para que os leitores da Revista da Brigada possam também refletir sobre esta temática e eventualmente encontrar algumas pontes de entendimento com o trabalho que foi realizado pelo Estado-Maior da BrigInt.

### ENQUADRAMENTO

Com a introdução da Viatura Blindada de Rodas (VBR) PANDUR II 8x8, a BrigInt passou a ter uma plataforma de combate que, além de lhe conferir o poder de fogo e proteção de uma Força Média, veio alterar substancialmente as condições em que as guarnições das VBR são transportadas.

Não obstante a plataforma PANDUR ser o “core” da Brigada para a capacidade de combate, há um conjunto de funções que continuam a depender de outras tipologias de viaturas para poderem operar, como seja a Sustentação das forças (ou se quisermos ser mais conservadores, o Apoio de Serviços), o Apoio de Fogos e o Apoio de Combate.

Debruçando-nos um pouco sobre os Quadros Orgânicos (QO) dos Elementos da Componente Operacional do Sistema de Forças da nossa Brigada, verificamos que as VTP/VTM com configuração de transportes gerais<sup>1</sup> existem numa quantidade muito expressiva. Se fizermos uma breve análise, podemos verificar que a relação de VBR para VTP/VTM é no Grupo de Reconhecimento (GRec) de 72 para 30, nos Batalhões de Infantaria Mecanizada de Rodas (BIMecRodas) de 69/65<sup>2</sup> para 30, e no Grupo de Artilharia de Campanha (GAC) de 4 para

52.

Se bem que a quantidade de viaturas existente fica significativamente aquém do previsto nos QO, a BrigInt (bem como o Exército) possui vários modelos de viaturas táticas que se enquadram na tipologia nacional<sup>3</sup> VTP/VTM, cuja caixa de carga está preparada para o transporte tanto de material como de pessoal. Para este último efeito, as caixas de carga possuem bancos longitudinais, colocados ao centro da caixa ou, mais comumente, nas laterais da caixa.

Tipologia Unidade	IVECO			MAN	MERCEDES		
	40.10	40.12	90.17	10.224	UNIMO G 1300L	UNIMO G 1750L	1222A
RI13	8		5	1			
RI14	5	2					
RI19	2		1	3			
RC6			6	1			
RA5		2	4	4	8	1	13
RAA1				4			
RTm	2	1			11	3	
RF3	2	4					
UnAp	2	5	4				
<b>TOTAL</b>	<b>21</b>	<b>14</b>	<b>20</b>	<b>13</b>	<b>19</b>	<b>4</b>	<b>13</b>

**Quadro 1** – VTP/VTM existentes nas Unidades da BrigInt.

Além do contributo que dão para a mobilidade e capacidade de transporte das Unidades Operacionais que equipam, as VTP/VTM são, pela sua polivalência, excelentes meios para emprego nas Missões de Apoio ao Desenvolvimento e Bem-Estar (MADBE), materializando assim uma capacidade de duplo uso. Esta característica advém do facto de, por não serem uma viatura de combate, terem características mais próximas de uma viatura comercial, como sejam as suas dimensões, peso, amplitude do campo de visão do condutor e a facilidade de acesso aos compartimentos de carga. Sob esta perspetiva, deveriam constituir um dos meios de excelência para atuação no âmbito do Plano de Apoio Militar de Emergência do Exército (PAMEEx).

### A PROBLEMÁTICA DA SEGURANÇA RODVIÁRIA

Percebemos que as VTP/VTM possuem características que potenciam uma utilização dual, podendo contribuir tanto para a capacidade de transporte militar (pessoal

e material), como para projeção dos Módulos de Intervenção (ModInterv) do PAMEEx. No entanto, há que perceber por que razão existe a limitação de transporte de pessoal na caixa de carga.

Nas últimas décadas, as regras de segurança rodoviária vieram impor requisitos mais exigentes ao nível das condições de segurança existentes no interior das viaturas, o que obrigou os construtores em geral a um maior cuidado na conceção e produção das suas viaturas e consequentemente ao aparecimento de diversos equipamentos que vieram aumentar a segurança ativa e passiva das mesmas, o que todos temos tido oportunidade de verificar no mercado automóvel.

Perante o longo ciclo de vida das viaturas militares e da data da aquisição das que existem presentemente ao serviço do Exército, percebemos que os requisitos de segurança para o transporte de pessoal, à altura da sua entrada ao serviço, não são comparáveis com os requisitos atuais. De igual modo, há três décadas atrás, as consequências dos acidentes de viação não eram alvo do mesmo escrutínio público.

Durante o I Seminário de Prevenção Rodoviária Militar já referido, constatou-se que o Exército tem um registo recente de acidentes envolvendo o transporte de pessoal na caixa de carga, com capotamento. Do Relatório Anual de Atividades de Segurança e Saúde no Trabalho de 2017 e do de 2018, elaborados pelo GabSST/DSP, verifica-se que:

- Em 2017 foram registados 87 acidentes de viação, 68 dos quais envolvendo viaturas militares. Dos acidentes de viação resultaram 7 feridos graves;
- Em 2018 foram registados 52 acidentes envolvendo viaturas militares. Destes, merecem particular destaque os quatro acidentes com capotamento da viatura, ocorridos em itinerários não pavimentados, no decorrer de exercícios (2 acidentes) e de patrulhas em missões de Apoio Militar de Emergência (2 acidentes), dos quais

resultaram 33 feridos, todos ligeiros;

- Ainda de acordo com o relatório de 2018 "o transporte de pessoal na caixa de carga comporta um risco elevado, agravado pelas condições do terreno, atmosféricas, visibilidade, etc. e impõe a adoção de medidas rigorosas de controlo de acidentes, pelos Comandantes das Unidades".

A nível internacional são vários os acidentes recentes envolvendo o capotamento de viaturas táticas militares que efetuavam o transporte de pessoal na caixa de carga. A situação pública mais recente aconteceu nos EUA em junho de 2019, em que num acidente que envolveu uma viatura que transportava cadetes da Academia Militar de West Point, a mesma saiu de estrada e capotou, provocando a morte de um cadete e ferimentos em 22 outros militares (<https://www.nytimes.com>, 2019).

#### A NECESSIDADE DE AUMENTAR A SEGURANÇA

Face à evolução dos requisitos de segurança e ao risco identificado, no início do empenhamento no PAMEEx 2019, o Comando das Forças Terrestres (CFT) deu orientações para que fosse privilegiado o transporte de pessoal em viaturas administrativas. No entanto, as viaturas administrativas existentes nas Unidades não são suficientes para garantir todas as necessidades de

Unidade	VTM/VTP
RI13 (ModInterv + 1Sec)	4
RI14 (ModInterv + 1Sec)	4
RI19 (1 Sec)	1
RC6 (ModInterv)	3
RA5 (ModInterv)	3
RAAA1 (ModInterv)	3
RTm (ModInterv)	3
RE3	0
UnAp	0
<b>TOTAL</b>	<b>21</b>

**Quadro 2** – Necessidades operacionais de VTM/VTP na BrigInt - PAMEEx 2019.

transporte.

Muitas delas não têm capacidade Todo-o-Terreno (TT), o que se constitui numa limitação para a execução de missões específicas, como seja o patrulhamento ou o transporte de pessoal em espaços florestais no âmbito do PAMEEx, o que limita a utilização de várias tipologias de viaturas administrativas que, não tendo capacidade TT, apenas garantem o transporte do pessoal desde a Unidade até à Área de Operações, sendo depois necessário recorrer a viaturas táticas para assegurar os movimentos. No entanto, da análise dos relatórios Anuais do GabSST/DSP, verifica-se que o risco maior se encontra precisamente na circulação em itinerários não pavimentados, situação na qual não é possível



**Figura 1** – UNIMOG adaptado para transporte de 4 pessoas na caixa de carga.

contornar a utilização das viaturas táticas.

Desta forma, as VTP/VTM são as únicas viaturas com a capacidade combinada de TT e transporte que garantem a possibilidade de emprego dos ModInterv do PAMEEx. Apesar da possibilidade técnica de transporte de pessoal na caixa de carga estar previsto nas várias Fichas de Material (FiMat) das VTP/VTM, através do estabelecimento de uma lotação máxima em cada caixa de carga, o mesmo é feito sem que estejam disponíveis quaisquer sistemas de segurança passiva, como por exemplo cintos de segurança que fixem o passageiro ao banco em caso de acidente ou *Roll-Bar* para proteção do volume da caixa, em caso de capotamento da viatura.

O aumento da segurança nas caixas de carga, através

de soluções com bancos centrais e *Roll-Bar*, foi já experimentada em 2010 pelo Corpo de Fuzileiros em algumas das suas viaturas, na sequência de um acidente de viação envolvendo o capotamento de uma viatura, do qual resultaram 11 feridos e 01 morto. Apesar de ser uma solução adaptada às necessidades imediatas do Corpo de Fuzileiros resultantes do acidente, esta força não voltou a ter acidentes graves no transporte de pessoal na caixa de carga.

### REQUISITOS PARA AS VTP/VTM PARA O TRANSPORTE DE PESSOAL

Vimos que as VTP/VTM são necessárias para o cumprimento do PAMEEx, sendo que poderão ser utilizadas também no âmbito das MADBE. Apresentam como grande vulnerabilidade a falta de dispositivos que permitam transportar em segurança pessoal no compartimento da caixa de carga. Fruto da necessidade sentida, o Corpo de Fuzileiros ultrapassou este problema ao construir a sua própria solução. No entanto, é importante identificar os requisitos que deverão estar subjacentes a uma adaptação das viaturas ou, no caso de estarmos a equacionar a aquisição de uma nova plataforma, para a sua produção.

Tendo como ponto de partida que os requisitos operacionais inerentes à classificação como viaturas táticas deverão ser a base, como sejam as especificações vertidas em STANAG, foram considerados os seguintes Requisitos Operacionais:

- Possibilidade de uso da viatura para dupla finalidade: transportes gerais e transporte de pessoal (em segurança);
- Facilidade de transformação da configuração da viatura - de transportes gerais para transporte de pessoal e vice-versa - realizada ao nível do utilizador (Nível I de Manutenção);
- As alterações a introduzir não deverão necessitar de intervenções estruturais profundas nas

viaturas (reengenharia).

Porque o cerne da problemática neste estudo é a segurança, foram ainda identificados os seguintes Requisitos de Segurança, considerados como mínimos:

- Existência de cinto de segurança individual;
- Existência de apoio de cabeça individual (para proteção cervical);
- Existência de proteção metálica (*Roll-Bar*) que previna o esmagamento do volume de transporte de pessoal da caixa de carga em caso de capotamento (*Roll-Over*);
- Posicionamento central dos passageiros na caixa de carga, para conferir uma maior proteção em caso de capotamento.

Além destes, e para prevenir outras lesões que possam resultar de uma situação de acidente, foram ainda considerados os seguintes requisitos de segurança adicionais:

- Proteção adicional para a cabeça do pessoal transportado;
- Material dos bancos não suscetível a quebra num acidente, por forma a prevenir perfurações no corpo dos ocupantes.

Definidos que estavam os requisitos, passou-se à fase de identificar soluções que permitissem colmatar a lacuna ao nível da segurança, preferencialmente que fossem devidamente testadas e certificadas.

### SOLUÇÕES DISPONÍVEIS

As melhores soluções de segurança existentes no mercado (sobretudo internacional) para cumprir os requisitos operacionais e os requisitos mínimos e adicionais de segurança elencados, passam pela possibilidade de acoplar conjuntos de bancos ao leito da caixa de carga das viaturas, cumprindo todos os requisitos operacionais e de segurança. Estes conjuntos de bancos são normalmente designados por *Roll-Over Protection System* (ROPS) e são fabricados para que,

após a adaptação das viaturas, estas mantenham a possibilidade de serem utilizadas para transporte de carga, retirando os kits de bancos, ou para transporte de pessoal, acoplando os kits de bancos na caixa de carga da viatura por aparafusamento ou sistema *Twistlok*, este último para uma rápida remoção dos bancos sem



**Figuras 2 e 3** – Caixa de carga com sistema ROPS na configuração de transporte de carga ou pessoal

recurso a ferramentas.

Da consulta prévia das soluções existentes no mercado, encontraram-se duas empresas (ambas Britânicas) que produzem soluções ROPS e que cumprem os requisitos operacionais e de segurança: a *Vital Seating & Systems Limited* (VSS) e a *TEK Military Seating* (TEK), representante global da marca ProTEK.

A VSS apresenta kits ROPS com soluções de 2 e 4 lugares modulares, em combinações de até 16 lugares, acoplados ao leito da caixa de carga, com reduzidos tempos de conversão. A TEK tem kits ROPS, da marca *ProTEK Human Transport Module*, com soluções modulares em múltiplos de 2, acoplados ao leito da



**Figuras 4** – Sistema ROPS da VSS (Kit 4 lugares).



**Figuras 5** – Sistema ROPS da ProTEK (Kit 6 lugares).

caixa de carga.

Ambas as empresas têm equipamentos desta família instalados em viaturas militares de forças armadas europeias. A TEK desenvolveu recentemente um projeto com a Marinha Holandesa, inserindo estes módulos ROPS na cadeia de produção da viatura IVECO EUROCARGO do Corpo de Fuzileiros. É ainda um dos principais fornecedores da SCANIA no âmbito do contrato que o Ministério da Defesa Holandês estabeleceu com aquela marca para a aquisição de mais de 2000 viaturas SCANIA GRYPHUS, que constituirão a espinha dorsal da Logística das suas forças armadas (<http://www.tekmilitaryseating.co.uk>, 2019).



**Figuras 6** – UNIMOG do Exército Belga com Sistema ROPS da VSS (8 lugares).



**Figuras 7** – IVECO EUROCARGO do Corpo de Fuzileiros Holandês (12 lugares).

#### APLICAÇÃO PRÁTICA E ESTIMATIVA DE CUSTOS

Tendo por base a identificação de uma necessidade real, foi também um dos objetivos da Informação/Proposta

elaborada estudar uma aplicação prática dos sistemas existentes e avaliar os custos para a mesma. Desta forma, identificou-se uma modalidade de ação que permitia o empenhamento total previsto no PAMEEx para a BrigInt, no ano 2019, com a possibilidade de projeção de Pelotões em VTP/VTM.

Como etapa inicial, procurou-se determinar para cada modelo de VTP/VTM existente na Brigada, a capacidade máxima com o sistema ROPS.

De seguida, atendendo aos efetivos previstos no PAMEEx, identificou-se que seriam necessárias 21 viaturas para instalação do sistema e mais 9 apenas para conversão

do leito da caixa de carga, para permitir que em caso de avaria de uma viatura, os kits com bancos pudessem ser montados noutra viatura, mantendo desta forma a capacidade de transporte. Para cada tipologia de VTP/VTM, considerou-se a capacidade máxima tecnicamente possível, face às dimensões da caixa de carga, para o sistema ROPS.

Com os pressupostos identificados, solicitou-se então uma estimativa de custos às duas empresas já referidas, para que fosse possível ter uma noção da dimensão do investimento, considerando apenas as necessidades identificadas na BrigInt.

Conversão \ Tipo de Viatura	IVECO			MAN	MERCEDES			TOTAL
	40.10 <sup>1</sup>	40.12 <sup>2</sup>	90.17	10.224	UNIMO G 1300L	UNIMO G 1750L	1222A	
Capacidade máxima de transporte pessoal	6 Pax	10 Pax	12 Pax	14 Pax	10 Pax	14 Pax	16 Pax	
Numero Total de VTM/VTP da BrigInt (104 viaturas)	21	14	20	13	19	4	13	
<b>Capacidade TOTAL</b>	126	140	240	182	190	56	208	<b>1322</b>

**Quadro 3** – Estimativa da capacidade máxima das VTP/VTM com sistema ROPS.

Necessidades operacionais do PAMEEX				
Tipo Viatura	Unidades c/Conversão leito cx Carga	Unidades c/ Kit Bancos	Capacidade de transporte pessoal	Custo
IVECO 90.17	11 (8+3)	8 (4+3+1)	96	€265.455
MAN 10.224	6 (4+2)	4	56	€161.720
MERCEDES UNIMOG 1300L	9 (6+3)	6 (3+3)	60	€195.765
MERCEDES 1222A	4 (3+1)	3	48	€123.800
<b>Total</b>	<b>30</b>	<b>21</b>	<b>260 Pax</b>	<b>€ 746.740</b>

**Quadro 4** – Estimativa de custos para as necessidades operacionais do PAMEEx 2019 - BrigInt.

## CONCLUSÕES

Existe de facto uma necessidade operacional que justifica o transporte de pessoal em caixa de carga. O empenhamento no âmbito do PAMEEx apresenta um desafio à capacidade de transporte de pessoal, que apenas obtém uma resposta eficiente quando considerado o transporte em VTP/VTM, que permitem para cada Teatro de Operações a mobilidade necessária em TT.

As condições existentes nas caixas de carga das VTP/VTM não permitem assegurar os requisitos mínimos de segurança para efetuar este transporte. No entanto, existem soluções disponíveis no mercado, que permitem manter a flexibilidade de transporte das viaturas, através da preparação das caixas de carga para montagem de kits modulares de bancos, que conferem proteção aos ocupantes em caso de acidente.

Os requisitos mínimos de segurança identificados implicam a existência na caixa de carga dos seguintes itens: cinto de segurança individual; apoio de cabeça individual; proteção metálica (*Roll-Bar*) individual ou na totalidade da caixa de carga que impeça o esmagamento da estrutura; posicionamento central dos passageiros. Atendendo a que se encontram a decorrer os trabalhos no âmbito do Projeto da “Família de Viatura Táticas” para a aquisição de VTP/VTM, após analisados os custos de adaptação das viaturas e tendo presente que a necessidade que foi identificada se irá manter no futuro, foi entendido que poderia ser vantajoso aplicar os requisitos na fase de projeto e se possível que estes fossem introduzidos logo na linha de montagem. Este racional tem como pressuposto que terá um menor custo equacionar esta possibilidade logo desde a fase de projeto, do que proceder a uma adaptação ulterior da plataforma que for adquirida, permitindo que o design e a estrutura sejam projetadas com esta possibilidade. Após aprovação pelo Brigadeiro-General Comandante

da Brigada, a Informação/Proposta foi enviada ao CFT, para apreciação superior. A 22 de agosto de 2019 foi feita a apresentação do estudo pelo EM da BrigInt ao Tenente-General CFT.

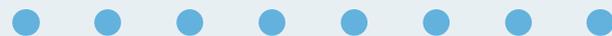
### Notas:

<sup>1</sup>Entendendo como uma VTP/VTM de transportes gerais aquela que não está configurada para PC, comum “shelter”, tanque ou outro equipamento específico, tendo assim o compartimento de carga disponível para o transporte de diferentes cargas.

<sup>2</sup>69 no 1BIMecRodas e 65 no 2BIMecRodas, diferença que reside nas VBR ATGM previstas para o primeiro.

<sup>3</sup>Na classificação NATO, ambas as tipologias consideradas como VTP/VTM na classificação nacional são viaturas médias.

<sup>4</sup>Como fez o Exército Holandês com o Projeto SCANIA GRYPHUS e a empresa TEK.



***“o transporte de pessoal na caixa de carga comporta um risco elevado, agravado pelas condições do terreno, atmosféricas, visibilidade, etc. e impõe a adoção de medidas rigorosas de controlo de acidentes, pelos Comandantes das Unidades”.***

# O RECRUTAMENTO LOCAL

O processo de profissionalização das Forças Armadas Portuguesas, com um modelo de recrutamento assente exclusivamente no voluntariado, teve o seu início em 2004 com o fim do serviço efetivo normal. A aplicação deste novo modelo provocou uma mudança de paradigma no Recrutamento uma vez que obrigou o Exército a concorrer, em condições semelhantes, com as demais entidades empregadoras na obtenção de recursos humanos. A sustentabilidade do novo modelo de recrutamento passou assim a assentar na capacidade de identificar, atrair e reter cidadãos que se revissem na cultura, nos valores e nas condições de trabalho existentes nesta Instituição.

Toda a envolvente do recrutamento tornou-se mais complexa e passou a ser primordial saber lidar eficazmente com as tendências políticas, socioeconómicas e demográficas do País. Sobre esta última, importa referir que a redução demográfica a que se passou a assistir com o virar do milénio, conjugada com as características próprias da geração *millennium* trouxeram ainda mais desafios para o recrutamento direcionado para o regime de voluntariado (RV) e o regime de contrato (RC).

Segundo o Estudo - Militares RV/RC: Características e Perceções, elaborado em 2019 pela Direção-Geral de Recursos da Defesa Nacional, do Ministério da Defesa Nacional (DGRDN/MDN)<sup>1</sup>, que incidiu sobre uma amostra de 7321 militares em RV/RC das Forças Armadas e dos quais 63% (4628 militares) pertenciam à categoria de Praças do Exército, de agora em diante será dado especial ênfase a esta categoria e Ramo.



**CARVALHO VICENTE**

TCOR INF

2CMDT DO RI14

Verificando-se no período compreendido entre 2008 e 2018, que o Exército registou uma retração do seu efetivo em RV/RC em 32,5% e apesar desta tendência se ter verificado em menor escala nos outros Ramos, veio a ser este o principal mote para a elaboração do referido estudo que teve por finalidade perceber quem



**Gráfico 1** – Evolução de efetivos militares em RV/RC, por Ramo.

eram os militares em RV/RC, porque escolheram as fileiras, que imagem têm delas, como percecionam o seu percurso militar e como se projetam no futuro, após a saída da Instituição Militar.

No que concerne às motivações de ingresso no Exército, os motivos justificativos mais relevantes são

"servir Portugal e participar na defesa e representação do país", "a atração pelas atividades e missões do Exército", "atração pelos valores característicos da vida militar", "poder concorrer às Forças de Segurança (PSP, GNR)" e nas conclusões do referido estudo é referido que "Os que ingressam no Exército, tendencialmente menos qualificados, motivam-se essencialmente pela proximidade da área de residência"<sup>2</sup> (sublinhado nosso). Resultante deste estudo, a DGRDN/MDN elaborou um Plano de Ação para a Profissionalização, que foi divulgado por todas as Unidades, Estabelecimentos e Órgãos, assente em três pilares: recrutar, reter e reinserir<sup>3</sup>.

Apesar desta motivação pela proximidade à área de residência evidenciada pelos militares do Exército inquiridos, no estudo supracitado, não foi abordada no subsequente Plano de Ação, provavelmente por não ser abrangente aos restantes Ramos das Forças Armadas. Acresce referir ainda que no Exército existe um efetivo considerável de Praças que se encontram deslocados das áreas geográficas que escolheram, por períodos superiores a dois anos, o que num regime contratual de seis anos é muito significativo e não concorre com as palestras que os divulgadores lhes efetuaram.

Contudo, apresentando o Exército características próprias que o tornam muito dependente do recrutamento de Praças, entende-se que não se deverá descurar o recrutamento local nesta fase crítica. Esta modalidade de recrutamento nunca será inédita na nossa Instituição, uma vez que já o Capitão António Balula Cid no seu livro "O n.º 14 na Infantaria Portuguesa" referia que na reorganização do Exército efetuada no período pós-restauração da independência nacional que: "A origem do RI14 remonta ao ano de 1657. Se em termos numéricos descende do Terço do Algarve (posteriormente Regimento de Infantaria de Tavira e mais tarde Regimento de Infantaria n.º 14) não poderá

ser esquecida que a Unidade de Infantaria que viria mais tarde a ser sediada em Viseu herdará muito do Terço de Almeida (1642) e Terço de Penamacor (1642) – que eram Unidades que após a independência de 1640 foram colocadas junto da fronteira para defender a região da Beira Alta e ambas recrutavam nas comarcas de Viseu, Guarda e Castelo Branco". (sublinhado nosso).

Apesar das dificuldades da falta de pessoal nas fileiras, que são conhecidas há anos e comuns aos três Ramos das Forças Armadas, o MDN acredita que o sistema de serviço militar atual não está esgotado, insistindo no seu aprofundamento e descartando para já outras opções.

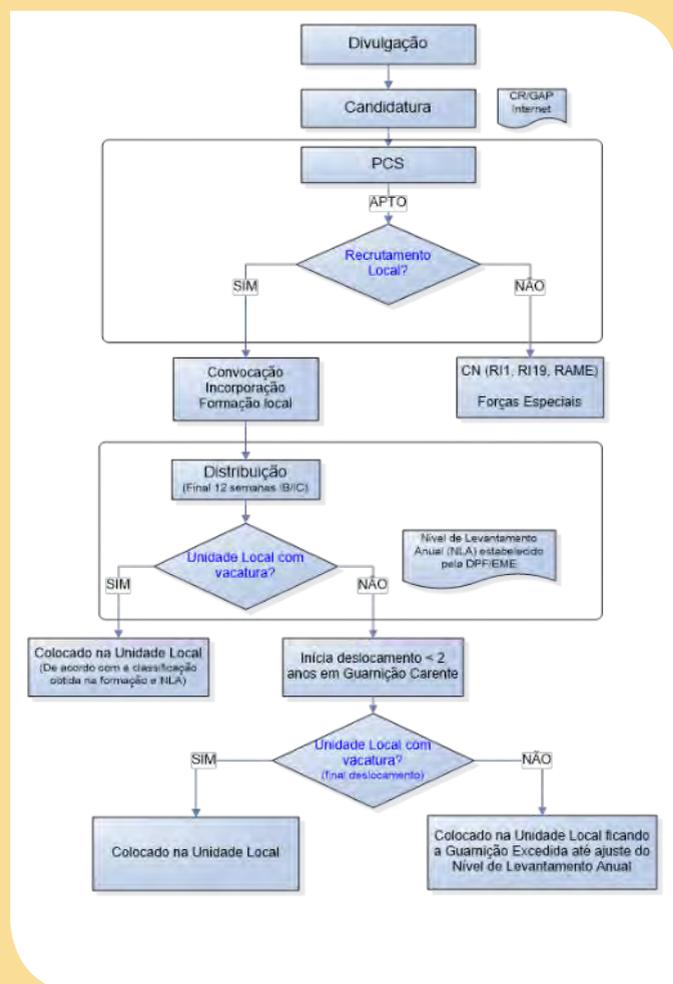
Assim, atendendo ao perfil sociológico da atual geração recrutável e por se considerar o atual modelo de serviço militar não estar esgotado, seria de equacionar a implementação do recrutamento local, seguindo uma metodologia como a que se apresenta:

- Aplicar a título experimental numa Unidade Regimental com um Elemento da Componente Operacional do Sistema de Forças e com Gabinete de Atendimento ao Público;
- A fase da divulgação e a fase da candidatura continuar nos moldes atuais;
- Na fase das provas de classificação e seleção identificar os candidatos que pretendessem aderir ao recrutamento local, durante a entrevista efetuada pelos orientadores dos Gabinetes de Classificação e Seleção;
- Os candidatos que pretendessem aderir ao recrutamento local seriam convocados, incorporados e formados na Unidade local;
- No final da formação seriam distribuídos de acordo com as classificações obtidas no final da Instrução Básica/Instrução Complementar, de acordo com as vacaturas e de acordo com o nível de levantamento anual que a Divisão

de Planeamento de Forças do Estado-Maior do Exército estabelecesse para essa Unidade. O remanescente iniciaria um deslocamento que não ultrapassasse os 2 anos numa guarnição carente.

- Os militares deslocados no final do período estabelecido teriam preferência sobre os demais no regresso à Unidade local, mesmo que isso possibilitasse que essa guarnição ficasse excedida, até ao novo ajuste anual do nível de levantamento;
- Este processo teria de ser cíclico e anual;
- Demonstra-se de seguida o possível modelo através do recurso gráfico.

Atendendo às tendências das dimensões políticas,



**Gráfico 2** – Modelo de Recrutamento Local.

socioeconómicas e demográficas em Portugal, as quais têm influência direta na falta de pessoal nas fileiras e que são comuns aos três Ramos das Forças Armadas, após esta breve análise somos levados a concluir que se torna necessário mais do que nunca repensar o modelo de serviço militar profissional no Exército que deverá abranger o recrutamento local.

#### Notas:

<sup>1</sup>Estudo da DGRDN/MDN de 2019: Militares em RV/RC: Características e Perceções. Disponível em: <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=22b98c8a-a948-4a27-9053-9cb9bc8f43a7>

<sup>2</sup>Idem.

<sup>3</sup>MDN, 2019. Plano de Ação para a Profissionalização, Disponível em: <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=846c5556-6f77-42c3-a6eb-c49347207a00>



**Figura 1** – Incorporação do CFGCPE.



**Figura 2** – Incorporação do CFGCPE.

# DESAFIOS DAS UNIDADES BLINDADAS

## INTRODUÇÃO

A Viatura Blindada de Rodas (VBR) PANDUR II 8x8, pela sua complexidade e versatilidade, apresenta alguns desafios, nomeadamente da formação e treino e da manutenção, que podem condicionar o desempenho e a proficiência das forças blindadas de rodas no cumprimento de tarefas de âmbito técnico-tático e consequente sucesso das operações. Se considerarmos o previsível avanço tecnológico decorrente do processo de modernização das viaturas que equipam as Forças Médias da Aliança, estes desafios ainda se revestem de maior relevância no futuro.

Com vista a enquadrar e introduzir os desafios, materializados em reflexões e propostas, sobre os quais versa este artigo, iremos abordar: as formações base e complementar dos militares que servem nos Batalhões de Infantaria Mecanizados de Rodas (BIMecRodas); como aspetos relevantes para o treino, a importância da guarnição da viatura para a cultura do Infante das Unidades Mecanizadas de Rodas, e os exercícios; a manutenção das Viaturas Blindadas de Rodas (VBR), em concreto a manutenção de nível I e II; por fim, o futuro das viaturas desta tipologia e o consequente



**TCOR INF VITOR BORGES** CMDT 2BIMECRODAS  
**MAJ INF SERGIO MORAIS** 2CMDT 2BIMECRODAS  
**CAP INF AMADEU LOPES** S4 2BIMECRODAS  
**CAP INF LUIS SILVA** S3 2BIMECRODAS  
**TEN INF BRUNO FIGUEIREDO** S2 2BIMECRODAS

incremento na complexidade e avanço tecnológico.

## A FORMAÇÃO<sup>1</sup>

### Formação Base

A formação base dos Oficiais e Sargentos de Infantaria do Quadro Permanente contempla um módulo de Pelotão de Atiradores Mecanizado / VBR PANDUR, com a duração de uma semana, que, neste ano de 2020, decorreu no Regimento de Infantaria n.º 14 (RI14). Deste módulo faz parte, para além de instruções teóricas e teórico-práticas, a realização de um Exercício de Campo e consequente avaliação.

A formação inicial dos Oficiais e Sargentos em Regime de Voluntariado / Regime de Contrato (RV/RC) com especialidades compatíveis com a colocação nos BIMecRodas não contempla formação específica relativa à VBR PANDUR. De igual forma, as Praças nos cursos de Formação Geral Comum e nos cursos de Cabos não obtêm formação específica.

### Formação Complementar

A VBR PANDUR, que equipa o 2BIMecRodas, sendo um sistema de armas complexo, exige um conhecimento

aprofundado por parte dos seus utilizadores. Assim, existem vários módulos de formação complementar que os militares têm de frequentar para o desempenho das funções específicas que envolvam este sistema de armas. O quadro abaixo sintetiza quem frequenta os referidos cursos e os módulos abordados em cada um:

	Condutor VBR PANDUR II	Chefe da VBR PANDUR II	Chefe da VBR PANDUR II PCAN 30mm	Apontador do Canhão da VBR PANDUR II
<b>Oficiais e Sargentos</b>		X	X	
<b>Praças</b>	X	X		X
<b>Módulos Principais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Características gerais.</li> <li>• Normas de segurança.</li> <li>• Responsabilidades dos condutores.</li> <li>• Condução.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Características gerais.</li> <li>• Normas de segurança.</li> <li>• Responsabilidades dos chefes de viatura.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Características gerais e normas de segurança.</li> <li>• Órgãos e componentes da torre SP-30.</li> <li>• Armamento e Tiro.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Operar componentes da Torre.</li> <li>• Operar o armamento principal.</li> <li>• Atuar como elemento da guarnição da VBR PANDUR Infantry Fighting Vehicle (IFV).</li> </ul>
<b>Obs.</b>	É condição a obtenção da carta de categoria C antes do Curso, o que perfaz um total de 21 semanas de formação.	Apenas praças socorristas podem frequentar este curso.	Apenas graduados com o curso de chefe de viatura podem frequentar este curso.	O Curso de Apontador da VBR PANDUR IFV pode ser frequentado sem o militar ser Condutor.

**Quadro 1**

## O TREINO<sup>2</sup>

### A importância da Guarnição da viatura e a cultura do Infante Mecanizado de Rodas

A VBR PANDUR representou um salto tecnológico na nossa Infantaria, pelo que, para tirar o máximo partido de todas as suas potencialidades, é fulcral o treino de guarnições especializadas e competentes que integram este Sistema de Armas complexo.

Na condução do treino operacional do 2BIMecRodas, onde se privilegia a manobra, a aposta no treino de guarnição, deve ser realizada de forma sistemática e contínua, para atingir os elevados padrões a que nos propomos. A Secção de Atiradores é a subunidade angular da Infantaria, sendo o seu Comandante uma peça vital neste processo, promovendo uma sincronia de esforços que permite o correto emprego da VBR.

Concomitantemente, acreditamos que o treino de guarnição é o meio de transmissão por excelência da cultura do Infante das Unidades Mecanizadas de Rodas. É no seio da Secção de Atiradores, onde por norma existe uma relação intensa, que se promove o espírito de missão, o culto dos valores militares, a solidariedade

e a responsabilização individual.

### Os exercícios

No planeamento e na condução dos exercícios, constatamos que as VBR PANDUR se constituem como um elemento facilitador para as Unidades equipadas com esta tipologia de viaturas, uma vez que podem operar e deslocar-se com facilidade ao longo de todo o Território Nacional (TN) continental. Esta grande capacidade de mobilidade das VBR tem possibilitado a realização de exercícios em meios urbanos, aumentando, assim, a diversidade e o realismo dos cenários criados para o treino. Por outro lado, permite que as Forças saiam do conforto das áreas militares, cumprindo desta forma, o desiderato do Exército de aumentar a proximidade e o contacto com as populações – “*ao serviço dos portugueses*”.

Se em TN é possível tirar partido do grande poder de mobilidade das Unidades equipadas com as VBR PANDUR, o mesmo não se pode afirmar sobre a participação destas Unidades em exercícios no estrangeiro. O elevado custo de projeção destas viaturas tem vindo a ser um grande obstáculo à participação nestes exercícios, com a utilização dos seus meios orgânicos. Como exemplo desta limitação, as recentes participações nacionais nos exercícios SCORPIONS FURY 18 e SCORPIONS LEGACY 19, realizados na Roménia, no âmbito da afiliação do 2BIMecRodas à *Multinational Brigade-South East*, nos quais as suas subunidades utilizaram as VBR PIRANHA romenas, como forma de integração dos referidos exercícios.

Sendo a solução possível, não tem permitido tirar todo o rendimento destas oportunidades de treino, uma vez que não possibilita a prática da Secção de Atiradores como um todo, nem permite testar e treinar as interoperabilidades dos diferentes exércitos. Até ao presente momento, a participação das VBR PANDUR em exercícios no estrangeiro tem ficado restringida a Espanha. Neste caso concreto, os custos de projeção

são bastante reduzidos, uma vez que as viaturas e as respetivas guarnições têm sido projetadas por via terrestre, com recurso a plataformas, ou através do deslocamento por estrada das próprias VBR.

Ainda no âmbito do treino operacional, a realização de fogos reais constitui-se um dos pilares mais importantes e fundamentais na preparação e treino de qualquer Força. Só com uma plena integração de todos os sistemas de armas dos BIMEcRodas (na sua componente de fogos diretos e indiretos), com a execução de fogo e movimento, se consegue garantir



**Figura 1** – VBR PANDUR II 8x8 no Exercício Trident Juncture 2015 .

a proficiência operacional na condução das operações terrestres mais exigentes. Pelo facto do Exército Português apenas dispor de um Campo de Tiro onde se consegue tirar partido de todos os sistemas de armas, o Campo Militar de Santa Margarida, obriga a concentrar o tiro do Encargo Operacional, aos diversos escalões, evitando diversos e grandes deslocamentos das unidades blindadas de rodas, que estão balanceadas para norte do país. Até ao escalão pelotão, o sistema de simulação sediado no RI13, apresenta-se como uma forma eficiente de obter resultados com economia de recursos.

### A MANUTENÇÃO<sup>3</sup> DAS VBR

O 2BIMEcRodas depende das viaturas orgânicas para a sua mobilidade tática, sendo o seu grau de

operacionalidade determinante para o sucesso das missões atribuídas. Assim, a manutenção assume-se como fundamental para preservar as viaturas prontas para o combate e, quando tal não se verifique, para que as mesmas recuperem rapidamente o seu estado de operacionalidade. O conceito de Manutenção das VBR PANDUR contempla três níveis:

- Nível I – Manutenção de Unidade: a efetuar nas Unidades utilizadoras;
- Nível II – Manutenção Intermédia: a efetuar pela Companhia de Manutenção (CMan) da Brigada de Intervenção (BrigInt), no Regimento de Manutenção e/ou através da projecção de equipas de manutenção móveis nas Unidades;
- Nível III – Manutenção de Base: a efetuar na Unidade de Apoio Geral de Material do Exército.

A gestão deste conceito de manutenção é feita, de forma descentralizada, na plataforma MANWINWIN que está ligada à Rede de Dados do Exército.



**Figura 2** – A manutenção das VBR PANDUR II 8x8. .

### O FUTURO DAS VIATURAS BLINDADAS DE RODAS

Em 2007, quando o Exército Português edificou a sua capacidade de forças médias com base na plataforma VBR PANDUR, esta estava equiparada à VBR STRYKER, de 2002, ambas as viaturas com mobilidade 8x8, proteção K3 e poder de fogo 12,7 mm, sendo a arma da viatura norte-americana *Remote Weapon Station*

(RWS). Estes são ainda os requisitos mínimos para as forças médias, no entanto, a evolução da ameaça atual, como os exemplos recentes do Estado Islâmico ou a doutrina da Guerra Híbrida, com o aumento dos calibres para metralhadoras 14,5 mm, indicam que os requisitos mínimos atuais não serão os do futuro. As forças congéneres já se adaptaram, modernizando plataformas antigas ou desenvolvendo novas, como se poderá comprovar de seguida.

Ao analisar a evolução das VBR de países da aliança, produzidas ou modernizadas depois da PANDUR II, verifica-se que a tendência de desenvolvimento é a manutenção da mobilidade assente em rodados 8x8, assistindo-se ao aumento da proteção para o nível K4. Relativamente ao poder de fogo, tem-se verificado não só o aumento de calibre, através da substituição das metralhadoras pesadas por canhões, mas também a implementação de sistemas de controlo remoto com mísseis acoplados.

Assim, o futuro da VBR PANDUR será o da sua modernização para ser equipada com um canhão 30 mm RWS com mísseis anticarro integrados na torre, tornando mais complexo o que já é atualmente um sistema de armas tecnologicamente evoluído, carecendo de maior grau de especialização para tirar o maior partido desta plataforma.

## **DESAFIOS**

Uma vez que a maioria das Praças não chega a cumprir o tempo máximo de sete anos de contrato, não se obtém a proficiência de condução da viatura (dadas as potencialidades de condução e sistemas eletrónicos), nem sequer o retorno do investimento que o Exército faz nestes militares. Desta forma, a maximização do tempo que estes condutores e apontadores das VBR IFV permanecem nas fileiras, aumenta o desempenho operacional dos Elementos da Componente Operacional do Sistemas de Forças (ECOSF) e capitaliza o

investimento efetuado na formação.

A especialização PANDUR deve ser antecipada ao máximo, sendo ainda mais relevante, considerando o futuro das VBR, que serão ainda mais complexas, idealmente efetuando este percurso formativo de forma imediata e contínua, para que a Praça possua já todas as qualificações necessárias quando se apresenta nos ECOSF. Uma solução poderá passar pela criação da especialidade "Condutor VBR", abrangida pelo Regime de Contrato de Longa Duração, de modo a captar condutores experientes e responsáveis, que retornem garantias operacionais e retirem o máximo proveito da viatura.

O Curso de Apontador da VBR IFV deve ser frequentado somente por quem já seja condutor, de modo a aumentar a dinâmica conseguida pela guarnição de uma viatura IFV. O militar poderá desempenhar duas funções dentro da mesma guarnição. Este aspeto tornar-se-á ainda mais relevante no futuro, tendo em conta que a configuração base da PANDUR será equivalente à IFV, mas com o canhão RWS.

Relativamente aos Oficiais e Sargentos RV/RC, dado o tempo máximo de contrato destes militares, crê-se que, à semelhança do sucedido no passado nas especialidades de Cavalaria de reconhecimento de rodas e lagartas e de Chefe de Carro de Combate, seria mais rentável a criação da especialidade de Chefe de Viatura, incluindo o curso de Chefe de VBR PANDUR na formação complementar ou, então, ajustar temporalmente os cursos, para que os militares o frequentem de seguida e se apresentem nos ECOSF já com esta qualificação. Descrevemos os desafios na formação, no entanto, este processo é contínuo. Atualmente, as praças apresentam-se nas Unidades com a especialidade Campanha, com necessidade de adaptação à função. Integrado no Programa de Treino Operacional, o 2BIMecRodas promove uma ação designada de "nivelamento",

destinada aos militares que são colocados no Batalhão quando terminam o Curso de Formação Geral Comum de Praças do Exército. Esta ação, com duração de duas semanas, tem como objetivo padronizar conhecimentos e preparar os militares para o seu futuro desempenho de funções no Batalhão. As principais temáticas abordadas são: técnica individual de combate, armamento, procedimentos com a VBR PANDUR e algumas tarefas táticas de nível secção. Este processo revela-se fundamental na integração e transmissão da cultura do Infante das Unidades Mecanizadas de Rodas. Atualmente, com a falta de recursos humanos e atividade intensa do 2BIMecRodas, a continuidade desta prática tem-se apresentado um desafio. Fruto destas dificuldades, a integração tem sido mais assertiva e limitada, assente num *on-the-job training* direto.

Relativamente a exercícios no estrangeiro, acreditamos que a participação das VBR em exercícios noutros países, não limitada a Espanha, proporcionaria oportunidades de treino únicas e testaria de forma mais abrangente a interoperabilidade dos nossos meios com os meios dos países aliados. Seria também uma excelente oportunidade para mostrar o desenvolvimento tecnológico do nosso Exército. A grande capacidade de mobilidade das VBR PANDUR tem permitido criar cenários de treino em TN, realistas e semelhantes aos que as nossas Forças encontram nos diversos Teatros de Operações (TO). Desde a sua entrada ao serviço, as VBR PANDUR já foram projetadas para os TO do Kosovo, Lituânia e, mais recentemente, para a República Centro-Africana (RCA), onde têm tido um papel fulcral e dado provas de estarem à altura dos mais modernos sistemas de armas.

No caso específico dos TO do Kosovo e da RCA, verificou-se que o emprego deste sistema de armas, com recurso a guarnições provenientes das "Unidades PANDUR" (devidamente treinadas e com grande experiência e

conhecimento das viaturas), tem possibilitado que as Forças retirem o máximo rendimento destes sistemas de armas, aumentando exponencialmente o poder de fogo, a proteção e a mobilidade das Forças Nacionais Destacadas.

As Unidades equipadas com VBR PANDUR localizam-se na região norte do país (Vila Real – 1BIMecRodas, Viseu – 2BIMecRodas, Braga – Grupo de Reconhecimento e Porto – Regimento de Transmissões). Apesar dos sistemas de simulação se apresentarem como uma forma eficiente para obter resultados com economia de recursos, considera-se que seria vantajoso, no desenvolver do ciclo e treino e para validar os baixos escalões (secção e pelotão), a criação de um campo de tiro nesta região, otimizando custos, recursos materiais, aumento da frequência de treinos e redução do tempo despendido em deslocações. Efetuar tiro mais assiduamente permitiria, também, aumentar o desempenho dos ECOSF.

Por último, mas não menos importante, o desafio da manutenção. Na manutenção preventiva (nível I), o binómio Conductor / Chefe de viatura tem um papel essencial na deteção de avarias elétricas e mecânicas da VBR PANDUR. Por princípio, toda a guarnição é envolvida nestas atividades, com o objetivo de promover o trabalho de equipa e de cultivar continuamente o interesse pela "sua" VBR.

Acreditamos que a manutenção preventiva é uma tarefa indissociável do planeamento do treino mensal do 2BIMecRodas, deste modo, integramos nos horários tempos dedicados exclusivamente às verificações mensais das VBR. Nos períodos de menor atividade operacional são planeados movimentos ("voltas de PANDUR"), num trajeto já reconhecido e testado, com a dupla valência: garantir a circulação das VBR e proporcionar "horas" de condução aos condutores privilegiando os menos experientes. Dentro da ação de

comando das subunidades do 2BIMecRodas são ainda garantidos os aquecimentos periódicos semanais e as verificações mensais.

Atualmente, esta tarefa apresenta uma dificuldade acrescida devido à escassez de recursos humanos o que levou a reinventar rotinas e adaptar procedimentos até ao treino operacional. O 2BIMecRodas tem adotado uma postura proativa numa procura constante de soluções viáveis para dar continuidade ao processo da manutenção preventiva.

Relativamente à manutenção intermédia (nível II, da responsabilidade da CMan/BrigInt), estamos certos de que o possível tem sido feito, no entanto, o número de trabalhos de manutenção preventiva sistemática e manutenção corretiva a aguardar resposta tem aumentado consideravelmente. Para que se verifique a melhoria desta situação, as equipas de manutenção móveis devem deslocar-se ciclicamente às unidades para realizar a manutenção periódica de nível II. Tal estava planeado para março de 2020, no decorrer do exercício SATURNO 20 do Núcleo Permanente de Apoio de Serviços Médio, agora planeado para o mês de novembro, o que corresponde a uma boa prática para

a correção do atraso, agora ainda mais significativo o que obrigará a um esforço de recuperação ainda mais significativo.

#### Referências:

- *Borges, V, A evolução das Forças Médias, Atas e Conclusões do Seminário da Brigada de Intervenção – Pandur uma década ao serviço, 69-74, MAI19;*
- *PDE 4-00 Logística, ABR2013;*
- *PDE 7-00 Sistema de Instrução do Exército - Ensino, Formação e Treino, ABR2020;*
- *DP Nº 8-32-11 (1) Manual de chefe de Viatura Auto Blindado VBR Pandur II 8X8 transporte pessoal c/ reparo p/ MP Browning 12,7mm, JAN2008.*
- *Figueiredo, P, Experiências no Âmbito da Manutenção Pandur, Atas e Conclusões do Seminário da Brigada de Intervenção – Pandur uma década ao serviço, 45-57, MAI19.*
- *Magalhães, J, Experiências no Âmbito da Formação Pandur, Atas e Conclusões do Seminário da Brigada de Intervenção – Pandur uma década ao serviço, 33-44, MAI19.*
- *Plano de Formação Inicial e de Progressão na Carreira dos Oficiais do QP;*
- *Programa horário do Tirocínio Para Oficial de Infantaria 2019/20 e 47º Curso de Formação de Sargentos de Infantaria;*

*Referencial de Curso Técnico Superior Profissional de Sargento de Infantaria (2019).*

#### Nota:

<sup>1</sup>Conceptualmente, é uma componente específica da 2 Instituição, que incorpora a formação necessária à satisfação das necessidades do Exército, visando o desempenho eficiente e eficaz das tarefas atribuídas aos militares (PDE 7-00).

<sup>2</sup>O treino é uma componente igualmente específico que traduz a capacidade de manter e/ou desenvolver



**Figura 3** – VBR PANDUR II 8X8 no TO do Kosovo.

a eficiência e a eficácia do desempenho dos militares nos seus cargos e funções (PDE 7-00).

<sup>3</sup>Conjunto de atividades com a finalidade de manter (conservar) os equipamentos (material) em condições de operacionalidade e restaurar tal condição aos equipamentos que não se encontram operacionais, ou ainda, proceder à modificação de equipamentos, alterando o seu perfil funcional e/ou melhorando as suas características, quer seja para lhe dar novas valências, quer seja para proceder a alterações tecnológicas (PDE 4-00).



**Figura 5** – Módulo PANDUR no TO da RCA .



**Figura 4** – VBR PANDUR II 8X8 ICV .

# O APOIO DE SERVIÇOS NA BRIGADA DE INTERVENÇÃO

## INTRODUÇÃO

No emprego e empenhamento operacional das forças, que vai marchando com a evolução normal da arte da guerra, o Apoio de Serviços (ApSvc) vem-se ajustando a novas sinergias e vem sofrendo transformações ao nível da organização, das possibilidades e das limitações, no sentido de preservar o bem-estar das tropas e o potencial de combate das unidades. Com sistemas de armas e viaturas cada vez mais sofisticados e tecnologicamente cada vez mais evoluídos, mas com menos recursos humanos disponíveis, procura-se assegurar técnicos qualificados para manter os equipamentos e utilizadores capazes de os operar nas melhores condições, não descurando toda a estrutura organizacional e tática a montante, isto é, os Estados Maiores (EM) Técnicos e as unidades de ApSvc que garantem a capacidade de comando, de decisão e de execução.

Desde a sua criação em 2006, a Brigada de Intervenção (BrigInt) teve o ApSvc garantido pelo seu Batalhão de Apoio de Serviços (BApSvc) orgânico, aprontado pelo Regimento de Infantaria n.º 19, em Chaves, conforme o Quadro Orgânico de Pessoal (QOP) de 2006<sup>1</sup>, que, relativamente à organização anterior destas unidades, deixou de integrar a Companhia de Administração. Face às necessidades conjunturais, decorrente dos Planos de Médio e Longo Prazo do Exército e da introdução dos conceitos de Apoio Sanitário<sup>2</sup> e de Manutenção<sup>3</sup>, o ApSvc no Exército Português modificou-se, atualizou-se



**JOSÉ CAMPOS**

TCOR INF

CMDT DO NPApSvcMed



**PAULO FIGUEIREDO**

MAJ SMAT

OF MAN DA BRIGINT

e ajustou-se. Em 2011 é aprovado um novo QOP<sup>4</sup> para o BApSvc, onde deixa de integrar também a Companhia Sanitária, passando a contar com o Comando e o Destacamento de Comando, em Chaves, a Companhia de Manutenção (CMan), sediada no Regimento de Manutenção, no Entroncamento, a Companhia de Reabastecimento e Transportes, aprontada na Escola Prática de Serviços<sup>5</sup>, o Pelotão de Transportes, no Regimento de Transportes, em Lisboa, e a Secretaria

de Manutenção (SecrMan) no Comando da BrigInt, em Coimbra.

A criação de um novo Conceito de Manutenção, em 2011, diferente do até então em vigor no Exército, deveu-se fundamentalmente à modernização do Exército com a aquisição de novos equipamentos. Estes equipamentos, denominados de Sistemas de Armas Complexos, como são o exemplo dos Carros de Combate LEOPARD 2A6, que equipam a Brigada Mecanizada (BrigMec), as novas Viaturas Táticas Blindadas Ligeiras URO, que estão a equipar a Brigada de Reação Rápida (BrigRR) e as Viaturas Blindadas de Rodas (VBR) PANDUR II 8x8, que equipam a BrigInt, imprimem uma maior exigência em apoio, que se expressa com maior valor nas tarefas de manutenção que necessitam. Estas tarefas são, na sua esmagadora maioria, de nível 2, o nível de execução da CMan, sendo que a sua tipologia e complexidade vão muito mais para além da troca de *Line Replaceable Units*, impondo tempos de reparação, na maior parte das vezes, superiores aos tempos admissíveis em unidades de manobra.

O Exército Português recebeu a primeira VBR PANDUR II 8x8 no ano de 2007 e a BrigInt em 2008. Este reequipamento da BrigInt determinou uma necessária

adaptação da sua estrutura de ApSvc e implicitamente da sua CMan, por força do Conceito de Manutenção recentemente aprovado. Não obstante a intensidade do empenhamento dos meios humanos e materiais, a exigência em Manutenção dos equipamentos é permanente. Ainda que o empenhamento seja residual, os equipamentos e materiais continuam a exigir tarefas de manutenção a todo o tempo, motivo pelo qual a existência da CMan e da SecrMan, se mantém desde a criação do BApSvc, em 2006, até ao presente.

A aprovação do Sistema de Forças Nacional de 2014 (SF 2014) originou a necessidade de se proceder à revisão das estruturas orgânicas afetas ao ApSvc no Exército, prevendo a existência de um BApSvc na dependência do Comando da BrigMec e transformando o BApSvc/BrigInt e o BApSvc/BrigRR, em estruturas menos pesadas, o Núcleo Permanente de Apoio de Serviços Médio (NPApSvcMed) e Ligeiro (NPApSvcLig), respetivamente, para garantir o apoio permanente a estas Grandes Unidades.

No ano de 2019 é aprovado, a par das demais unidades de ApSvc, o QOP e de Material do NPApSvcMed, dimensionado para continuar a planear e executar o ApSvc às unidades da BrigInt. Assim, no cumprimento



**Figura 1** - Módulo Transportes e Módulo de Manutenção.

de indicações superiores, por parte do Comando das Forças Terrestres e, com base em documento da Divisão de Planeamento de Forças do EM do Exército, em 28 de janeiro de 2019, a BrigInt implementa e coloca em funcionamento esta Unidade.

Materializou-se assim, um ponto de decisão importante para os Comandos das Brigadas continuarem a garantir, ao nível do comando, da decisão e da execução, o ApSvc necessário ao cumprimento da sua missão.

### NÚCLEO PERMANENTE DE APOIO DE SERVIÇOS MÉDIO

De acordo com o SF 2014, a Unidade de ApSvc orgânica da BrigInt passa a ser o NPApSvcMed, com o Comando, a SecrMan, a Secretaria de Reabastecimento e Transportes (SecrReabTransp) e a Secção de Munições, em Coimbra, e a CMan, localizada no Regimento de Manutenção, no Entroncamento.

Esta constituição permite planear a execução do ApSvc a nível Brigada, sobretudo nas funções logísticas da Manutenção, Reabastecimento e Transportes, a todos os elementos orgânicos e de reforço da BrigInt. Permite ainda fornecer apoio de EM Técnico, no âmbito das funções logísticas mencionadas e ainda de Serviços, controlar o transporte dos níveis de abastecimento em empenhamento operacional, assegurar a gestão e execução da Manutenção de nível Unidade e de nível Intermédio de Apoio Direto (I A/D) aos equipamentos orgânicos (e de reforço) da Brigada, assegurar o Reabastecimento da Classe IX, garantir a prontidão para a efetivação da evacuação, recuperação e auxílio na recolha de viaturas e equipamentos, bem como constituição e efetivação de equipas de contacto para a realização de ações de manutenção deslocalizada.

Quando reforçado com as unidades ou módulos necessários, sobretudo em Transportes e Serviços, o NPApSvcMed, pode ainda constituir-se como Unidade de ApSvc de Brigada para campanha.

### ORGANIZAÇÃO DO APOIO DE SERVIÇOS NA BRIGADA DE INTERVEÇÃO

O ApSvc numa Brigada, como é doutrinário, visa a manutenção do potencial de combate das subunidades da Brigada, durante o tempo necessário ao cumprimento das suas missões. Materializa-se na procura e obtenção dos abastecimentos, incluindo o seu armazenamento, acondicionamento e distribuição, no planeamento, direção e controlo dos meios de transporte, na manutenção de material, nos serviços de moral e bem-estar necessários, na atribuição e adequação de instalações, bem como na garantia da satisfação das necessidades do pessoal para o cabal cumprimento da missão.

Para aprontar as suas unidades orgânicas, o Comando da BrigInt, dispõe também como unidade do Encargo Operacional, o NPApSvcMed. O seu aprontamento visa planear e prestar o ApSvc necessário à Componente Operacional da Brigada e está preparado para ser reforçado com os módulos necessários à execução desse planeamento.

O planeamento do ApSvc é efetuado pelo G4/BrigInt e pelos órgãos de planeamento e gestão da BrigInt, nomeadamente através da SecrReabTransp, SecrMan e a Secção de Munições.

O Comando do NPApSvcMed é o responsável pela execução do ApSvc ao Comando da Brigada e respetivas

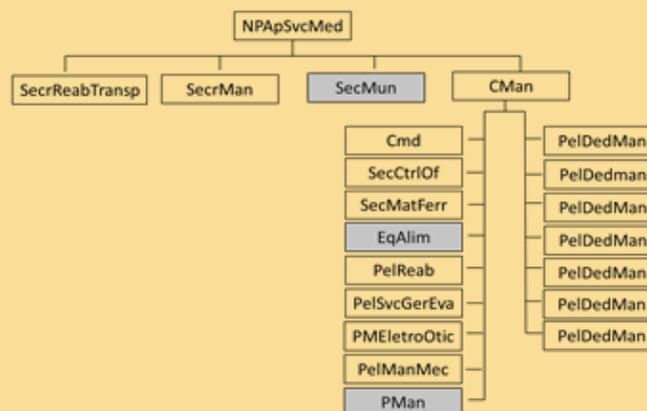


Figura 2 – Organização do NPApSvcMed.

unidades orgânicas e de reforço, com recurso às unidades e módulos colocados sob seu Comando.

### CONSIDERAÇÕES

A BrigInt, como Grande Unidade do Exército Português, apresenta as suas unidades dispersas ao longo do Território Nacional continental, proporcionando assim uma forte implantação territorial do Exército. Esta disposição territorial de forças garante uma grande proximidade às populações, como facilitador para o servir das mesmas, e ainda um importante catalisador para o recrutamento e, a possibilidade de diversificadas áreas de formação e treino, representando necessidades específicas de deslocamentos e movimentos em ambiente real (no seio da sociedade ativa). Mas é sobretudo na área logística que os desafios são efetivamente de uma realidade incontornável, porquanto toda a formação e treino necessários ao aprontamento de forças, ao longo desta dispersão territorial, como que se de uma

campanha permanente se tratasse, requer um enorme esforço nas funções logísticas Reabastecimento, Transportes e Manutenção. O Comando da BrigInt possui na sua unidade de ApSvc a garantia do cumprimento do princípio da logística da Unidade de Comando.

Ao longo dos últimos anos, o ApSvc na BrigInt tem sido realizado pelo estreito planeamento entre o EM/BrigInt e os restantes órgãos de planeamento técnico da Brigada: a SecrMan e a SecrReabTransp do NPApSvcMed, no sentido de proporcionar:

- a formação técnica ao pessoal que dela necessita;
- a colocação do pessoal técnico adequado ao respetivo cargo;
- o equipamento certo e necessário para a tarefa pretendida;
- o apoio em manutenção através da CMan;
- o apoio em transportes por entidades externas ou de reforço;



**Figura 3** – Gestão de Transporte em prol da Manutenção.

- os recursos financeiros necessários, a gestão e controlo dos mesmos, sobretudo para contratação de serviços de manutenção e transportes, assim como aquisição de bens da Classe IX;
- o apoio técnico necessário à tomada de decisão;
- a supervisão dos trabalhos técnicos;
- o controlo e execução do reabastecimento necessário de todas as Classes, com responsabilidade exclusiva na Classe IX, incluindo os seus artigos críticos;
- o planeamento e execução da manutenção de todos os equipamentos, com exceção do equipamento sanitário e CRIPTO;
- planeamento da articulação necessária para a rentabilização dos meios de transporte existentes, com vista à satisfação das necessidades de transporte (pessoal e material), evacuação e recuperação;
- coordenação com unidades de reforço de ApSvc;
- coordenação com os escalões superiores técnicos;
- coordenação com outras unidades de ApSvc, sobretudo de nível superior.

A execução do ApSvc é efetuada sobretudo através do NPApSvcMed (antes pelo extinto BApSvc), reforçado em Transportes, e pelas estruturas de ApSvc orgânicas das restantes unidades da BrigInt. Em treino operacional, em operações e em regeneração de forças é necessária uma estrutura organizacional permanente com capacidade de resposta para a preparação dos materiais, desde a sua manutenção, gestão de sobresselentes e pessoal com formação qualificada e adequada.

O ApSvc nas unidades da BrigInt tem sido uma ferramenta importante no ciclo de treino da Brigada, na organização, treino e aprontamento de forças, na formação e manutenção de instalações e material. Têm sido desenvolvidas sinergias entre o G4/BrigInt e o NPApSvcMed, com vista a garantir os recursos

necessários à execução das tarefas inerentes à missão das diversas unidades.

A manobra logística, enquadrada na função de combate da sustentação, deve manter um planeamento em processo colaborativo com as restantes funções de combate, para garantir o apoio à modalidade de ação já delineada pelas operações, garantindo o fluxo de informação crítica, para em tempo, serem avaliadas e refletidas as ações de apoio a serem executadas para preservar o potencial de combate das forças.

Como consequência das exigências operacionais, a utilização de equipamentos ou sistemas de armas complexos possui uma tendência de aumento. A organização logística de apoio a esses sistemas é



o resultado, em grande parte, das suas imposições técnicas, ponderadas a cada tipo de utilização. Se na vertente operacional, a utilização de sistemas de armas complexos permite a realização, e o apoio à realização, de um número cada vez maior de tarefas, é na vertente logística que a contrapartida desse incremento tecnológico é saldada, garantindo sempre a operacionalidade desejada. A garantia de operacionalidade exige a envolvimento de todo o ApSvc, a todo o tempo.

Esta Grande Unidade do Exército Português, com forte presença aquém e além-fronteiras, fazendo uso do mais recente Sistema de Armas complexo do Exército, a VBR PANDUR II 8x8, evoluiu e adaptou-se ao longo

dos últimos 14 anos, para melhor cumprir as atuais e exigentes missões. Cabe assim à sua unidade de ApSvc estar à altura da responsabilidade, assumindo o compromisso com o saber servir quando e sempre as circunstâncias o exigirem.

**Notas:**

<sup>1</sup>Aprovado por despacho, de 22 de junho de 2006, de S. Exa. o General CEME.

<sup>2</sup>Cf. Despacho Nº152/CEME/11.

<sup>3</sup>Cf. Despacho Nº225/CEME/11.

<sup>4</sup>Cf. Despacho de 2 de novembro de 2011, de S. Exa. o General CEME.

<sup>5</sup>Atual Escola dos Serviços.

<sup>6</sup>Cf. despacho, de 14 de janeiro, de S. Exa. o General CEME.



**Figura 5** – Companhia de Manutenção.





HONRA

DISCIPLINA

LEALDADE

**VALORES**

DISPONIBILIDADE

CORAGEM

EXÉRCITO  
PORTUGAL

**COMANDO DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO**

Aquarteleamento de Santana – Rua da Infantaria 23  
3000-219 Coimbra  
PORTUGAL

email: [brigint@exercito.pt](mailto:brigint@exercito.pt) | telefone civil: 239 708 900 | telefone militar : 435 300